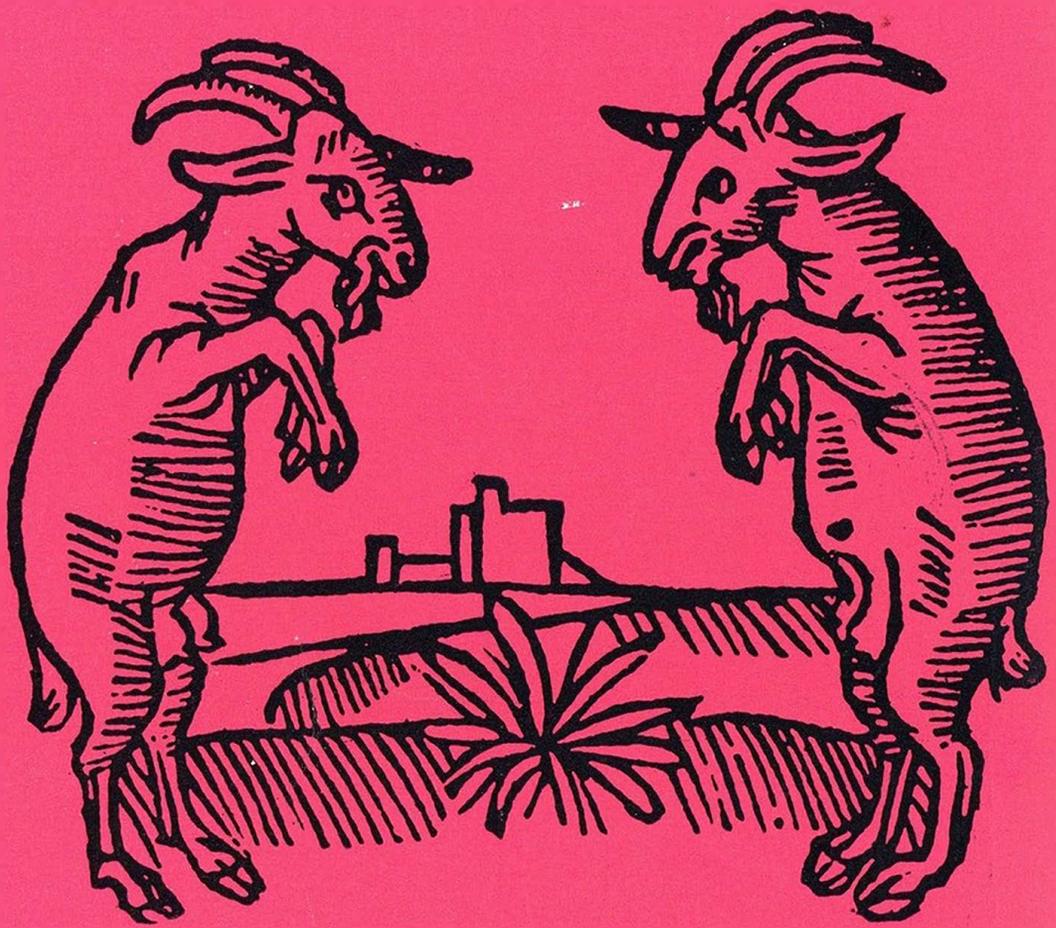


ALMANAQUE

dezembro 1960
janeiro 1961

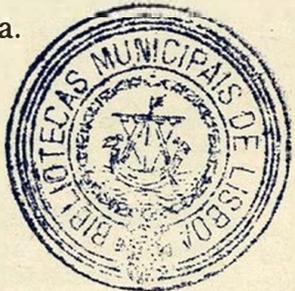




DEPÓSITO LEGAL
- 0. ABR. 1961

Dezembro começou por ser nos velhos tempos do inexistente Rómulo o décimo (*decem* significa dez) mês do ano. Quiseram os azares da fortuna que a comodidade astral o transformasse no décimo segundo mês! Tradicionalista ele permaneceu com o velho, mas enganador, nome de família. E bem quis o imperador Cómodo crismá-lo de Amazona para se lembrar de uma jovem donzela que à semelhança da Valentine de Picasso se penteava em forma de rabo de cavalo.

Seria mais rigoroso dizer: em forma de rabo de centauro ou então: em forma de sagitário. Porque Sagitário é uma constelação zodiacal composta de sessenta e cinco estrelas e habitualmente representada pela figura de um centauro que sustenta um arco retesado. Por isso, também, se pode afirmar de quantos nasceram sob aquele signo que têm, como os cavalos, os quatro pés bem assentes na terra.



Nos primitivos tempos de Roma era Jano o Deus ilustre que todos os dias abria e fechava a luz dos céus. Ficou-lhe o hábito amável de virar o interruptor do sol, acabou por presidir periòdicamente ao nascimento dos anos. E assim os primeiros trinta e um dos trezentos e sessenta e cinco dias que leva a Terra a dar uma volta completa em redor do Sol herdaram de Jano o nome de Janeiro. Mas, por estranho que pareça, Capricórnio, o monstro cujo corpo era um misto de cabra e de peixe, o monstro que estendia a sua cauda sobre a quase totalidade do mês, foi consagrado ao Deus Pã (morto como se sabe no tempo de Tibério) e não o Jano. Todavia, alguns especialistas inclinam-se a pensar que o bicho Capricórnio é a cabra almateia que amamentou Júpiter. Problema complicado, problema não completamente esclarecido. Saibamos ao menos — e isso é doutrina assente e indiscutível — que Capricórnio, análogo à Terra gelada de Janeiro, é o Inverno em toda a sua severa grandeza Saturniana.



Leitão de Barros



Honorato Daumier



James Thurber



João Abel Manta



Sebastião Rodrigues



Armando Rosário

Aqui anunciamos, senhoras e senhores, o cronista de há muito reputado das vicissitudes do reino de Pacheco: Leitão de Barros.

Pioneiro indomável nos múltiplos sectores da vida portuguesa, o licenciado dr. Leitão de Barros pôs de parte, por expresso desejo seu, o indispensável «dr.» que adorna todo o cavalheiro menor de grandes ambições e assim fez a sua entrada no «Who's Who» das artes e das letras nacionais sem favores de diploma.

É amigo de Lisboa como os pais amigos que castigam os filhos para bem do futuro. Nisso tem-se empenhado em limpar a naftalina de certos armários em que se guardam casticisms de décima terceira ordem. Com a ajuda dos seus Corvos esgravatou o município, as pelintricas e as ridicularias do real quotidiano.

O público das ideias gerais conhece Leitão de Barros através da Imprensa, e das fichas cinematográficas. É pouco, muito pouco. Professor, dramaturgo, pintor, cidadão sem estandarte no nosso universo intelectual, não tem idade nem horoscopo definidos. Nasce todos os dias e todos os dias se cansa.

Na cinematografia o seu nome está ligado para sempre a dois filmes clássicos: Nazaré, Praia de Pescadores e Maria do Mar, duas obras-primas.

Ao que parece, em dez anos de actividade literária é esta a quarta vez em que José Cardoso Pires apresenta um original fora de volume — facto que revela um particular (e compreensível) interesse por esta publicação. José Cardoso Pires tem os seus monstros sagrados: Fernão Mendes Pinto, acima de todos, segundo confissão do próprio. Quem ler O Render dos Heróis, acabado de publicar, deduzirá que Gil Vicente é outro dos seus deuses e pela Cartilha do Marialva conclui-se que há ainda Casanova e o Cavaleiro de Oliveira na lista dos preferidos.

É, como se sabe, autor de

O Anjo Acorado, uma novela a que chamou «fábula» para desorientação da crítica e que levantou polémicas sobre o conceito de gerações. O autor nunca se pronunciou sobre isso em termos esclarecedores — pelo menos que se saiba. José Cardoso Pires é um dos directores da Sociedade Portuguesa de Escritores.

«Safari» entrou no dicionário internacional com prestígios de palavra evoluida. É um prazer de privilegiados que demandam a aventura primitiva. O dr. Manuel Ferreira de Lima colabora no ALMANAQUE com uma contribuição abalizada sobre o assunto. Desportista prestigiado, director da excelente revista Diana a advogado, membro do Conselho Internacional de Caça e da Federação Portuguesa de Caça, tudo leva a crer que o dr. Ferreira de Lima é um caçador. Esta hábil dedução revela-se exacta na prática; o nosso colaborador não só é um praticante deste consagrado desporto na Europa e na África como, hélas!, dirige a sociedade denominada «Safari».

Francisco Afonso Branco logrou celebridade internacional de grande novelista policiário antes de conseguir a fama caseira «à portuguesa». Mas F. A. B. é considerado com muita justeza o nosso «notável» no domínio das histórias de crime e, simultaneamente, um atento e mordaz observador. Veja-se, por exemplo, «O Clube dos Anões» ou «O Envenenamento». Aliás, aquelas duas novelas, a primeira premiada no concurso anual do «Ellery Queen's Mystery Magazine», a segunda no «Vampiro Magazine», têm sido sistematicamente incluídas em antologias universais. Francisco Afonso Branco tem uma particular predilecção pela aparente futilidade das coisas e cultiva as ideias gerais com um entusiasmo moço e arrebatado.

José Sesinando, é um autor secreto e complexo. Poeta «bis-sexto» — para adoptar a denominação lançada por Manuel Bandeira para os poetas ocasionais —, humorista, tem publicação rala e esparsa nalguns jornais e revistas. O seu humor tende tanto para um «saugrenu» negro, como para um absurdo inteiramente lógico, como ainda para uma indirecta sátira social. Tem por vezes colaborado, em obras cuja índole se prende a alguma das tendências atrás esboçadas, com José Palla e Carmo.

Somerset Maugham não é — por definição e snobismo — um grande escritor. Por outro lado — e também por definição e snobismo — ele é um grande escritor. A verdade destas duas proposições contrárias depende do tipo de snobismo cultivado por quem as prefere. Quanto ao resto... uma coisa ninguém lhe pode negar: sabe contar uma história como ninguém, sabe fazer duma anedota uma narrativa primorosa.

A memória dos grandes do passado apaga a presença dos grandes do presente. Assim falam os académicos. Estes, uma vez por outra, acertam e os redactores do Almanaque, na sua tolerante isenção, decidiram neste número colaborar com um morto, que, por sinal, continua vivo — e continuará por muitos anos e bons, se Deus lhe der repouso e glória. O morto: Honorato Daumier, cidadão francês que defendeu em vida (e continua a defender em morte) a inconveniente opinião de que «il faut être de son temps».

«James Thurber» diz James Thurber, definindo James Thurber «nasceu em Colombo, Ohio (onde lhe aconteceram coisas terríveis) no dia 8 de Dezembro de 1894. Começou a escrever aos dez anos e a desenhar aos 14.

Nunca ouve o que dizem os amigos porque precisa de des-

cansar o cérebro para falar, mal eles se calam. O seu livro favorito é o Grande Gatsby e o seu autor favorito Henry James. Anda mal vestido com bons fatos, e nunca sabe onde deixou o chapéu».

As fábulas que inserimos aqui são uma amostra de humorismo urbano e sofisticado do autor de «A Vida Secreta de Walter Mitty». Traduziu-as José Palla e Carmo, especialista em literatura norte-americana, e ilustra-as o próprio Thurber.

João Abel Manta que se tem dedicado a várias práticas (arquitectura, desenho, humorismo) nutre um carinho especial pelo cinema, tomando por vezes posições que ele próprio define de intolerantes.

Observador sereno de uma realidade que escapa aos olhos dos outros, confere aos «pequenos mestres» do quotidiano uma dimensão de truculência — outra das suas características de paradoxo — que lhes dá uma feição nova sem todavia, as alterar.

Colaborador do Almanaque desde a primeira hora, Sebastião Rodrigues, tem, como toda a gente, uma biografia. Mas essa biografia não se conta por palavras, as palavras que mais ou menos explicam que Sebastião Rodrigues, tendo nascido em Lisboa, viveu depois em Lisboa e espera morrer em Lisboa... Não! A história de Sebastião Rodrigues é contada nas Capas dos 14 números do Almanaque até hoje publicados: logo de princípio ele nos mostrou uns olhos que avultavam num fundo negro, fixos e falsamente inexpressivos. Na realidade eles observam, sob uma discreta melancolia, os ridículos duma civilização que vivendo numa época de racionalismo ainda se ocupa dos signos e dos amuletos.

João da Câmara Leme tem ilustrado sobretudo as paredes dos modernos recantos turis-

ticos portugueses. Quem tiver dúvidas poderá informar-se através dos alegres desenhos de Câmara Leme na Choupana, ou nos murais do Hotel de Vila do Conde, boites do Tivoli, Mundial, etc.

Nasceu na Beira, Moçambique, e em 1948 e 1950 realizou exposições individuais no Porto e trabalhou em França para diversas firmas de artes gráficas. Neste sector, a sua actividade exerceu-se em Helsínquia, como efectivo da SEK, uma das maiores firmas escandinavas de artes gráficas e na agência nova-iorquina «421 Advertising».

Paulo Guilherme nasceu em Julho de 1932. Mudou-se de menino prodígio (a que estava naturalmente destinado por pertencer à dinastia Eça Leal) para ilustrador e profissional competente de artes gráficas. E tem uma atitude corajosa a anotar nestes tempos fáceis: não vende gato por lebre. Teve uma loja de decorações; perdeu a loja mas manteve os clientes. Desenha capas de livros e revistas, e já colaborou em várias exposições (mais do que suficientes, no seu próprio dizer). Lê ficção científica, adora Stephen Crane e todos os mestres da literatura de violência; cultiva namoros e «bibelots» e tem um sonho: fixar-se em Liscogónia, país por ele imaginado.

Um repórter internacional, Armando Rosário, colabora, em exclusivo para a imprensa portuguesa, neste e em futuros números de ALMANAQUE.

Nascido em Hong-Kong, começou ali a sua carreira de fotógrafo aos dezasseis anos e de lá passou ao Brasil, onde trabalhou nas revistas Manchete, Cigarra e Sr.

Fez parte dos quadros da Picture Service e realizou coberturas jornalísticas nos Estados Unidos, Guatemala, Cuba, Venezuela, Argentina, etc. Actualmente trabalha em regime de free lancer para a Globe Photos, de Nova Iorque e para o Paris-Match.

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
 Orientação gráfica de Sebastião Rodrigues e João Abel Manta
 Redactor-paginador: Pilo da Silva
 Fotografia de Armando Rosário, Eduardo Gageiro, Mário Novais, João Martins e João Cutileiro
 Desenhos de João Abel Manta, Câmara Leme e Pilo da Silva
 Técnico de impressão: Alejandro Corona
 Técnico de composição: João Miranda
 Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º, Lisboa
 Expediente e Contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º, Lisboa
 Telefones: 3 18 92 / 3
 Composto e impresso na Casa Portuguesa. R. das Gáveas, 169
 Cada volume: 15\$00
 Assinatura semestral: 75\$00;
 anual: 145\$00

CALENDÁRIO DE NOVE DIAS

1 *dezembro*

Coroação de D. Pedro I do Brasil

2 *janeiro*

Os reis católicos entram triunfalmente na cidade de Granada concluindo assim a obra da reconquista da Península iniciada muitos séculos antes. Num gesto de tolerância que, de resto, não foi cumprido cabalmente garantiam no acto da capitulação o respeito pelos bens, pelas leis, pela religião e pela vida dos granadinos (1492)

4 *janeiro*

Morre Espinosa. Mas este Espinosa não é o outro. Este Espinosa foi campeão de «golf», o que é bem mais importante do que escrever a *ética*. Pelo menos nos tempos que correm... (1957)

5 *janeiro*

Salão de Inverno na S. N. B. A.

19 *janeiro*

Nasce Cézanne, grande pintor francês, cujo credo era: *refaire poussin sur nature*, isto é: fazer da pintura impressionista algo de duradouro. Para isso ele propunha que os objectos da natureza fossem reproduzidos, segundo as formas do cilindro, da esfera, do cone... (1839)

20 *dezembro*

Morreu Ambrósio Paré. Fortemente atacado pela Faculdade de Medicina de Paris que o acusava, com verdade, de não ser médico, Paré, com a protecção do rei, ia cometendo o grave pecado de salvar numerosos doentes. Ele é, muito justamente, considerado o pai da cirurgia moderna

21 *janeiro*

Exposição de Artur de Belas Tavares no S. N. I.

27 *janeiro*

1756: nasce em Salzburgo Amadeus Mozart, o amado dos deuses e cento e quarenta e cinco anos depois morre em Milão José Verdi

31 *janeiro*

De súbito, através das grades da prisão, João Chagas viu que a bandeira dos rebeldes republicanos tinha sido apeada. «Então compreendi tudo. Fora a derrota. Mas como explicá-la tão rápida, tão brusca, tão prontamente consumada? Encolhi os ombros. Para quê estereis interrogações, perante factos irremediáveis? Era a derrota. O mais que importava? O dia declinava. Na forja vizinha o martelo martelava sem descanso, manejado não sei porque braço indiferente à luta que lá fora se desencadeava» (1891)

Como dizia alguém à saída do teatro Avenida: «Lisboa civiliza-se». Por civilização entendia-se, neste caso, que já havia um rinoceronte na velha cidade de mármore e de granito — o rinoceronte de Ionesco. O êxito que aquela mediocre peça teatral obteve dá talvez razão à peça: pois não é verdade que toda a gente se converteu ao Rinoceronte de Ionesco, que toda a gente tomou essa peça como um índice de civilização? Pois não é verdade que a graça que em Ionesco encontramos é a mesma, com uma diferença: enquanto os revisteiros são suficientemente honestos para não fingirem que são profundos, Ionesco vai-nos dando gato por... rinoceronte. E tal é o poder da sugestão: o público leva-o a sério. Não só o de Lisboa, mas o de Paris, o do Rio... Só os britânicos agiram de maneira menos provinciana. Serviram-lhe Rinoceronte com Orson Welles e «sir» Lawrence Olivier, e nem assim! A crítica recebeu com pateada o Rinoceronte e todo o Circo de Grandeza que o acompanhava.

As tardes de autógrafos, que são uma espécie de ante-estreia dos livros portugueses é o primeiro contacto de uma nova obra com o público, vão ganhando prestígio social e demonstram que os escritores nacionais têm lugar evidente nas estantes dos comuns leitores.

Alves Redol apresentando *O Cavalo Espantado*, o seu último romance, obteve o maior êxito registado até agora em Lisboa neste género de reuniões. Na sua tarde na Livraria Portugal assinou perto de quatrocentos exemplares deste romance e mal teve tempo de responder às perguntas que o locutor do Rádio Clube Português lhe fez ao microfone.

E tudo isto sem aquelas notícias auto-propagandas jornalísticas de que certos literatos fazem o seu pão quotidiano.

No jeito inadiável de quem tem coisas para dizer, um rapazote de doze anos magros e esgrouviados escreveu, em letras precisas e largas, um «Viva o Benfica» (sem exclamação) nos paredões solenes e rígidos da «Mundial», ali, no Chiado. Um polícia, talvez entristecido por não haver carros estacionados na Rua Paiva de Andrade onde duas placas advertiam interdição e sugerem multas, decidiu intervir, em nome dos costumes brandos e da higiene turística da cidade. De leis e de proibições o miúdo não percebia nada, pelos vistos — ou percebia mesmo e fazia a sua rábula de lisboeta menor e irresponsável de 17 anos. Resistiu, agigantando-se à prisão pressuposta pelo afirmar dos dedos do polícia no seu braço seco.

Juntou-se gente. Não havia comentários. Apenas olhares reprovadores e um silêncio mais denso do que palavras pensadas. O rapazola notou que sacava as simpatias dos circunstantes. E o agente apercebeu-se de que desempenhava o papel do odioso. «É proibido escrever», disse. E acrescentou logo: «nas paredes». O candidato a enclausurado teve uma invenção súbita: «Mas eu sou do Benfica. O «sô» guarda é do Sporting, não?» A gargalhada colectiva rebentou. O polícia sorriu e desfez a pressão dos dedos. O rapaz safou-se numa corrida. A densidade do ambiente desapareceu. O guarda prosseguiu a ronda, num encolher de ombros. E as palavras lá ficaram: «Viva o Benfica».

Alguns cafés de Lisboa, pedem aos estudantes o favor de não estudarem. Com o devido respeito pelas gerências dos ditos cafés sentimos-nos na obrigação de protestar contra tal pedido que nos parece gravemente atentório da cultura portuguesa. Pois quê? Numa época em que se pretende alfabetizar os portugueses ainda há quem os proíba de estudar?

O último salão de arte moderna lembrou aos lisboetas

que os artistas portugueses atingiram já um nível apreciável e que sabem pintar. Mas saber pintar, como saber escrever, pode facilitar a natural tendência dos homens para aquela perfeição aparente a que é mais justo chamar academismo. Não basta evitar as hortaliças para criar uma pintura viva. Em arte são académicos todos aqueles que se submetem às regras deduzidas dos mestres e que se dispensam de inventar novas soluções. Por outras palavras: a abstracção não dá salvo-condutos para evitar o academismo.

Um pastelão atirado ao rosto de um parceiro, polícias endemoninhados a perseguir casais folclóricos, «shorts» dos pequenos ridículos da vida americana, «girls» de olhos marcados pelo «rimmel», mostrando nacos de pernas perfeitas. Foi Mack Sennet o inventor de todo este teorema cinematográfico. Se Zukor implantou o «star-system», Sennett foi o fundador dos seus princípios. Morreu agora, com 76 anos, pobre, esquecido, a vagabundear misérias pela cidade do cinema que ajudara a edificar. Nas «memórias» da senhora Griffith inserem-se estas palavras particularmente instruídas: «Se havia, no estúdio, uma pessoa em quem ninguém pensava, essa pessoa era Mack Sennett. Nos nossos filmes, o papel que desempenhava, mais frequentemente, era o de polícia. E qual é o futuro de um polícia de cinema? (...) O seu caso parecia, a todos nós, sem esperança. No entanto, meu marido acabou por lhe confiar o papel de um típico, «Mr. Dupont», em «The Curtain Pole».

A verdade é que o jovem canadiano estreou-se como realizador dirigindo Mary Pickford em «Lucky Toothache». No entanto, o seu primeiro verdadeiro êxito foi com «Comrades», filme no qual, com Dell Henderson, interpretou a figura de um vagabundo.

Nos finais de 1913, Mack

Sennett tinha já o seu estilo e a sua originalidade. As suas comédias que conheciam uma considerável popularidade nos Estados Unidos, iniciaram a conquista da Europa, graças ao recrutamento de um novo comediante: Charles Spencer Chaplin.

Durante anos consecutivos, Sennett acumulou êxitos sobre êxitos, dinheiro sobre dinheiro. Viveu como um pobre da Renascença italiana, até que o advento do sonoro o desorientou, tornando-o um inadaptado à nova técnica. René Clair, que o encontrou em Hollywood, dá-nos dele um retrato melancólico e dramático. Na miséria, com problemas sugeridos pela alimentação diária, infrutiferamente, à porta de todos os estúdios. Morreu assim. De pequenas subscrições e na lembrança de um passado que fora, efectivamente, grandioso.

Nunca se viu tal movimento editorial! Os escaparates das livrarias foram inundados no mês de Dezembro por mais de uma dezena de originais portugueses que iam da poesia ao romance, do ensaio à novela. Livros de 50 páginas, livros de 30, autores jovens e velhos, todos eles se agarraram às abas dos casacos dos passeantes que, perante uma tal inflação, hesitavam na escolha. E entre todas essas novidades, havia um pequeno livro de 34 páginas que quase poderia despercebido: *Mundo Desabitado* de José Gomes Ferreira. Depois de vários anos de ausência o grande escritor d'*O Mundo dos Outros*, enquanto nos obriga a esperar pelo volume III da sua poesia, vai-nos servindo este aperitivo onde se harmonizam o humor, o realismo profundo, a capacidade de sonhar acordado.

«Fui criado no meio de explosões de cólera e de gritaria, despendendo um esforço ininterrupto para conseguir ganhar o meu pão; foi assim que aprendi a necessidade de rapidez, da precisão, da eficácia».

Estas palavras podem bem constituir a súpula da vida de Clark Gable, «self-made-myth» de várias gerações cinéfilas empalidecidas, que morreu com 59 anos, com algumas dezenas de filmes inacreditáveis, com cinco casamentos e uma paixão militante e entusiástica por S. Francisco de Assis e pela literatura policial. Gable foi, de certa forma, uma versão retrospectiva e mais amena do Sammy Glick, de Budd Schulberg. Não sentiu reboço, nos começos da sua carreira, em arrematar matrimónios que o conduzissem à meta da glória. Era preciso ser «rápido, preciso e eficaz». Não hesitou em aceitar toda a sorte de filmes e de papéis, mesmo que esses filmes e esses papéis não se coadunassem com meia dúzia de ideias de que se proclamava detentor. Chamavam-lhe «the king» («o rei») e, como aos reis a sério ou a fingir, as pessoas habituaram-se a perdoar tudo em extensões quase pornográficas. Perdoaram, mesmo, quando, durante a história mactista, Clark Gable, convidado a comparecer ante a comissão de Senado, empalideceu e tartamudeou. Pois é: Clark Gable morreu, bem nutrido e tranquilo, mas com um enfarto do miocárdio. Paz à sua alma.

Os prazeres do homem têm os seus lugares lendários e o Harry's New York Bar é um deles. Qualquer americano em Paris mais ou menos aparentado com a vida intelectual dos tempos heróicos da geração perdida» de Gertrude Stein não deixa de dar uma saltada ao Harry's e sentar-se ao balcão onde em tempos passaram «as horas do purgatório» homens como Gershwin, Robert Penn Warren, Fitzgerald e Henry Miller.

Ernest Hemingway ainda hoje lá vai bater os seus incríveis «records» em aguardente e soda. E como é actualmente cartaz turístico à altura das neves de Kilimandjaro e faz gratuitamente uma nobre publicidade da morte, da caça, dos touros e dos prazeres inteligentes do homem «essencial»

(primitivo) Papa Hemingway e as legiões de jornalistas seus amigos deram ao Harry's a universalidade rendosa que Amália Rodrigues deu ao Machado, guardadas as devidas distâncias (que são enormíssimas, felizmente).

Em Novembro o Harry's acrescentou às suas glórias literárias o palmarés de ser um lugar-comum da política do americano da rua (de Paris). Uma multidão de ianques apinhou-se no reduzido bar para seguir de perto o curso das eleições presidenciais. Durante toda a noite o *bourbon* e os «martinis» anesthesiaram os espectadores do mais importante «match» da política interna dos últimos anos, desde o caso doméstico Estaline-Kruchev.

O mundo não é perfeito e muito menos os congressos. Quem tenha participado lá fora dessas assembleias — e há entre nós um razoável número de cavalheiros com passaporte habitual para essas reuniões — está familiarizado com as inevitáveis lacunas, as omissões e as incongruências a que uma organização complicada não consegue furtar-se.

O I Congresso Nacional de Saúde Mental teve certamente as suas falhas.

Esta, por exemplo: considerar um grupo de estudos dedicado à enfermagem e não dar o indispensável destaque à classe em causa. Autêntico. Senão, leia-se o que vem no regulamento: «Podem inscrever-se no Congresso, médicos, advogados, juristas, professores de qualquer grau de ensino, psicólogos, assistentes sociais, e outros trabalhadores sociais, estudantes universitários ou pessoas que se ocupem em qualquer dos problemas versados nos temas que se anunciam neste Regulamento».

ALMANAQUE não ignora que o desconfiado cidadão de Pacheco tem normalmente uma ideia bastante folclórica da esforçada enfermeira. Imagina-a gorda, de pulseiras e voz mais

rude que a de um servente da morgue; autodidata sem a mínima comoção perante o sangue alheio; irónica diante do médico novato, manhosa em relação ao doutor experimentado, servil perante a administração. E etc.

Mas isso são ideias folclóricas, como muitas. Actualmente dispomos de quadros de prestígio internacional, como os da Escola Técnica de Enfermagem, cujas exigências técnicas e literárias chegam para eliminar os derrotismos de certos lugares comuns. Por outro lado, as enfermeiras da Cruz Vermelha e da Escola de São Vicente de Paula, realizam com as suas formações próprias e a sua educação social, um trabalho de nível técnico que não se limita a encarar o sofrimento físico com conselhos de boa moral.

O cidadão derrotista tem de aceitar estas realidades. E qualquer lacuna, qualquer deslize involuntário, podem servir à sua sempre atenta disposição de denegrir e criticar o que às vezes está muito melhor do que pretendem as más línguas.

Os muitos velhos do Restelo que bocejam pela nossa cidade e os milhares de adeptos do cepticismo militante que segredam e sorriem à sucapa, sofreram um flagrante desgosto com a Exposição Nacional de Antiguidades, organizada pelas senhoras Amzalak e Correia de Barros.

Isto das generalizações tem os seus perigos. E o tal público ignorante, só adepto de futebóis e fado, afinal é menos numeroso do que parece. Tanto assim que durante duas semanas se encheram os salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes para apreciar as maravilhas que alguns particulares expuseram pela primeira vez e os objectos que os melhores antiquários seleccionaram das suas colecções.

A Exposição Nacional de Antiguidades, organizada com inegável gosto mas com muita prudência de estilo, enfrentou corajosamente uma falta de

tradição — a de cobrar uma entrada. Decidiu assim (e muito bem) por se tratar de uma iniciativa particular a favor da Assistência à Maternidade e Infância (Caniche) mas a grande parte do público que pagou a admissão não o fez, como é uso, por atitude de solidariedade. Fê-lo pelo interesse do certame em si. E esse público foi grande e entusiasta — felizmente.

Morreu Richard Wright, o escritor negro norte-americano que vivia, há anos em Paris, Norman Mailer, o autor admirável de *Os Nus e os Mortos*, foi preso por ter esfaqueado a mulher. Ambas as notícias so reveladoras de dois tipos de morte, sintomática dos aspectos da crise do homem moderno: num, o desaparecimento físico; no outro, a falência moral.

Wright, no pitoresco dizer do circunspecto «L'Aurore», morreu numa batalha de que era apenas peo indefeso. Mailer, exemplo maior e típico de uma geração irremediavelmente hipotecada, é cilindrado pelo peso de uma contextura que não é intimista porque sugerida por elementos externos.

O primeiro nasceu numa plantação em Natchez, no Mississippi. Lutou pela emancipação dos negros em alguns dos seus livros («Uncle Tom's Children», «Native Son» e «Black Boy») e aderiu ao pensamento materialista de que se afastou, anos depois, para se converter ao catolicismo. Cansado, doente, desgostoso, morreu fulminado por um colapso cardíaco, aos 56 anos, quando tempos heróicos da «geração» trabalhava numa biografia de Whitman.

Norman Mailer não suportou as exigências de uma sociedade que não permite a sobrevivência de «homens de fato cinzento». Depois de ter sido o mais aplaudido dos moços romancistas americanos, os livros seguintes, «Barbary Shore» e «The Deer Park», receberam um álgido acolhimento da crítica que, antes,

o tinha levado aos cumes da glória com *Os Nus e os Mortos*. Mailer deixa soçobrar dois casamentos, torna-se homem de «bars», é preso por causar distúrbios na via pública, e, como Scott Fitzgerald, não se entende com as coordenadas de Hollywood, que o contratara para argumentista. Arruinado, tenta o Teatro e um terceiro matrimónio. A mulher com quem casou transforma-o, de ser abúlico, num ciumento alvoroçado e feroz. A cena de facadas é o resultado lógico do ilogismo de uma sociedade que tatua para o triunfo mas que é implacável para os vencidos.

Richard Wright morreu, para sempre. Norman Mailer até quando?

O crítico tauromáquico Leopoldo Nunes trouxe-nos uma novidade optimista. No dia 5 de Dezembro, aos microfones da E. N., afirmou terminantemente que Ernest Hemingway, apesar do Prémio Nobel, não passava de um escritor de segunda categoria e que havia em Portugal «melhores construtores de história do que ele».

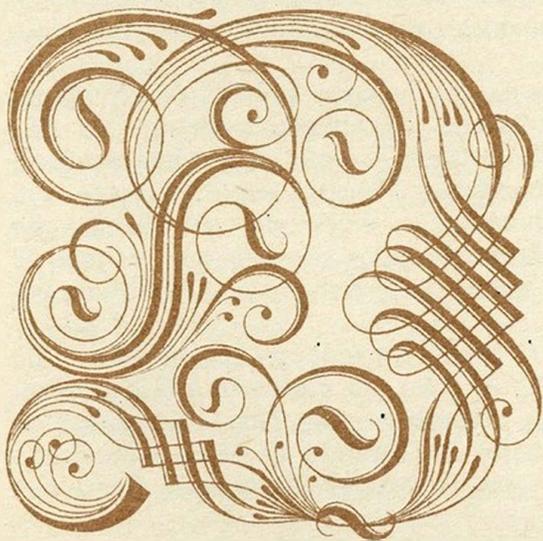
Surpresa das surpresas. Leopoldo Nunes quis reforçar assim os exibicionismos evidentes do Papa Hemingway e a sua ignorância em matéria de touros — coisa discutidíssima entre sectores e redondéis.

Mas aos portugueses amantes de boa leitura, pelos vistos enganados mais uma vez com o Prémio Nobel, abre-se uma nova esperança com as palavras abalizadas do crítico de tauromaquia. Por isso, em nome da justiça, do bom-gosto e da cultura nacional, daqui lhe pedimos encarecidamente o subido obséquio de nos dizer quais os escritores portugueses que constroem melhores histórias do que o romancista do *Adeus às Armas* e o contista das *49 Stories...*

Urgentemente. Estamos em ânsias de curiosidade.

sumário

excentricidades	16	DOS PRAZERES DO HOMEM
jogo	33	O prazer de ser diferente
caça	22	Elogio do colecionador romântico
alcool	35	Cardano, cientista do jogo
elegância	39	Safari, por Manuel Ferreira de Lima
	46	Carta de instrução ao perfeito bebedor
	51	Vestir, por José Sezinando
amores	56	Quem não quer ser homem não lhe veste a pele, por Vasco Pulido Valente
	60	A Feira das Virilidades
	66	Manifesto suave pela reeducação dos adultos
	68	Aviso prévio a respeito dos olhares avaros e outros exercícios correlativos
destinos	76	A presa desprevenida
desporto	82	Breve Roteiro do Vampiro Amador
espectáculos	84	As linhas do prazer, pelo prof. Radini
os prazeres de	106	Psicologia e ética do nacional automobilismo
importação	94	Di Stefano e Puskas
de profundis	110	Duarte : príncipe florentino
	90	Jazz in Lisbon, por Baptista-Bastos
	26	Os prazeres de além-túmulo
	80	O conto dos Chineses, por José Cardoso Pires — ilustração de Sá-Nogueira
	42	Fábulas para o nosso tempo, por James Thurber
	44	A arte muda e surda de criticar, por João Abel Manta
	41	O pior são as filigranas, por Leitão de Barros, ilustrações de Câmara Leme
		SURPRISE-PARTY
	100	As imitações ligeiras
	122	Você é de trato agradável ?
turismo	124	Nazaré
	136	O caso da safira voadora conto policial por Francisco Branco
	148	passatempos
	151	discos
	152	NATAL
	160	os actores do século passado por Lourenço Rodrigues
	164	PEGADAS PELO MATO conto por Somerset Maugham
		SEPARATA — novíssimo jogo da glória do cidadão requintado



os prazeres dos homens . . .



...se pode dizer que se confundem muitas vezes com os das mulheres — e ainda bem. Senão teríamos certamente a subversão dos costumes e um lamentável desentendimento entre as pessoas.

Falar dos prazeres dos homens é uma ideia portanto peregrina que só ocorreria aos obtusos redactores do ALMANAQUE. Mas não o fazem por mal ou por inadvertência — apenas por conformismo. Vivemos em Patriarcado — o prazer é para os homens, se vivêssemos em Matriarcado seria o contrário. No fundo todos sabemos que se trata de uma discriminação habilidosa e comodista — inventada pelos homens.

Ah! o prazer... O prazer em todas as suas formas — do *ballet rose* à colecção de selos, da protecção à órfã ao malvado que esquarteja criancinhas, das bem aventuradas de Santo Onofre aos feitos do Marquês de Sade e do Barão de Masoch — onde vais tu prazer? E, quando fores, que nos fica?

Demora-te um pouco ainda junto de nós. Faz com que

sejamos capazes de ti. Que os filatelistas continuem a poder juntar por ordem de serrilha os objectos do seu desejo, que aos cleptómanos seja dada, à mão, provisão larga de objectos roubáveis. Que haja sempre flores nos jardins para alegrar os olhos das meninas feias e meninas bonitas que ajudem os D. Juans psicopatológicos a cumprir o seu calvário nos jardins. Que nos fique ao menos isso — de podermos ratar os cantos da realidade como se ela fosse um queijo muito duro.

Nem te pedimos muito, prazer. Mozarts há um por século e Giacomos Casanovas não nascem todos os dias. Apenas o tempo para sorver um café e um bagaço, para ouvir ao longe um som de guitarra, para acariciar uma perna.

Um prazer em dieta de Hospital para crianças, velhos e adolescentes.

Isso apenas, prazer, é o que te pedimos, nós que sobrevivemos graças aos antibióticos e fomos instruídos obrigatoriamente.

«Pois é um dos três grandes actos sem os quais, segundo diz não sei que filósofo, nunca se foi um verdadeiro homem... Criar um filho, plantar uma árvore, escrever um livro. Tens de te apressar, para ser um homem.»

Eça de Queiroz

CRIAR UM FILHO



Se a facilidade das coisas se mede pela frequência com que são realizadas nada há de tão simples como criar um filho. Dois bilhões e meio de filhos (e alguns até já são pais) atestam hoje em dia aquela irrecusável verdade. Senão reparar-se: filhos qualquer um os cria. Pelo contrário quem aspirar a ser contínuo ou oficial de finanças terá de apresentar atestados, não apenas médicos, mas de instrução primária ou liceal. Acrescenta-se, de resto, que se um contínuo sem o liceu não pode ser oficial de finanças sem a escola não pode ser contínuo, ambos podem (sem liceu e sem escola) criar um filho ou dois ou três mesmo quatro.

Felizmente que os pais, até porque foram filhos durante a maior parte das suas estimáveis existências, têm uma luz natural que lhes indica como devem proceder. Os momentos exactos em que devem dar uns safanões nos meninos, as oportunidades precisas em que um leigo resolverá os problemas. Felizmente também que não faltam nunca aos pais os meios

de natureza material. O nosso mundo está feito de maneira que o Eledon nasce nos jardins, que todos temos e que a roupa nunca falta (não é verdade que Deus dá frio e a fome conforme a roupa e a comida?). Depois na altura própria, surgem os imprescindíveis escudos para o jardim-infantil, etc., etc. A verdade é que — consoante o diz com tanta exactidão e sabedoria das nações — «nunca ninguém morreu de fome e frio».

Mas, sabido que criar um filho é fácil, uma outra pergunta surge: e criar dois? E três? E quatro?

Lembram-se... Rosa Pinheiro, a esposa de António de Macedo, deu à luz em 15 de Fevereiro quatro gémeos.

Moravam ambos numa baraca. Pobres de espirito e de haveres tinham desandado de Lisboa em busca de melhor vida. Ele, servente de pedreiro, ganhava vinte e dois escudos por dia. Já tinham duas filhas, uma de três e outra de dois anos.

O drama de um jovem casal vivendo em miséria extrema com seis filhos, quatro dos quais gémeos — pormenor que concitava todas as atenções —, transtornou os corações bondosos deste país que jámais se recusam a exercer caridade «bem entendido»... por eles.

Figuras representativas dos mais diversos meios sociais associam-se ao movimento quase nacional, de auxílio aos gémeos, oferecendo-se para os

apadrinhar, facto a que a Imprensa não deixou de dar o merecido relevo, mesmo correndo o risco de ferir a modéstia dos desinteressados bemfeitores.

Certo é que o futuro continuava a ser uma interrogação... Esse futuro quando os jornais se esquecerem dos gémeos, preocupados com outros gémeos ou com as homenagens a este ou aquele.

Mas que importa? Por muito que se diga, por muito que se negue, criar um filho é a coisa mais fácil deste mundo.

E quem disser que é difícil, que a maior parte dos pais não estão preparados nem espiritual nem materialmente para obra de tamanha envergadura, mente, mente com quantos dentes tem na boca. Está de má fé.

... PLANTAR UMA ARVORE



Árvores genealógicas quase todos as plantam neste mundo, embora a maioria não as saiba tratar depois. Só certas, porém, metem desenho apropriado, uma

vez que essas conseguem dispor de títulos nobres, capazes de alindar as folhas recortadas do lenho familiar. Se no tronco não houver um barão, pelo menos, a coisa não fica bonita nem digna, valha a verdade.

Os reis não sobejam. Não só os do petróleo, dos automóveis ou da coca-cola, como os das casas reinantes em países de monarquia, têm sempre o propósito de anular, económica ou fisicamente, quem se propuser disputar-lhes o trono. É assim, por escassez de ornamentos dourados, veio a cair-se num extremo pouco dignificante: o de estar na moda, talvez pela duplicidade da palavra linhagem, qualificativo de tecido grosso e feio, usado para fazer sacos, dispor-se de trolha ou cavador no mais próximo ramo familiar, o que demonstra os esplendores de inteligência do galho mais jovem dessa árvore, até aí anónima e desprezada.

Não fica nada mal esta pre-sunção, deve acrescentar-se, principalmente em meios onde as pessoas de fidalguia brasonada andem a roçar pelo pindérico, se os pergaminhos do plebeu forem escritos em grandes maços de notas de mil, sublinhe-se, o que pode dar a estas árvores trepadoras um bom enjeito de se cruzarem com as outras, as nobres, ficando umas e outras com aparência faustosa e digna, convenientemente estrumada pela sociedade anónima do ramo labrego.

Já que se falou da árvore de geração, também chamada árvore de costados, lembra-se certa actividade da arqueologia, muito ligada à nobreza pela heráldica, pois se não há fogo sem fumo, nem galo sem crista, não se admite linhagem da boa que dispense o braço, lugar onde proliferam, sem incompatibilidade, leões e cordeiros, espadas e elmos, certas flores e plantas lenhosas, pelo que o sabichão da armaria é um autêntico plantador de espécies vegetais, embora em campos de prata ou de ouro para dar qualidade. O arqueólogo é assim um verdadeiro arboricultor, imaginativo e, muitas vezes, cruel, pois há árvores de simbologia comprometedoras, como o marmeleiro, por exemplo, para não aludir ao limoei-

ro, que pode sugerir cadeia e pena maior, ou ao cipreste, proponente de jazigo e enterro em caixão de mogno.

A simbologia das árvores vem dos confins da história, parecendo que foram os caldeus assírios quem primeiro representou a «árvore da vida». O cristianismo meteu-a depois no Génesis, de parceria com a árvore da ciência do bem e do mal, onde se não deveria tocar, o que foi contrariado pelos primeiros homens e acabou por se fazer tradição. O culto da árvore vem das primeiras idades e prolongou-se até ao paganismo, cujos deuses preferiam certas espécies: Minerva gostava da oliveira, Júpiter da faia, sendo o pinheiro consagrado a Neptuno, o do mar, o que talvez explique o nosso gosto pelos pinhões e pelos botes, onde sempre embarcámos com facilidade.

Este culto religioso veio até à nossa época, não só nos braços de famílias e de municípios, como em festas cívicas, agora em desuso, e nas quais as crianças se davam à alegria de plantar árvores com a ajuda de utensílios à sua medida e de hino apropriado à sua infantilidade. «ó escolas semeai» tornou-se melodia tão popular como hoje qualquer fado ou marchinha. Com ela se planta no coração das crianças o amor pelas amoreiras, carvalhos ou castanheiros, arrancando-se-lhe qualquer coisa de mais profundo ainda, que era um certo ódio dos portugueses à árvore herdada, segundo se propalava, das gentes mouriscas aqui arreigadas há muitos séculos, embora os mais destemidos, ao que parece, tivessem abandonado a Península a pouco e pouco.

Com a chamada Festa da Árvore preencheram assim muitos compatriotas nossos, um dos princípios que definem o verdadeiro homem. Lisboa teima em conservar uma certa fobia pela sombra, mas dispõe um cedro, na praça do Rio de Janeiro, no aconchego do qual dormitam velhos e brincam crianças, se esquece uma pequena biblioteca e se derraçam namorados em jogos de mãos.

O cedro da Patriarcal é celebridade; não tanto, porém, como a *árvore de Guernica*, des-

truída em 1937, debaixo da qual votava o governo de Biscaia e onde os Reis Católicos juraram manter os foros daquele país ibérico. Embora ninguém goste de *estar à sombra*, talvez porque esta, em itálico, não se procura mas sofre-se, não há ninguém que não aprecie esses homens de quem se dizem árvores de boa sombra espécie quase rara, quando o mundo precisa delas mais do que nunca. É claro que o seu plantio depende bastante da qualidade da terra e esta só pode ser preparada por todos nós com muita coragem e perseverança.

Mais do que árvores de lenha ou de fruto, é daquelas que precisamos de plantar por toda a parte, apesar da maioria preferir a árvore de *comes* que é peça principal dos motores de automóvel, pelo qual muitos vendem a alma, mesmo com a ajuda de letras e hipotecas. A verdade é que um país de *letrados* não deve prescindir destas emoções mensais, a bem dos vendedores de sucata. Não há dúvida também que por causa do automóvel muita gente tem aprendido a ler, outros tiram (no sentido de roubar) carta de exame primário e a maioria vem conseguindo apurar a caligrafia no ritual dos aceites e protestos. O automóvel constituiu assim nos nossos dias um apreciável instrumento de cultura, no que compete com as árvores destinadas ao fabrico da celulose para produção de papel, tão necessário para os usos mais diversos, entre os quais se pode destacar o papel para os livros, feitos noutras eras numa espécie de tijolos, o que seria pesado, mas talvez mais eficiente, se fosse caso de atirar com a obra à cara do autor.

... ESCREVER UM LIVRO



Flaubert entregou certo dia uma caneta a Maupassant, ao incipiente burocrata do Ministério da Marinha, e disse-lhe: verás o que se pode fazer com isto.

Era uma caneta vulgar, perfeitamente igual àquela com que Guy quase desenhava os ofícios e notas da sua repartição sonolenta, mas era também a varinha mágica que fizera brotar do papel, da rocha dura do papel vazio, a água prodigiosa para matar muita sede humana, nunca satisfeita, ou até excitada, pelas bicas dessas fontes abertas com o engenho dos poetas no próprio sangue, depois de decantada a linfa disponível pela vida.

Esquecera-se Flaubert de acrescentar, talvez para que aquele jovem robusto se não acobardasse, que a varinha de condão só faria maravilhas se ele a aceitasse também como grilheta, à qual ficaria preso todo o resto da existência, escravo de si, embora senhor dos outros. E ainda que para ser escritor seria preciso haver neie um animal ferido, um animal de cabeça fria e coração quente, lúcido como um filósofo e exaltado como um amante, capaz de lutar até o último gesto, numa obstinação quase demente, sem esquecer o braço que lhe metera no peito o ferro criador dessa chaga aberta.

Por isso muitos livros são actos de vingança contra o mundo ou contra o próprio homem que os escreveu. O escritor está sempre da banda de alguém ou de alguma coisa, opondo-se naturalmente a outras forças, muitas das quais habitam também dentro dele. É necessário, então, para o compreender, avaliar em profundidade o que o escritor ama e o que o escritor odeia, sem receio de o dividir em águas estremes, embora alguns gostem de flutuar, deitados, em todos os mares sem vaga.

A condescendência por parte do escritor é acto de traição a si próprio, um insecto asqueroso que põe ovos quando se não espera. Camões foi vítima desse erro e denunciou-o mais tarde:

Fizeram-me cantar, manhosa-mente / contentamentos não, mas confianças / cantava, mas era já ao som de ferros.

Ocorre-nos neste momento recordar a experiência de Camões e de outros escritores para

compormos um pequeno breviário que se destinará a quantos desejarem preencher a terceira face do homem autêntico — a de escrever um livro...

VIVER INTENSAMENTE

Sacrifiquei a vida a meu cuidado, / que Amor não quer cordeiros nem bezerras. / Vi mágoas, vi misérias, vi destervos: / parece-me que estava assim ordenado. (Camões)

VENCER O MEDO

Agora tenho sempre medo de escrever; sentes também como eu, antes de começar, uma espécie de terror religioso, assim como uma apreensão de atentar contra o sonho? (Flaubert)

Na minha opinião, para ser romancista, poeta, músico, pintor, antes de mais nada é preciso saltar para cima do telhado da casa em que nascemos, esta grata e inoriginal velharia. De lá tocar a bandurra, falar, exprimir-se. De outro modo não interessamos a ninguém. A vida é renascimento contínuo. (Aquilino Ribeiro)

DIZER A VERDADE

Nem entendaes que certificamos cousa, salvo de muitos aprovada e per escrituras vestidas de fé, doutra guisa, antes nos calariamos que escrever cousas falsas. (Fernão Lopes)

E RECREA-LA

Não se diga que à realidade falta interesse poético; pois o poeta deve ser justamente bastante rico em dons espirituais para ver sempre o lado original até no acontecimento vulgar. A realidade deve dar o motivo, o ponto inicial, o conteúdo intrínseco; mas fazer dele um todo com vida isso é tarefa do poeta. (Goethe)

DUVIDAR SEMPRE

Tudo passei; mas tenho tão presente / a grande dor das cousas que passaram / que as magoadas iras me ensinaram / a não querer já nunca ser contente. (Camões)

PORFIAR

Sem pressa nem pausa. (Goethe)

Um pequeno exemplo para ilustrar: durante sete anos, Maupassant rasgou todos os originais que escreveu. O primeiro conto publicado, *A bola de sebo*, é uma obra prima de toda a literatura.

Pégaso vai mais a passo do que a galope; todo o talento está em saber fazê-lo aceitar os andamentos que se pretendem, em nada forçando as suas faculdades, como se diz em equitação; é preciso ler, meditar muito, pensar sempre no estilo e escrever o menos possível, unicamente para acalmar a irritação da ideia que exige tomar uma forma e que se revolve dentro de nós até que lhe tenhamos encontrado uma que seja exacta, precisa. (Flaubert)

SER MODESTO

Para se fazerem grandes coisas não é necessário ser-se um grande homem, não é preciso estar acima dos homens; é necessário estar com eles. (Montesquieu)

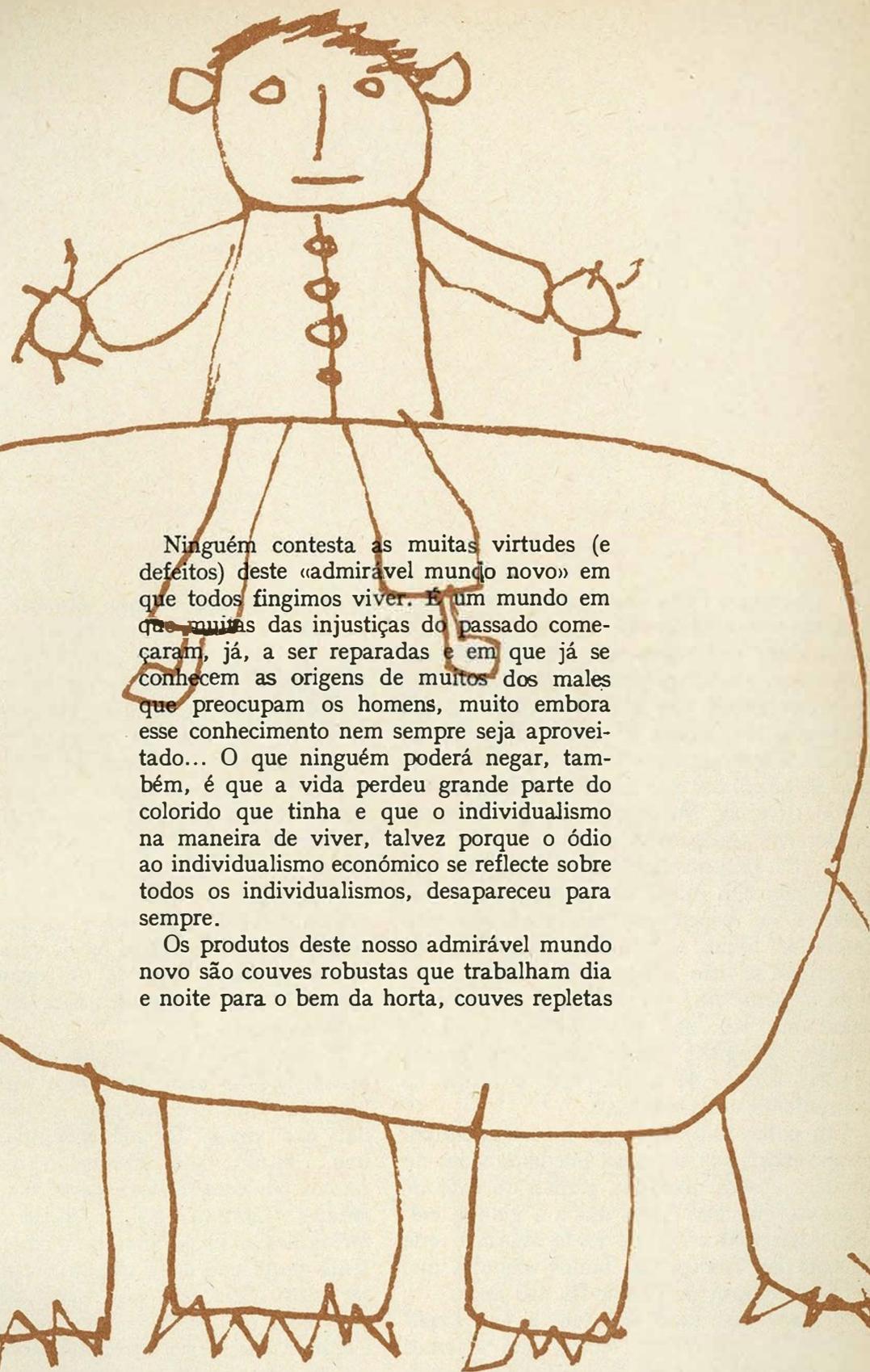
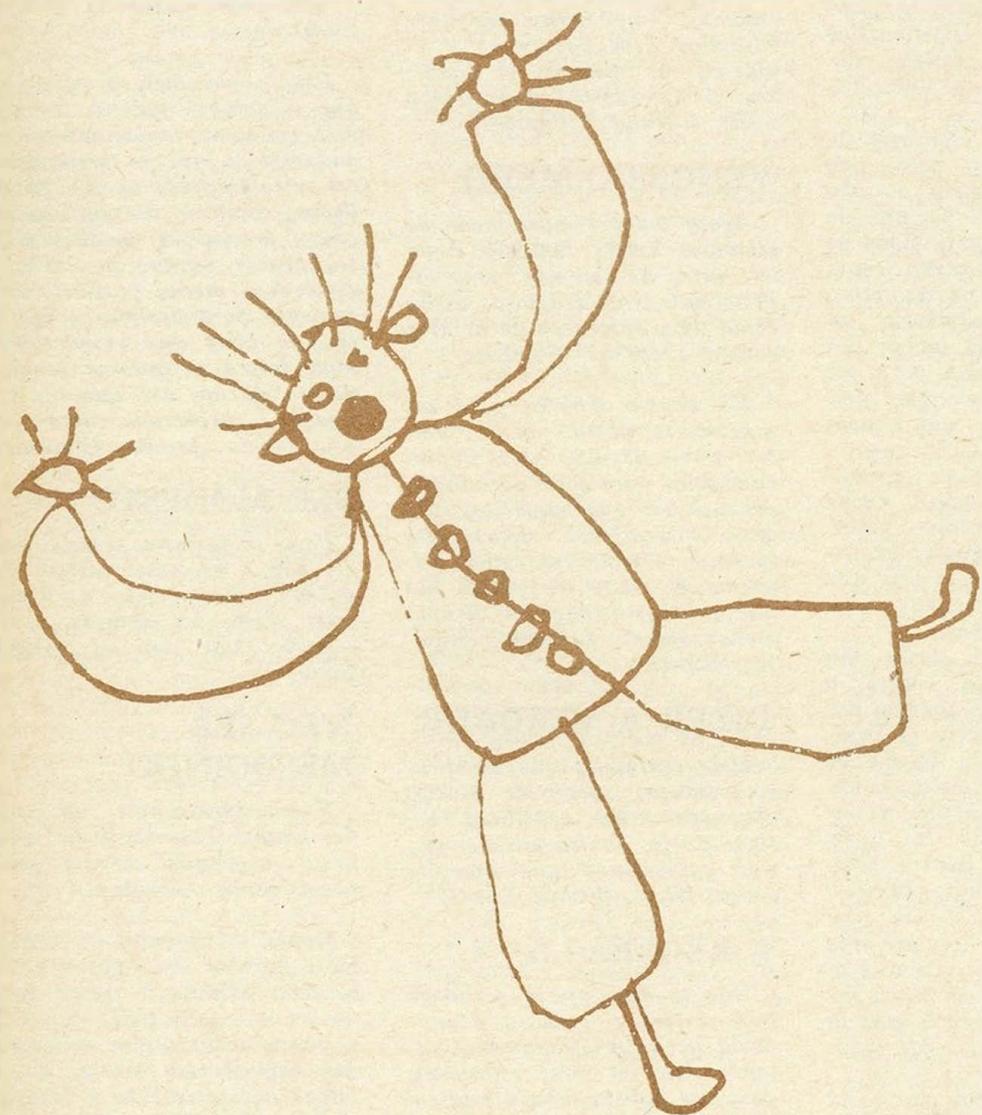
NÃO SER MESQUINHO

É necessário sonhar nas grandes coisas! Valemos mais pelas nossas aspirações do que pelas nossas obras. (Flaubert)

Depois do aprendiz de escritor ler e meditar em tudo isto, há só uma atitude a tomar para que tudo resulte bem: esquecer, a pouco e pouco, os conselhos das experiências alheias e começar corajosamente a fazer a sua própria, convencido de que o mundo vai nascer de novo com o seu primeiro livro. Quando o vir impresso perceberá que já havia Sol sobre a terra; mas vale a pena insistir em pendurar a sua lanterna na escuridão do mundo. Sem cuidar de esforços. Conte para isso com o seu talento, mas não recei suar com o muito trabalho.

O suor em literatura não constipa, embora passem por ela muitas e terríveis correntes de ar.

O PRAZER DE SER DIFERENTE



Ninguém contesta as muitas virtudes (e defeitos) deste «admirável mundo novo» em que todos fingimos viver. É um mundo em que muitas das injustiças do passado começaram, já, a ser reparadas e em que já se conhecem as origens de muitos dos males que preocupam os homens, muito embora esse conhecimento nem sempre seja aproveitado... O que ninguém poderá negar, também, é que a vida perdeu grande parte do colorido que tinha e que o individualismo na maneira de viver, talvez porque o ódio ao individualismo económico se reflecte sobre todos os individualismos, desapareceu para sempre.

Os produtos deste nosso admirável mundo novo são couves robustas que trabalham dia e noite para o bem da horta, couves repletas

de vitaminas, mas destituídas de flores. Coloquemos uma flor de adorno no meio da horta e ela sentir-se-á mal. Tentará não dar nas vistas e acabará por ser igual às couves que a rodeiam. Um indivíduo diferente dos outros é tão alheio à paisagem social do nosso tempo como o seria uma borboleta que se enganasse nas estações e surgisse em pleno Inverno. No mundo em que vivemos os homens agrupam-se em clubes e em partidos. Os próprios artistas receiam dar um passo que não esteja de acordo com a «escola» e as respeitáveis matronas que passeiam as filhas no Chiado, morreriam de vergonha se não fossem ver o filme «que toda a gente viu» ou se fossem obrigadas a usar uma saia que não obedeça à lei da moda... Ninguém pensa senão em pensar «bem», isto é, de acordo com a forma de pensamento «estabelecida».

Um pobre indivíduo que, no nosso tempo, ouse pensar por si, cairá imediatamente no ridículo e será alvo das piadas de café de todos os que têm como único e grande mérito intelectual saber de fonte segura o que pensam em França uns tantos senhores que já prescindiram de pensar há uns anos.

É claro que tudo isto tem a sua explicação e é, igualmente, claro, que vivemos num pequeno país em que ninguém precisa de pensar (já que o «Express» e o «Match» não são caros) e que, por circunstâncias que nada têm que ver com estas breves linhas,

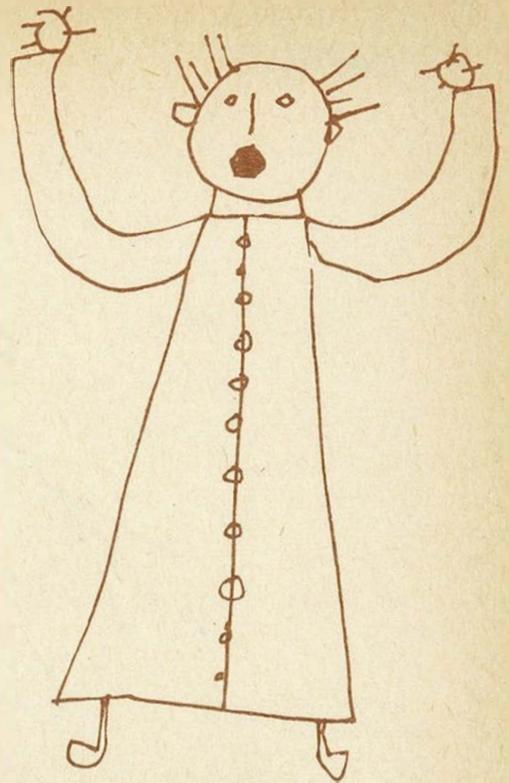
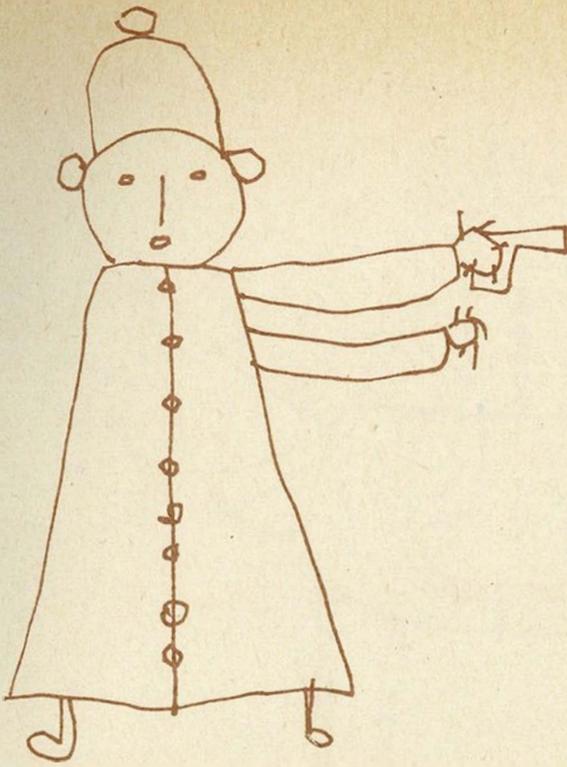
se encontra na curiosa situação de nada produzir e de tudo copiar.

A d. Mécia compra uma televisão porque a d. Edviges já adquiriu um destes objectos e não porque tenha qualquer desejo de se aborrecer diàriamente com os programas. O dr. Edmundo compra um *Ford* porque o dr. Castelo Branco possui uma viatura dessas (e toda a gente sabe que o dr. Castelo Branco é pessoa de grande prestígio nos meios sociais da Rua Almirante Barroso...).

Resumindo: o português do nosso tempo faz ou deixa de fazer isto e aquilo porque os outros também o fazem ou deixam de fazer. A isto se chama espírito de equipa e consciência social. (Chama-se assim em Portugal, evidentemente...).

É claro que não pretendemos defender a excentricidade nem desejamos fazer a apologia daqueles que desejam, a todo o transe, dar nas vistas. O que desejaríamos seria que... enfim, não dizemos o que desejaríamos por consideração para com os nossos leitores. Limitamo-nos a informar que lamentamos a existência, na nossa terra, de tanta gente que nada tem que seja digno de ser visto. Não dão nas vistas porque não têm nada que valha a pena ver-se. Nestas circunstâncias a sua atitude é, até, louvável.

Levando, porém, a questão aos seus extremos, vale a pena falar dos excêntricos do passado, quanto mais não seja para evocar tempos em que a vida, embora infinita-



mente mais injusta, tinha um colorido que falta à nossa.

O excêntrico é uma borboleta que dá cambalhotas para gozo dos seus «pares» e a sua existência só é possível desde que exista uma sociedade disposta a aplaudi-lo. Tem, também em comum com as borboletas, uma vida curta, já que, na sua grande maioria, os excêntricos acabam pobres e doentes. Um caso típico de excentricidade foi o do senhor John Mytton que nasceu em Inglaterra no ano de 1796 e morreu trinta e oito anos depois.. Durante a vida esbanjou uma fortuna que não é possível determinar, mas sabe-se que, em 15 anos, gastou sessenta mil contos. Era hábito deste senhor beber duas ou três garrafas de vinho do Porto depois de jantar, despir-se e ir à caça, ainda que nevasse e os rios estivessem gelados. As suas proezas passaram à história da excentricidade. Certa noite entrou numa sala onde era aguardado por vários amigos, montando um urso selvagem que o mordeu e que obrigou as visitas a subirem aos móveis e a abandonarem a sala pela janela. Doutra vez, vestido de bandido, assaltou, numa vereda do parque, o padre da aldeia com quem acabara de jantar, obrigando-o a entregar-lhe o dinheiro que tinha e a seguir o seu caminho sem uma só peça de vestuário que lhe cobrisse a nudez forte da verdade. Conta-se ainda que o sr. Mytton, para assustar os soluços que o afligiam,

pegou fogo à sua camisa de noite, o que, se não resolveu o problema, conseguiu, pelo menos, pegar fogo à casa.

Outro excêntrico que se notabilizou foi um tal Beckford, que construiu uma residência digna dos piores filmes de Hollywood, resguardada por uma muralha de tipo romano com 14 km de comprimento. Esta casa começou por ser construída em madeira para que o seu proprietário pudesse «estudar o efeito» e só depois foi construída em tijolo. Beckford jurara que havia de celebrar o Natal na sua nova residência. Para tal os operários trabalharam de noite, à luz de imensas fogueiras. Finalmente a cozinha ficou pronta e o jantar foi cozinhado. Beckford foi avisado de que o cimento não secara e que não devia acender os fogões. Não deu ouvidos ao aviso e a casa ruiu quando estava a jantar.

Neem sempre, porém, a excentricidade toma formas espectaculares. Por vezes passa ao nosso lado sem que demos por ela. Os forretas, por exemplo, atingem, por vezes, um tal grau de sovínice que bem se podem classificar de excêntricos. John Ward, um forreta inglês que se tornou conhecido pelos seus excessos, escreveu uma oração que não resistimos à tentação de reproduzir:

.....
«Senhor: sabeis que sou proprietário de 9 prédios na cidade de Londres

e de um prédio em Essex. Careço, portanto, do vosso auxílio. Fazei com que todos os meus devedores me paguem as suas dívidas na data própria e auxiliai o brigue «Mermaid» na sua viagem, já que o segurei.»

A senhora Margaret Thompson, outra inglesa que merece citação, tinha uma paixão: rapé. No seu testamento determinou que o seu corpo, no caixão, fosse coberto de lenços e do melhor rapé escocês que se pudesse comprar e que o seu enterro fosse precedido de duas senhoras da sua confiança, incumbidas de distribuir, de vinte em vinte metros, uma mão cheia de bom rapé aos transeuntes.

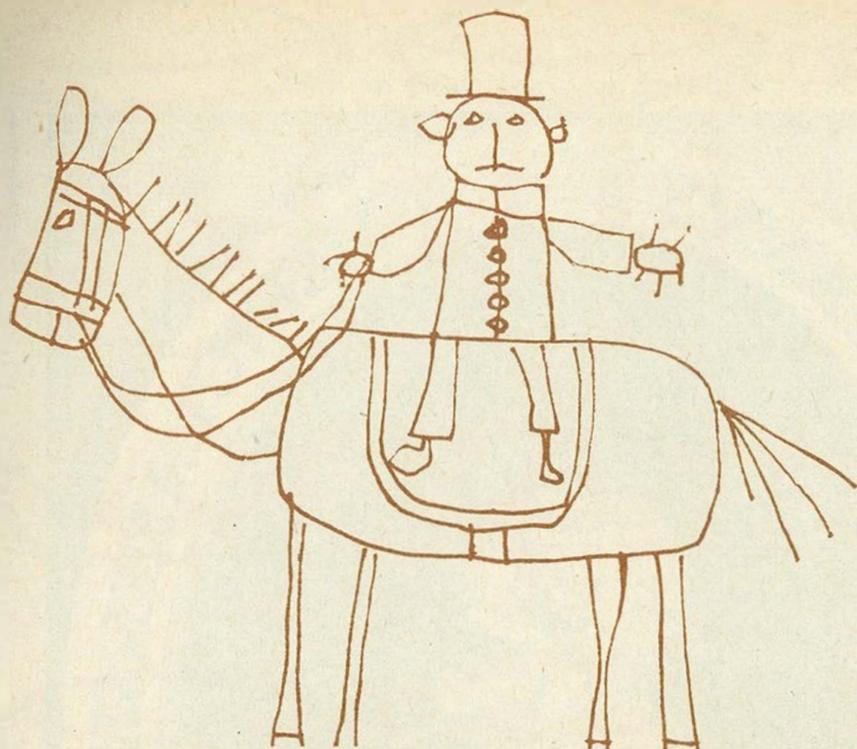
Embora se não possa classificar de excêntrica, deve fazer-se referência a uma imperatriz russa que não mandava condenar os seus súbditos à morte por ter ideias humanitárias mas que lhes mandava cortar a língua sempre que, em seu entender, mereciam esse castigo...

Portugal teve os seus excêntricos. Há bem pouco tempo viviam numa terra do Norte duas irmãs que defendiam sistemas políticos diferentes e que, por esse motivo, se não desejavam falar. Como ambas tivessem herdado um solar de grandes proporções e se vissem obrigadas a viver nele, resolveram

dividi-lo ao meio. Para tal fizeram construir uma parede que dividia a sala de jantar em duas partes iguais. Procederam de igual modo em relação a todos os quartos individuais e cada uma delas se instalou na sua parte de casa. Viveram nesse regime durante trinta anos...

Perto de Penafiel viveu um juiz do Supremo Tribunal que, depois de reformado, fez construir na sua propriedade uma torre onde se fechou à chave e donde nunca mais saiu... Dedicava os seus dias a «pensar» e, para que os seus pensamentos não pudessem ser interrompidos, cozinhava as suas próprias refeições.

Se entendermos que excêntrico é qualquer pessoa que se não conforme com o padrão de vida dos seus contemporâneos ou dos seus conterrâneos, devemos ainda fazer referência a Jerónimo Colaço de Magalhães, um português que viveu como um europeu. A ele se refere Ramalho dizendo «a sua estreita educação literária de simples bacharel formado em direito (...) desenvolveu-se largamente no trato do mundo e na convivência espiritualizante de muitos artistas e de muitos escritores». «Na sociedade burguesa de Lisboa, Jerónimo era simplesmente um exótico e, como todos os exóticos da moda, um grotesco. A opinião alvoroçada com a presença dele corria-o à chufa na dificuldade



comprometedora perante a vigilância policial de o correr à pedra. Da penúltima vez que aqui veio, há três ou quatro anos, os seus sapatos de bico, as suas calças justas, os seus chapéus arqueados, a bengala de castão de prata lavrada à Luís XIV, os seus três anéis ingleses, de grandes pedras, o seu grande botão solitário de uma pérola preta, rodeada de brilhantes no peito da camisa de baile, causaram a indignada reprovação de todos os janotas do Chiado. Hoje trazem todos eles sapatos muito mais bicudos, calças muito mais apertadas, muito mais prata nos castões das bengalas, muito mais ouro nos anéis, muito mais arco no chapéu e muito maior botão no plastron da camisa. E, louvado seja Deus nosso senhor, acham-se lindíssimos uns aos outros desde que se puseram todos do mesmo feitio que tanto os revoltara há anos!»

No fundo, bem vistas as coisas, Portugal continua a ter as predilecções provincianas ainda que, agora, não haja Ramalhos capazes de lhe mostrar os ridículos e de, a traços subtis, lhe traçarem o perfil de finório pretensioso e ignorante que, por ter aprendido a ler (?) julga que já leu tudo o que havia para ler.

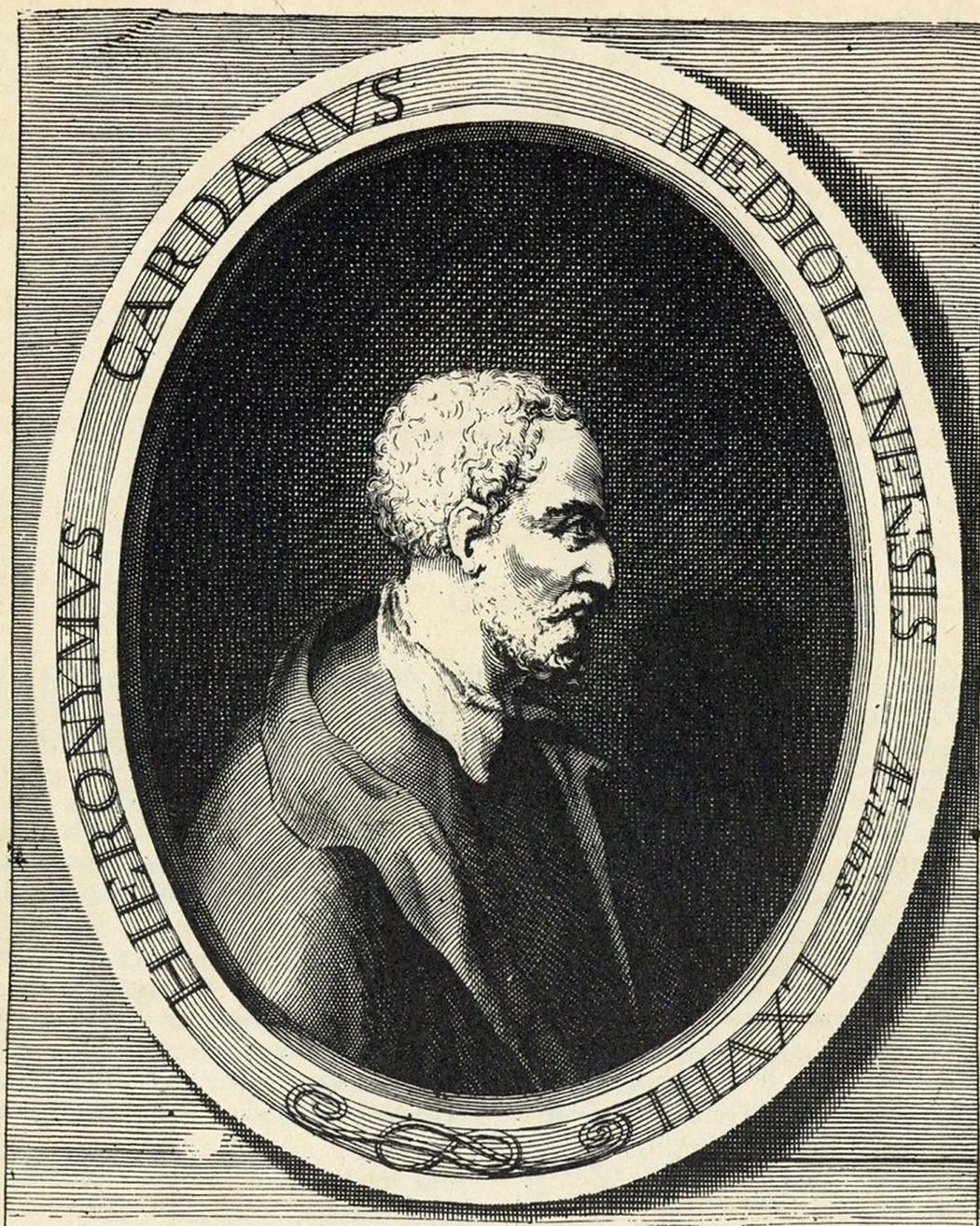
Entrem os estimados leitores na Brasileira e verão os janotas das artes e das letras que

têm, de artistas, a farpela e o verbo. E só. Entrem os estimados leitores na Bénard e verão os janotas da cidade, indivíduos que, por terem um *Star* em Cascais, se consideram cosmopolitas e europeus.

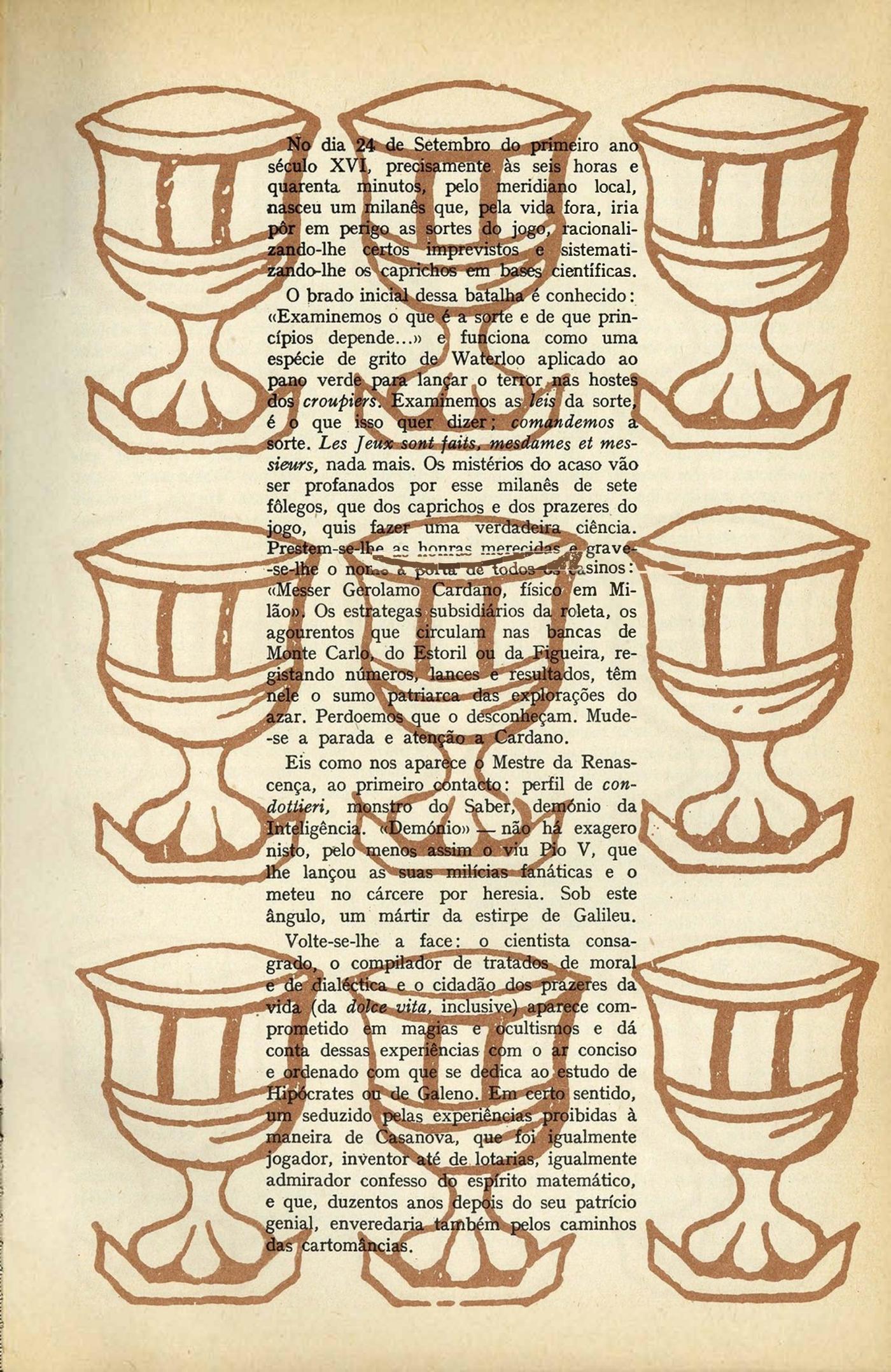
E voltamos ao princípio deste pequeno artigo, repetindo que a vida portuguesa (e um pouco a de todos os países) perdeu muito do seu antigo colorido.

Teríamos a lucrar em fundar um clube de excêntricos ou uma fundação destinada a fomentar a «pequena diferença» (*la petite difference*) que distingue os homens uns dos outros. A vida monótona desta Lisboa pacata poderia ser mais divertida se surgissem uns «originais».

Há muito tempo, por exemplo, que não aparece um D. Sebastião. Qualquer esquizofrénico é capaz de sentir vozes celestiais e de se vestir à «salvador». A sua aparição no Chiado daria grande interesse à cidade. Poderia mesmo fazer-se acompanhar de uma pequena corte de meninos e meninas «bem», que tocariam tambor, anunciando ao povo a chegada do nosso excêntrico. A coisa teria interesse. Será que já não somos capazes de produzir senão essas tristes e ridículas imitações de «tedibois» aflausinados que por aí abundam?



CARDANO
cientista do jogo



No dia 24 de Setembro do primeiro ano século XVI, precisamente às seis horas e quarenta minutos, pelo meridiano local, nasceu um milanês que, pela vida fora, iria pôr em perigo as sortes do jogo, racionalizando-lhe certos imprevistos e sistematizando-lhe os caprichos em bases científicas.

O brado inicial dessa batalha é conhecido: «Examinemos o que é a sorte e de que princípios depende...» e funciona como uma espécie de grito de Waterloo aplicado ao pano verde para lançar o terror nas hostes dos *croupiers*. Examinemos as *leis* da sorte, é o que isso quer dizer; *comandemos* a sorte. *Les Jeux sont faits, mesdames et messieurs*, nada mais. Os mistérios do acaso vão ser profanados por esse milanês de sete fôlegos, que dos caprichos e dos prazeres do jogo, quis fazer uma verdadeira ciência. Prestem-se-lhe as honras merecidas e grave-se-lhe o nome à porta de todos os casinos: «Messer Gerolamo Cardano, físico em Milão». Os estrategas subsidiários da roleta, os agourentos que circulam nas bancas de Monte Carlo, do Estoril ou da Figueira, registando números, lances e resultados, têm nele o sumo patriarca das explorações do azar. Perdoemos que o desconheçam. Mude-se a parada e atenção a Cardano.

Eis como nos aparece o Mestre da Renascença, ao primeiro contacto: perfil de *condottieri*, monstro do Saber, demónio da Inteligência. «Demónio» — não há exagero nisto, pelo menos assim o viu Pio V, que lhe lançou as suas milícias fanáticas e o meteu no cárcere por heresia. Sob este ângulo, um mártir da estirpe de Galileu.

Volte-se-lhe a face: o cientista consagrado, o compilador de tratados de moral e de dialéctica e o cidadão dos prazeres da vida (da *dolce vita*, inclusive) aparece comprometido em magias e ocultismos e dá conta dessas experiências com o ar conciso e ordenado com que se dedica ao estudo de Hipócrates ou de Galeno. Em certo sentido, um seduzido pelas experiências proibidas à maneira de Casanova, que foi igualmente jogador, inventor até de lotarias, igualmente admirador confesso do espírito matemático, e que, duzentos anos depois do seu patrício genial, enveredaria também pelos caminhos das cartomâncias.

Em que termos se referem as *Memórias* de Casanova aos universos da magia e em que termos o fazem as memórias de Cardano intituladas *De Rerum Vita*, é coisa que não se pode comparar senão por uma semelhança de estilo — pelo à-vontade, meticulosidade, pela «falta de mistério» e pela descrição dos mistérios observados. Sob esse aspecto, e só esse, o aventureiro veneziano pode ter herdado alguma coisa do sábio milanês, mas o humor libertino, que em Casanova é a catapulta que lança o fracasso à altura das vitórias conseguidas, em Cardano não se vislumbra de todo em todo. Pelo contrário. Humor, nenhum; concisão, toda. Concisão e despersonalização no acto de comunicar experiências. O *De Rerum*, redigido quando o seu autor era já velho e «dispunha apenas de 14 (catorze) dentes», faz lembrar um livro de contas correntes, um relatório de falências em partidas dobradas. Quem quiser conhecer um génio por dentro, com os escândalos confidenciais a que não chegam as actuais «Memórias do Potentado X, pela sua Secretária», quem quiser assistir à parada das desgraças e das futilidades de um génio que se confessa, tem no *De Rerum Vita* um exemplar princeps.

Lá vem: «Tudo quanto me aconteceu na vida, deu-se com tal precisão que, se tivesse sucedido um momento antes ou um momento depois, tudo teria redundado na mais completa desorganização de mim mesmo». E segue-se a crónica dos rasgos e dos fracassos, medida e contada nesta atitude de domínio das circunstâncias. Se há exagero nesta regra (e houve-o), pouco importa por agora. Importa, sim, registar-lhe o tom e a posição mental que o determina.

No estilo da confissão está o servo de Deus. E este, como se depreende, é dos que não cultivam as virtudes menores da piedade e da modéstia tão do gosto da paz oficial. É altaneiro perante as contingências do destino, utópico no seu racionalismo desenfreado e soa a mil desafios constantes. Gerolamo Cardano fez, de resto, toda a sua glória através de desafios às regras do saber estabelecido. Quando, aos trinta anos, é nomeado professor na Universidade de Milão, consegue-o depois de polémicas sistemáticas com os cirurgiões do tempo. Quando a meio da vida, é com Vasalius, o médico

mais famoso da Europa, esse prestígio vem-lhe de novas concepções, que pôs em prática, depois de ter destruído as teorias «sagradas» de Galeno.

Num burguês plebeu de tantos êxitos, a voz de comando é o brasão que o distingue. O *quod erat demonstrandum* de Cardano tem uma esquematização inconfundível, uma naturalidade soberana ao revelar o facto evidente a «qualquer» mentalidade dotada de natural reflexão. O médico de papas e de príncipes, que as cortes recebiam com honras militares, o jogador inveterado que se disputa em serões de cardeais, de duques e de trapaceiros de profissão, o italiano sem virtudes de sangue, venerado por Eduardo VII e lido por Shakespeare — esse homem de dois nomes apenas, Gerolamo e Cardano, tinha o sinal aristocrático na sua irreverência para com o facto assente à luz do conhecimento da época.

Comandar o Destino. Era nisso que o Cardano-plebeu revelava a sua ténpera de nobreza (e que outra coisa pretende a Ciência senão comandar o destino?). E por vingança ainda do destino é essa ânsia de comando e de penetrar o imponderável, que enterra o Cardano-cientista nas artes baixas do ocultismo. Ao mesmo tempo que publica discussões filosóficas da altura do *De Subtillitate Rerum* e que desenha, com mão descontraída, centenas de inventos no campo da física e da artilharia, o mestre da Renascença concebe amuletos, signos cabalísticos e cartas de geomância. Com que fim? Uma vez e sempre com o fim de comandar o destino, de racionalizar o sobrenatural. As ciências ocultas não deviam continuar a ser ocultas.

E aí temos o calvário mágico do cientista. Instigado pela paixão das sistematizações, Cardano mergulha, com a habitual voz de comando, nas profundezas dos acasos sobrenaturais, disposto a torná-los, já não digò naturais, mas a manejá-los como elementos simbólicos, a equacioná-los como símbolos algébricos.

Cardano, como todo o génio que se explica por extenso, não evita os paradoxos que o distorcem e, pelo contrário, desorienta os estudiosos com os perfis contraditórios que se sobrepõem na imagem consagrada que dele ficou. Génio desgraçado, impotente

confesso até aos 31 anos, ultrapassada a crise, casa; tem dois filhos varões, um morto na forca, por assassinio, e o outro nos cárceres, por roubo. O *De Rerum Vita* conta tudo friamente, o narrador, dispensa-se de comentários. Foi ele quem inventou um célebre cadeado de segredo e é a ele que um filho força o cofre e o deixa na miséria. Ironia do destino? Cardano não dá por isso. Continua a escrever sobre moral, sobre música e sobre os prazeres superiores da vida. Homem de razão impenitente, cede à voz do sangue e vai buscar o filho aos calabouços de Bolonha. Tem 69 anos, com data e dia anotados ao certo. É um dos grandes homens da Terra e precisamente nesse momento vê-se atirado para os tribunais, acusado de heresia pelo filho...

«Tudo quanto me aconteceu na vida deu-se com tal precisão...». O capitão do destino mantém o tom autoritário da voz mas não se demora sobre os contrastes da existência. Como certos ciclos naturais que para se cumprirem recebem os estímulos da adversidade ou de uma ou outra anomalia, o fenómeno Cardano parece colher os seus fôlegos diabólicos nas contrariedades que o minam. Nem lamentos nem resignações. Aquilo que fez dele um infeliz fora de série é posto na conta corrente do *De Rerum Vita* como um saldo incobrável, conta de perdas e lucros. Não se detém, marcha em frente.

A mesma ânsia de penetrar os acasos no mundo da magia leva-o a tentar uma metodologia no jogo. Mas aí os resultados são surpreendentes. Regras de comportamento, moral de parceiros, tudo, até a um apanhado de estudos fisionómicos que se consideram — hoje formas empíricas das teorias de Lombroso — nada houve que o cientista Cardano não pusesse na interpretação do jogo. Era-lhe indispensável equacionar o *azar* numa altura em que a sorte à banca preocupava meio mundo. (*Azar*, do árabe *al zahar*, que significa «dados».)

Computando números, estruturando frequências e lances, Gerolamo Cardano acabou por apresentar a sua teoria baseada na observação do *Jogo da Primeira*, o seu passatempo favorito, e nos dados. *De Ludo Alae*, o tratado que então publicou, encontra-se recheado de obscuridades e desvios,

mas trouxe a imortalidade ao seu autor porque nele estão as sementes de um novo ramo das matemáticas, o cálculo das probabilidades.

Campeão de xadrez, que na Idade Média tinha sido uma actividade de profissionais, Cardano, escolhendo o *Jogo da Primeira* como campo de investigações obteve uma expansão repentina das suas teorias. O *Primeiro* era um dos passatempos favoritos do século; Shakespeare fala dele nas *Alegres Comadres de Windsor* e em *Henrique VIII*; e muito depois Richelieu gastava fortunas no *Prime*.

O *De Ludo* marca a primeira vitória do homem sobre os caprichos da sorte e lança na mesma pista matemáticos como Borel ou Berni, autor do *Capitolo del Gioco della Primiera*, e o próprio Galileu iria depois apresentar a sua contribuição ao estudo das probabilidades intitulada *Considerazione sopra il Gioco dei Dadi*.

«Examinaremos o que é a sorte e de que princípios depende», anuncia o mestre milanês, em certo passo do seu tratado. Com sentido ordenado esquadrinha o território maldito da sorte ao pano verde, tece regras de comportamento psicológico, faz o elogio dos dados como receita contra a melancolia, ao lado de extractos de plantas estimulantes, de cálices de ambrósia, da música e da companhia de mulheres; vem, é certo, com exemplos de Cícero e enumera martingalas, modos de «cortar» o baralho, códigos de sinais e maneiras de identificar cartas e dados viciados. Mas a arte das clandestinidades do jogo apaga-se perante a espantosa inovação científica que revela, e a história das matemáticas elegeram-o entre as três potestades quinhentistas que modificaram as ideias do homem na revolução científica operada na primeira metade daquele século.

O homem dos prazeres superiores e da sorte controlada triunfou finalmente dos seus infortúnios. Dos perfis contraditórios que compunham a sua figura majestosa apurou-se a resultante de um génio em linhas firmes e bem traçadas. «Um génio com todas as suas faltas», disse Leibniz, «sem as quais seria incomparável»: Messer Gerolamo Cardano, matemático e jogador.

o conto dos chineses

por José Cardoso Pires

NA arrecadação das obras havia um telheiro e no telheiro um homem sentado à sombra a comer.

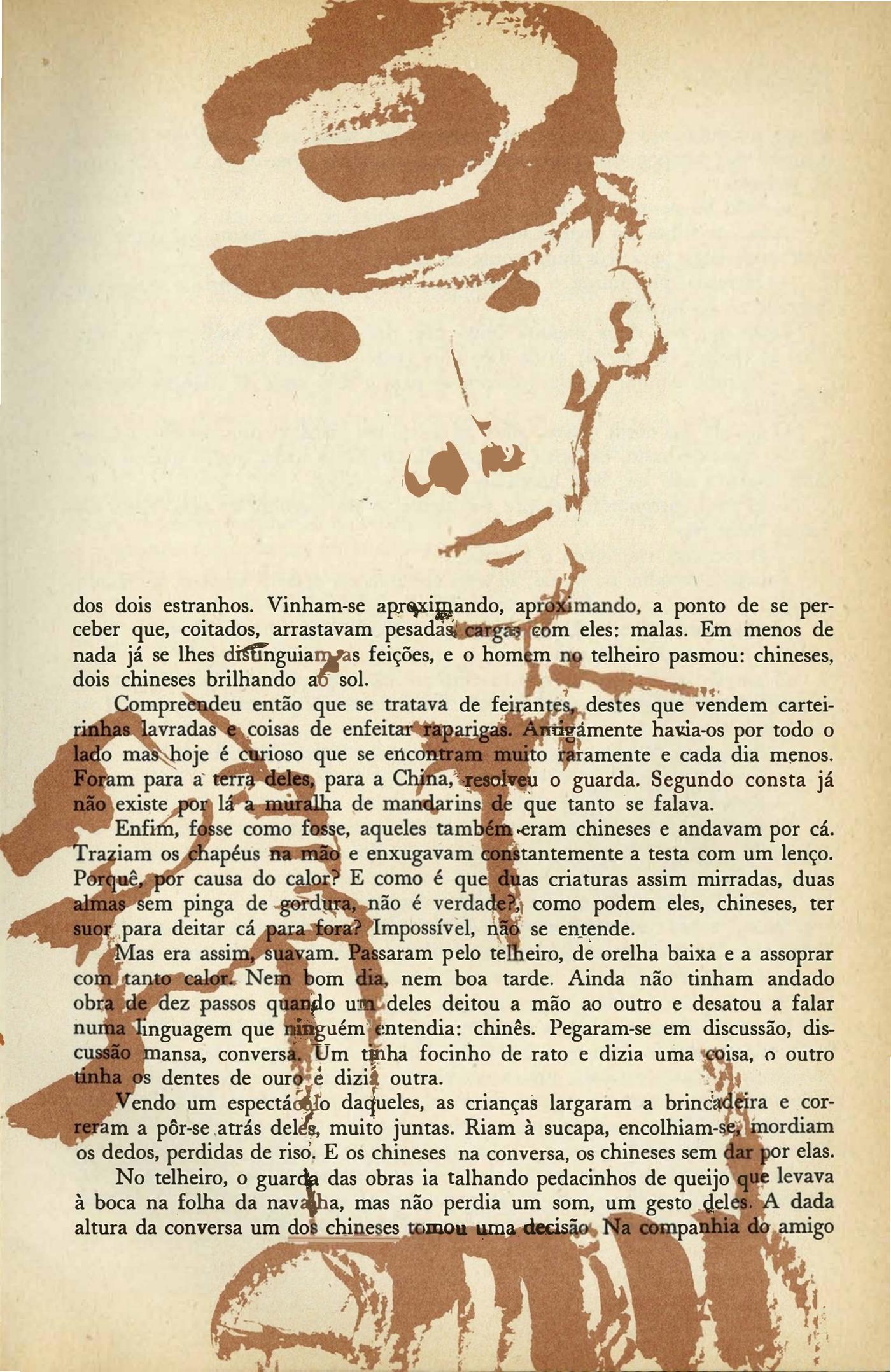
Esse homem, embora trabalhasse há muitos anos na cidade e a tivesse ajudado a construir com as suas próprias mãos, era no fundo um camponês. Tinha a pele escura dos cavadores de sol a sol e, como veremos, a voz demorada de quem foi criado longe das máquinas.

Estava ele sentado a mastigar e a uma boa distância do barracão as filhas saltavam à corda. Eram duas, a mais velha e a mais nova. Assim como o homem vestia de lavado, botas cardadas, relógio e fita de nastro, assim as crianças brincavam muito compostas, laço no cabelo, meias esticadas, porque era domingo e, além de domingo, festa de S. João.

O homem via-as? Talvez não. Estava todo voltado para a cidade onde andaria àquela hora o restante pessoal, trolhas, moços, carpinteiros, atrás dum servente de concertina e flor na orelha. E ele, que era o guarda das obras, acompanhava-os em pensamento. Às vezes baixava os olhos para os dois queijos que tinha aos pés, num pedaço de jornal. Mas depois via a fogueira apagada, via a panela, a estrada, e ia por ali fora, entre quintas e poeira, e só descansava a vista na cidade, lá longe. Isto sem deixar de mastigar.

Comia lentamente, sem gosto, apenas para sustentar o corpo, e também nisso se parecia com os camponeses, que se alimentam, não comem. Um cavador almoçando em pleno descampado comeria decerto assim — com aquela tristeza, com aquela mesura solidão.

Ora aconteceu que, a meio da merenda, o guarda das obras descobriu no horizonte dois vultos caminhando em direcção ao telheiro. Escusado será dizer que deixou de prestar atenção à cidade, lá longe, e que se pôs a seguir a marcha



dos dois estranhos. Vinham-se aproximando, aproximando, a ponto de se perceber que, coitados, arrastavam pesadas cargas com eles: malas. Em menos de nada já se lhes distinguiam as feições, e o homem no telheiro pasmou: chineses, dois chineses brilhando ao sol.

Compreendeu então que se tratava de feirantes, destes que vendem carteirinhas lavradas e coisas de enfeitar raparigas. Amigamente havia-os por todo o lado mas hoje é curioso que se encontram muito raramente e cada dia menos. Foram para a terra deles, para a China, resolveu o guarda. Segundo consta já não existe por lá a muralha de mandarins de que tanto se falava.

Enfim, fosse como fosse, aqueles também eram chineses e andavam por cá. Traziam os chapéus na mão e enxugavam constantemente a testa com um lenço. Porquê, por causa do calor? E como é que duas criaturas assim mirradas, duas almas sem pinga de gordura, não é verdade?, como podem eles, chineses, ter suor para deitar cá para fora? Impossível, não se entende.

Mas era assim, suavam. Passaram pelo telheiro, de orelha baixa e a assoprar com tanto calor. Nem bom dia, nem boa tarde. Ainda não tinham andado obra de dez passos quando um deles deitou a mão ao outro e desatou a falar numa linguagem que ninguém entendia: chinês. Pegaram-se em discussão, discussão mansa, conversa. Um tinha focinho de rato e dizia uma coisa, o outro tinha os dentes de ouro e dizia outra.

Vendo um espectáculo daqueles, as crianças largaram a brincadeira e correram a pôr-se atrás deles, muito juntas. Riam à sucapa, encolhiam-se, mordiam os dedos, perdidas de riso. E os chineses na conversa, os chineses sem dar por elas.

No telheiro, o guarda das obras ia talhando pedacinhos de queijo que levava à boca na folha da navalha, mas não perdia um som, um gesto deles. A dada altura da conversa um dos chineses tomou uma decisão. Na companhia do amigo

entrou no telheiro e depois de ter desejado boa tarde ao homem que comia à maneira dos camponeses perguntou-lhe por qualquer taberna ou casa de pasto ali próxima.

— Não há perto? Não há?

Aqui, as filhas do guarda não resistiram. Romperam numa tal risota que tiveram de fugir para trás dum monte de falheiros.

— Meninas, murmurou o visitante dos dentes de ouro; e abria o seu sorriso dourado. — As meninas.

Claro que não dizia menina como nós; dizia manine. Também não tinha dito, ao chegar, boa tarde; tinha dito bôla tarda. E assim por diante.

— Menina bonita, repetiu voltando-se para o sítio onde as crianças estavam escondidas.

O guarda das obras ofereceu-lhes então do seu farnel e, com respeito a tabernas ou casas de pasto, explicou que por ali não havia nada, mas o que se pode dizer nada, a não ser, bem entendido, obras e poeira.

— E pão?, perguntou, sempre sorridente, o do focinho de rato. Pode dispensar meio pão?

— Arranja-se, respondeu o guarda.

Pousou a navalha no jornal, ao lado dos queijos, e foi à barraca dos mantimentos.

— Oh, disse o Sorriso Dourado, vendo-o voltar com um pão de quilo. Basta metade. Não vende meio pão?

O guarda lembrou-se de que os chineses não são muito amigos de pão. De arroz, arroz e com dois pausinhos, sim. Pelo menos é o que se houve dizer. Teve escrúpulos e cortou o pão ao meio.

— Sentem-se. Puxem essa tábuca e metam-lhe dois tijolos por baixo.

— Muito obrigado.

— Sem cerimónia. Aqui ao menos há sombra.

O do focinho de rato abriu um saquinho de moedas para pagar o pão e o companheiro tirou um cartucho de figos secos. Foi a vez de perguntarem ao homem se era servido.

— Bom proveito. Se quiserem vinho, façam favor.

Os visitantes recusaram a oferta com muitos agradecimentos e lançaram-se à comida. Vendo aqueles dois seres à volta de meio pão e de uma mancheia de figos, o guarda dizia lá com os seus botões: é isso andam a juntar para a viagem.

Muito calados, os chineses comiam com uma velocidade danada. Toupeiras, ratos, bichos miúdos, era o que eles lembravam a mastigar. Mas só as bocas mexiam; de resto estavam muito compostos, silenciosos, contemplando ora o chão onde assentavam os sapatos de lona, ora as pequeninas mãos com que agarravam o pão e que tremiam, tremiam. Era da idade, com toda a certeza. Tremuras assim são próprias de quem já conta um bom par de anos e não nos devemos esquecer de que a idade nos chineses engana muito. Aquela cara lisa, a barba que a bem dizer nem é barba, o cabelo fraquito, verdadeira lã de rato, é que os fazem parecer mais novos — ou melhor: sem idade.

Não resta dúvidas, pensou o guarda. Estes chineses já não são crianças nenhuma. Pergunto a mim mesmo há quanto tempo não andarão eles a juntar para voltar à terra.

— Comem um prato de caldo, não comem?

— Obrigado, disseram os visitantes, muito obrigado.

— Comem, decidiu o guarda. Um caldo até os doentes comem.

Não quis saber de mais nada e acendeu a fogueira. Soprou forte, acorrido ao pé das brasas e acorrido ficou todo o tempo em que a panela do caldo esteve ao lume a aquecer. Cismava. Tinha tirado um palito detrás da orelha, revolvia-o nos dentes, preocupado com os chineses, com o muito trabalho que deviam ter em amearhar para tão longa jornada e, por último, imaginando a imensa muralha de mandarins, hoje destruída por guerras de milhares de anos.

Os chineses também pensavam. Com as mãos cruzadas diante das panças miúdas, olhavam uma a uma as malas do seu comércio, os cintos e as carteiras de cabedal penduradas numa viga de ferro. Isso queria dizer que, sentados na tábua, tão sérios e olhando tudo daquele modo, faziam contas à vida deles.

Quando o guarda das obras achou que o caldo já estaria capaz de se comer foi buscar ao barracão pratos e colheres de folha e serviu os visitantes.

— Ih, fez o Sorriso Dourado. Muito caldo, patrão.

— Qual muito nem meio muito, disse o guarda.

E o Focinho de Rato:

— Bom. Caldo bom, mas muito caldo.

— Cheguem-lhe. É comê-lo enquanto está quente. Vocemecês ainda vão para muito longe?

— Linda-a-Pastora, patrão.

— Diabo, disse o guarda. Daqui a Linda-a-Pastora é um pedaço.

Focinho de Rato sorriu.

— Há festa lá, patrãozinho. Há baile, há barraquinha toda a noite.

— Em Linda-a-Pastora? É possível. No dia de hoje há festas em toda a parte.

O guarda pôs os olhos na folha de jornal com os dois queijos:

— Em toda a parte, menos aqui.

E com isto calou-se. Só voltou a falar depois de os visitantes acabarem a refeição e dessa vez para lhes dar a provar do queijo que estava em cima do jornal.

— É cabreiro, é de confiança.

Como nem um nem outro aceitasse, o guarda das obras quis saber se seria por não gostarem de facto de queijo ou por desconhecerem tal espécie. Podia dar-se o caso de na China não se fazer queijo de cabra, quem sabe?

— Faz, patrão. Faz de tudo. Queijo de cabra, queijo de vaca, queijo de toda a qualidade.

— Também me parecia. Mais a mais o cabreiro que é fácil de fazer. Basta que haja cabras e pasto. O resto é fácil.

Hesitou, depois disse:

— E, já se vê, cabras há por toda a parte. Onde houver gado de saias há-de haver cabras por força.

Os chineses a princípio não compreenderam muito bem o que o guarda queria dizer com aquilo mas passado um instante descobriram: falava das cabras-mulheres e não das cabras-cabras pròpriamente ditas. Então riram a bom rir.

— Mesma coisa que aqui, patrão. Mesma coisa, mesma coisa.

— A mesma coisas não será bem. Sempre há-de haver as suas diferenças. O guarda tinha-se posto muito sério.

— Pelo menos em questão de comida tenho ouvido dizer que é diferente.

— Comida?

— Sim, parece que vocemecês só comem arroz.

— Oh, disse o Focinho de Rato.

E o outro, o Sorriso Dourado:

— Nossa gente come de tudo como aqui. Come arroz, come pão, come peixe, come carne...

— Ratos, cortou muito pronto o homem do telheiro. Ele sempre é verdade que na China comem ratos?

— Oh!

— E baratas assadas? E andorinhas?

— Oh!

— O quê? Não comem então andorinhas? Pois garantiram-me que sim.

— Nossa gente, patrão, come passarinho como o português. Patrão não gosta de passarinho?

— Homem, nem se pergunta. Fritos em banha e com um copo em cima para amortecer, não há petisco que se compare.

O guarda sorria por dentro, com lume no olho. Estava a ver passarinhos a pingar no pão aos balcões das esplanadas de cana, fora de portas.

— Olhem, faz agora um ano comi eu lá na terra uma dúzia de pardais como há muito não tinha memória. É verdade. As mulheres a tirá-los da frigideira e mais adiante uma rede a caçar neles.

Sabia muito de pássaros e principalmente das maneiras de os apanhar. Ali, na presença de dois chineses, explicou manhas, ensinou armadilhas e tudo quanto tinha aprendido sobre os pousios das aves e sobre as diversas formas de os comer regados a vinho fresco. Terminada a lição, os chineses levantaram-se:

— São horas.

Pegaram então nas malas, abriram-nas em cima da tábua e, com uma troca de olhares, cada qual tirou um lápis pequenino que veio entregar ao homem do telheiro.

— Para as meninas. Para a escola delas.

— Bom, nesse caso, muito agradecio.

Um dos visitantes, Focinho de Rato, apontou qualquer coisa numa agenda. O companheiro leu, concordou, e o guarda, mordido pela curiosidade, estendeu o pescoço.

— Contas, desculpou-se Focinho de Rato, notando o interesse do homem pelo que estava no papel. Mostrou-lhe os gatafunhos: **Lápis, dois lápis...**

O homem caiu das nuvens. Nunca lhe passara pela cabeça que se pudesse escrever tanto e em tão poucos riscos.

— E o resto?, perguntou. Que diz o resto?

— Diz figo... Assim: figo, mil e duzentos. Aqui está pão. Aqui onça de tabaco...

Percebo, pensou o guarda. São as contas deles para a longa viagem.

— E, por exemplo, pássaro? Como escrevem vocemecês a palavra pássaro?

— Papel, pediu o Focinho de Rato. Acabou-se o papel.

O homem do telheiro não perdeu tempo, deu-lhe o caderno do registo de ferramentas.

— Assim. Pássaro escreve-se assim.

A cada pergunta os visitantes sorriam. Lá adiante, na estrada, as raparigas observavam, muito intrigadas, os três homens debaixo do telheiro entretidos com as letras chinesas.

— E vinho?

— Assim, vinho.

Sorriso Dourado tirou então o lápis ao amigo e escreveu também os seus riscos.

— Que é?, perguntou o guarda.

Os chineses sorriram ainda mais.

— Boa festa, disseram. Dia feliz.

— Ah, fez o guarda.

Pegou no caderno, mirou-o de todas as maneiras. E já os outros estavam de mala ao ombro para partir e ele não despegava os olhos daquilo, encadeado com as letras, apreciando a homenagem.

— Boa tarde, diziam os chineses.

Despediu-se deles, sem largar o caderno. Lá os viu ir, muito dobrados com o peso das malas, muito pequenos. Ao passarem pelas crianças quiseram fazer-lhes uma festa mas elas fugiram-lhes com a cara.

— China, gritou a mais velha, quando eles iam longe.

Virou-se para a irmã e riram ambas da partida. Depois deram as mãos e afastaram-se aos saltinhos compassados e cantarolando:

— Oh, oh, o maluco do chinês... oh, oh, o maluco do chinês...

O pai não as ouvia. Sentado diante da garrafa e do jornal com os dois queijos cabreiros, estudava e tornava a estudar o caderno dos traços chineses. Lembra-vam-lhe a maneira como ele próprio, que não sabia escrever, apontava as suas coisas: um risco para cada saco de cimento, tantos quadrados para tantos milheiros de tijolo, uma cruz para as cargas de areia — e assim por diante.

— Como nós, ia dizendo o guarda. Tal e qual como nós. No comer e em tudo.

À sesta, deitado no fundo do telheiro, recordava ainda os chineses que o tinham visitado e, sem saber porquê, via-os cobertos de um brilho de ouro, vestidos com cabaias de dragões como os mágicos das feiras. E como o vento da tarde lhe trazia o cheiro da resina da lenha na fogueira, adormeceu a pensar em passarinhos fritos, escorrendo gordura no pão.



ELOGIO DO COLECCIONADOR ROMÂNTICO

Não! Não há dúvida que infelizmente se vai tendo cada vez menos a paixão dos objectos, das colecções «em privado».

Os cinemas e os jornais substituíram as reuniões de sexta-feira em casa da Sr.^a Natividade, onde se ouviam as últimas intrigas e os últimos escândalos. Os concertos, a rádio e a televisão mataram o Chopin dominical, outrora tão apreciado. Os desportos acabaram com o dominó e com o loto familiar.

A casa ficou vazia, só e triste. Agora é um lugar de trânsito, passagem obrigatória e asilo forçado durante as doenças, as neurastenias e os lutos. Morta a casa, morreram os livros, os quadros, as gravuras, as estatuetas de Sèvres, os albuns de retratos e as toalhas de renda. A vida exterior, fornecendo a preços módicos a satisfação de todas as necessidades, fez terminar quatro séculos de poesia doméstica.

Hoje em dia apenas se pede de uma cadeira que «funcione» para nos sentarmos, de uma mesa que «funcione» para se comer ou escrever, de um armário que «funcione» para «guardar». Elegemos o mito do funcional. Tudo se fabrica em série, cadeiras, mesas, armários. E pessoas. Despersonalizámo-nos no culto de passatempos que não nos pertenciam e que não exigiam esforço, contribuição pessoal, inteligência e amor. A passividade instalou-se nos hábitos do século: o cinema vê-se, na televisão «está-se» e ao futebol assiste-se.

Que é feito das antigas subtilidades? Onde está o cidadão médio, o habitante padrão que se compraz a examinar uma dessas escrivatinhas Luís XV, cheias de segredos e delicadas como papel de seda? Quem é agora susceptível de se interessar por caixinhas de rapé, ex-libris, autógrafos, edições raras ou ninharias semelhantes que os salões dourados catalogavam de encantos da inutilidade?

Parece incontestável que é preciso infinitamente mais espírito, mais sensibilidade e mais qualidade humana para se comover diante de um rectângulo de papel que esteve nas mãos dum czar da Rússia, do que para sofrer uma síncope cardíaca quando um goló providencial salva a situação futebolística. E, no entanto, muitos arvoram um piedoso desprezo pelo coleccionador, como por criança irresponsável.

«Vale mais um maníaco inofensivo e gentil do que um brutamontes normal» — pensa o burguês da rua, contemplando, com um sorriso de

comiseração, as loucuras de um devoto do bric-à-brac. Esta atitude de tolerância não vai, porém, mais longe. Por nada deste mundo compreenderá que para meia dúzia de pacientes descobridores, coisa alguma paga o bom cheiro a papel velho dos alfarrabistas, o espectáculo de orgulhosa desarrumação de um genuíno antiquário e aquele mistério, aquela penetrante poeira das rimas onde os ratos entraram e onde, com um pouco de sorte, se descobre o feio rosto de Murat, em litografia, um recorte de jornal sobre a prisão de Camilo ou uma carta de José Estêvão insultando, clamando contra o governo constituído que já não se sabe ao certo qual foi. O homem do sobretudo e do fato cinzento acha simplesmente absurdo que, num sábado chuvoso e desocupado se corra essas lojecas, perdidas por Lisboa, que encerram estranhas maravilhas, que se contemple com embevecimento essas montras atravancadas, esses vãos depósitos de escada ou que se trave relações de amizade com velhos de óculos e nariz vermelho, que vendem primeiras edições de Marcelino de Mesquita e obras de vates desconhecidos com títulos pomposos. Os habitantes dos antros sombrios que guardam armários de vidrinhos e cómodas com embutidos, cadeiras frágeis e autêntica louça da Companhia das Índias, como quem guarda trastes banais, esses seres de eleição, vindos dum universo privado e subterrâneo, passam por maníacos aos olhos do comum dos mortais.

Mas a História explica-os de feição diversa. São criaturas da arrumação, viciosos da catalogação e da ordem sistematizada. Há, entre eles, as mesmas hierarquias e diferenças de estilo que se encontram nos verdadeiros artistas de uma mesma escola.

Todavia, não façamos confusões. Coleccionadores não são os antipáticos cavalheiros que se atropelam e arranham por um quadro de Renoir, porque Renoir é um bom emprego de capital, não sujeito à desvalorização e livre de impostos. Coleccionadores não são os que amontoam jóias, móveis, esculturas ou manuscritos, como quem amontoa acções da Companhia das Lezírias, os que adquirem indiscriminadamente qualquer peça que lhes pareça valiosa, por exibição e pedantismo, os que, sem critério, compram qualquer pedaço de madeira trabalhada que tenha mais de cem anos ou que confundem uma cópia com original e que de peritos só têm as pretensões. Coleccio-

nadores não são americanos ou novos-ricos em busca de pergaminhos baratos. Os homens de espírito de coleção têm uma outra abnegação, outras intenções bastante menos rendosas e, por vezes, largamente menos exibicionistas.

No segredo de vidas banais vão juntando «Torres de Belém», desenhadas, bordadas, miniaturas de bronze, cobre, cristal ou miolo de pão, seja por dedicação à glória marítima lusitana, seja por qualquer outra razão secreta, rótulos de garrafas, de hotéis, modelos de chaves do século XVII, bilhetes de teatro, enfim, qualquer objecto, que todos podem servir o intento. Ao pé dos conhecidos casos de filatelistas, coleccionadores de pisa-papéis ou adeptos da numismática, esta especialização representa a sublimação do prazer e da respectiva inocência.

Como nasce esse vício? A explicação completa encheria um tratado em cinco grossos volumes. O destino revela-se por muito e diversos caminhos, desde a herança ao acaso.

«No Outono de 1906, para o gozo de uma folga burocrática de oito dias, é novamente João de Vilhena que fala, numa voz hesitante, mas ainda apaixonada, da data da sua iniciação com a precisão própria das pessoas habituadas a catalogar. Em cima da mesa de trabalho os ex-libris japoneses, os últimos que lhe chegaram às mãos, dispostos com tanta ordem, como a da sua exposição barroca e respeitosa.) — «No Outono de 1906, para o gozo de uma folga burocrática de oito dias; hospedei-me em casa do poeta e meu saudoso amigo, Eugénio de Castro, nos arredores da Figueira da Foz, onde descansava das lides do magistério e temperava a saúde dos filhos. Para distração do seu hóspede, lembrou-se de propor uma visita ao muito notável bibliógrafo Aníbal Fernandes Tomás, a esse tempo residente naquela cidade da foz do Mondego.

Passadas algumas horas de ameno convívio, à despedida, Fernandes Tomás presenteou-me com um exemplar da sua maravilhosa obra, «Os ex-libris ornamentais portugueses».

Tanto me encantou a sua leitura que resolvi enfileirar no pequeno grupo dos coleccionadores de ex-libris. E tanto entusiasmo me dominou esse desejo de ser um grande coleccionador, que em 1940, depois de alguns anos de inércia, desânimos da vida e mudanças de situação burocrática, a coleção continha vinte mil exemplares».

Assim que principia o coleccionador torna-se presa dos fados e só poderá continuar, aumentar e desenvolver as suas coleções, nunca parar. No caso de João Vilhena, os fados manifestaram-se também sob a forma de tradição familiar, seu irmão o comandante Ernesto Vilhena é um dos nossos mais reputados coleccionadores artísticos, seu irmão Júlio foi coleccionador até falecer. João de Vilhena não era livre de desertar. Durante meio século enquanto o mundo se enchia de estadistas e de criminosos, as suas mãos brancas e delicadas, viraram e reviraram papéis de todas as formas, cores e proveniências. Tomado de uma espécie de ardor místico, em clausura de devoção, foi perseguindo os seus troféus, como um caçador astuto e paciente.

«Entretanto a minha actividade não descan-

sava na procura de estampas portuguesas e estrangeiras. Em 1957, quando eu as mandei para a Biblioteca e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, contei quatro mil. Foram aumentar consideravelmente a Coleção que já existia naquela Biblioteca, em qualidade e quantidade. Foram colhidas, principalmente nos armazéns de papel velho e em algumas liquidações de casas particulares. Quando foi o descalabro da legação e consulado, alemães, depois da última guerra, e o recheio dos seus arquivos foi vendido ao desbarato, eu fui dos mais persistentes em o adquirir e muita coisa salvei».

O desfecho da guerra só lhe importa pelos consulados que farão a liquidação, talvez por que um certo papel, tivesse algum dia desejado ver os nazis triunfantes e o embaixador inglês pondo em leilão a peça cobiçada. Se assim foi, não se lhe pode levar a mal. Pela própria natureza dos seus interesses todo o coleccionador é um egocentrista, um ente obstinado que só pensa nos homens com desconfiança, pois que, por experiência pessoal, sabe que não lhe respeitarão as coleções. Não são de admirar, portanto, os dois temas do texto que se segue: o pronome «eu» e a obsessão de pôr as preciosas relíquias a salvo num museu.

«Ao mesmo tempo que pensava em coleccionar ex-libris e estampas, coligi também retratos em gravura, em litografia e em todas as maneiras de impressão. Retratos de personagens ilustres que tinham tido um nome na vida, em todos os ramos da actividade intelectual e social. Eles estão hoje cuidadosamente acondicionados em pastas, numa sala reservada para mim só, no Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra».

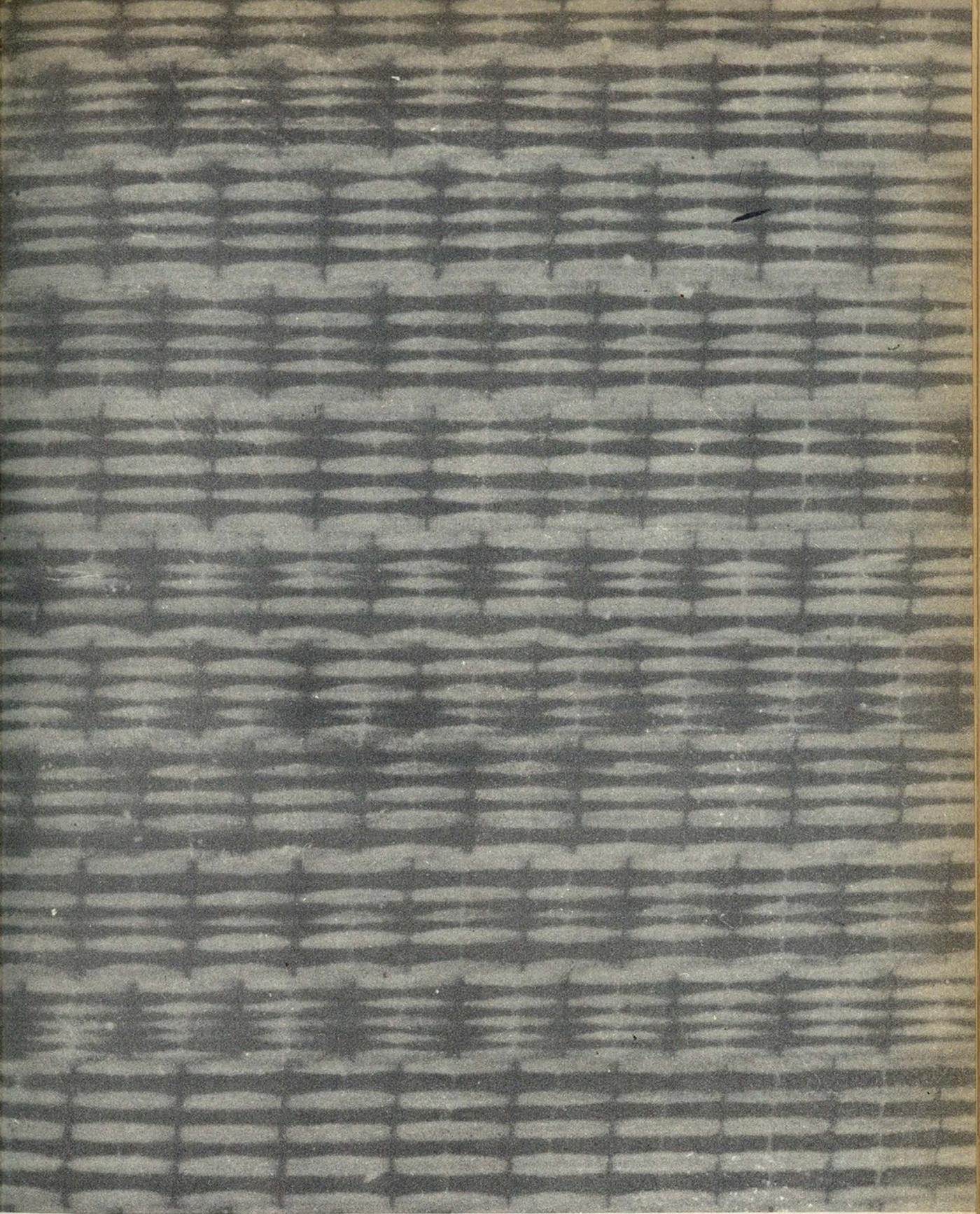
A propósito de outra coleção, a coleção Napoleónica dirá: ...para que essa coleção em 5 volumes não se perdesse, mandei-a para o Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, onde ela dormirá um sono eterno, livre de pesadelos e da fúria dos humanos».

E, por fim, João de Vilhena, com a sua pera branca à Napoleão III, o seu olhar de criança, que de criança, da fase em que se juntam tampas de garrafa, bilhetes de autocarro ou coisa semelhante, todos os coleccionadores conservaram um pouco, tira as conclusões finais de uma vida inteira dedicada às coleções, procura justificações e motivos de orgulho.

«Agora... até final...»

Coimbra, onde está o Museu que alberga a obra a que se entregou é a cidade a quem dedica toda a paciência e todo o trabalho de sessenta anos, mas foi aqui, ao pé da Avenida, onde outros davam tiros e ele colava ex-libris a cartões, que tudo foi feito.

E, agora, João de Vilhena vai ficar de novo só, sentado na poltrona habitual, de costas para a parede, em que o bilhete de visita de Castilho pontua, entre gravuras e retratos. Talvez se Antero o tivesse aceitado, esse cartão precioso e académico, cheio de curvas e floreios, como a prosa do Mestre, não existisse o «Bom senso e bom gosto» e a «Dignidade nas Artes e Letras Oficiais».



SAFARI

É vulgar ainda hoje, ao falar-se nas grandes caçadas de África, o pensar-se em compridas e sinuosas bichas de carregadores, desertos ardentes, mosquitos e febres, revoltas e traições, um nunca acabar de obstáculos e aventurosas peripécias que, para além dos profissionais, só os desportistas milionários podem viver, dispendendo quantias fabulosas e um mínimo de seis meses de expedição.

Assim era de facto há cinquenta anos atrás, e na memória dos desse tempo queda certamente ainda a lembrança da expedição do presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, organizada pelo grande Selous e chefiada pelo não menos famoso caçador Cuninghame, à África Oriental em 1909 e na qual se gastaram cerca de oito mil contos na nossa moeda, segundo os jornais da época.

Basta dizer que só como carregadores de armas seguiam trinta homens e para seu uso pessoal levava o ex-presidente um «stock» de 12 escovas de dentes! Faça-se agora a proporção do número de carregadores e de escovas de dentes para todo o resto, tendo em consideração que tal expedição durou um ano...

Estava-se no tempo heróico da caça africana. Os animais eram então muitíssimo mais abundantes e certamente menos bravos e esquivos que hoje, mas os meios que o caçador dispunha para os caçar parecem-nos agora irrisórios. As deslocações eram feitas a cavalo, a pé, ou em carroção e a lentidão do transporte obrigava-os a permanecer no mato o tempo suficiente para não poderem fugir às chuvas e, por conseguinte, às febres e doenças próprias da estação. As suas armas e munições figuram hoje nas vitrinas dos museus e recordam o tempo em que, depois do primeiro tiro, o caçador ficava

com a visão tapada pelo fumo que saía do cano...

O caçador desportivo como o presidente Roosevelt o príncipe de Orleães, era excepção e todos os que levavam essa vida o faziam com intuitos comerciais de venda de carne, peles e marfim.

Em cinquenta anos, esse objectivo puramente comercial foi a causa da destruição indiscriminada de milhões de animais selvagens e mesmo da extinção de algumas espécies.

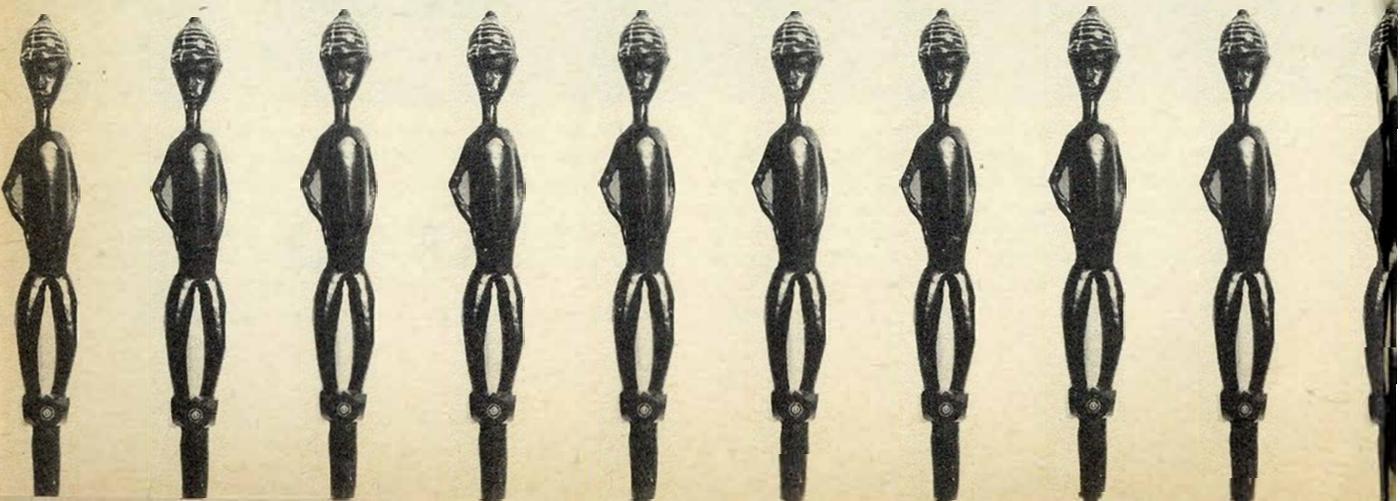
O alarme que tal situação provocou foi dado primeiro nos territórios ingleses e só há muito pouco tempo na África portuguesa se começou a pôr travão a esse comércio destruidor. Em sua substituição surgiu, porém, uma nova indústria, certamente mais rendosa para os diversos governos e que, ainda que paradoxalmente o pareça, passou a constituir uma forma de protecção aos animais selvagens: a organização de *safaris* para caçadores desportivos.

O que é um *safari*?

Em *swahili* esta palavra significa uma caravana, uma expedição de caça, e nesse sentido passou a ser usada na linguagem corrente de todo o mundo.

Os antigos profissionais, privados do seu modo de vida, começaram a organizar expedições de caça, não já para caçarem mas para servirem de guias aos desportistas de toda a parte, que começaram a afluír a África, atraídos por esse desporto maravilhoso. Em 1959, a mais forte receita do tesouro do Quénia foi o turismo, e ali, como em toda a África, turismo é caça.

Evidentemente que não é quem quer que se pode transformar num bom guia de caça. Não basta ser um intrépido caçador, conhecedor dos hábitos e das manhas dos bichos, capaz de pôr uma bala onde queira. Tudo



isso é preciso, mas é necessário ser-se também um perfeito «gentleman», incapaz de contrariar um cliente, embora sem lhe permitir a mais pequena imprudência. Falando diversas línguas, entender e amoldar-se à personalidade dos estrangeiros que o visitam. Diplomata e suficientemente modesto para convencer um atirador desastrado que foi ele quem colocou aquele tiro espantoso que instantaneamente prostrou um elefante colossal...

Não admira, pois, que especialmente na África inglesa, desempenhem esse difícil mister de caçadores-guias, antigos oficiais do Exército, médicos ou advogados.

E o seu trabalho é tanto mais difícil quanto é certo que nem todos os seus clientes são verdadeiros desportistas. Muitos caçam pela primeira vez e fazem-no para se poderem intitular caçadores de feras, outros, noventa por cento dos americanos, vão caçar à África para obter, de qualquer maneira, meia dúzia de troféus para embasbacar os amigos; poucos são os que se querem sujeitar às dificuldades e perigos da caça, andando horas e horas no rasto de um bicho, desistindo, se necessário for, por um troféu não ter interesse e recomeçando novamente no dia seguinte.

Num *safari* africano, conforme as espécies pretendidas, caça-se de três formas diferentes.

As três peças reais, o elefante, o rinoceronte e o búfalo perseguem-se a pé seguindo um rasto fresco que nos pode levar a horas de distância até encontrarmos o animal. Aqui, mais que o caçador-guia, há um personagem indispensável: o pisteiro preto. Só ele, melhor que um cão de caça, nos conseguirá levar através de florestas e chanas, seguindo sempre o mesmo rasto que ficou assinalado por pegadas, ramos

partidos ou escrementos, sem se deixar confundir por mil outras marcas semelhantes que se misturam no terreno.

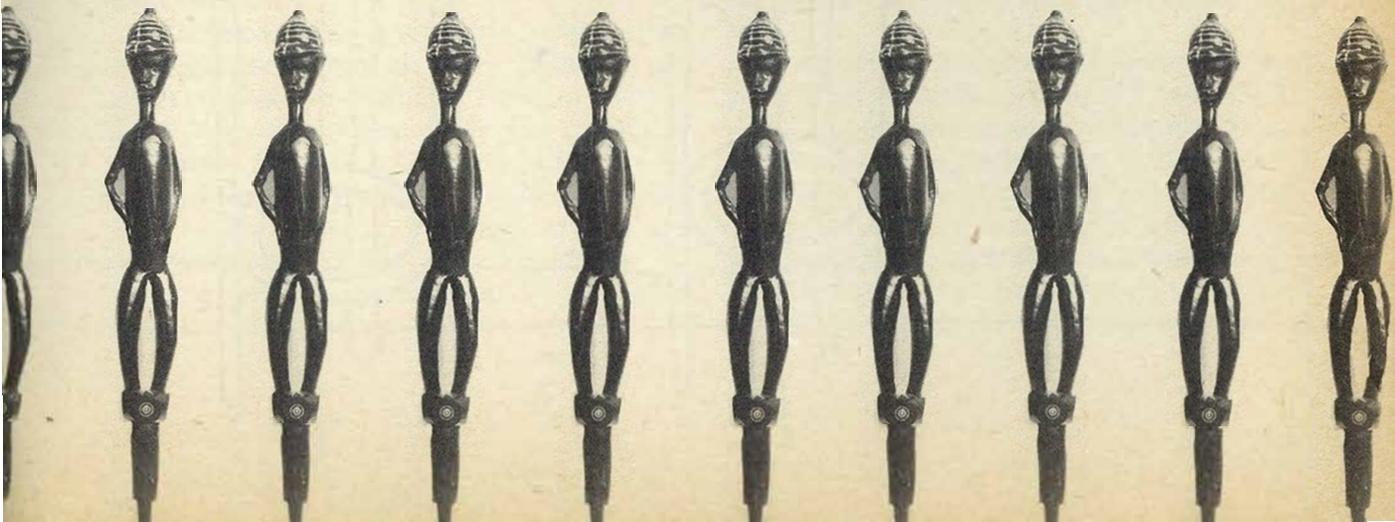
Os felinos, nomeadamente o leão e o leopardo, encontram-se por acaso ou torna-se necessário fazer-lhes esperas com um chamariz apetecível. Este é normalmente uma peça de caça morta e o caçador tem que aguardar, por vezes dias, que a fera se digne aparecer.

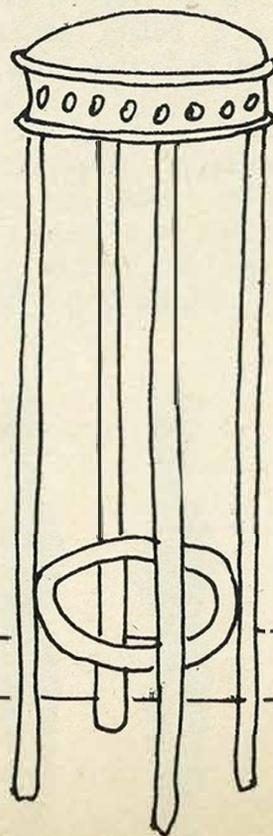
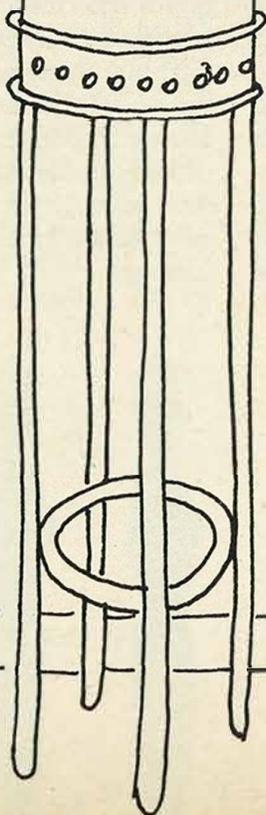
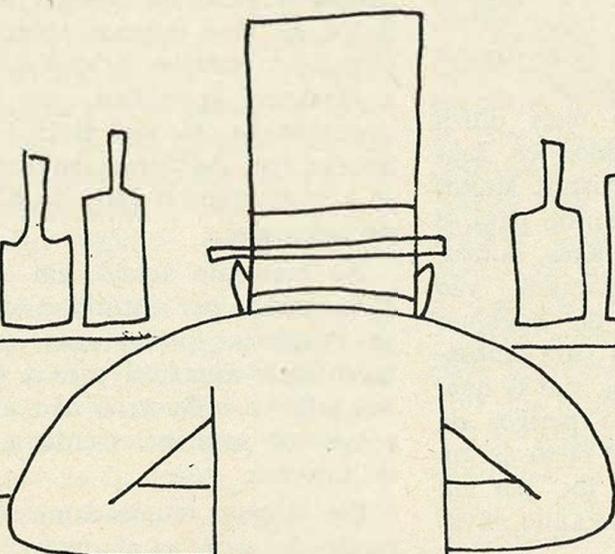
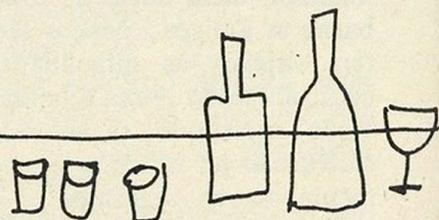
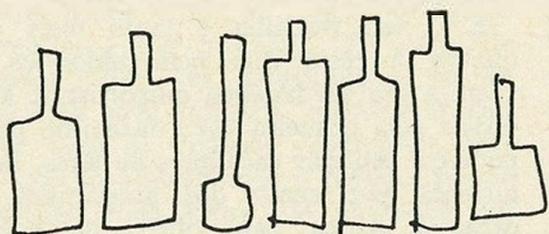
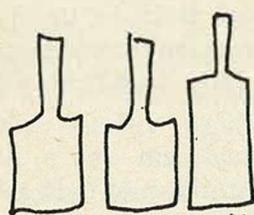
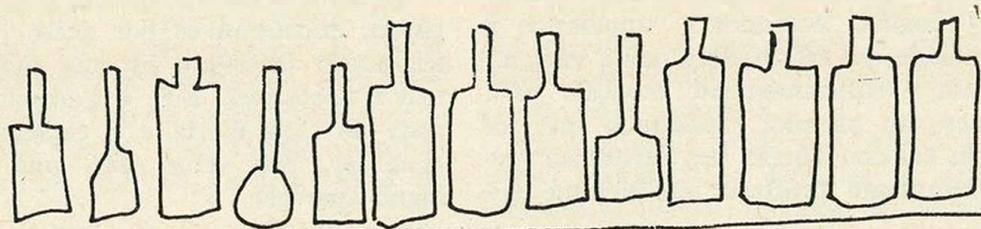
Os antílopes, na sua múltipla variedade, caçam-se todos da mesma forma procurando-os nos seus terrenos predilectos, floresta, chana ou pântano e, depois de localizados a distância apreciável, por meio de uma aproximação táctica difícil e morosa em que se tem de tomar em consideração não só a vista como o aguçado olfacto e ouvido de todos eles.

No momento actual, em que a África é apoquentada por distúrbios de toda a ordem, as Províncias portuguesas surgem como o único local aprazível para a organização de um *safari* e o Governo não se tem poupado a esforços para incrementar esta nova fonte de turismo.

Em Angola, nomeadamente, a mais rica região de caça, as afamadas «terras do fim do mundo», foi retalhada em «coutadas», nas quais duas organizações já no presente ano começaram a receber turistas.

E aquilo que dantes se antevia longinquamente reservado apenas para multimilionários excêntricos, ficou à mão de muitos outros e tornou-se vulgar. Angola e Moçambique não estão hoje mais longe do que estava ontem Bragança, e um dia de caça perfeitamente organizado, com tudo incluído, fica pouco mais caro que a diária de qualquer hotel de luxo de uma das capitais da Europa.





CARTA DE INSTRUÇÃO AO PERFEITO BEBEDOR

Noé plantou uma vinha, bebeu o vinho e deitou-se na tenda sem tomar o cuidado de se tapar. Um dos seus filhos, vendo isto, impediu os irmãos de entrar e cobriu o pai. Noé, segundo o livro de Genesis não era um perfeito bebedor. Se, mais tarde, o veio a ser ou não, é problema que fica por resolver, muito embora seja de crer que sim, porque, segundo o mesmo livro, viveu trezentos e cinquenta anos depois da cheia... o que certamente não teria sucedido se tivesse continuado a ser um bebedor imperfeito.

É que, estimados leitores, a vida do bebedor imperfeito é curta. Curta e cheia de dissabores. A vida do bebedor perfeito, ao contrário, pode ser longa e agradável. Tudo depende do grau de perfeição atingido pelo bebedor. Beber por prazer, com plena consciência do que se está fazendo, é apanágio do perfeito bebedor, essa avis rara que se vai tornando cada vez mais rara à medida que aumenta o número de bars e de indivíduos que se consideram «granfinos» por beberem «Whisk» em doses de cavalo... (Perdoem os meus conterrâneos a classificação, mas não me ocorre outra, nem vejo que a mereçam).

Admitindo por mera hipótese que algum dos leitores do «Almanaque» pretenda ascender à categoria de perfeito bebedor (hipótese improvável, mas de admitir) julgamos útil apresentar algumas regras que, a serem seguidas, poderão levar à obtenção do resultado desejado.

Começemos pelo princípio, como diria qualquer escolástico de bar. Beber é um prazer que se assemelha a todos os outros, isto é, que só é prazer desde que o homem o domine. O perfeito bebedor, como o perfeito amoroso e o perfeito jogador de football, não se entrega de braços abertos aos seus prazeres. Fazê-lo seria achincalhar o prazer e perder a consciência do que estão fazendo. Já sei, caros leitores, que há por

aí quem ande com a alma coberta por uma capa de estudante e que continue, com os olhos em alvo, afirmando que «só tem prazer quem se entrega inteiramente» e que «só ama quem se dá sem reservas». Tudo isto são cantigas, estimados leitores, que correspondem à idade mental do estudante e que nem sequer refuto porque tenho a certeza de que os leitores do «Almanaque» já ultrapassaram a fase de quem julga que os prazeres são «coisas de poetas». Se, porventura, algum dos meus estimadíssimos leitores, ainda mantiver a alma coberta pela capinha negra de estudante, que ponha de parte este artigo. De nada lhe valerá lê-lo. Continue a dedicar-se de braços abertos «aos prazeres» na certeza de que nada terá a recordar, ao morrer, senão duas ou três conversas com amigos, num café, e dois interessantes saraus literários em casa dumas meninas míopes. Cada um se diverte à sua maneira...

Ninguém ignora que as bebidas alcoólicas perturbam ao ponto de se confundirem umas com as outras. Ao fim de 14 «whisks», é indiferente beber «Whisk» ou Geropiga. Tudo sabe à mesma coisa. É claro que o perfeito bebedor não deseja chegar ao ponto de confundir «Whisk» com Geropiga. Fazê-lo seria negar-se. Daqui se vê que, ao afirmar a necessidade de dominar o prazer, o autor destas linhas não obedecia a qualquer princípio moral, mas apenas à ideia de conservar o prazer tão intenso quanto possível, durante um espaço de tempo tão longo quanto possível.

O organismo humano, estimados leitores, pode absorver uma certa quantidade de álcool por hora sem que se verifiquem alguns efeitos que todos conhecemos. Ultrapassar a medida é grave. O perfeito bebedor nunca ultrapassa a sua medida. Para que se atravessem os efeitos perniciosos que desejamos evitar, há duas regras que todos devem conhecer: as bebidas que contêm óxido carbónico

QUANDO O VINHO SOBE O ANIMAL DESCE

(na escala de Darwin, pelo menos...)

levam mais tempo a passar ao sangue e os alimentos atrasam, também, esta passagem. Se o estimado leitor, portanto, pretender estar em pé durante mais tempo do que os seus amigos, coma e misture soda nas suas bebidas. Não evite misturas para não sentir aquilo que sabemos (mas a que não faremos referência, por boa educação). Nada lucrará com isso. O que interessa é a quantidade de álcool ingerido e não a sua qualidade. Se o estimado leitor gostar de beber Vodka às refeições, nada o impede de o fazer, senão, evidentemente, o conhecimento das regras de beber bem... Dum modo geral as senhoras gostam de bebidas doces. Nada impede o estimado leitor de ser senhora se assim o desejar, senão, evidentemente, certas regras necessárias a quem deseja viver bem. (Para não se dizer mais nada...). Pelos mesmos motivos, pode o estimado leitor beber bebidas doces sem que isso incomode o autor destas linhas que, desde já, declara não atribuir a menor importância nem ao estimado leitor nem às suas preferências. Se gosta de coisas docinhas que as beba. De qualquer forma fica aqui bem expresso que o bom bebedor só gosta e só bebe bebidas secas. É uma regra como qualquer outra. O Leitor não tem de a seguir. Para cada hora do dia, para cada prato, para cada estado de espírito, existe uma bebida aconselhada pela prática. É claro que o estimadíssimo leitor vai reclamar contra esta afirmação e vai dizer que bebe o que gosta e que se «está nas tintas» para as regras. Todos dizemos isso aos vinte anos. Mostra muita independência e muita personalidade. A quem pense assim fazemos, apenas, uma pergunta: já se lembrou de comer alheiras de Mirandela cozidas em sumo de laranja e temperadas com canela e chantilly? Não? Porque não? Acredite que é capaz de ser ótimo. Mesmo que o não seja, comendo este prato, o estimado leitor confirma a sua personalidade e mostra ao



Ao 1.º copo — Homo Naturalis

Ao 2.º copo — Papagaio
(com a fluência do falador recalcado)

Ao 3.º copo — Leão
(a coragem dos bem bebidos)

Ao 4.º copo — Macaco
(quando as palavras faltam,
os gestos são tudo...)

Ao 5.º copo — Porco
(a santo e porco sono de borracho)

mundo que é uma pessoa independente. Cada um come o que quer e o autor destas linhas confessa, humildemente que prefere as alheiras cozinhadas «à Tribial». É claro que todo este discurso pode ser inútil. É possível que o leitor já tenha compreendido esta regra fundamental da vida: a maioria das pessoas que desprezam as regras de bem comer são aquelas que as não conhecem ou que, por sofrerem de úlceras, só podem beber leite às refeições... (Esta regra, aliás, aplica-se a tanta coisa e explica tanta coisa...).

Vejam, portanto, o que se deve beber como aperitivo. Os americanos lançaram a moda dos cocktails e não lhes devemos levar a mal que o tenham feito. Se o autor destas linhas fosse snob, diria que ninguém tem culpa de nascer americano. São coisas que acontecem. Como o autor destas linhas não é snob, dirá apenas que a América é uma grande nação. Mesmo muito grande. (Tem 48 estados). Se o estimado leitor gosta de cocktails, que os beba. Mal não lhe podem fazer. De qualquer forma não se esqueça de que, para quem deseja almoçar, encher o estômago de líquido, não é aconselhável. O Gin-Tonic, por exemplo, é um aperitivo delicioso desde que seja tomado uma hora antes da refeição, o que talvez não obtenha a aprovação do chefe da repartição já que, na sua grande maioria, os chefes de repartição são alérgicos ao espectáculo de funcionários com bebidas alcoólicas sobre as secretárias durante as horas de «expediente». Nestas circunstâncias recomenda-se o Gerez, o vinho do Porto seco ou o delicioso Madeira.

E às refeições? Não diga nada, estimado leitor. Já sabemos que não bebe às refeições. Nenhum de nós bebe às refeições mas, se bebêssemos, que beberíamos? A regra é simples, mas não é rígida: com peixe bebe-se vinho branco e com carne bebe-se vinho tinto. Esta regra, porém, tem excepções. Os pratos cozinhados com vinho branco (ainda

que sejam de carne) devem acompanhar-se de vinho branco e os pratos cozinhados com vinho tinto (ainda que sejam de peixe) devem acompanhar-se de vinho tinto. Existem outras excepções a que não faremos referência por motivos que, também, não referiremos. Levanta-se, agora, o problema do bacalhau. No que diz respeito ao bacalhau, as opiniões dividem-se. Uns sustentam que o bacalhau se deve acompanhar de vinho branco, outros de vinho tinto e outros, ainda, de bicarbonato. Tudo depende das idiosincrasias pessoais de cada um. O autor destas linhas opta pelo vinho tinto mas prefere não explicar os motivos da sua preferência. (Não os conhece).

Depois das refeições é tradicional não beber Vermouth, embora haja espíritos fortes que não obedecem a esta regra. Se o estimado leitor quiser beber Vermouth depois de jantar, que o faça com a consciência tranquila. É mais uma maneira de mostrar que não é «uma Maria, vai com as outras». As pessoas com menos personalidade do que o estimado leitor costumam beber Cognac ou vinho do Porto depois das refeições e há, até, quem beba um licor. Últimamente surgiram, mesmo, certos indivíduos que leram ser de «bom tom» aquecer os balões do Constantino e, possuídos dum desejo súbito de mostrar que tem o tal «tom» a que nos referimos, dão aos convivas cognac quente. Não há qualquer razão para o não fazerem. É um progresso como qualquer outro e o autor destas linhas é tão amigo do progresso como o estimado leitor.

E damos por finda esta modesta carta de instruções que teve, pelo menos, o mérito de dar indicações que todos já conheciam. Ainda bem. Nada há de pior que certos «originais» que para aí abundam e que, de quando em quando nos vêm ensinar coisas novas como essa do cognac quente e do Vermouth depois de jantar.

A ARTE MUDA E SURDA DE CRITICAR

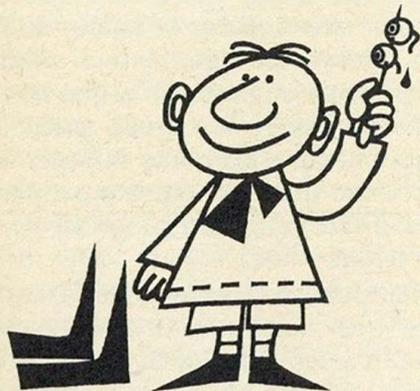
O **brave new world** parece destinado à estereotipia de quadrinhos, ao analfabetismo orgulhoso e à mecanização mental e sanguínea. Diz-se isso, pelo menos. E os espíritos mais previdentes começaram já a contra-ofensiva, atacando tudo em geral e as histórias de quadrinhos em particular.

Não se compreende. Vivemos inconscientemente na Idade dos **Comic Strips** — mal disfarçados, verdade seja. Condena-se a literatura em quadrinhos e para apreciar a boa, a verdadeira, a ÚNICA literatura a quase totalidade dos críticos faz prosa doutoral em quadrinhos.

Na realidade, um crítico literário quando se senta à banca põe à sua frente uma fileira de fotografias de autores (passados, presentes e futuros) e a cada frase que deita ao papel pisca o olho poderoso e aponta cada uma das fotos. «Esta insinuação é para ti. Toma, que já vais ver». E escreve sagazmente juízos de alta importância. Tem diante dele várias folhas de papel. Não se vêem os quadrinhos mas existem. Estão lá em tinta simpática e correspondem rigorosamente aos quadrados da esquadria cerebral do erudito crítico. E o erudito crítico enche os quadrinhos com tudo o que muito bem entende.

Responder assim à literatura é tão mauzinho como responder à desmoralização do tempo com hinos do Exército de Salvação.

desenhos de João Abel Manta



*as pupilas do
senhor reitor*

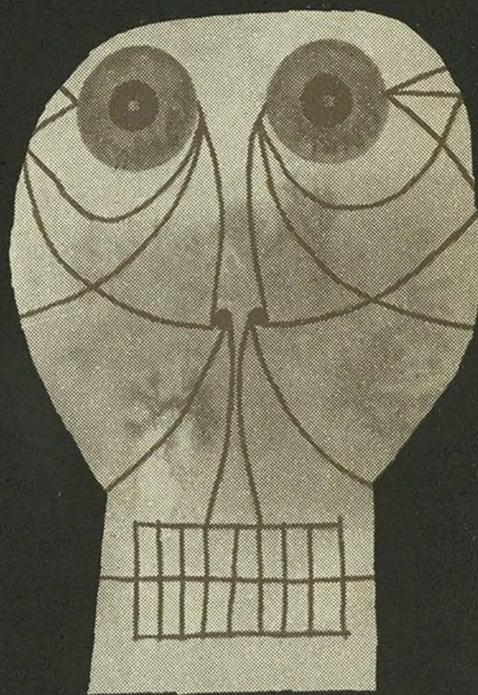
Não se resolve nada; provoca-se angústia e tédio nas boas consciências e entra-se em delírio de abstracção.

ALMANAQUE, inimigo declarado de todos e quaisquer quadrinhos, considera que não há melhor réplica a essa epidemia do século do que o «cartoon». Nem prosa, nem números. Nada. Só o «cartoon» pode anular as narrativas em sequência abonecada que se exportam em longas tiras de celulóide, prontas a entrar nas rotativas e a prosa «enquadrada» de muitos críticos. E por assim pensar, incumbiu João Abel Manta da ingrata tarefa de «redigir» em moldes condignos as apreciações literárias que se seguem. Uma vez, pelo menos, a crítica literária não apareceu em quadrinhos — facto assinalável nos tempos presentes e que os vindouros hão-de saber apreciar com a devida justiça. Assim seja.



Roger Vailland a roda da Fortuna

Roger Vailland a roda da Fortuna



LES MAUVAIS COUPS

de

Roger Vailland

finalmente em português

Na Coleção Sucessos Literários

da

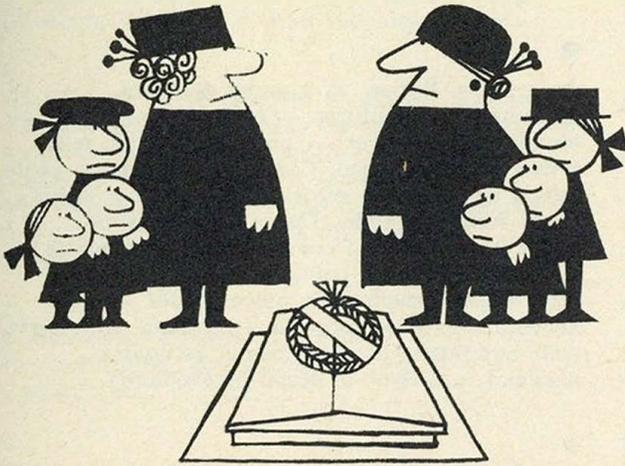
Editora Ulisseia



aimez-vous Brahms?



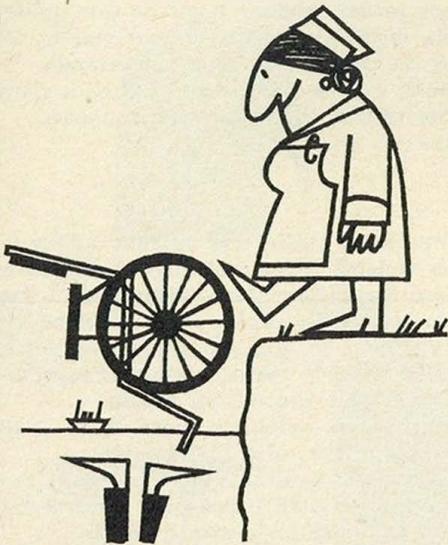
nana



death of a salesman



les fleurs du mal

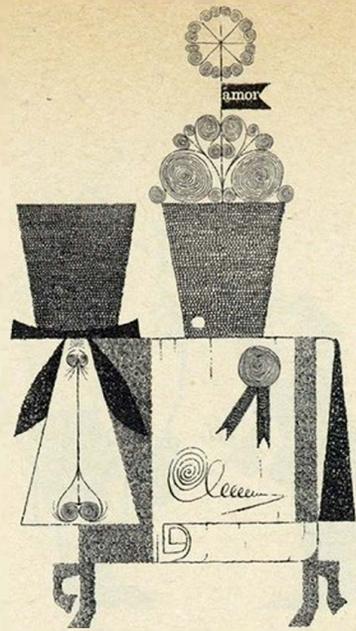


the old man and the sea



le rouge et le noir

O PIOR SÃO AS FILIGRANAS



- O pior são as filigranas. A filigrana está para o português como a folha de amoreira para o bicho-de-seda. Não conhecem outro alimento. Vocês as têm, vocês as comem, vocês as mastigam, vocês as digerem.
- Há, cá em casa, filigranas económico-financeiras, filigranas superiores técnico-funcionais de cimento, filigranas histórico-literárias (de grande mastigação), filigranas género «forte-rural-drama da terra», filigranas «folclórico-turístico-capristano».
- Há ainda filigranas pauliteiras de Miranda e filigranas Bairro Alto — Tremoço.
- Filigranas «Alta-Costura» crítica, filigranas poéticas pescadinhas de rabo na boca, inofensivas como o bicarbonato, cheias de «palavras — trapos de cores», enroladas como o «tricot» das nossas grandes Sagans de Fornos de Algodres.
- Há filigranas legais cheias de requincofes retorcidos; há filigranas policiais, aduaneiras, camarárias, hoteleiras.
- «Filigranas» é esmiuçar, fazer tudo em pequenino, acabadinho, engraçadinho; reduzir tudo a curvazinhas enroscadas, inspiradas na geometria do burrié de arame dourado.
- Fazemos filigrana de tudo — na incapacidade total de ter imaginação ultrafiligranada. As nossas leis são cheias de pormenores, de curvazinhas, de meticulosidade de «cata-que-farás», de «rabiobinhos» solenes e de cauda.
- As grandes linhas, as grandes soluções, as matrizes condutoras — essas não as vimos — escapam-nos. Temos as unhas aparadas, mas temos as mãos sujas. Copiamos, em geral, tarde, mal e em filigrana retocada, de prata a fingir ouro. Fingimos tudo. Desde o patriotismo que é para nós uma colcha bordada ao matiz de lugares comuns (quando se trata de dizer este tecido é melhor do que o inglês — nós ao contrário mudamos-lhe a etiqueta para servir com humildade espertalhona a estupidez nacional, e dizêmo-lo *Made in England*).
- O nosso cacau vai a Londres transformar-se em bombons ingleses e volta a Lisboa por cinquenta vezes mais o preço por que o vendemos. As francesas «cocotes» em voga, têm nos nossos jornais melhor lugar do que qualquer artista da terra. Quando queremos vender vinho, sardinhas ou cortiça, fazemos um «stand» de arromba, que se parece com todos os outros à base das outras filigranas internacionais em moda.
- Como atracção a Itália tem as suas forças e as suas vedetas turísticas: Miguel Ângelo é ainda o seu melhor agente de excursões. A França mostra as pernas no «Folies», as «galerias Luís XIV», com os seus escritórios em Versailles, além das estreias de vários filmes: «Peugeot» — suspense! (às 4 rodas), «L'affaire des Barricades» — celulóide chato como os temas das guerras sulistas. «La Simphonie» — «nouvelle vague» (o drama do empregado bancário que matou 18 filhos para fazer pirraça à mulher que o enganava com o patrão), grande prémio de Veneza com 8 óscares de plástico.

● A Espanha, essa costuma parir um Palito por ano para o toureio da arena, outro para o toureio do palco e outro para o toureio do murro (de box), outro ainda para o cinema, tudo com molho de Semana Santa, «Feria», laranjas e torrões de Alicante, Olé!

● Há ainda a Inglaterra, que ostenta um bocado coçadas as fardas dos «Horse-Guards», os cavalos do coche da Great Pageantry, com reumático, e o obturador do príncipe-fotógrafo fechado.

● Só depois, ainda turisticamente, vem a filigrana do cemitério judeu de Praga — e os dois grandes negócios turísticos que foram o Ano Santo e os Jogos Olímpicos, as Pirâmides com os tanques do Faraó Nasser e o Carnaval do Estoril enquanto houver vedetas fracas e escudos fortes para virem cá comer à custa do «Papá Teodoro» e dizer mal desta aldeia.

● Há 10 anos certos escrevia eu em «O Século»: «Os polícias cronométricos da baixa lisboeta que fiscalizam o «parking» contra-relógio, são filigranas vivas. O esmero científico, o rigor matemático, a pontualidade inglesa, a técnica suíça, são uma obra-prima de filigrana delicada e nacional».

● O minucioso, o culto do pormenor, do exactozinho, do mesquinho — é a própria raça a falar.

● Ainda não há muito, quando os racionamentos impunham nos restaurantes de Lisboa restrições ao consumo, nasceu uma girândola de filigranas legais. Fomos autuados porque num

restaurante de luxo decidimos comer a salada num pequeno prato ao lado, como se faz em todo o mundo. A ordem é que havia um só prato ao jantar, e a autoritária autoridade fez-nos emborcar, com azeite e vinagre, as folhas de alface sobre a carne assada. E quem quisesse comer um bolo à sobremesa tinha de mudar de cadeira e ir pedir o café e a g.loseima na mesa ao lado, porque era proibido comer doce ao jantar. Tudo filigrana.

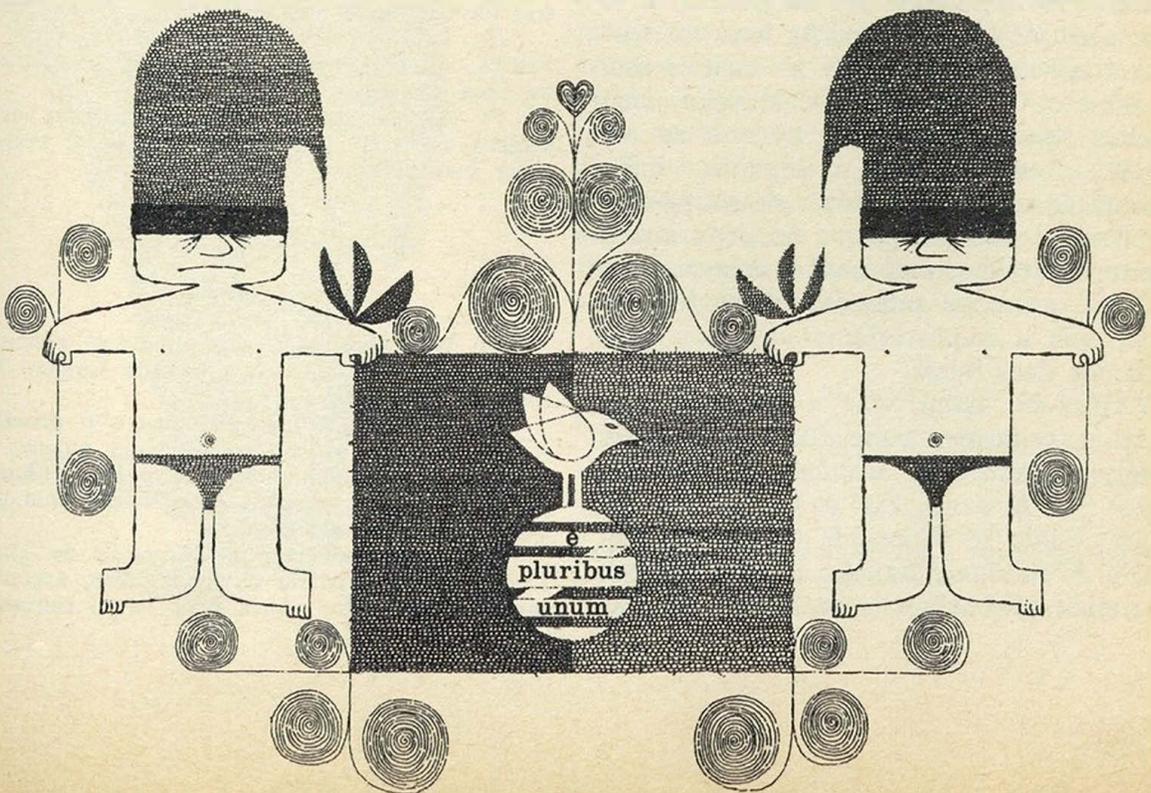
● Em Madrid, numa revista, o autor pôs em cena um homem de farfalhudos bigodes que só dizia: «Vossa «insolência» coitadinho do menino, pequenino, obrigadinho». O actor não dizia mais nada mas todo o público percebia que se tratava de um português.

● Do Amor ao Pugilato — tudo é filigrana cá em casa. O próprio varapau é filigrana no ar e quando os espanhóis matam a rojão, nós espetamos uma bandeirinha de papel de seda, filigranada, a voar...

● A própria história pátria está cheia de filigranas literárias: «é esta a moeda com que El Rei de Portugal paga os seus tributos»; «mais vale ser rainha uma hora do que duquesa toda a vida»; «pode tanto cada um em sua casa que mesmo depois de morto são precisos quatro homens para o levar». Estes são os avós dos «discursos de posse».

● Filigrane-se o burro à vontade do donco.

LEITÃO DE BARROS



VESTIR

PARECERES & NÓTULAS
A UM EXEMPLAR ENSAIO
VERSANDO A MODA É
DECORRENTES MALEFÍCIOS,
COMUNICADAS POR JOSÉ SEZIN-
NANDO, HOMEM DE CULTURA VASTA,
PORÉM CONFUSA.

Seja como for — e é-o, sem dúvida —, Thoreau recomendava prudência perante «todos os empreendimentos que exijam o envergar de roupas novas». Não é, porém, menos exacto que, quando Sócrates, agonizante, lembrava: «Cryto, devemos oferecer um galo a Asclepius; não te esqueças de tratar disso», o filósofo grego se ocupava dum assunto que não vem a propósito (1).

Oferecerá dúvidas o interesse da questão?

Almeida Garrett, sempre *dandy*, vestia calções à inglesa — e a inglesa ria-se muito enquanto ele lhos vestia. Os 12 Pares de França usavam doze pares de meias (2). Ninon, provavelmente, foi de Lenços, e so uma corruptela a crismou. As onze mil virgens trajavam vestidos até ao chão e sem decote (3). Os bordados da Madeira estão sujeitos simultâneamente à traça e ao caruncho. Tentar evitar a hipofilia duma senhora de redingote é inútil: do *riding-coat* à redingote veio um passo. Ao declararmos que reprovaríamos uma mulher escassamente vestida, queremos subconscientemente confessar que a re-provaríamos — que a provaríamos duas vezes.

Verifica-se, assim, que a elegância está inextrincavelmente associada aos sucessos históricos, artísticos, económicos, políticos, éticos (4). A moda faz o homem da sua época. Como se depreende do apelido alemão e do *sobriquet* francês, Beau Brummell foi o mais célebre janota da Inglaterra. Mas

foi-o apenas porque usava água-de-colónia marca «Beau Brummell». E uma mulher é mais mulher se usar o perfume «Femme» (5). Henrique IV de França terá realmente mandado chacinar os huguenotes? ou terá apenas resmungado, entre dentes — e daí esse comentário ter sido mal interpretado — que queria abolir os capotes? Se Richelieu era tão pouco espirituoso, por que razão se falará tanto no «ponto» Richelieu? Sabê-lo-iam os três mosqueteiros? (6)

Terá certamente o leitor notado que grande parte da exemplificação expendida se reporta a figuras da história francesa. Não foi por acaso. A afirmação de que a França é a pátria da moda não pode ser rebatida (7).

Atente-se em que são de origem francesa os vocábulos *toilette*, *bâton*, *bathyscaphe*,

(1) É esta, pelo menos, a opinião de Kraft-Groppell. Em sentido contrário, consulte-se a tese de Groppell-Kraft.

(2) Tudo leva a crer que os 12 Pares de França, quando visitaram Portugal, pernoveram na Casa dos 24.

(3) A cada par de França competiam 916,5 virgens, ou seja 458,3 a cada meio-par. Pode o leitor verificar:

$$\frac{P}{2} \times 11.000 V = 12 \times x V$$
$$x = 458,3 V$$

(4) Não chegou a pronunciar-se concretamente sobre este assunto o italiano Luigino Marcutto (1903-1905).

(5) Algumas têm a «Femme» e o proveito.

(6) A cada virgem correspondia 0,00027 de mosqueteiro. Reconheça-se que não era muito. Em compensação, segundo Júlio Verne, cada uma tinha 1,8 léguas scubmarinas.

(7) A não ser com a afirmação de que a França não é a pátria da moda. Mas, argumentando desse modo, nunca mais daqui sairíamos.



rouge, madame, banlieue, décapotable, dior, rigolo, camembert. Tomando estas 10 palavras como uma amostragem típica da língua francesa, verifica-se que 4 dizem respeito à *coquetterie*. O rigor da análise estatística revela-nos, pois, que 40 % dos vocábulos do idioma de Madame de Sévigné se relacionam com os atavios e o embelezamento.

Em contraste, este exame mostra-nos que nenhuma destas palavras é dinamarquesa: na Dinamarca é portanto de 0 % — ou seja, inferior àquela em 40 % — a percentagem que investigamos. Noutros países europeus, a percentagem não chega a atingir uma média. Resultados diferentes se obtiveram, é certo, na Austrália, mas isso é levar as coisas longe demais: a estatística não pode abstrair da Estadística ou ciência do Estado, como já entre nós preconizava Sebastião José de Carvalho (*). Isto para não aludirmos ao nível atingido por este índice no País de Gales, demasiadamente significativo para ter qualquer significado (*). E, se remontássemos à antiguidade clássica, aperceber-nos-íamos de que na Grécia, ao contrário do que sucedia em Roma, se empregava correntemente a expressão «*em Roma, sê Romano*» — observação esta que nos leva a abandonar prontamente a antiguidade clássica a que havíamos remontado⁽¹⁰⁾. Esta pesquisa, aliás, bem poderia recuar até à Lei das 12 Tábuas⁽¹¹⁾.

(*) Mais tarde Sebastião José de Carvalho e Melo.

(*) Lawrence e Santos, concordando nas permissas, divergiram nos conclusões e acabaram por ceder as quotas na sociedade.

(10) Cf. Heródoto, «A Retirada dos 10.000» — em relação aos quais apenas 1.000 virgens sobejavam. Os tempos eram outros.

(11) Cada um de França tinha meia tábuas.

A celebrada batalha entre os sexos atinge particular violência no domínio do vestuário. Disputas e questões constantes não lograram, até hoje, apurar se é a mulher ou o homem quem mais se arranja, mais se trata, mais se lava (12). O problema coevamente tornou-se extensivo às próprias crianças (13): os anúncios de pasta dentífrica representam um sorridente casal com filhos, donde decorre por um lado a perfeita inocuidade do produto e por outro lado a sua ineficácia contraceptiva; os bazares de brinquedos vendem resmas de «Harper's Bazaar» à sua específica clientela; nos casamentos elegantes, a *toilette* da noiva é tão rigorosa quanto a de seus filhos que lhe pegam na cauda (14).

Os resultados deste precedente repercutiram-se validamente na circunstância determinante da causalidade condicional, com incidências colaterais no ambiente em que se processava, do mesmo passo, o estádio ecológico a que poria termo — ilusório, aliás — o alternado sobrelevar dos caracteres mágico-sociais que Schlimmell teorizou pertinentemente num escorço porreiríssimo (15).

Cabe, neste ponto, fazer um indispensável parênteses. Ei-lo: (

). E prossigamos:

O axioma teutónico «Übung macht den Meister», se não significa «pelo andar da carruagem se vê quem lá vai dentro», signi-



(12) Eruditamente, Ana Plácido dizia a Camilo: «O *homo* lava mais, Branco.»

(13) Simone de Beauvoir, em «Le Troisième Sexe», não versou este problema. Teve toda a razão.

(14) Poder-se-á talvez dizer que este argumento é *a posteriori*.

(15) Sobre Schlimmell poderão os interessados reler, com proveito, esta frase.



ficará pelo menos qualquer outra coisa ⁽¹⁶⁾. Na verdade, não desapareceu ainda a crença de que a cada grupo ou classe social corresponde necessariamente um tipo definido de vestuário, espécie de índice exterior de casta ⁽¹⁷⁾. Pelo traje se distinguiria um banqueiro de um contínuo, um cantor de ópera de um camponês, um oficial do Exército de uma freira.

Mas esta teoria não só tem vindo gradualmente a ser abalada pela evolução social, como o seu emprego concreto é frequentemente falível: como diferenciar, com base nela, as estirpes de duas mulheres em *bikini*? E quem se lembra de querer diferenciar as estirpes de duas mulheres em *bikini*? ⁽¹⁸⁾

Resumindo: este critério, sobre ser regressivo, poderia quando muito ser aplicável com bom-senso, com imparcialidade, com auto-crítica ⁽¹⁹⁾. Ao leitor se recomenda o maior cuidado ⁽²⁰⁾.

Afirmar o contrário não é mais do que patentear que se desconhece inteiramente o problema das relações entre moda e sociedade. O que é quase tão vexatório como confundir Henry James com James Joyce com Joyce Cary com Cary Grant com Grant Wood, ou «O 93» com «Os 45» de Victor Hugo von Hoffmannstahl ou Denys de La Valière com Louise de la Pâtelière ou Schiller com Max Scheller com Max Schmelling com Max Weber ou Jean Maurois com Maurice Barois com André Barrès com Charles Malraux com André Maurras com André Siegfried de Wagner ou Pierre Emmanuel do Nascimento ou John Dos Paços d'Arcos.

JOSÉ SEZINANDO

⁽¹⁶⁾ «Por que é que vais com quem, quando, para onde?» — costumava perguntar Wagner ao Grão-Duque do Schleswig-Holstein. Nunca obteve resposta.

⁽¹⁷⁾ Sobre *Casta*, consulte-se Suzana.

⁽¹⁸⁾ A designação do próprio tecido *piéd de poule* não pode ser tomada au pied de la lettre.

⁽¹⁹⁾ Exemplo de auto-crítica: «O teu automóvel está pintado duma cor muito feia.»

⁽²⁰⁾ Ou, como sustentam os penhoristas: todas as cautelas são poucas.

QUEM NÃO QUER SER OMEM

Introdução à zoologia da farda

Engana-se quem pensar que peças de vestuário são somente peúgas, cuecas, calças, casacos, camisolas, camisas, laçinhos, laçarotes e coletes. Engana-se redondamente. Pois, se a peça de vestuário é o inestético apêndice chamado gravata, peça de vestuário é igualmente a barba. A barba ou os óculos, os óculos ou o cachimbo, o cachimbo ou o penteado, o penteado ou os anéis, os anéis ou as unhas, tanto faz. Além disso as unhas ainda podem ser: curtas, compridas, limpas, sujas, polidas, envernizadas ou roídas.

Às peças de vestuário, por estranho que pareça, não falta também o banho. Há indivíduos que vestem um banho por ano, um banho por semana, aos sábados, um banho dia sim, dia não e um banho por dia. Estes últimos rareiam.

Os que não usam banho podem usar perfume, barato, caro ou de contrabando, loção de barba, sempre de contrabando e, os requintados, pasta dos dentes nas ocasiões festivas.

Com uma sábia combinação destes elementos e com a ajuda dos engraxadores profissionais, que felizmente abundam, consegue o português médio vestir bem, segundo a abalizada opinião do dono da Alfaiataria Nunes Correia, perito no assunto.

Mas, visto que o português médio é apenas uma noção abstracta, uma imagem de retórica parlamentar, convém não esquecer que

o conceito de vestir bem varia de pessoa a pessoa, de lugar a lugar, de classe social a classe social. Por exemplo: Estará bem vestido certo frequentador do Café Chiado, estaria bem vestida essa mesma criatura nos seus tempos da «Mansarda»? Que está vestido não oferece dúvidas, tem o cabelo para a frente, óculos de aros grossos, barba, cachimbo, camisola, calças, supõe-se que cuecas e meias. Porém, atrevo-me a confessá-lo, usa farda. Uma farda de tipo especial, que pode variar nos pormenores ou no cachimbo, sem que nada perca da essência divina que a constitui. E, assim, chegámos ao nó da questão, as fardas.

A que descrevemos pertence à Arte, Tem a distingui-la, além do ar melancólico, o «de-qualquer-maneira», as cores vivas, o «meus-senhores - eu - vivo - do - espírito - e - para - o - espírito - e - não - me - preocupo - com - futilidades», um subtil aroma de Montmartre, para uns, de Ópera, para outros. Impressiona quem a não conhecer. Demais, o lusitano, o bom lusitano, informou-nos o alfaiate Nunes Correia, não gosta de atrevimentos e ainda faz o favor de se chocar, dando provas de uma extraordinária delicadeza, o que muito alegra qualquer segundo cabo do Exército do Belo, do Eterno e do Verdadeiro.

Mais ou menos ligada à supracitada agremiação, existe a Divisão do Fado. Vive de

NÃO LHE VESTE A PELE

noite, traz gravata de cetim e nó largo, dez escudos em qualquer vendedor ambulante, calça afunilada sem bainha, seguindo os irrecusáveis ditames da moda italiana, que nada custa a seguir, dado que não agrava o orçamento e até faz poupar fazenda, fato às riscas e sapatinho de fivela como as pastorinhas de Bernardim Ribeiro ou Luís XV, de acordo com as mais antigas tradições da escola marialva. Nota: O fadista prefere o bigodinho à Alberto Ribeiro, à barba e, quando numa peça da escola, tem a «Severa» do insigne Dantas se grita: «Filha maldita que desonraste as minhas níveas barbas!», a apóstrofe, na ausência das mesmas, deve ser entendida em sentido figurado.

Por outro lado, os que se abotoam com latão classificam-se em três grupos, consoante os casos, circunstâncias e atenuantes: contínuos ou porteiros, gerais ou cadetes, filhos famílias ou travestis.

Acatando uma tradição de oito séculos, vamos começar e acabar no fim, na maior e mais conscienciosa balbúrdia.

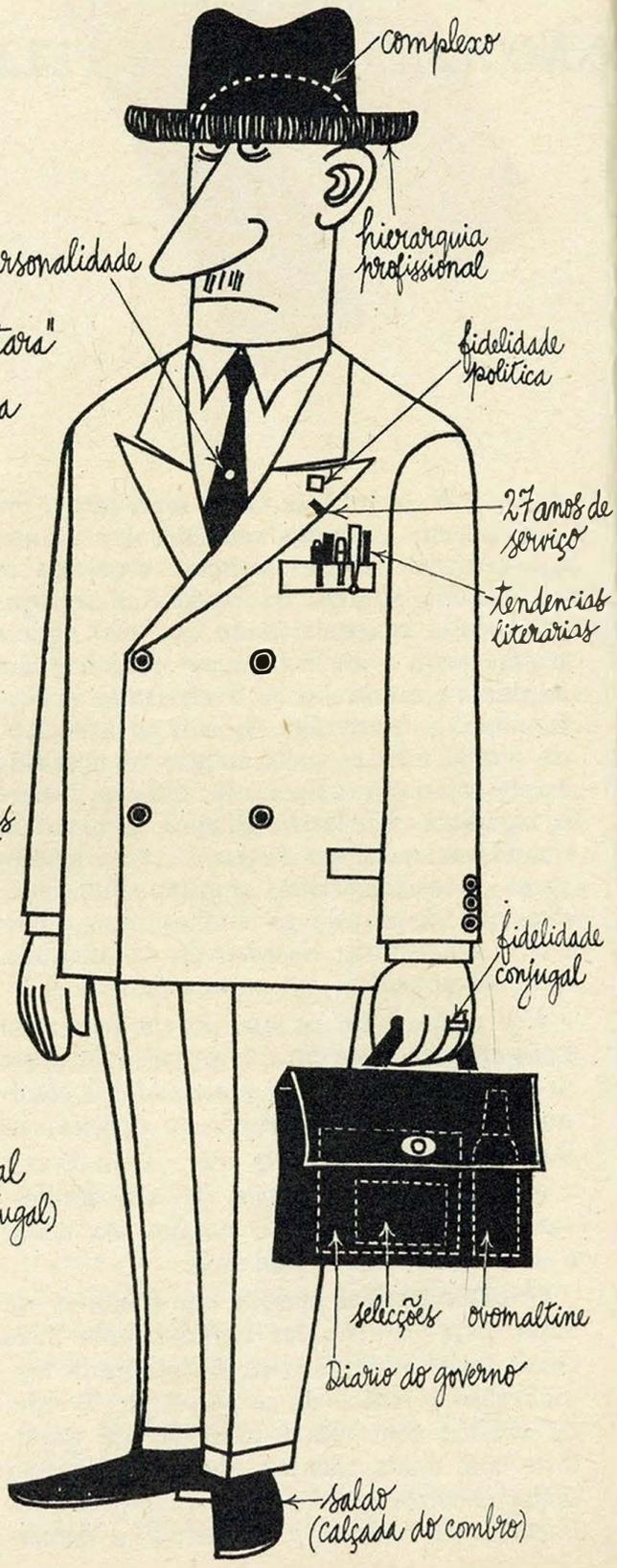
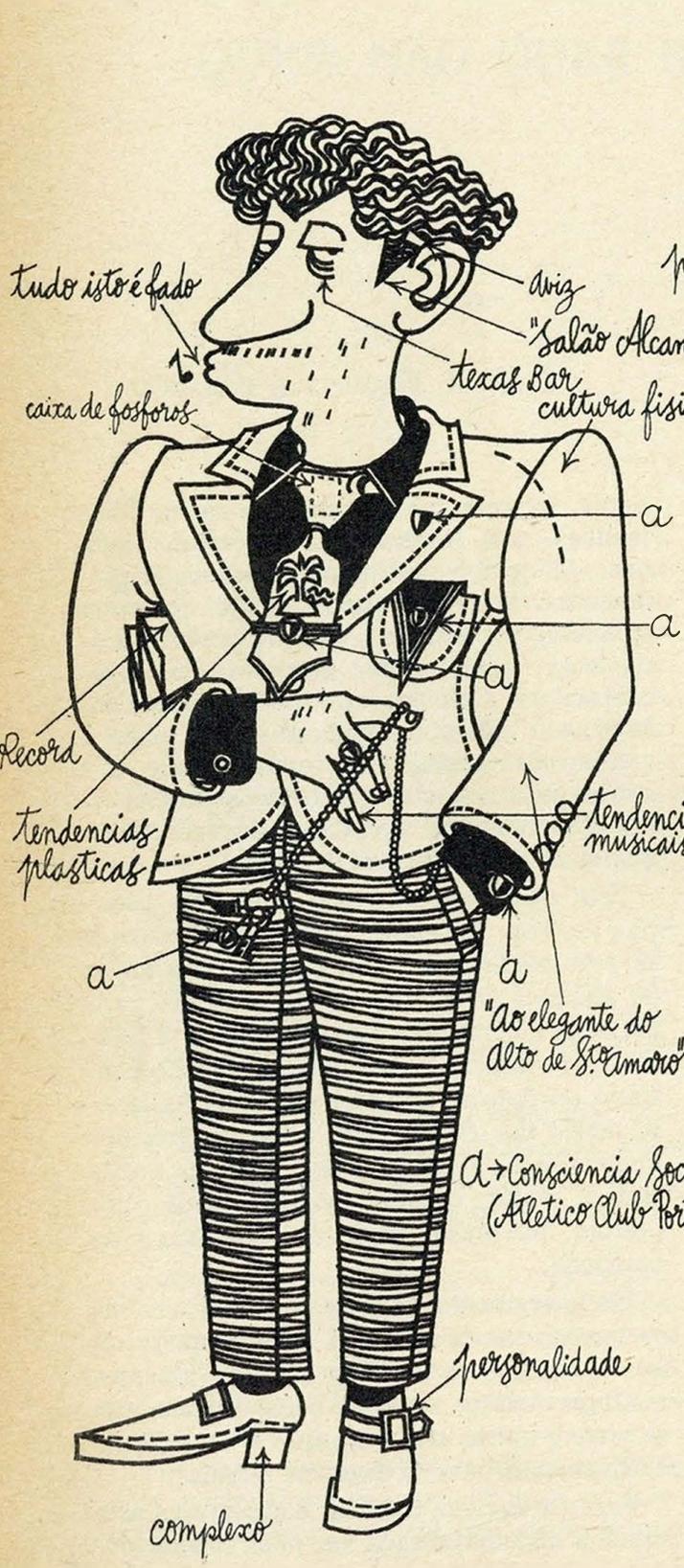
O filius familias nasceu em Roma e, de então para cá, não fez rigorosamente mais nada, salvo multiplicar-se, no propósito maquiavélico e sádico de se perpetuar. É filho de médico com muita clientela, de arquitecto com muita clientela, de advogado com muita clientela ou, fora das ditas profissões liberais, de banqueiro, industrial e comer-

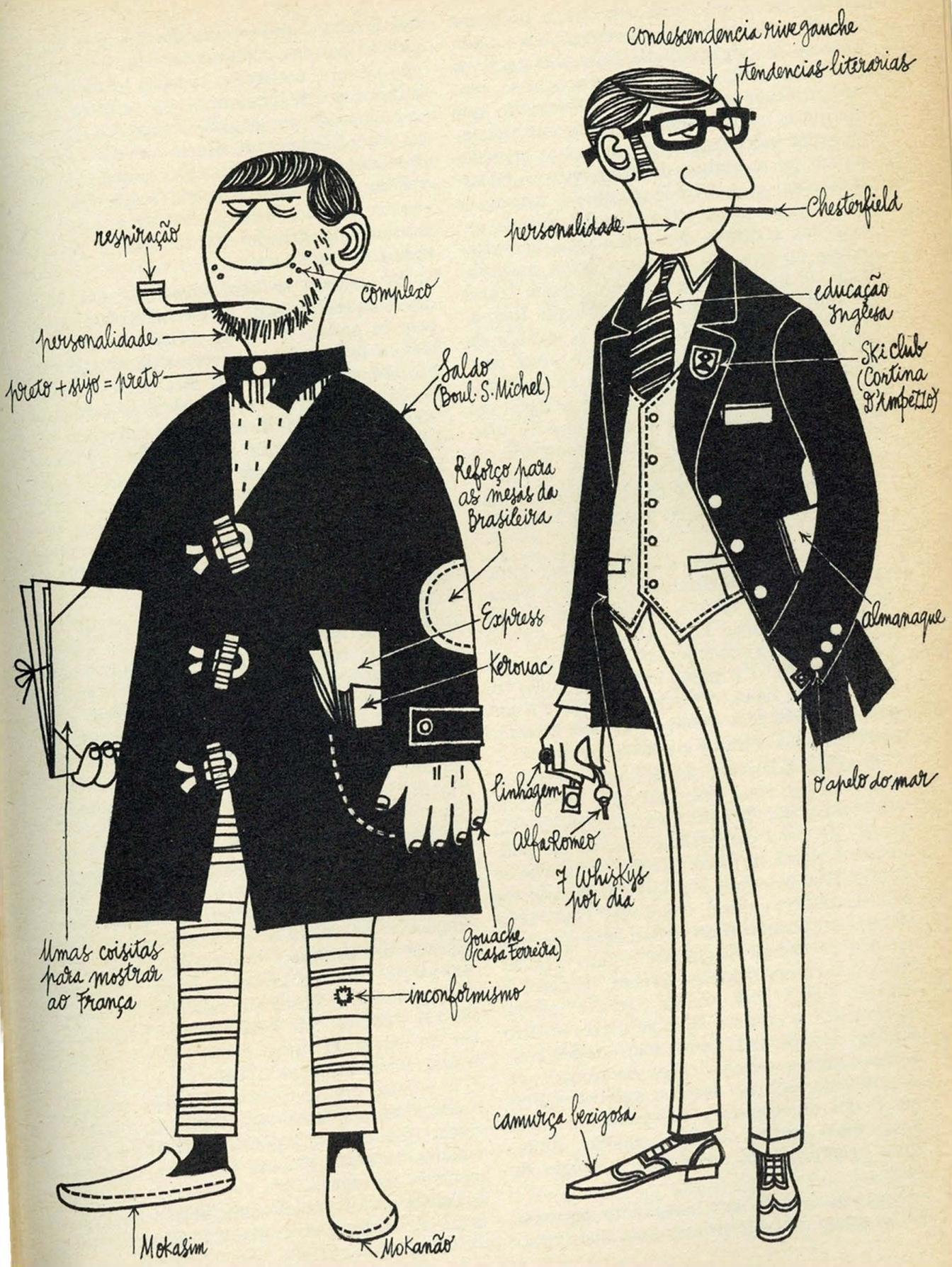
ciante. Veste como vê vestir os outros filius familias, sem nenhuma nota pessoal, ainda que, de quando em quando, mude de preferências. Prefere o que os amigos preferem e os amigos preferem o que ele prefere. Inútil tentar compreender e mesmo perigoso, conheci um sociólogo experimentado que faleceu sem nunca conseguir descobrir onde é que a cobra começava a mudar a pele, por outras palavras, qual era o incomparável filius familias que decidia gostar de verde quando todos gostavam de azul.

Este espécimen ancestral milita na discriminação, na boa qualidade, detesta os excessos e as extravagâncias, gosta de boa fazenda e de alfaiates caros. Cliente da «Sabóia» para gravatas e camisolas e do «Lourenço & Santos» para casacos e mais apetrechos. Ao contrário do fadista, não traz emblema na lapela, anéis nos dedos, nem mola na gravata. Penteia-se de risca ao lado, limpa as unhas sem as pintar, é enfim um modelo de compostura, fervoroso adepto do beija-mão e da limonada.

Exclusivamente para se fazerem notados e convencidos de que são uma bandeira de inconformismo e cosmopolitismo, algumas criaturas tentam vestir-se como julgam que se vestem outras criaturas, que se vestem exclusivamente para se fazerem notadas.

Fazer-se notado, todavia, é agora uma arte difícil e um campo cada vez mais concorrido.





respiração

personalidade

preto + sujo = preto

complexo

Saldo (Boul. S. Michel)

Reforço para as mesas da Brasileira

Express

Kerouac

linhagem

Alfa Romeo

7 Whiskys por dia

Gouache (Casa Torreira)

inconformismo

umas coisitas para mostrar ao França

Mokasim

Mokanáo

condescendência rive gauche

tendências literárias

personalidade

Chesterfield

educação inglesa

Ski Club (Cortina d'Império)

Almanaque

capelo do mar

camurça borçosa

De tal modo que, hoje em dia, o problema se põe com permissas diferentes para os ambiciosos de originalidade. Não se trata já de sobressair entre os que tentam apagar-se, mas de sobressair entre os que sobressaem, que são quase todos. Porém, se todos sobressaem, ninguém individualmente chama as atenções e para ter o mínimo de êxito torna-se necessário tocar os extremos. Contudo, mesmo os próprios extremos estão superlotados de extremistas e dentro dos extremistas de extremistas do extremo. Assim a única possibilidade de marcar para os que querem trazer na roupa uma chapa de identidade inequívoca é recorrer a meios a que o instinto da espécie reage. Vestuário não será nesse caso apenas o contido nas categorias atrás descritas, não será apenas o lenço de pescoço em cores berrantes, a calça a um palmo do chão e justa a rebentar, o cabelo comprido, o «anorak», as unhas envernizadas, o casaco sem bandas, rachado e de cinco botões, mas a própria maneira de se mover de falar e de olhar.

O teatro, o bailado e o jornalismo fornecem abundantes exemplares à classe e o burguês respeitador teme-a, teme-a com desdém e graças grosseiras. E, se alfaiates, como Cecil Gee, londrino com sucursais um pouco por toda a parte, e o nosso camiseiro Adão vivem à custa deles, o teatro, a dança e o jornalismo nada têm ganho com isso, excepto nos casos de Cocteau e sucedâneos espirituais.

E agora falaremos do defunto outra parcela vital da nossa demonstração. O defunto é o homem que cruzamos na rua, envolto em panos de tons carregados, sapato de polimento e pasta na mão. Regra geral sabe-se donde veio e aonde vai quando circula no seu «habitat» natural, Cais das Colunas e paragens circunvizinhas, e também que traz chapéu na cabeça de propósito para o poder tirar em certas ocasiões solenes. Enfeita-se com «V. Ex.^a pode contar comigo», pérola na gravata e casacos tipo jaquetão, quatro botões, dois de cada lado, mais respeitáveis e resistentes a certas flexões de tronco que o protocolo, se não impõe, agradece. Freqüentador de enterros e de casamentos, fala dos velhos tempos e deles guarda ainda, como recordação pia, o colete e relógio de cadeia.

Embora defunto este cavalheiro reproduziu-se e tem filhos ilegítimos que, mais coça-

dos e menos graves, se esforçam por lhe seguir as pisadas. Contudo a estes o ordenado não permite o chapéu, excepto se for tirolês, a pasta e o polimento, tendo os infelizes de se contentar com os artigos expostos na montra da «Elegante do Rato» ou da «Central de Campo de Ourique». Em matéria de inovações eliminaram o colete e adoptaram o sapato chinelo, esforço inventivo capaz de cansar uma geração de atenienses, de que muito se orgulham.

No entanto, se bem sucedidos, por volta dos cinquenta anos, já abandonaram o cabelo às ondas, o casaco cintado de dois botões, a brilhantina e o verniz de unhas, que nos tempos de juventude lhes parecia distinto, já regressaram ao colete e já ostentam vaidosamente o alfinete, com cercadura de brilhantes falsos, que a esposa lhes ofereceu no Natal. Ambicionam um sobretudo de pêlo de camelo que venha substituir a samarra com gola de raposa e um automóvel que venha substituir o guarda-chuva. Esperam continuar a «subir», caso Deus lhes dê vida e saúde.

Os mal sucedidos, por seu lado, caem nos mesclados, nas cores neutras, que se sujam menos, na camisa às riscas com gravata às riscas e até, nos casos de masoquismo declarado ou de penúria notória, na careca, nas dívidas e na manga-de-alpaca, essa lendária personagem de uma infinidade de histórias tristes. Nota: Não comprem sapatos novos, sejam de que tipo forem; mandam sempre pôr meias solas.

Com defuntos e moribundos, não admira que quem sai tenha a desagradável sensação de acompanhar um enterro e, que ao fim de subir o Chiado três vezes, se veja na contingência de esconder a cara para não se agarrar ao primeiro transeunte, dando-lhe sentidos e chorosos pêsames. Nada mais natural que certas frases que nos vêm à cabeça na via pública, que essa vontade irreprimível de perguntar quem é que morreu ou se o desgraçadinho deixa filhos.

O alfaiate Nunes Correia considera que os portugueses são uma raça triste, ao mesmo tempo que lamenta a pouca saída que as novidades da moda italiana e francesa têm no mercado português.

Talvez que a grande contribuição de Portugal em matéria de modas tenha sido fumo de luto.

«A nossa especialidade é a venda de artigos para homens» — Histórias de Alfaiates.

Tudo começou em 1830, quando Henry Poole instalou a sua oficina de alfaiataria em Savile Row e os cirurgiões da moda, incomodados com a vizinhança, emigraram para Harley Street, num êxodo que ficou histórico e foi definitivo.

A revolução mais notável, na vida de todos os oficiais da tesoura e do metro, principiava prosaicamente com carroças de aluquer, pagas à hora, e clínicos enfurecidos.

Assim as coisas acontecem.

Henry Poole, amigo e fornecedor do Príncipe de Gales, de lordes, cortesãos ou «gentlemen farmers», talvez o primeiro de todos os peritos em «Public Relations», conferira à profissão a dignidade, que, durante anos, lhe fora disputada. Do elegante estabelecimento que lhe pertencia saíam os ditames de uma nova moda, o chamado corte inglês, que mesmo hoje passa por ser o único certo e de bom tom. Até Napoleão III obedeceu às novas normas e se converteu aos novos modelos, criara-se o prestígio do vestuário inglês e pela primeira vez um mestre alfaiate se internacionalizara.

O renome dos produtos britânicos era tanto, que as firmas continentais se orgulhavam públicamente, sob pena de nada venderem, da sua filiação artística. Veja-se o folheto de propaganda do Alfaiate Nunes Correia, datado de 1856: «Encontra-se nesta casa um completo sortido de fazendas para fatos, casacos d'agasalho etc., comprados directamente em Londres, para as estações de Verão e Inverno. Há igualmente um bom sortido de colletes de phantasia, chapéus ingleses de seda, de feltro e de palha etc., luvas do fabricante Dent's de Londres, guardassoas, bengalas, artigos para viagem, malhas, coberturas, etc., etc. Todas as encomendas serão executadas de forma a dar a mais completa satisfação.

A nossa especialidade é a venda de artigos para homem».

E foi assim que, desde 1856 a 1960, desde o Príncipe Real D. Luís Filipe a Ramalho Ortigão, desde Manuel de Arriaga ao lavrador alentejano que vem à capital fazer um fato, o Alfaiate Nunes Correia conseguiu vestir vinte gerações de portugueses.

Ao que conta não mudámos muito, conti-

nuamos a preferir o cinzento escuro e o castanho escuro, ainda somos ferozmente pelo supracitado e clássico corte inglês e, a não ser na casa dos vinte anos, ferozmente contra qualquer inovação que possa parecer atrevida.

Os preços mudaram, bem entendido, hoje a Ramalhal Figura já não se vestiria por cem mil réis anuais, nem Manuel de Arriaga por setenta e um, mas as preferências pouco se alteraram.

Nenhum cidadão de senso comum ousaria vestir, nem que fosse aferrolhado na casa de banho, uma jaqueta em veludo «beige», com riscas de veludo preto e castanho, incrustadas à mão, nem umas calças de veludo com quadrados e riscas horizontais ou um casaco de seda, tecida à mão.

Estas obras-primas da alfaiataria, executadas pelo magnífico Sapone para Picasso, escandalizariam profundamente qualquer director bancário, senão abalassessem profundamente a sociedade lisboeta nos seus fundamentos ancestrais.

Na Rua Augusta, Sapone, um dos melhores coleccionadores de quadros da Europa, amigo de Atlan, Carzou, Giacometti, Arp, Borsi, Brayer, morreria de fome, enquanto, em frente, Nunes Correia continuaria na sua centenária prosperidade.

Prosperidade relativa, no entanto, as extravagâncias, aliadas à geral democratização que o século trouxe, fizeram nascer outras duas espécies de alfaiates. Os que produzem em série, género «Old England» em Portugal, «Woolworth» em Inglaterra, África do Sul e América ou «Ducal» no Brasil, e os que se filiam na tara do exótico, explorada intercontinentalmente por Cecil Gee, e que origina na pacata Lisboa as delirantes montras do «Adão Camiseiros», especialista e inventor sem patente do célebre calção insubmersível, às lojas de bairro, vinte por cento mais baratas e sessenta por cento piores.

O alfaiate por medida passou à ser luxo de alguns poucos, enquanto a grande maioria vai pelo «Venha, veja e vista», muito cesário e infinitamente económico.

Num nível superior, é claro, o estilo tradicional continua a evoluir a passo lento, marcando bem, por diferenças de tons, formatos e preços, a distância que separa um arrivista rico a um bom gosto seguro e atento.



a feira das

**VI
RILI
DA
DES**

Há três anos, Agosto de 57, uma rixa casual no Kungsträgården de Estocolmo desencadeou uma das operações de rotina da polícia no universo secreto da juventude inconformada. Em menos de nada agentes femininos e guardas de espada em punho fecharam o cerco à praça e, como era ao fim da tarde, as dezenas de solitários que depois do trabalho se instalam nos bancos do jardim, a pensar, a ruminar com a alma, voltados para o palco (vazio) dos concertos dominicais — esses e os clientes dos stands de chocolates ou do café expresso, e os estudantes do milk bar abandonaram cuidadosamente os seus postos e foram alinhar-se ao correr dos passeios, a toda a volta do campo de combate.

No relvado do Kungsträgården, apenas os heróis sem causa e o exército dos adversários.

Aqui as leis de Marte escapam ao observador menos informado. Tudo se passa numa luta de princípios: dum lado a Ordem, do outro os rebeldes à Lei-Geral. A cidade assiste. Os agentes Polizei pretendem limpar o terreno, forçar a *shostes juvenis* a ouvir a legalidade estabelecida, um punhado de rapazes faz-lhes frente. Com armas? Com insultos? Nada: recusando-se a ouvi-los. Aos olhos de uma multidão interessada promovem o espectáculo do desprezo pelas instituições acatadas, correm canteiros, saltam bancos debaixo de apitos e espadeiradas mas não cedem à voz do Poder e defendem o círculo escolhido para a sua exibição de rebeldia.

Vencidos, só individualmente, um por um (segundo as boas regras de Cavalaria). Esbracejam, arrastados pelos cabelos, para os automóveis (americanos) que os esperam ao longo dos passeios. Brancos de raiva, calados mas de dentes cerrados, caem lá dentro e daí a pouco estão recompostos do choque. Não se lhes ouviu um protesto, um grito de ódio. Silêncio total. Diante da cidade atenta ficam enterrados nos bancos dos carros, moídos, descansados enfim, olhando pela janela com a naturalidade de quem cumpriu um dever há muito prometido e esperando a chegada dos restantes companheiros. Como quem vai de caminho, algumas raparigas passam por eles disfarçadamente e fazem-lhes um sinal com os dedos. Um gesto discreto, uma saudação confidencial de grupo

e a transformação é visível: os vencidos cobram alento, alguns baixam a cabeça e sorriem. A paga dos heróis.

Há um ritual nisto? Sem dúvida. Em todas as complicitades que se exibem existe um ritual. Um *typ* e uma *tjej* (na gíria sueca dos adolescentes em revolta) exprimem as suas alianças por formas típicas de exibição, linguagem, vestuário, moral de companhia. Servem-se disso como desafio aos indiferentes. As exteriorizações flagrantes são-lhes necessárias para chocar os indiferentes e sobretudo para se identificarem em «família».

Um médico da Polícia abriu à minha frente um catálogo das virtudes do *typ*: todas inspiradas numa concepção instintiva da vida, todas traduzidas em evidências de ordem física. Lá aparece o caso do adolescente que no banco do hospital não hesita em pedir que lhe deixem uma cicatriz «como recordação», o do estudante que amachuca deliberadamente o «scooter novo» porque uma máquina precisa de *marcas* ou então é melhor tirar-lhe o conta-quilómetros», e há, há principalmente, as tatuagens, o consumo desses símbolos de mundo vivido e de aventura gravada para todo o sempre.

A imagem pitoresca do marinheiro de sete mares salpicado de arabescos coloridos, a ingénua seta de Cupido ou o relógio de pulso gravado a agulha e tinta são ociosidades sem significado comparadas com as tatuagens que um *typ* imprime no dorso da sua *tjej*. Às vezes uma simples letra, às vezes um triângulo, uma marca, às vezes um nome por extenso: *Tommy*... Mas o selo lá está. Tem a garanti-lo o compromisso indelével que uma imposição voluntária estabeleceu sobre uma predisposição tácita de sacrifício.

Bem sei, no bazar dos sub-erotismos abundam as explorações das tatuagens e as marcas de flagelo. Também é do conhecimento comum que as 12 000 testemunhas do processo Kinsey-Pomeroy-Martin provaram por *a* mais *b* que 86 % dos indivíduos vivem no mundo de hoje em rutura potencial com os códigos éticos que os controlam. Mas as explorações deste género, as incursões da sexologia aos terrenos da moral e das ciências sociais são frequentemente abusivas, quando não redundam num *strip tease* do libido para

fins sub-científicos nas interpretações dos problemas do homem dos nossos dias.

Qualquer destas explicações é insuficiente no exemplo do *typ* tatuando a bem-amada. E isso porque no exercício da sua rebelião o exibicionismo desempenha o primeiro papel. Exibicionismo, é bom repetir: expressão superficial de privilégios, pois outra coisa não representam as diversas etiquetas da «virilidade» que são, todas elas, provenientes de uma posição autocrática em relação às leis da vida comum e se fundamentam numa ideia primitiva da Mulher.

Numa época em que o tradicional conteúdo individualista do mito dos mártires ou dos heróis se torna insustentável, os velhos braços da «masculinidade» foram postos de lado e substituídos, de latitude para latitude, por diferentes exteriorizações dos princípios fundamentais desse comportamento instintivo. A campanha dos rebeldes de Kungsträgården é um ramo cimeiro, um só, da mesma árvore secular dos privilégios varonis. A nós caber-nos-á outra ponta, o machismo; como aos norte-americanos cabe a moral do *junk* ou a do paternalismo sulista. Mais diferenciada, menos diferenciada, a raiz é uma e única. Cito por curiosidade um livro, *Olhos de Água*, de Alves Redol, e escolho um capítulo — *A Égua Marcada*. A uma diferença de não sei quantos graus de latitude a aventura sueca repete-se. O *typ* aqui chama-se Manuel Pedro; lugar da cena: algures no Ribatejo.

O machismo ou exibição das fáceis virilidades é um dos artigos de fé da cartilha de todo o marialva — e *Marialva* aqui sabe-se o que significa: o cidadão de mentalidade retrógrada que faz gala de um «aristocrático» desprezo pelas coisas do Espírito, que tem de Religião uma concepção milagreira e que cultiva uma espécie de snobismo da brutalidade e do terra-a-terra. O homem moderno à portuguesa antiga.

Os preconceitos fabricados que constituem a mística do machismo são de todos os tempos e naturalmente que têm evoluído com as sucessivas transformações do Código Civil, com o costume e com a moral. («Muito homem», diz a linguagem corrente quando atribui foros de virilidade abstracta a alguém. Manuel Pedro, herói da *Égua Marcada* vai

mais longe: «Os homens, «afirma», devem ser brutos com as mulheres»).

A realidade quotidiana, a arte e a nossa literatura (mesmo de vanguarda) estão contaminadas pela atmosfera dessa mentalidade. Certa voluptuosidade, certo pretensu erotismo realista, são ao fim e ao cabo a cantárida do pobre, o exibicionismo da experiência sugerida... Na publicidade, nas letras de fado, nas elegias do castiço, a verificação é constante; reavivam-se símbolos, reliquias a que se dá alvará de «intemporalidade»; a trompa de caça, o elmo de cavaleiro, o casco de cavalo ou a garrafa-fetiche, adornos inconscientes dos prestígios passados, unidos por uma correspondência subtil nos quadros da mentalidade cavalheiresca.

Sòmente acontece que eliminada a guerra devido ao carácter colectivo que assumiu e às armas «impessoais» que adquiriu (projecteis teleguiados, bombas nucleares, etc.) o regresso dos heróis não se reveste dos prestígios tradicionais do machismo. O conquistador já não se apresenta de plumas à laia de crista, talim na cinta e esporões nas canelas. Marte abandonou definitivamente a cena Marialva. Do clássico entendimento favorável à entronização dos símbolos másculos apenas Baco e Cupido garantem ainda alguma protecção.

Mas por pouco tempo, arrisco-me a dizer. A prática dessa moral de coutada que é a do comportamento machista requer imunidades ou privilégios que o mundo moderno vai cada vez mais eliminando. O retorno à velha paisagem tornou-se impossível e perante essa fatalidade compreende-se que o mais analfabeto dos machistas, o mais puro e mais supersticioso, esbraceje, arrote e dê chicotadas no ar contra a marcha do tempo. É que quanto menor a vida espiritual, mais reduzida fica a vida social e mais facilitada a implantação dos direitos instintivos. Dessa maneira circunscrita a Mulher às suas capacidades «meramente femininas», os sectários do machismo têm campo aberto para a exposição das superioridades viris. O *homme à femmes*, Casanova de palha, está como peixe na água. Perdão: o paralelo não serve. Ninguém deve ignorar que entre os *inocentes* provérbios que é preciso respeitar há um que determina que a água é para os peixes e para os homens o vinho.



MANIFESTO SUAVE PELA REEDUCAÇÃO DOS ADULTOS

É facto assente, indiscutível, históricamente comprovado que o português sempre foi um conquistador de rua. Andou tanto atrás das doces damas, gastou-se de tal modo por betesgas e calçadas que José Agostinho de Macedo, frade desapiedado sem o menor dó por ninguém, acabou por condoer-se dos nossos don Juans em geral que, coitadinhos, «apanhavam a cacimba ao relento da noite debaixo da janela da amada até ao despertar da estrela de alva».

Resultado: o conquistador lusitano constipou-se. É facto, constipou-se. O grande Montesquieu lá disse nas *Lettres Persannes*: «Um português que não anda sempre constipado não pode considerar-se galanteador».

Por aqui se percebe a razão dos peraltas do século XVIII, época em que se desconheciam as aspirinas, andarem sempre de lençinho no nariz. *Quod erat demonstrandum...*

SOBRE COMO É DIFERENTE O AMOR EM PORTUGAL E SUAS TRADIÇÕES EVOLUÍDAS

Todos nós sabemos que há verdades de exportação e mentiras de importação. E vice-versa. Os estrangeiros têm dito de nós muitas verdades de exportação e o janota dos nossos dias, com os seus complexos de machismo, inventou lá fora uma quantidade razoável de mentiras para distribuir cá por casa. Uma das que ele divulga com maiores fins de propaganda é que as beldades estrangeiras não se querem com mais ninguém senão com os portugueses. De acordo com os relatos dos meninos viajados que sobem o Chiado ou Santa Catarina a coisa é assombrosa. Onde chega português a paz sentimental apavora-se, uma verdadeira chacina à moda do nosso bisavô Viriato.

Ora, se isso acontece é porque há as suas razões, e para já apontam-se duas: a primeira é o treino histórico que os rapazes cá da casa têm do namoro de rua, a segunda é a de disporem de armas verdadeiramente exclusivas para esse fim.

Desde 1147, exactamente, que o cavaleiro lusitano é na sua essência paternalista. Aventuras amorosas só fora de casa. No lar chega a comportar-se como um árabe — salvo seja — e tão árabe, tão árabe, que durante séculos não se ralou absolutamente nada com o pormenor de as damas só sai-



rem à rua de bioco ou encapuçadas, como qualquer mulher de «cheik», apenas com uma nesga de cara à vista dos profanos.

A verdade é que isso não o atrapalhava. Quando hoje vemos uma beldade a descer a Garret com dois sujeitos na cola e, no outro passeio, mais dois pelo menos fingindo que vêem as montras ou parando para olhar para trás com o ar menos natural deste mundo; quando na Foz ou no Alvalade presenciamos a clássica procissão em ponto morto dos «Porches», «Dauphines» e do «station» de transporte de carnes verdes no rasto de uma beldade passante — quando isso acontece é lícito que nos lembremos dos nossos maiores, os quais arriscaram tudo por tudo em semelhantes empresas, jogando em plenos num palminho de cara tão tapada que mal chegava a um dedo.

Hoje, graças ao alcatrão, às câmaras municipais, e à Companhia dos Telefones, o conquistador de rua tem a sua manobra tão facilitada como os generais atômicos carregando no botão dos teleguiados. Antigamente fiava mais fino. O «chomberga», o elegante do século XVII, via-se e desejava-se para seguir a «cadeirinha» da misteriosa sedutora. Atolava-se em lama, esgrimia com os milhares de cães que faziam a glória de Lisboa dessa época, e lá ia de faro levantado por ruelas de mendigos, entre alfamistas e oratórios, macacos de ciganos e pretas calhandreiras. Depois de muito suar chegava ao palácio encantado mas quê! — a perseguida nem um cumprimento lhe dava. Quando muito abria o postigo e dava uma espreitadela. Ah, mas era o bastante! O «chomberga» exultava, o «chomberga» babava-se, e recorria ao telefoné do tempo, a mulata alcoviteira. A partir de então procedia à manobra do «namoro de estafermo».

O namoro de estafermo era o precursor do namoro de janela ainda em uso nos bairros excêntricos, sobretudo nas casas pequeno-burguesas com menina casadoura que leia o «Modas & Bordados», tenha gato ou lúlú de lacinho e compre peixe à janela. Neste tipo de conversação sentimental o honesto pretendente faz-se anunciar com toques simbólicos à campainha da porta ou chama a conversada ao terreno da liça com um assobio combinado. O «chomberga» de mil e seiscentos e mais propriamente o «franço» da Lisboa do senhor D. João V

tinham a sua tarefa mais complicada. A iniciativa competia à dama e o sinal era o «escarrinho». Exactamente, já nessa época o amor transigia o seu bom pedaço com a higiene...

A namorada abria então a janela, deitava uma gotinha ruidosa de cuspo e cá em baixo o «frança» respondia com idêntica gotinha, fazia uma vénia larga de chapéu e estava iniciado o diálogo. Só depois apanharia a prestigiosa constipação e, por vezes, a sua surrazita pela calada da noite.

Curvemo-nos perante os factos. Chombergas, franças, faceiras e casquilhos: Em nome dos galãs de rua deste tempo, o nosso muito saudar e a nossa respeitosa obediência às doudas regras que puseste na Arte de Cor-tejar!

DA SEGUNDA RAZÃO OU DAS ARMAS INÉDITAS AO SERVIÇO DA ESCLARE-RECIDA ARTE DE CORTEJAR SUA DAMA

Certas senhoras de outras nações que por Portugal têm passado gabam a beleza das nossas mulheres mas estranham encontrá-las pouco nas ruas. Têm, pelos vistos, as ditas senhoras uma ideia pouco lisongeira dos nossos costumes, insinuando que a vida aqui se faz segundo padrões anacrónicos e que as donas portuguesas se resignam a uma espécie de clausura sem disfrutarem as liberdades do século.

Protestamos contra tão deturpada imagem, senhoras de outras nações! Se assim fosse, se a rua não representasse para nós a verdadeira ante-câmara dos entendimentos do enlevo, como se compreenderia que Portugal seja considerado, na opinião comprovada do doutor Dantas, um país onde o amor é diferente?

A experiência demonstra que a educação, a vida social e a independência da Mulher influem decisivamente nas formas e nos rituais do namoro. Se os hábitos da sociedade, nas suas diversas hierarquias, não proporcionam oportunidades de convívio a uma escala apreciável, o namoro tem de começar na rua ou nos locais públicos que são, assim, o ponto de partida, a cota zero do conhecimento dos estranhos.

Com telefone ou com mulata, com MG de sport ou sege de boas parelhas, a sós ou



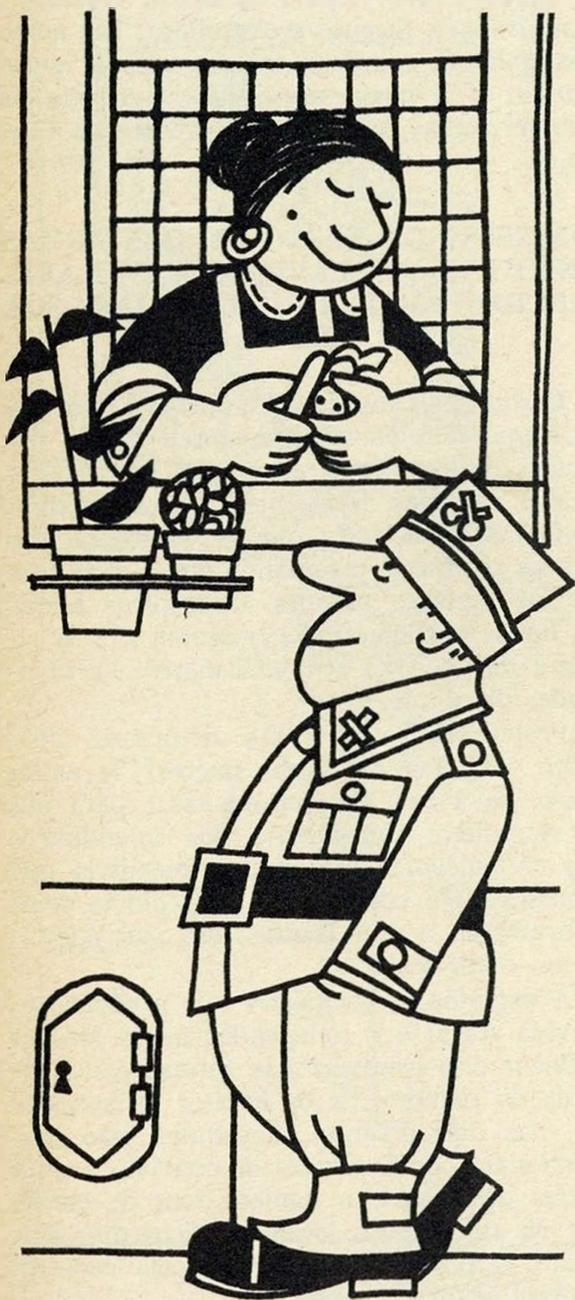
com empenhos por portas travessas, o nosso cavalheiro machista aperfeiçoou uma estratégia que tem exclusividades e «copyrights» incontestáveis. A tática da abordagem é uma das suas habilidades; os piropos são outra e, se aprofundarmos mais a questão, descobriremos muitas mais subtilidades que iludem o visitante mais perspicaz.

Em matéria de piropos, temos informação de que as senhoras das nações não só da Europa como das Américas apreciam imenso os galanteios alfacinhas, portuenses e académicos de Coimbra, desde que pronunciados na linguagem mais máscula de Camões. Compreendemos e não nos admiramos. Em contrapartida temos igual conhecimento de que 86,34 por cento das senhoras indígenas, isto é, nacionais, coram com os mesmos ditos de espírito dos galãs alfacinhas, portuenses e académicos de Coimbra, preferindo, em caso de absoluta necessidade, ouvi-los em língua estrangeira. Compreendemos perfeitamente e não nos admiramos.

O «Você é boa!» que faz sorrir as criadas de servir menos ilustres caiu em desgraça, não se sabe bem porquê. É um dito muito são, preciso, revelador de grande poder de síntese. Além disso tem a franqueza objectiva do sol de Verão e o realismo do cozido com todos. Este, como a quase totalidade dos gracejos de amor de uso corrente, revelam um tipo inconfundível de imaginação e em relação à herança do passado é um grande passo em frente. É que não devemos esquecer que durante o reinado do nosso valoroso monarca D. João V o **dernier cri** em matéria de piropos não era um dito ou um grito. Era o arrotto, «o arrotinho que afidalgava muito...»

Esta falta de profilaxia não durou muito. Nódos da História limpam-se com respostas a tempo e foi o que aconteceu. Os «façanhas» recorreram aos saís de fruto e puseram a imaginação a trabalhar. Sairam então alguns dos narizes de cera mais floridos da retórica sentimental daquele primoroso século. À bela cobiçada chamava-se «crocodilo de nata» (slogan que requer uma imaginação pre-surrealista), aos olhos punham-se-lhes nomes não menos imaginativos como «figas de Cupido» ou «Ciumes da vista», às mãos «jasmíns de carne», aos pés «onças de neve», etc.

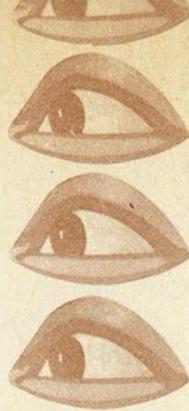
É intuitivo que o conquistador de bairro



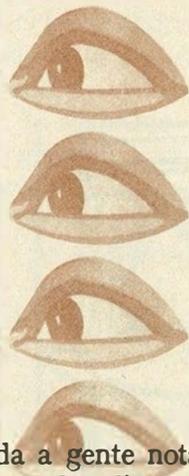
que agora vemos por aí deve grande parte dos seus êxitos à imaginação que herdou dos galantes antepassados. Além de ser pessoa apetrechada de ditos de espírito, é um «caçador» esforçado, tenaz até ao martírio. Se toma o eléctrico não hesita em sentar-se num dos lugares cimeiros, embora saiba muito bem que aquele posto é designado por «banco dos parvos». Embora. Sofra-se a calúnia, sofra-se a humilhação — e tudo por sua Dama! Se as circunstâncias o obrigam, é pessoa para passar dias encostado a um candeeiro, em riscos de uma pneumonia ou sujeito às suspeitas de todos os pais zelosos e de todos os maridos ciumentos que moram no quarteirão. Adiante, o bom caçador não conhece barreira! E ele lá vai cumprindo o seu destino machista. Sem horário de trabalho, sem direito à promoção ou à reforma... Telefona, falta ao emprego, é repudiado, ouve ameaças, mentiras de falsas noivas, recebe na cara mais simpática que tem o clássico «não seja parvo» das flausinas mais pires — enfim, um calvário!

Convém esclerecer que nas empresas do coração não há só flores de retórica. O pipopo é, quando muito, a arma branca, pois o conquistador de rua, em caso de necessidade, recorre a outros requintes, alguns dos quais entraram em desuso ou são apenas utilizados pelos estudantes provincianos ou pelos pinocas das zonas suburbanas. Uma das subtilezas mais comuns até certa altura era o beliscão, ardil amoroso que fez época e hoje quase do uso exclusivo das classes camponesas. Não estão convenientemente apuradas as causas do abandono dessa arma de sedução que outrora deu brado (e possivelmente protestos inconsequentes) e fez escola. O bispo do Grão-Pará conta que nosso rei e senhor D. João V para ir beliscar as damas a S. Roque se disfarçou certa vez de mendigo. Há quem afirme que o monarca não precisava de se disfarçar tanto nem descer a tão baixo. Estamos em crer que sim. O beliscão não era privilégio das classes mendicantes, começava muito mais acima, e o doutor Dantas declara mesmo que essa instituição venceu fronteiras e provou que o amor era diferente em Portugal. «As **niñas holgadas** de Toledo», **comunica** o doutor Dantas, «ficaram chamando ao beliscão o **mimo de Portugal**. Enchemos de nódoas negras os corpos das mais lindas mulheres de Castela-a-Velha».





AVISO PRÉVIO A RESPEITO DOS OLHARES



Prazer de olhar é uma coisa, avareza de olhos outra. Qualquer semelhança entre ambas, quanto a fins e intenções, é pura coincidência.

Nos países onde impera o namoro de rua torna-se evidente que o jogo dos olhares é um género de primeira necessidade, um ritual da maior importância no estabelecimento de idílios de futuro não-platónico. Este facto é tão claro e objectivo que a cidade de Lisboa, nos bairros menos requintados (precisamente aqueles em que há menos possibilidade de reuniões mundanas), dispõe de um variado sortido de meninas casadoiras, descendentes directas do estilo André Brun & Gervásio Lobato, debruçadas à janela de cada prédio na esperança de ver chegar um parceiro para o jogo dos olhares.

«Recato nos olhos», recomendavam os escritores sagrados e com muitíssima razão. Se a Mulher de Loth não tivesse caído nas tentações do olhar não teria sido transformada como foi em estátua de sal. Mas a Mulher de Loth, senhora dos confusos tempos do Génesis não conhecia os escritores sagradas pela simples razão de que os não havia ainda nessa época. No entanto tinha o dever de dar ouvidos às recomendações do Criador e menos olhos ao mundo.

Ora, segundo parece, a mulher de hoje aprendeu a lição da mulher de Loth. Não olha. Ou se olha, olha de esguelha de modo

a toda a gente notar menos ela. A bela portuguesa dos dias que correm sabe que existe uma corporação de tecniclosor que dão pelo nome de **mirones**, especialistas da velha táctica do «pé de alferes», e que não pagam impostos nem constam das conservatórias dos registos matrimoniais. Corporação clandestina e inofensiva no fundo... Mas malcriada, quando é preciso, e fazendo parte da cruzada que se empenha em demonstrar ao mundo como é diferente o amor em Portugal!

De modo que a bela portuguesa passa e os **mirones** ficam.

No Portugal de ontem e de hoje as cumplididades dos olhos são uma realidade. Uma tremendíssima realidade, ilustríssimas senhoras. O reputado instinto fisionómico dos lusitanos deve-se em grande parte a isso. Daí a expressão tipicamente portuguesa «amor à primeira vista» que os franceses traduziram por «**coup de foudre**», expressão que demonstra que para eles a questão nada tem a ver com os olhos, como se prova pela sua tradução literal. (+)

Nós, cá os rapazes, somos mais eficientes: amor à primeira vista. E zás, o galá da Graça ou do Rádio Monumental assim que vem para a rua põe os olhos a funcionar — e atenção à «mulher que passa».

Quando o jogo dos olhares é feito a dois (1 varão **contra** 1 donzela) classifica-se em dialecto bairrista o **bater-se com a miúda** e

AVÁROS & OUTROS EXERCÍCIOS CORRELATIVOS

no dicionário burguês-ascensional *flirt*. Se o jogo dos olhares é feito *inter-pares* chama-se *Preludios alla dolce Vita* e não tem correspondente nos vocabulários dos não-evoluídos. Se o mesmo jogo é feito a muitos (1 varão contra *n* donzelas) diz-se em calão de bairro *fazer estrago* e na estratégia de salão *esbarroandar o jogo*.

Postas estas variantes, escusado se torna salientar que o amor e os olhos andam estreitamente associados, conforme está cansada de proclamar a poesia pastoril e outras de iguais subterfúgios. Na realidade há superstições, malícias e crueldades que relacionam estes dois elementos, desde a pestaninha que as Fifis Antunes guardam em seu alabastro com terríveis insinuações aos «olhos nos olhos» dos libertinos oitocentistas, agora repostos em moda pelo realizador Vadim e pelo escritor Vailland.

Mas as «crueldades do olhar», a que se refere o grande Casanova, tomaram em Portugal uma expressão verdadeiramente heróica. Aqui são mesmo crueldades e não eufemismos de salão. O galã nacional tornou tão quotidiano que acabou por fazer dele um prazer solitário cem por cento másculo (visto que nem um por cento é compartilhado nele pelo elemento feminino), o qual consta de um só jogador, o galã, que tem obrigação de devorar com a vista toda a mulher que passa, independente de raça, credo ou religião.

Esta modalidade é considerada do mais alto sentido desportivo, dado que na maioria dos casos não tem direito sequer a prémio de consolação a não ser por erro de probabilidades. Poderia chamar-se-lhe «jogo de paciência» mas o termo não foi aceite por recear-se algum abaixo-assinado dos machos oficiais da Discoteca ou da Arcádia. Segundo se diz estes desportistas têm provas documentadas que naquele jogo de paciências nem sempre se joga a feijões...

Todo o cidadão do Reino de Pacheco menor de 60 anos considera ser seu emblema de macho atacar com os olhos a tímida donzela que Deus Nosso Senhor lhe atravessou no passeio. Senhoras de outras nações queixam-se mesmo deste muito másculo hábito que, segundo confessam, as intimida mais do que o leão da «Metro». Pois não têm razão essas senhoras — atrevemo-nos a afirmar. O cidadão de Pacheco é másculo e se essa qualidade lhe deu muito trabalho a conseguir, lógico se torna que a demonstre onde muito bem entender. Além disso ele considera que o jogo dos olhares é grátis, divertimento sem classificação especial e um prefácio ao romance sentimental. Falha em 90% dos casos? *Paciência*. Mas quando triunfa... ah, quando triunfa nem as senhoras de outras nações queiram imaginar aquilo que ele conta no café aos amigos!

R



ROBERT LOUIS STEVENSON escreveu, como é do conhecimento geral, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* cuja personagem tinha uma dupla vida. Umas vezes fazia de Dr. Jekyll, outras de Mr. Hyde.

Na Inglaterra estes casos de dupla personalidade não são raros e, no que respeita a vampiros, ainda nos lembramos daquele senhor Christie, modesto funcionário londrino, que à noite se transformava em Jack Estripador e colecionava algumas presas femininas (devidamente reduzidas à forma de esqueleto) na sua modesta casinha de Notting Hill.

No Reino de Pacheco não houve, até à data, nenhum Roberto Luís Esteves que traduzisse em português cursivo certos casos de vampirismo recalcado que por aí existem. Seria exagero, de resto. As duplas personalidades de Pacheco são demasiado limitadas e domésticas... mas de qualquer forma duplas (e triplas) personalidades.

Ninguém ignora que uma coisa é o Pacheco em casa e outra o Pacheco na rua. Em casa adquire uma fisionomia prudente e um comportamento regrado que originaram a designação zoológica de *Pachecus Pater-Familiae*; no café é o *Pachecus cosmopolitus sapiens politicus* ou *Amicus Sapiens*. Na rua, é o *Pachecus irresistibilis*, também por *Vampiro Natural*.

No uso da sua personalidade de *Vampiro* (de esquina) Pacheco transforma-se fisionómica e morfológicamente: incha-lhe o peito, encolhe-se-lhe a barriga (com esforço ou com cinta), cintila-lhe nos olhos a luz máscula, assanha-se-lhe o bigode, crescem-lhe os dentes, mas o sorriso adoça tudo. O mundo é uma floresta de presas ingénuas, encadeadas pela sua virilidade...

A PRESA DESPREVENIDA

O homo lupus, mais conhecido por Pacheco-Quando-na-Rua passeia-se a qualquer hora pelos atalhos de Lisboa onde a presa fugaz surge com frequência. Um cronista do Reino de Pacheco redigiu o seguinte contarello para exemplo e proveito dos vassallos sub-amados do dito Reino:

No tempo em que os animais nunca falavam — sobretudo os dotados do sentido de razão —, uma jovem que se aventurasse a sair de seu domicílio sem companhia de aia ou conversado corria riscos de coração só redimíveis com o casamento em Tanger ou perda de reputação.



Seguisse por onde seguisse — na rua do Ouro (antiga dos Ourives), na Garrett ou no Passeio Público (da Avenida da Liberdade) a menina afoita defrontava lobinhos e lobões de todos os feitios. Lobos prudentes, adultos e contribuintes, lobos de idade pré-escolar, lobos heréticos e conformados

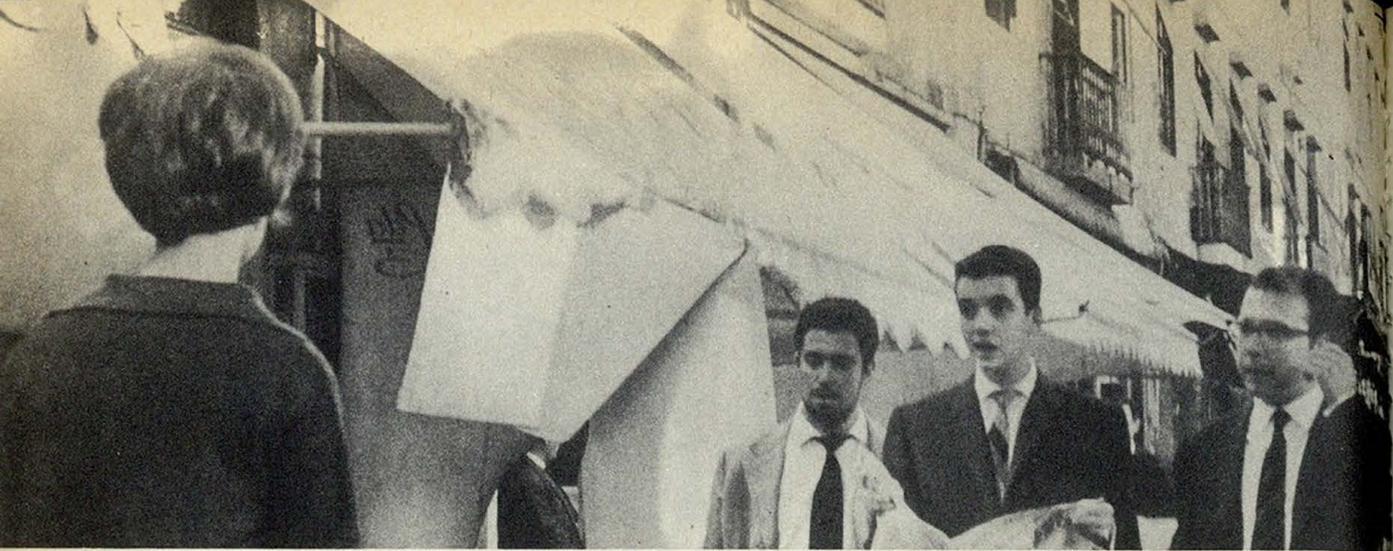


Aparecia-lhe depois o temível lobo solitário que se vê nas fitas do Olimpia e nas jantaras desportivas. Se a menina afoita soubesse das coisas do mundo tê-lo-ia identificado imediatamente. Em casa, sensatez e açorda de sável; na rua, Casanova enxertado de Rodolfo Valentino

fotos de Armando Rosário



Os lobos andavam disfarçados no seu dia-a-dia mas à passagem da presa aguçavam o dente. Assim são os lobos muito másculos de olhares, muito vorazes de olhares, muito compenetrados nos olhares



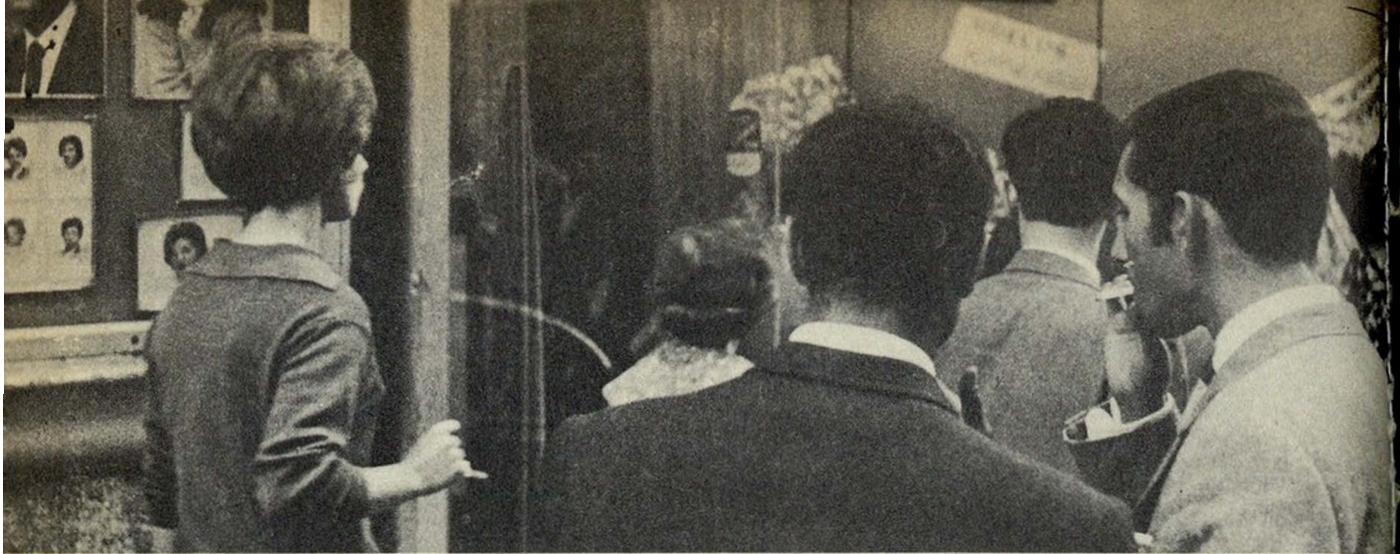
Um lobo jovem descobriu-a a certa altura. Ficou deslumbrado, como é natural e lançou-se numa perseguição obstinada, cujas regras são conhecidas



Começou pelo jogo de olhares e como ia acompanhado de um amigo, foi corajoso ao ponto de lhe dizer algumas originalidades (entre as quais a de perguntar se a menina não seria a Brigitte Bardot a passear-se incógnita no Reino de Pacheco)



A menina não respondeu e o lobo-lobinho, dada a sua fraca resistência, encheu-se de brios e decidiu afastar-se. Mal sabia ela que mais adiante estavam os chacais de Alfama, bichos de má língua sempre prontos a estender a pata suja...



Tinham-lhe ensinado que «mulher séria não tem ouvidos» e foi o que valeu para a menina continuar a ser séria. Mas ela não contava que era necessário que «mulher séria não tivesse olhos» e foi isso que aprendeu ao dar com um patilha-boy — uma espécie de lobinho que tem covil na Discoteca e que vai a Cascais (no carro de um amigo)



Pois muito bem, a menina depois de tantas andanças sentia-se cansada, cansada, cansada, e só desejava chegar a casa. Pelo caminho continuou a ser perseguida por lobos de toda a espécie, agora uns, depois outros, e finalmente entrou em casa sã e salva



O cronista do Reino de Pacheco aponta a seguir algumas considerações morais sobre o exemplo que nos descreve. Por as considerarmos ociosas e desactualizadas, permitimo-nos prescindir delas, limitando-nos a transcrever as linhas finais deste documento moralizante:

«Assim sendo, recolheu a formosa donzela à sua câmara e pela janela da mesma, espreitou a rua. Nem viva alma. De tanto garboso lobo que a espreitara, nenhum ousara seguir por diante com seus olhares e galanteios. Pelo que a moça, suspirosa e desafortunada, entrou em profunda cogitação sobre alguns livros-mestres, entre os quais Henry Miller, narrador da Norte-América, e Fernando Pessoa, trovador lusitano que escreveu que

Belas são a Música, a Poesia e as danças / mas o mais belo de tudo são as crianças...

E não os lobos.»

R

BREVE ROTEIRO DO VAMPIRO AMADOR

No intuito de localizar as actividades das espécies vampirescas e no louvável empenho de fomentar o turismo visual, aqui se dá nota dos pontos estratégicos fundamentais em vigor nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra (Coimbra-A e Coimbra-B).

Esperamos que os interessados saibam usufruir deste roteiro, sem envergonhar a classe a que pertencem e aproveitamos o ensejo para lembrar que na arte de observar a dama de outrem há, como na guerra, princípios fundamentais, a saber:

- 1.º — A surpresa é meia vitória;
- 2.º — O bom soldado, como o bom artilheiro, apresenta-se camuflado;
- 3.º — Só atacar quando a presa se encontra ao nosso alcance;
- 4.º — A moderação é uma fraqueza dos moderados.

E dito isto, boa sorte.



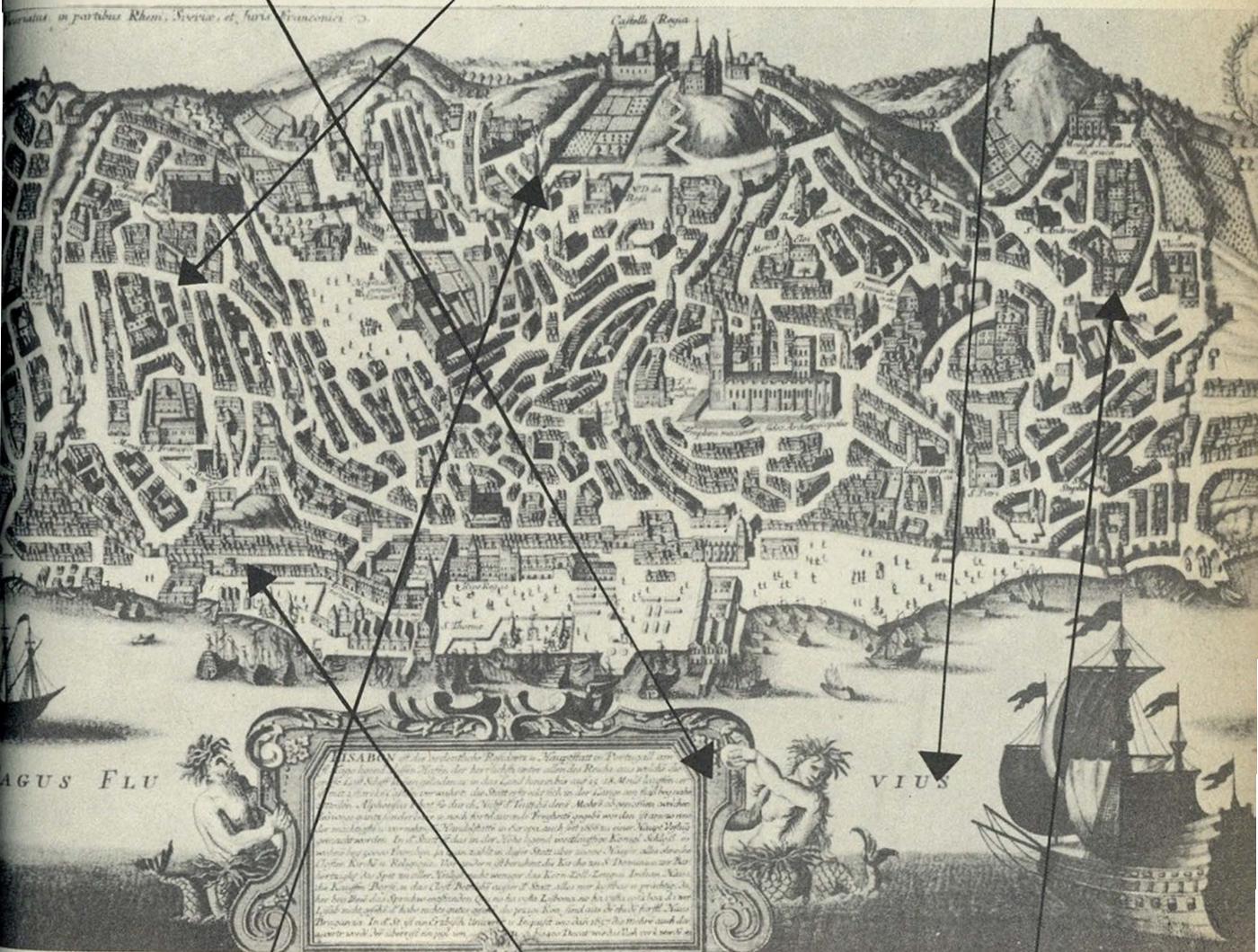
LISBOA

8.30 — Ferreira Borges
— flausinas dactilógrafas,
em especial

12 — Faculdade de
Letras

13-14 — 4 Ases — Av.
António Augusto Aguiar
«la nouvelle vague»

17-18 — Rua Andrade
Corvo — em frente da
Companhia dos Tele-
fones



18 — Bénard — onde se
realiza a parada do
«grand monde de Don
Camilo»

20-23 — Praça de Lon-
dres — beldades indifi-
nidas, porém movimen-
tadas

22-30 — Aeroporto
Intervalos das estreias
do S. Jorge, Tivoli e
Império

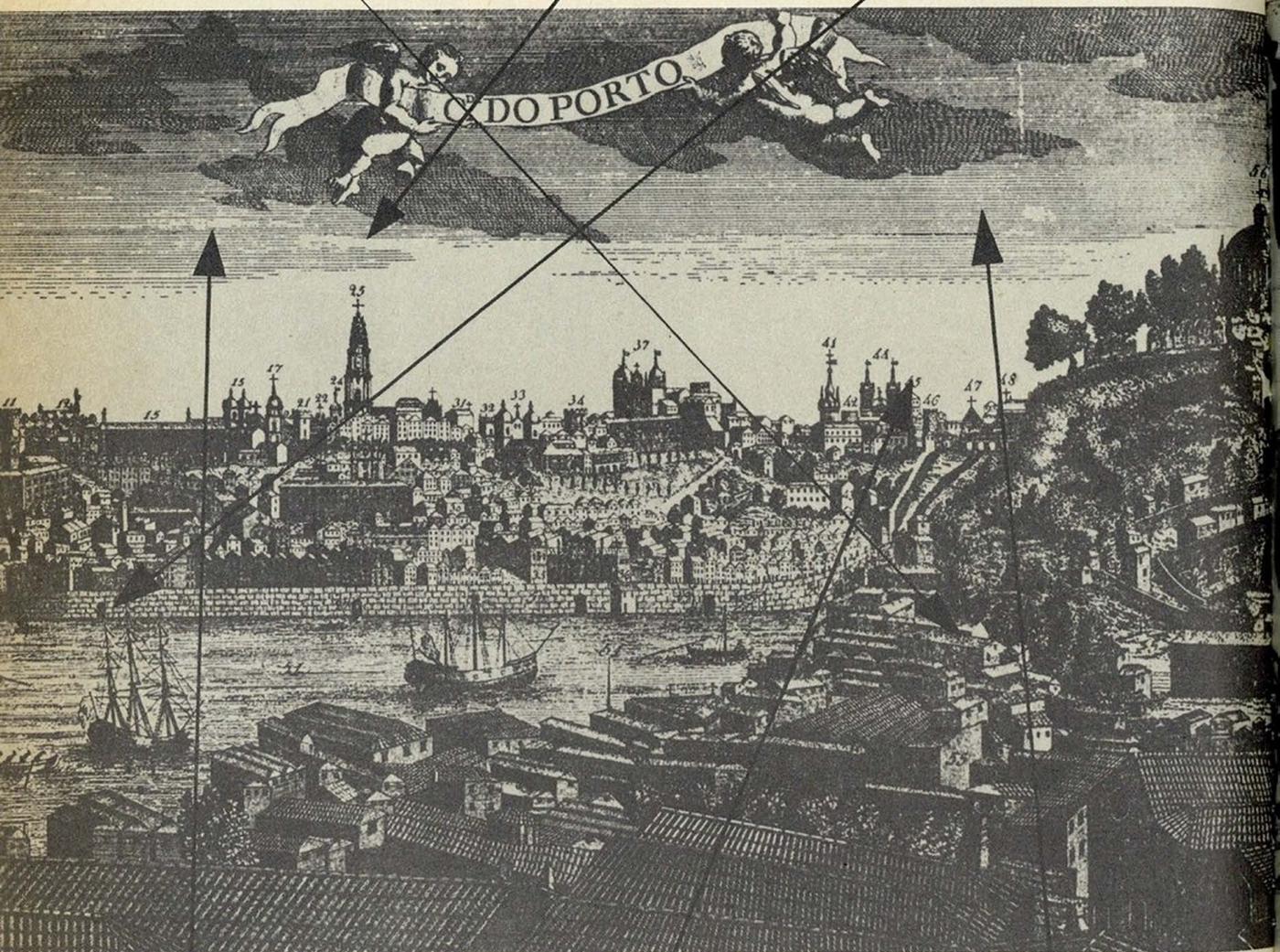
PORTO

12 — Atheneia e Arcádia — «Nouvelle vague» e saudosistas da Foz

17 — Confeitaria Vilares — Recordações da velha guarda

18 às 19.30 — «Volta dos Tristes» — «Respeitem-se as velhas tradições»

18 — Hotel Porto



19 — Passeio das Cardosas

19 — Esquina da Ourivesaria Reis — Conquistadores baratos

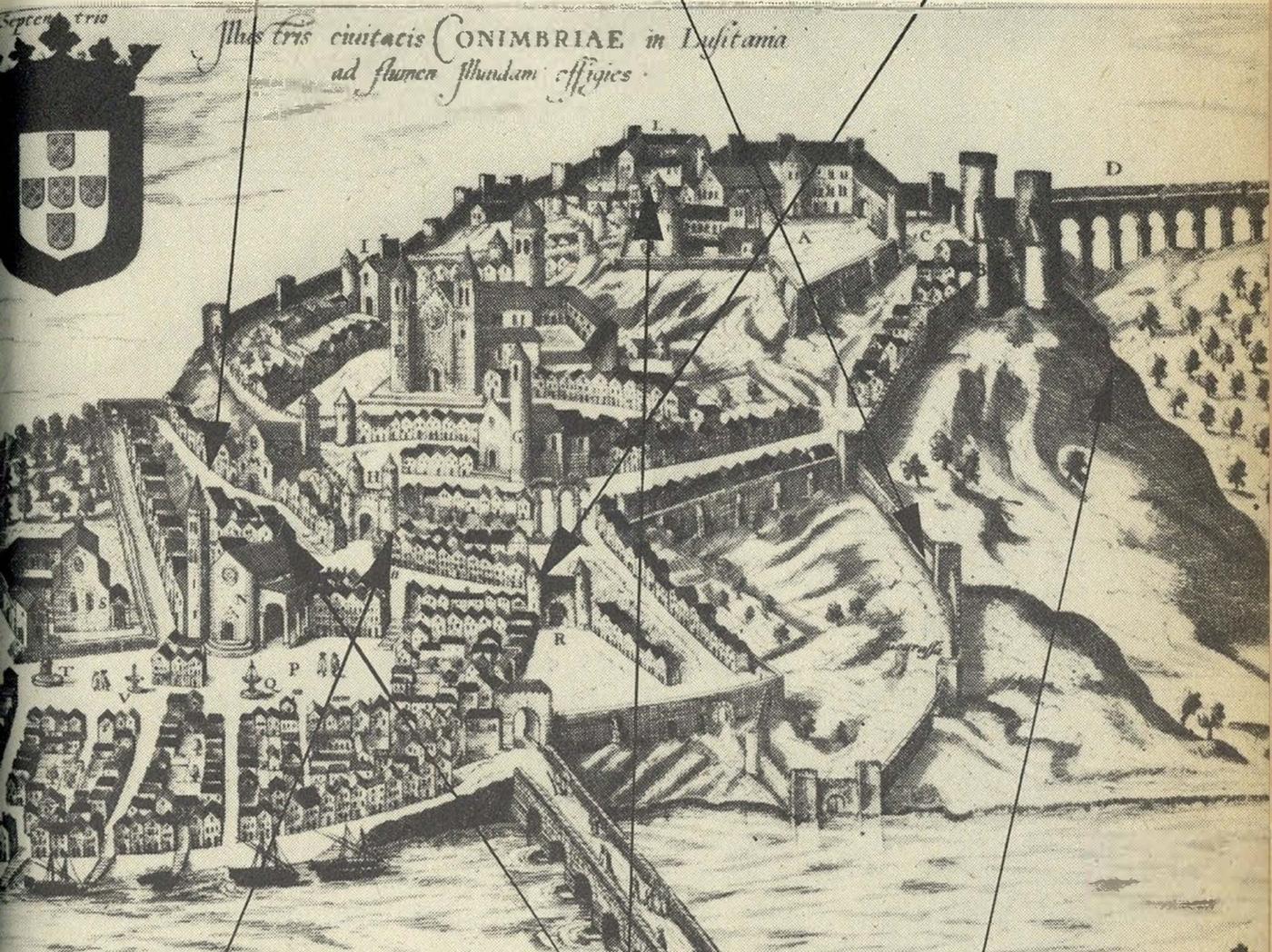
22 às 24 — Av. do Brasil — Média burguesia

COIMBRA

12 — Bar da Faculdade

12.30 — Bar da Medicina — onde o «Japão» vai ver a «malta»

17 — Rua Ferreira Borges (dita o «Canal») — a rua Garrett em capa e batina



22 — Bailes «triviais ao popular» de Cêla e Tovim

A horas mortas — Penedo da Saudade: só para estrangeiros mal informados

Todas as reuniões, todas, do Tiro e Sport» (a «Parada» de Cascais reduzida a 8 mm)

FÁBULAS PARA O NOSSO TEMPO

por James Thurber



O URSO E O ALCÓOL

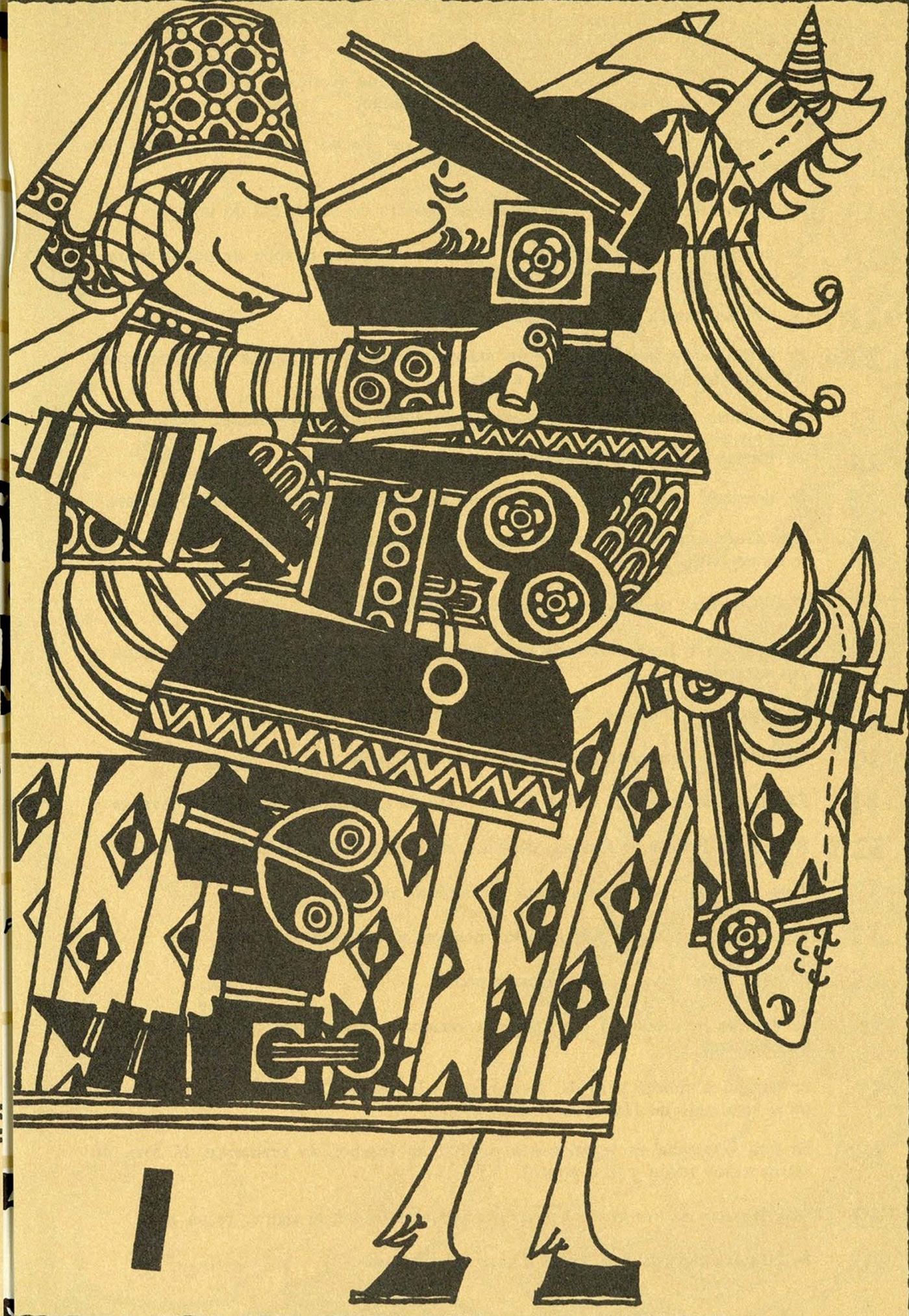
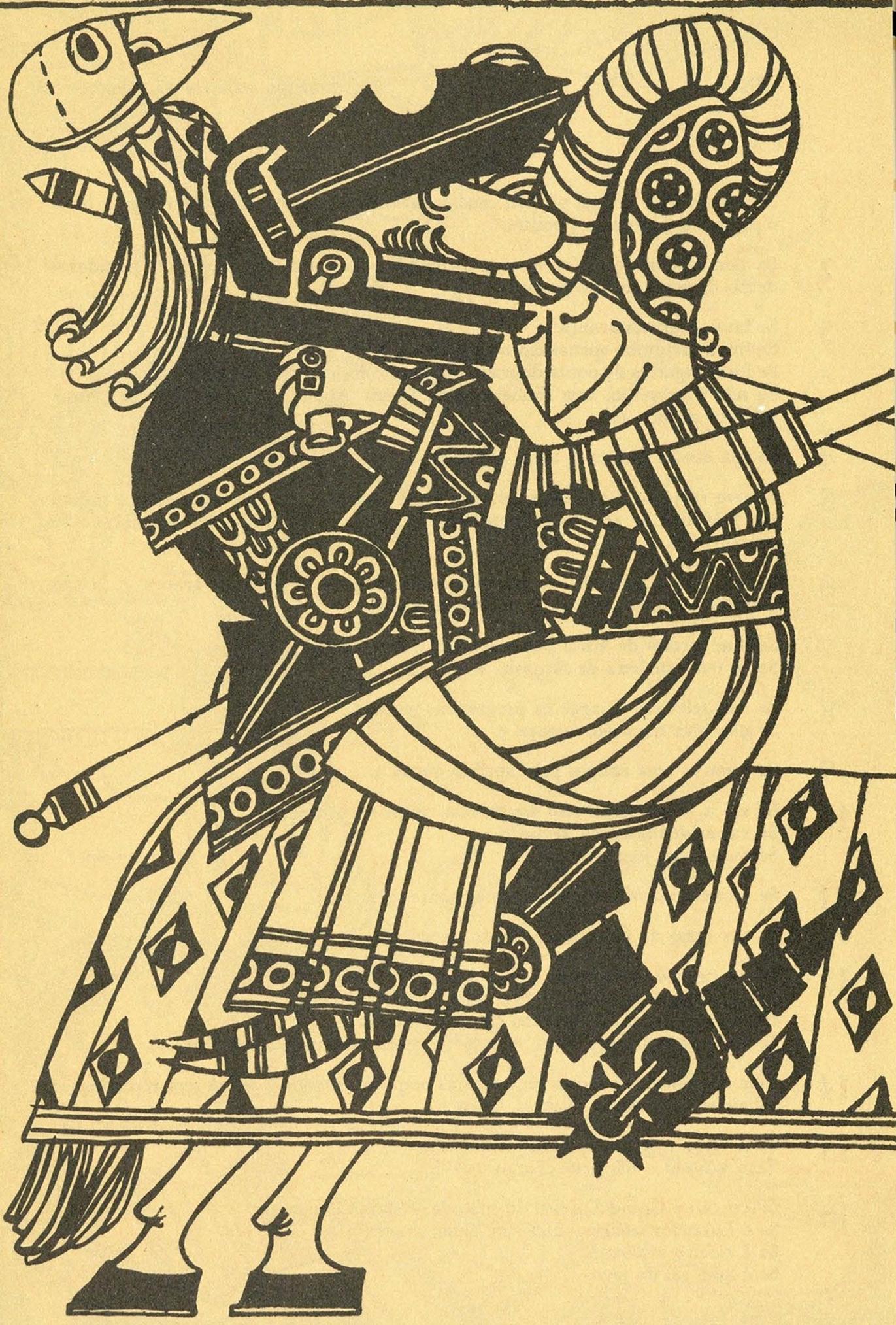
Era uma vez, nas florestas do Far-West, um urso castanho que gostava moderadamente de bebidas alcoólicas. Uma vez por outra, entrava num bar onde vendiam uma bebida feita com mel fermentado e tomava dois copos — só dois copos. Depois punha algum dinheiro em cima do balcão, dizia: «com o troco sirva uns copos aos outros ursos», e ia para casa. Mas, por fim, o urso tornou-se um bebedor inveterado. Passava os dias a beber sozinho. À noite chegava a casa aos bordos, deitava ao chão o bengaleiro do vestíbulo, dava encontrões nas mesas, fazia cair os candeeiros, metia os cotovelos pelos vidros das janelas. Depois caía no chão e adormecia. A mulher dele ficava apoquentadíssima e os filhinhos muito assustados com todo aquele barulho.

Ao fim de algum tempo desta vida, o urso viu o erro do seu procedimento e começou a regenerar-se. Até que acabou por se tornar um abstémio famoso e um dos mais célebres conferencistas das Ligas Anti-Alcoólicas. A todas as visitas que iam a sua casa contava os terríveis efeitos do álcool, mostrando com orgulho como ficara rijo e forte desde deixara de beber. Para demonstrar a sua saúde e a sua força, começava a fazer o pino e a dar cambalhotas dentro de casa, deitando ao chão o bengaleiro, dando encontrões nas mesas, fazendo cair os candeeiros e metendo os cotovelos pelos vidros das janelas. Depois, cansado por esta ginástica saudável, deitava-se no chão e adormecia. A mulher dele ficava apoquentadíssima e os filhinhos muito assustados com todo aquele barulho.

Moralidade: Tanto faz tropeçar e cair de borco, como cair para trás à força de nos querermos endireitar.

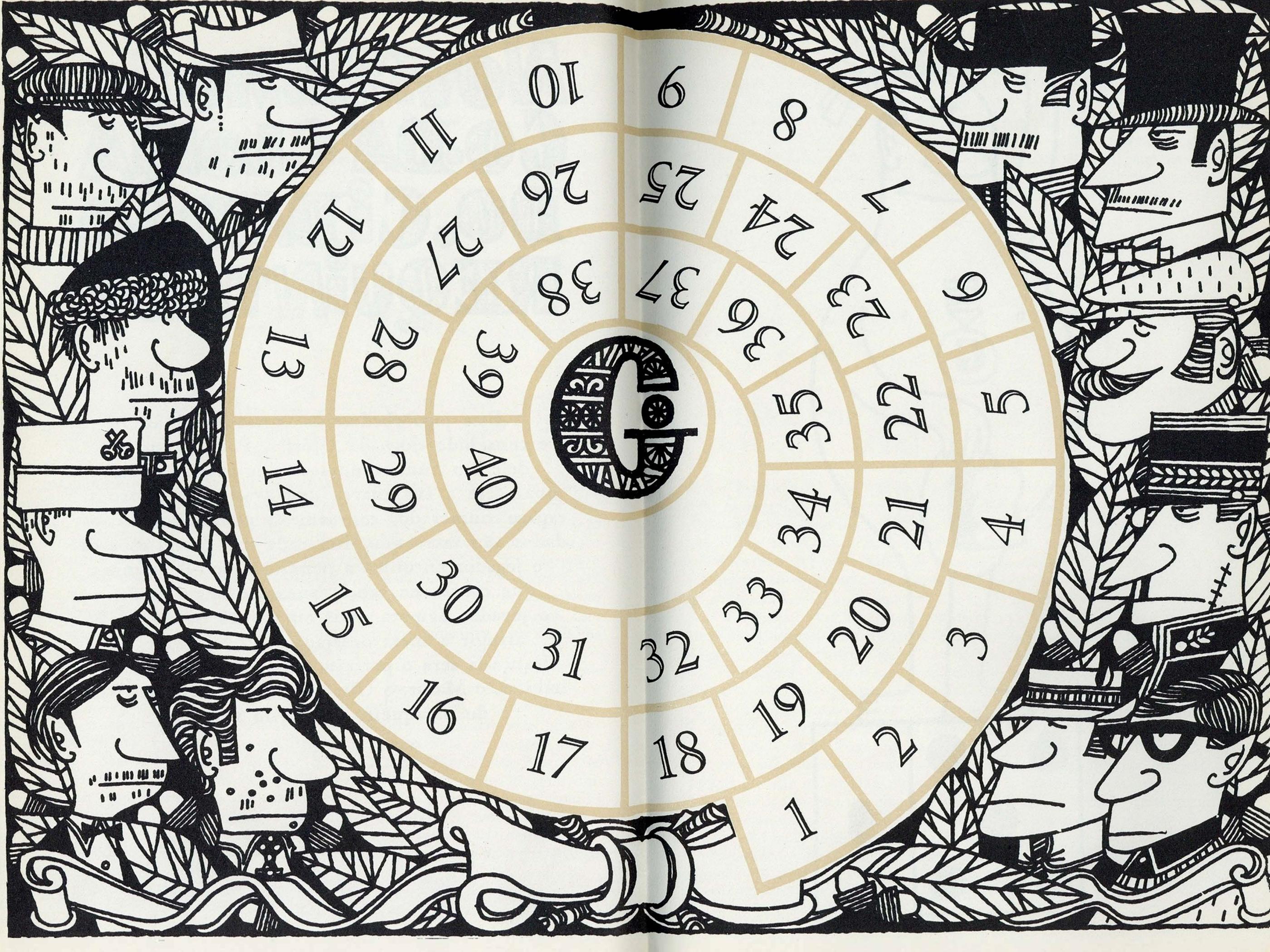
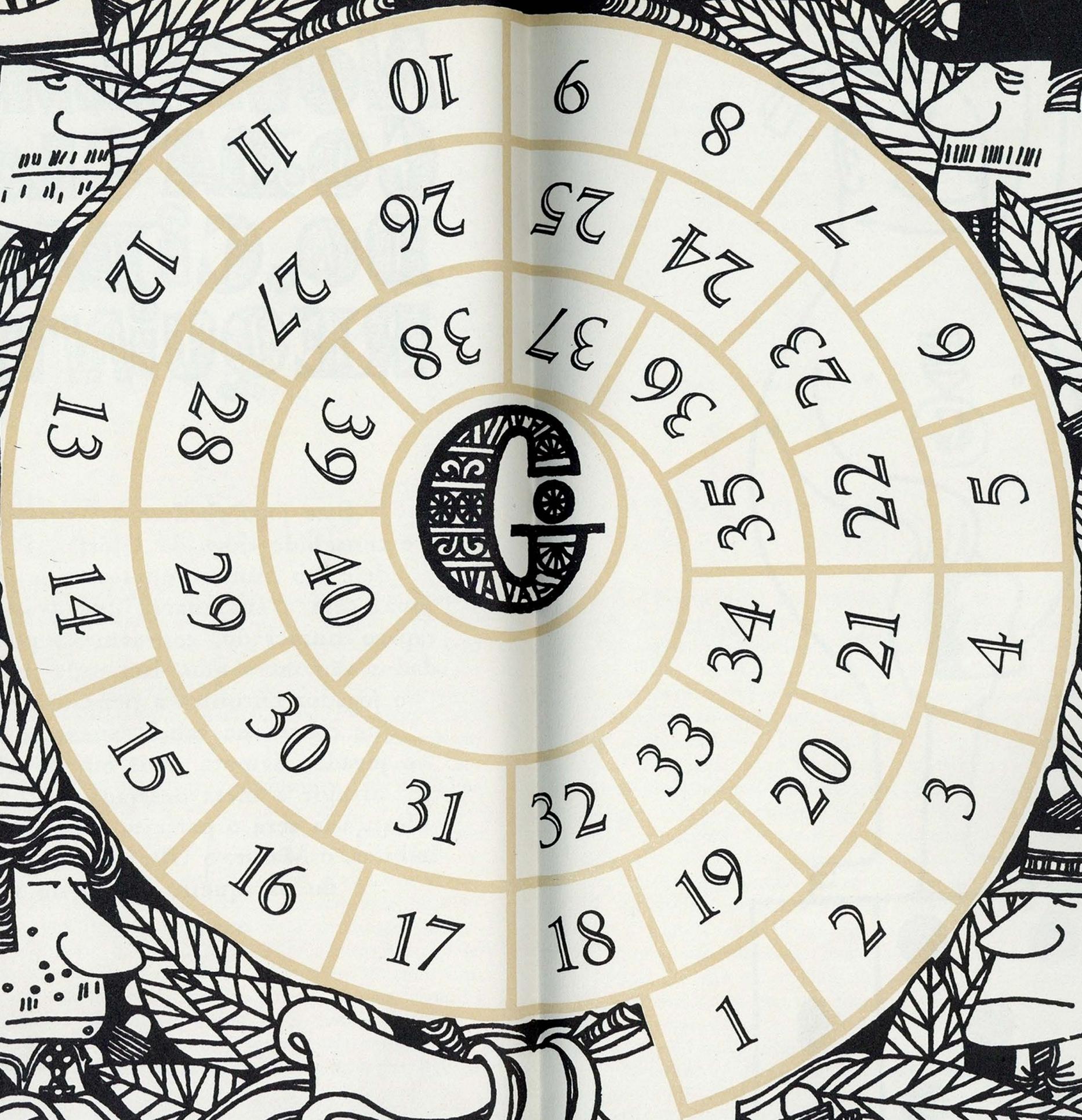
NOVISSIMO JOGO DA GLÓRIA DO CIDADÃO REQUINTADO

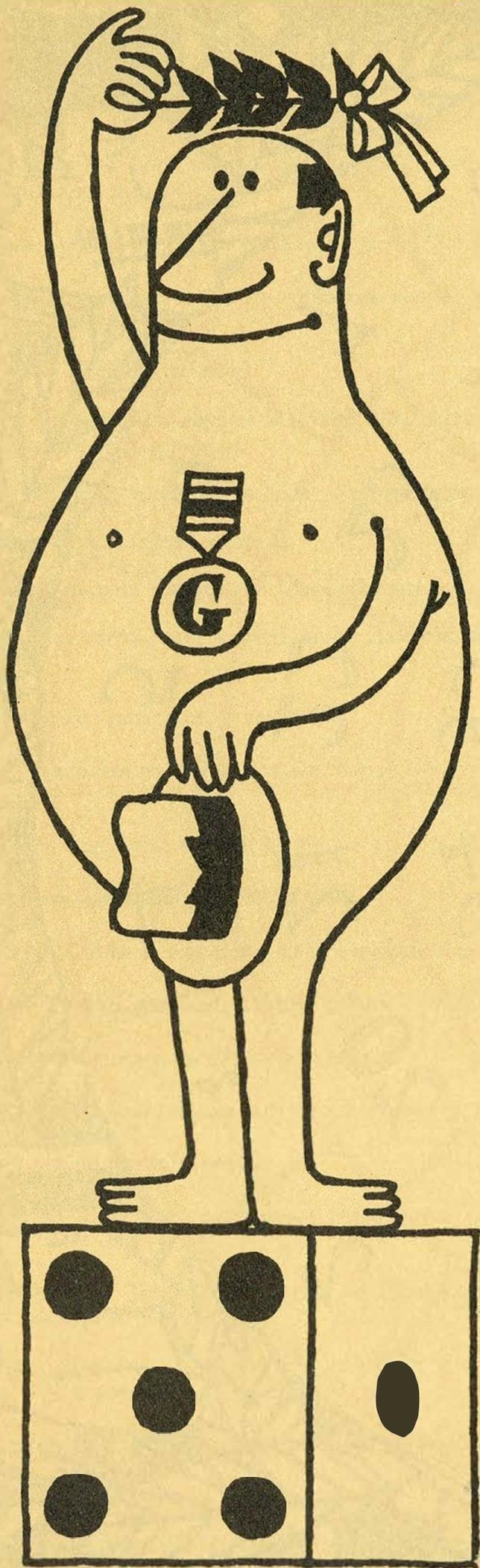
Este jogo obedece às regras do velho e consabido «Jogo da Glória». Pode participar dele um número qualquer de pessoas, cada qual com a sua marca que avança de espaço a espaço numerado, conforme a pontuação que os dados vão marcando. Em cada um desses espaços o jogador encontra a penalidade ou o prémio que consta na tabela anexa, e desse modo, o jogador demora mais ou menos tempo para atingir a meta desejada. O 1.º jogador a alcançá-la será o perfeito cidadão de requintados hábitos, o Maior, o Ultra-snob, o Estrangeiro-Mor do pataqueiro Reino do Pacheco.



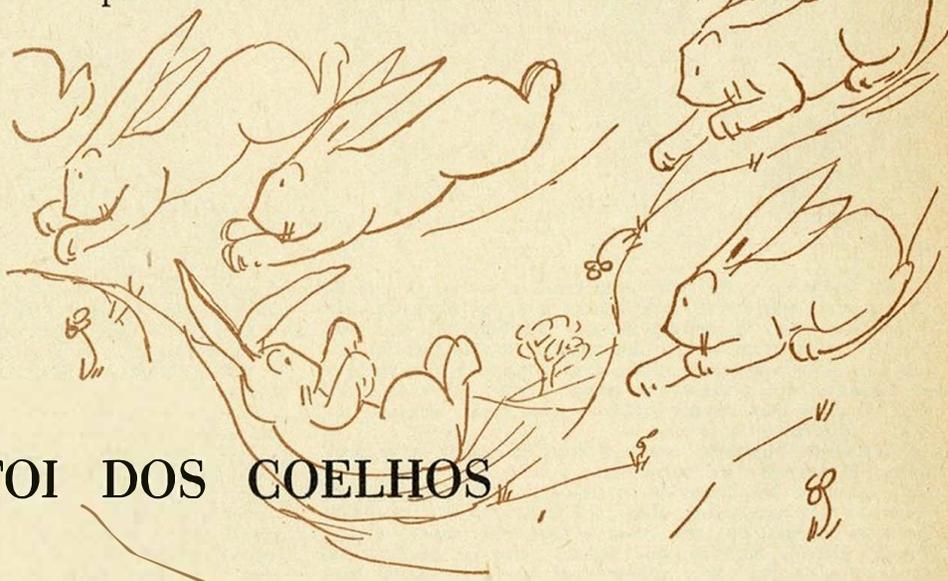
- 1 Se apenas joga bridge, pif-paf, canasta, avança 2 pontos, se também joga a bisca o poker e o 7,5 avança 5 pontos.
- 2 Se tem azulejos do género «seja Benvindo quem vier por bem» ou ferraduras detrás da porta recua 6 pontos.
- 3 Se fuma charutos avança 2.
Se fuma cachimbo apenas em casa avança 5.
Se fuma cigarros de ponta dourada ou papel colorido sai do jogo.
Se não é avarento, tem dinheiro para fumar Abdullas mas apesar disso fuma de onça avança 10.
- 4 Se usa óculos escuros à noite recua 4.
- 5 Se tem mais de 7 carimbos no passaporte avança 3; se tem mais de 3 e menos de 7 avança 2; se não tem passaporte recua 1. (Os carimbos espanhóis não contam).
- 6 Se lê o «ALMANAQUE», mas não assina, avança 2; se assina avança 5; se não costuma ler volta ao princípio... (ou à escola).
- 7 Se tem cartões de visita impressos em relevo, avança 2.
Se os tem em letra de fantasia, recua 5.
- 8 Se tem televisão e segue os programas, recua 7.
Se não tem televisão, avança 5.
- 9 Se trata os seus amigos pelo apelido, recua 3.
- 10 Se vai a snack-bares com frequência, volta ao princípio.
Se vai acidentalmente, recua 3.
Se nunca vai, joga outra vez.
- 11 Se é cumprimentado por algum sinaleiro, avança 3.
- 12 Se nas casas de fado pede silêncio, recua 3.
- 13 O seu carro é americano? Recua 6.
Inglês, francês ou alemão? fica onde está.
Italiano e custou mais de 100 contos? Avança 1.
Se anda de jeep em Lisboa, avança 10 («pelo andar da carruagem...»).
- 14 Tem nas paredes quadros ou gravuras originais, avança 5. Se só tem reproduções coloridas de quadros célebres, recua 5.
- 15 Tem cão e não tem quintal? Recua 2.
Tem quintal e não tem cão, avança 1.
- 16 O seu cão é Grand Danois, ou lobo de Alsácia? Recua 3.
Se é Lavrador, cocker ou cão de água, avança 3.
Se é rafeiro avança 6.
Se é lulu, sai do jogo.

- 17 Se tem consideração pela grafonola de campânula avança 5.
Se a meteu no sótão, recua 3 (ou vai para o sótão).
- 18 Costuma servir cocktails aos seus convidados? Recua 3 pontos. Serve-lhes Madeira, Carcavelos ou Gerez avança 2.
- 19 Tem um leão ou um tigre na janela da traseira do carro? Sai do jogo.
- 20 Se usa chapéu à diplomata recua 2. Se no verão usa chapéu de palha recua 3.
Se usa chapéu tirolês recua 5.
- 21 Se tem assinatura no S. Carlos, avança 5.
- 22 Se é mulher e usa «slacks» com sapatos de salto alto, recua 5 pontos (quem não quer ser lobo não lhe vista a pele...).
- 23 Se costuma visitar Livrarias mesmo sem fazer qualquer compra, avança 3.
- 24 Se aprecia objectos de ferro forjado, recua 3.
- 25 Se desejasse faisão sabia onde comprá-lo? Caso afirmativo, avança 2 pontos.
- 26 Depois de uma visita costuma dizer «gostei muito deste bocadinho»? Recua 3.
(e envergonhe-se).
- 27 Usa gabardine de plástico transparente? recua 4.
- 28 Preferia ter 6 fatos razoáveis ou 2 fatos muito bons? Na 1.ª hipótese recua 3.
Na segunda avança 1.
- 29 Usa emblema de clube desportivo na lapela? Recua 4.
- 30 Quando vai à praia usa saquinho de avião? Recua 3.
- 31 Distingue um prato da China de um prato da Companhia das Índias? Avança 5.
- 32 É sócio da Parada de Cascais, do Turf, do Tiro e Sport, do Leça? Avança 2.
- 33 Tem mais do que uma tia beata na família? avança 2.
- 34 Se o jogador ou algum dos seus íntimos tem «Yacht», avança 3.
- 35 Se bebe vinho tinto gelado, recua 3 pontos.
- 36 Se prefere linguado au «meunier» a carapaus fritos, volta ao princípio (**Dura lex, sed lex**).
- 37 Se perdeu a cabeça pelo dr. Jivago, pelos livros de Chessman, Erico Veríssimo ou se tem nojo do Naboukov, recua 3.
- 38 Se tem vergonha de levar a sua mulher ao futebol, às revistas e, lá fora, ao «strip tease» recua 5 (E é pouco).
- 39 Se é incapaz de um gracejo para a criada, em frente de visitas, recua 4.
- 40 Se jamais elogia os seus filhos diante deles, recua 3.





Mesmo os meninos mais pequenos ainda se lembram daquela família de coelhos que vivia perto duma alcateia de lobos. Os lobos um dia anunciaram que não gostavam do modo de vida dos coelhos. (Os lobos eram doidos pelo seu próprio modo de vida, porque não podiam conceber outro). Uma noite, vários lobos morreram num tremor de terra, e a culpa disto foi atribuída aos coelhos, porque é bem sabido que os coelhos batem no chão com as patas de trás, provocando assim terremotos. Numa outra noite, um dos lobos foi fulminado por um raio, e também a responsabilidade desta morte foi atribuída aos coelhos.



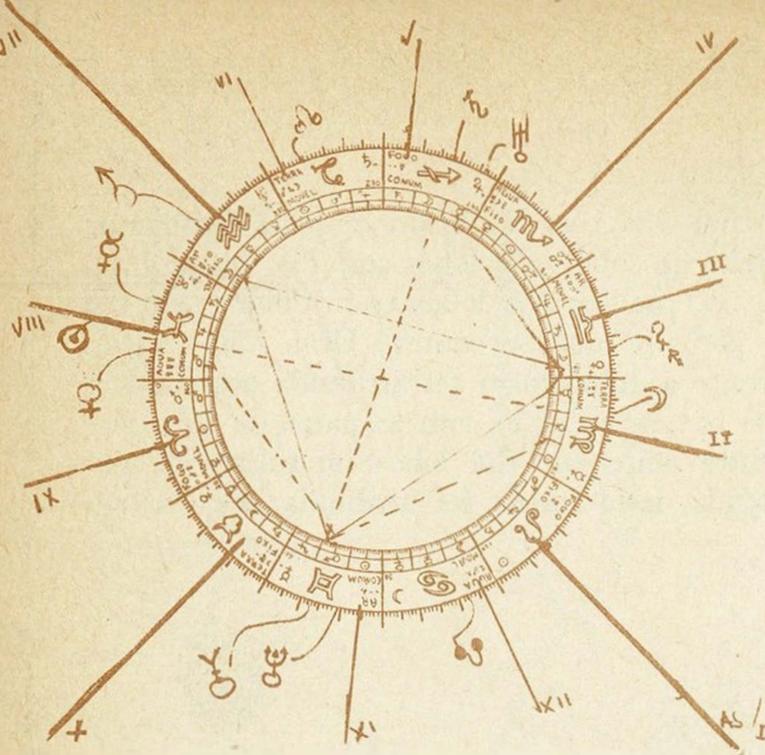
A CULPA FOI DOS COELHOS

porque toda a gente sabe que os roedores de couves atraem as tempestades. Os lobos ameaçavam civilizar os coelhos se eles não se portassem como devia ser, e os coelhos pensaram em fugir para uma ilha deserta. Mas os outros animais (que viviam mais longe dos lobos) fizeram troça dos coelhos, dizendo: «Vocês devem permanecer onde estão. É preciso ser valente. No mundo de hoje não se admitem cobardes nem desertores. Se os lobos vos atacarem, nós correremos em vosso auxílio — provavelmente.» De modo que os coelhos continuaram a viver ao pé dos lobos e um dia houve uma terrível inundaçãõ em que muitos lobos morreram afogados. Mais uma vez os coelhos foram acusados de ter tido a culpa, porque é do conhecimento geral que os orelhudos roedores de cenouras provocam inundações. Os lobos cercaram os coelhos, para o próprio bem destes, e, sempre para protecção destes, prenderam-nos numa caverna escura.

Ao fim de algumas semanas, como nunca mais tivessem sido vistos ou ouvidos os coelhos, os outros animais perguntaram aos lobos o que é que lhes acontecera. Os lobos responderam que os tinham comido e que, uma vez que os coelhos já tinham sido comidos, o assunto agora era puramente interno. Mas os outros animais preveniram os lobos de que, se não fosse apresentada uma justificação, se uniriam contra eles. De maneira que os lobos apresentaram uma justificação. «Eles tentaram fugir», explicaram os lobos, «e, como vocês sabem, no mundo de hoje não se admitem cobardes nem desertores».

Moralidade: Foge, tão depressa quanto puderes, para a ilha deserta mais próxima.

as linhas do



As linhas do prazer são caprichosas e várias. O cidadão de prazeres requintados, o evoluído, tem na palma da mão e no horóscopo as marcas da sua sensibilidade. E, como ele, o homem elementar, o desfrutador da vida naquilo que ela tem de primitivismo sadio, traz consigo a fatalidade e as fórmulas dos prazeres terrestres. Júpiter ou Vénus, Sol ou Mercúrio são sumos-pontífices das belas alegrias. As mãos, confirmam o resto.

Domingos Mesquita, que a crônica da cidade velha classifica de marialva de outras eras e andanças, é um celta de estatura e um árabe de morfologia. Dizem que andou, Beco do Carrasco acima, Rua do Capelão abaixo, com Gabriel, o Marujo, que era poeta e fadista de sapato afiabrado. Dizem, também, que possui todos os segredos de uma culinária que não é apanágio de Maria de Lurdes Modesto, e que cantava o fado no mesmo estilo do Xico Alquilador e do Alberto Dentinho. Dizia-se que pegou touros como ninguém e que foi companheiro de severas e de mariais custódias. É celta: até pelo espírito de uma aventura que já passou. É um árabe: até pelos silêncios com que preenche, hoje, os intervalos de conversas tabus. Adora o diálogozinho escorrido e pitoresco, a malícia do saltitar de uma palavra para a outra, quando quer (ou ouve alguém) falar de alguém. Pardal do telhado de uma cidade que já não possui beirais, Mesquita é senhor de um outro mundo, que tem fronteiras delimitadas, a Oriente, pela Rua da Misericórdia, e a Ocidente pelo Convento de Jesus. Foi aí que o prof. Carlos Radini, mestre nesta magia pagã de adivinhar o determinismo pelos riscos e pelo céu, o observou.

QUANDO DOIS SIGNOS SE ENCONTRAM...

Na Carta do Céu de Natividade, que indica a posição dos planetas no momento em que ocorre um nascimento, encontra-se o signo do Ascendente (aquele que se levanta na hora da nascerça) em Leão. Como o signo solar, isto é, o que corresponde ao dia e ao mês do nascimento, se localiza em Peixes, verificamos, em primeira análise, que Domingos Mesquita pertence a duas emanações distintas: FOGO, pelo signo do Leão; e ÁGUA, pelo de Peixes. A triangulação (benéfica) quase perfeita está radicada em signos de Ar.

A combinação dos signos PEIXES/LEÃO, fornecem as seguintes características de personalidade: carácter vital, temperamento seco, fixo, enérgico, um tanto ambicioso mas com uma disposição impressionável e possuidor de sensações vivas, espontâneas. O Sol, que dita sobre o signo de Leão, exerce uma influência considerável e não favorável à sua personalidade, a qual dá origem ao aparecimento de obstáculos, de contrariedades (Sol em mau aspecto na Casa VIII, com Neptuno na Casa X), no que diz respeito a situação social e a situação financeira (Sol em mau aspecto, para com a Lua, que está na Casa II). (Neptuno, também planeta particularmente influente, porque rege o signo solar de nascimento (Peixes), igualmente provoca implicações nos assuntos materiais, em consequência das suas más disposições astrais com o Sol e a Lua. Apesar de ser um planeta com características espiritualistas, a sua posição no Horóscopo dá origem a certos exageros de ordem física (mau aspecto a Sol e a Vénus), à aventura e, simultaneamente, a situações extremamente emotivas (mau

aspecto à Lua) e ao gosto pelas coisas populares, como, por exemplo, touradas, fado, certos desportos, etc.

Por outro lado, a colocação de Vénus e da Lua, praticamente opostos, provoca a sensibilidade, o pantagruelismo e, por extensão, o gosto acrisolado pela beleza de certo tipo e pela estética pessoalista. Resumindo, verificamos que a astrologia, dominante no destino de Domingos Mesquita está entregue a Neptuno, Sol, Lua e Vénus.

MÃO DO HOMEM, DESTINO DOS DEUSES

Ao observarmos as mãos de Domingos Mesquita, reparamos que o dedo de Sol (ou de Apolo), vista a sua proporção normal, domina os restantes; que os montes de Neptuno e da Lua quase se confundem e não são perfeitos; que o monte de Vénus é irregular; e que a linha de Sol (também chamada das Artes) parte da linha do Destino e é irregular e incerta. Constata-se, pois, haver preponderância, algo negativa, daqueles planetas, tal como se tivessem de traçar um horóscopo à base do dia, do mês, do ano, da hora e do local do nascimento, podendo, portanto, proceder-se a uma interpretação semelhante. Assim, se por exemplo, estudarmos as mãos de Mesquita através do aspecto sentimental, temos de observar que o monte de Vénus, os riscos quadrados e outros sinais, a linha lasciva, a linha de cabeça e de coração; os dedos e todos os montes seus correspondentes. Sob o ponto de vista gastronómico, temos de observar o monte da Lua, os dedos e a configuração das mãos, assim como os sinais que nela se apresentam, como quadrados, cadeias, cruzes, estrelas, etc.

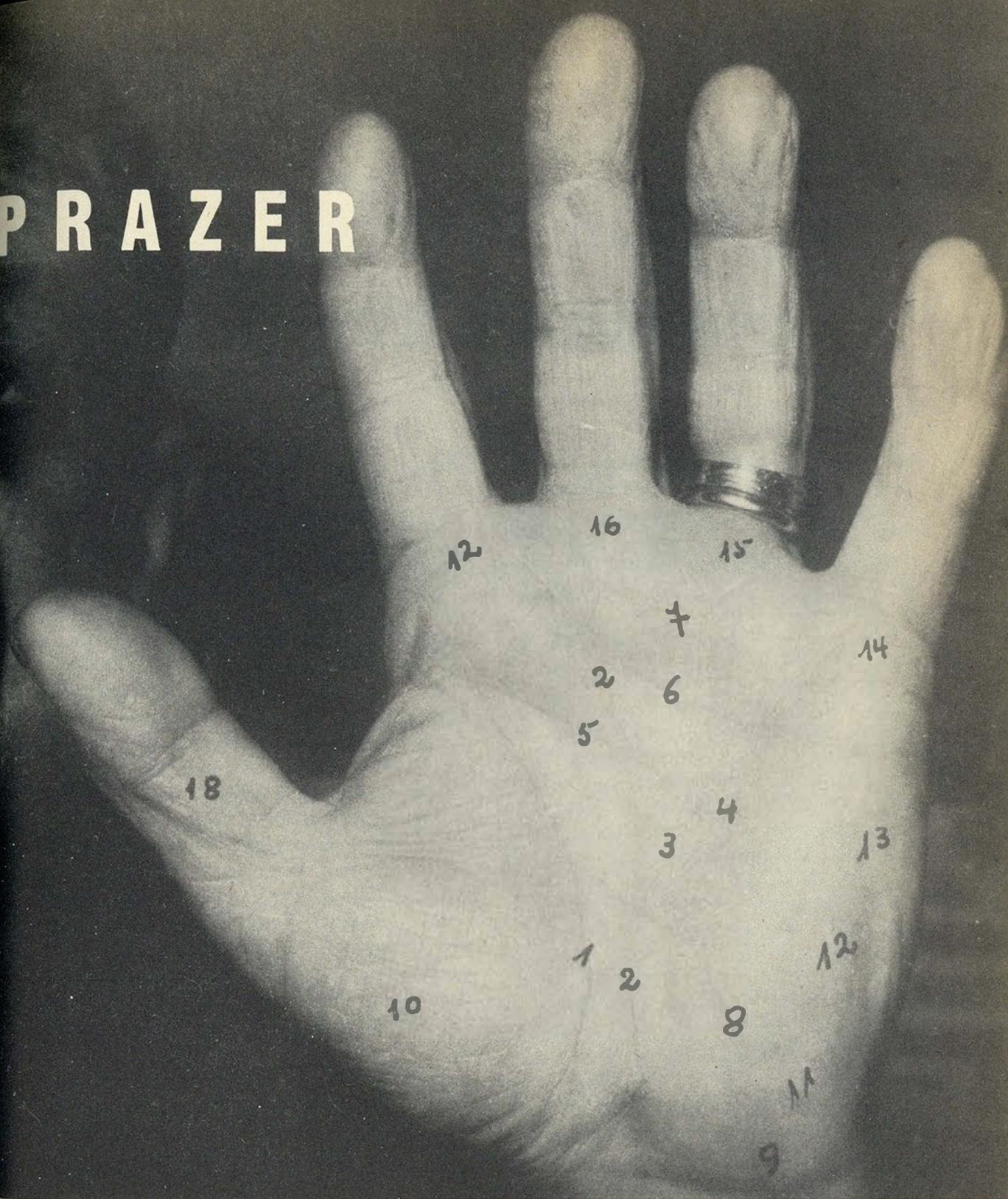
A personalidade é representada pela conjuntura das mãos, dos dedos e de todas as linhas e sinais nelas inscritas.

O recorte da mão, a partir do dedo mínimo, indica sentimentalidade; porém, o monte de Neptuno, irregular, a linha de Sol, deficiente, o dedo do Sol, mais longo, com a primeira falange diferente das primeiras falanges dos outros dedos; o monte da Lua, achatado, quase junto do de Neptuno; os dedos espessos, com o polegar carnudo — tudo isto indica exageros de ordem física, com tendências para o pantagruelismo, para coisas emotivas e para espectáculos que, de qualquer forma, possam relacionar-se com o público. O espírito aventureiro é determinado pela configuração do dedo de Júpiter. Todavia, como o dedo é mais curto do que o normal, certo tipo de aventuras nem sempre resulta.

O monte de Vénus, alto no seu extremo, e achatado junto à chave da mão; a linha do coração, golpeada; a da cabeça, ramificada; a maioria dos dedos curvos e para dentro da sua extremidade; as grades e quadrados no monte de Vénus (no seu final); os restantes montes pouco elevados; o dedo de Marte relativamente curto e o anel de Vénus, duplo — este somatório conduz à conclusão de que Domingos Mesquita tem tendências para a estética, para a beleza e para a sensualidade.

Os sinais que se encontram no monte de Vénus, tendendo a dirigir-se para trás do dedo de Marte, dá predisposições para assuntos ocultos ou misteriosos, e, extensivamente, para assuntos que permitam disfarce ou que sejam características emotivas ou violentas.

PRAZER



- 1 — Linha de Vida.
- 2 — » do Destino ou da Sorte.
- 3 — » de Sol ou de Apolo.
- 4 — » da Vitalidade.
- 5 — » da Cabeça.
- 6 — » do Coração.
- 7 — Anel de Vênus.
- 8 — Linha Lasciva.
- 9 — Linha de Viagens.
- 10 — Monte de Vênus e terceira falange de Marte (polegar).
- 11 — Monte de Neptuno.
- 12 — Monte de Lua.
- 13 — Monte de Marte.
- 14 — Monte de Mercúrio e dedo de Mercúrio.
- 15 — Monte de Sol (ou Apolo) e dedo de Apolo (ou Sol).
- 16 — Monte de Saturno e dedo de Saturno.
- 17 — Monte de Júpiter e dedo de Júpiter.
- 18 — Dedo polegar ou de Marte (segunda falange).

PSICOLOGIA E ÉTICA DO NACIONAL AUTOMOBILISMO

O cavalo, a patilha e a barba à passa-piolho morreram. Foram enterrados com o Passeio Público, as «castiçagens» e as batidas altas horas à Calçada de Carriche. Tudo isso faz parte dum mundo que já não nos fala, que já arrumámos há muitos anos no sótão da história.

Não se modifica, porém, a vida dum povo dum dia para o outro. Não se criam estruturas novas com alicerces antigos, não se alteram os factores que deram origem aos fadistas, aos caceteiros e aos marialvas, com a facilidade de quem arruma papéis velhos.

A Europa foi bombardeada, passou fome, resistiu. Morreram milhares de jovens que nunca chegaram a rir. As mulheres fizeram munições, guiaram ambulâncias, foram fuziladas ao lado dos homens. As crianças foram evacuadas, viveram anos sem leite, sem fruta, sem chocolate. O patrão e o criado lutaram lado a lado, comeram a mesma ração, correram os mesmos riscos...

Em Portugal as coisas passaram-se de outro modo. Ninguém viu a sua casa destruída pela guerra, ninguém teve a vida cortada ao meio pelo período que decorreu entre 1939 e 1944. Guerra à mesa dos cafés, quando muito guerra de cabeçalhos de jornal...

Transformações, se as houve, fizeram-se aqui por osmose, como adopção dos sinais externos das transformações em profun-

didade que os outros experimentaram. Os jovens pintores franceses andam de gola alta? Os jovens portugueses, que nunca pintaram, adoptam a gola alta. Fala-se da angústia duma geração a quem a guerra desapontou? Centenas de jovens adoptam o «ar angustiado» e correm às «mansardas» lisboetas para mostrarem a sua angústia de revista estrangeira. E assim sucessivamente.

Um observador de olho crítico razoavelmente apurado descobrirá um bom lote de sinais externos muito mais delicados do que estes. E é sabido: no fundo, lá muito no fundo do baú da história do nosso século, o arguto observador verifica que a patilha e a barba a passa-piolho estrebucham ainda corajosamente. Morreram, dizíamos nós, preparando-nos para a conveniente extrema-unção. Engano. Terrível engano! Pegue-se em qualquer actividade e ver-se-á que as transformações foram superficiais. Continuamos, ao fim e ao cabo, com a mesma cara. A barba é que foi rapada a *Phillishave* 220.

O Nacional-automobilismo, fenómeno transcendente das mais variadas implicações, é um exemplo adequado à questão. O perspicaz observador verá porquê. Necessita para tanto de guardar frieza, olho crítico e nada de se impressionar com arranques bruscos ou fervorosos ruídos de escape.

NO PRINCÍPIO ERA O CAVALO

No princípio era o cavalo. Mais tarde e contra sua vontade, foi o cavalo dominado pelo homem e, mais tarde ainda, o homem substituiu o cavalo pelo automóvel. Porque teria o homem feito essa substituição? Há várias opiniões. A mais corrente sustenta que o cavalo não tinha capota e que, por isso mesmo, se tornava incómodo viajar no Inverno. Outros afirmam que o cavalo é um animal pouco funcional e mal desenhado (apesar de Machado de Castro...) que obriga os passageiros a viajar atrás uns dos outros e não lado a lado. Qualquer destas teorias é aceitável. O leitor que escolha.

É claro que, se é verdade que no princípio era o cavalo, é igualmente verdade que no princípio era a mula e o burro. O burro era o cavalo dos pobres e a mula o *jeep* dos soldados. Isto não é de estranhar já que, actualmente, a *lambretta* é o automóvel dos pobres e a bicicleta a *lambretta* dos pobríssimos.

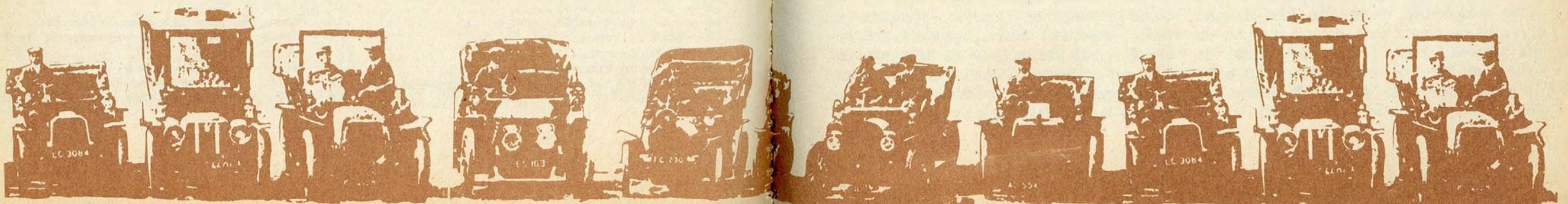
Vêm desse tempo as grandes categorias de automobilistas de hoje: o domingueiro, o *chauffeur* de praça, o *chauffeur* particular, o Fângio de pista de saguão, o automobilista sério, a senhora que guia, etc... Vêm desse tempo e conservam as mesmas características, os mesmos hábitos e a mesma ética.

ASINUS DOMINICALIS SP.

Não julguem os leitores que este título se refere aos «domingueiros». De forma nenhuma. O autor destas linhas não deseja exagerar. O título refere-se à montada e não ao cavaleiro.

É que o burro com que os «domingueiros» de outrora iam às hortas ao domingo já não usa cilha. Anda atado com arames e com fita isoladora. Designa-se por Santola, D. Elvira, Chapéu Alto. Exerce, todavia, a mesma função que exercia o burro de outrora e seus proprietários usam-nos com o mesmo fim. Enchem-nos de sogras, melancias, crianças, pastéis de bacalhau, garrações de vinho tinto e, na época apropriada, instrumentos plásticos destinados a enxotar moscas.

As características externas da espécie «domingueiro» são facilmente identificáveis e correspondem a um uniforme composto de peúgas às riscas, calças de cheviote da Covilhã com suspensórios de elástico e uma camisa cujas mangas devem estar enroladas pelos cotovelos a fim de não privar o «domingueiro» da liberdade de movimentos necessária ao impedimento do tráfego, à obstrução das ruas e às indicações de direcção dadas aos condutores que o seguem. Exemplos de comportamento bem definido, este nacional-automobilismo reage às condições



ambientes por forma inequívoca. Assim:

a) Sempre que um «domingueiro» deseja virar à direita, grita às crianças que se calem, empurra com o pé direito a melancia que caiu do cesto, coça com a mão esquerda a perna direita da mulher que está a mudar as fraldas ao bebé, toca a buzina com o peito e deita o braço esquerdo fora da janela;

b) O «domingueiro» deseja virar à esquerda? Cospe pela janela, empurra com o cotovelo a sogra, que insiste em querer ler o jornal que embrulha o peixe frito, afasta, com a cabeça, o filho mais velho, pede à mulher que mate a mosca que está no pára-brisas e à filha que estenda o braço direito fora da janela;

c) Operação «travagem». Quando um «domingueiro» pisa o travão, carrega, com toda a força, até o motor se ir abaixo. Uma vez o carro parado, deita o braço fora da janela e faz sinal de que vai parar.

Acontece, com natural frequência, que os travões do carro «domingueiro» não estão em perfeito estado de conservação. Nesse caso, o condutor não se atrapalha; com o maior sangue-frio recorre ao pára-choques do carro da frente para deter a marcha da sua viatura. Tem, porém, o cuidado de esperar até ouvir o seu próprio carro bater no pára-choques do veículo da frente. Só então começa a gritar:

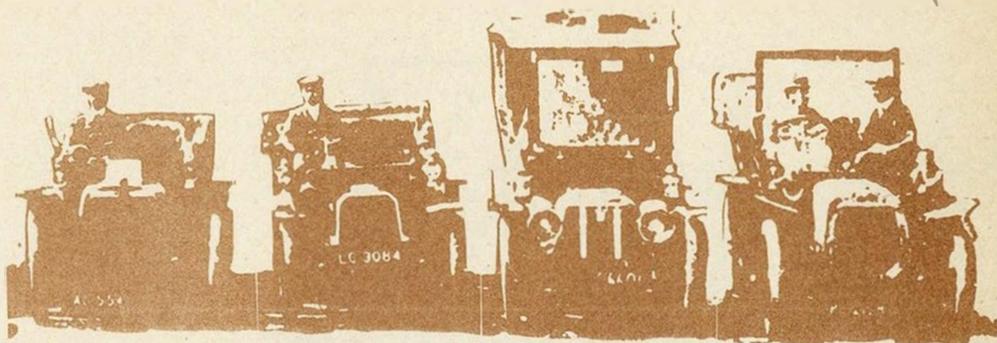
— Não foi nada, não foi nada... Siga... siga...

Haja o que houver, aconteça o que acontecer, um «domingueiro» nunca sai do carro senão aos gritos de — «Eu fiz o sinal, eu fiz o sinal...».

Esta verificação é de tal modo comprovada que foi visto um «domingueiro» no centro do Sará, parado por falta de água, aos gritos de «Eu fiz o sinal... Eu fiz o sinal...». Por outro lado, espíritos de graça fácil afirmam que S. Pedro, encarregado da secção de passaportes do Paraíso tem dado entrada a muitos «domingueiros» que ainda vão a gritar que fizeram o sinal.

PROPAGAÇÃO DA ESPÉCIE

Todo o filho de «domingueiro», bem sucedido nos negócios, apresenta variantes de comportamento que importa considerar. Começa por adquirir um carro desportivo a que manda rebaixar a cabeça e no qual pinta uma lista de cor ao longo *capot*. Em seguida decora umas palavras que não entende, como, por exemplo, «potência ao freio», «torque», «derrapagem controlada», etc. E, posto isto, a título de demonstração, leva um amigo ao Guincho, onde faz umas derrapagens descontroladíssimas, falando ao mesmo tempo de Fângio:



— É assim que o tipo entra nas curvas a 1000 rotações...

— É assim que o tipo sai das curvas a 11 000 rotações...

O amigo, deslumbrado, começa a fazer a propaganda no café e o filho do «domingueiro» obtém o prestígio necessário para conquistar uma menina lá do bairro com quem passa a frequentar gincanas. Esta «operação gincana» corresponde aos piqueniques dos filhos dos «domingueiros» enriquecidos e tem as suas regras: as raparigas vão de calças, «o mais descontraídas possível» e nunca, mas nunca, acertam nas bolas nem abrem as cancelas a tempo. Em compensação portam-se «o mais à cinema possível» e são «o mais camaradas possível». Em resumo: as raparigas são «o mais possível» e, diga-se em abono da verdade, que não lhes é possível muito.

BOLEEIROS E TIMPANAS

Os boleeiros do tempo dos nossos avós deram origem aos *chauffeurs* de praça dos nossos dias, esses simpáticos indivíduos que aparecem nos dias de sol e desaparecem mal começa a chover. Têm a sua maneira especial de ver o mundo: julgam que os polícias foram feitos para os perseguir, que o caminho mais curto entre o Chiado e o Terreiro do Paço é aquele que passa por Campo

de Ourique, que os «particulares» compram carros para lhes estragar o negócio e, acima de tudo, que a língua portuguesa contém três vocábulos: «banana», «padeirão» e «gebo».

COCHEIROS DE ONTEM—«CHÓFERES» DE HOJE

Os *chauffeurs* particulares são diferentes. Descendem directamente dos cocheiros dos «senhores» de há cem anos e a sua importância varia consoante a importância dos patrões. O *chauffeur* do banqueiro é mais importante que o *chauffeur* do ministro, mas este é mais importante do que o *chauffeur* do industrial. Entendem que as ruas são suas. E porque não? Bem vistas as coisas não são os seus patrões que pagam os impostos? No contacto com os patrões adquirem algumas das suas maneiras e a convicção de que têm sempre razão... a razão do patrão, um cidadão influente que «resolverá as coisas mais tarde» como muito bem entender...

OS NOSSOS PECADOS

Este mundo é um vale de lágrimas e todos temos o nosso calvário que nos dará o reino dos céus. Para remir os pecados dos automobilistas, Deus emancipou a mulher e deu-

-lhe carta de condução. As senhoras encartadas descendem todas dumas outras senhoras que tinham em casa uma carrocinha pequenina, engatada a um carneiro, para passear na quinta. Guiam hoje em Lisboa exactamente como as suas avós-meninas guiavam nos jardins as carrocinhas dos carneirinhos. Guiam mal, em resumo.

O trágico, porém, é que, levados por um conceito de boa educação que provém da época dos torneios medievais em que lutávamos por nossas damas, não podemos, sequer, ser mal educados com elas. Somos compelidos a engolir as nossas opiniões e a sorrir. Quando elas se atravessam na rua, à nossa frente, quando nos levam um guarda-lamas e nos destroem a mola, o mais que podemos dizer é:

— M... M... Minha Senhora, se V. Ex.^a fosse à... à... escola de condução onde lhe ensinaram a guiar e aprendesse de novo... Se V. Ex.^a... Desculpe, minha Senhora. Tem toda a razão. A culpa é minha. Desculpe, minha Senhora. Sempre às ordens. Quando quiser destruir outro carro é só telefonar. Trago imediatamente o meu.

AUTOMOBILISTICUS GRAVIS SP

Existe, também, o automobilista sério que comprou o seu *Volkswagen* para ir de casa ao escritório e do escritório a casa: Regra

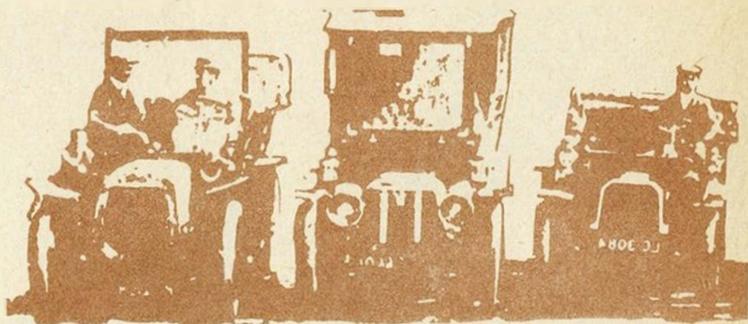
única do automobilista sério: nunca ultrapassar os 50 km por hora. Causa mais desastres sozinho do que todos os outros juntos, mas segue, imperturbável, contraído, concentrado, olhando para a frente, a 50 km por hora, com a consciência tranquila.

FÂNGIOS DE TRAZER POR CASA OU FÂNGIOS INSCRITOS NO COMISSARIADO NACIONAL DOS CORREDORES DESEMPREGADOS

Antigamente, os fidalgotes e os filhos-famílias, ao domingo à tarde, iam tourear a cavalo. Garbosos, imponentes, vistosos, másculos, graciosos, viris, corajosos (não ocorrem agora mais adjetivos...), iam exhibir a sua coragem pelas arenas da cidade. É claro que jogavam pelo seguro. Em toda a história do toureio a cavalo, ao que parece, morreram 3 cavaleiros...

Por aqui se vê que a coragem dos filhos-famílias de antanho era calculada e muito, mas mesmo muito relativa... Servia, porém, o fim que se pretendia: fazer vista.

Actualmente, os filhos-famílias já não pisam a arena «com garbo». Trocaram a arena pela Praça do Império. Exhibem a sua «coragem» perante o espanto atento do Mosteiro dos Jerónimos e perante os olhares curiosos dos camponeses que os vêm passar nas estradas.



Quem visse os «cavaleiros» do nosso tempo julgaria que iam, pelo menos, tomar parte nas «Mil Milhas» ou nas «24 Horas de Le Mans» e, todavia, é pura confusão. Não. Os cavaleiros automobilistas de hoje, que se apresentam com fatos macacos, óculos ao peito e capacetes importados, limitam-se a ir a um «rallye» de 100 ou 200 km... a 50 km por hora...

É claro que nos «rallyes» quase ninguém morre. Faz-se vista e o risco é... muito semelhante ao que corriam os cavaleiros taumáquicos de outrora...

O que, entre uns e outros, há de semelhante, é tão evidente que não carece de comentários. Digamos que são «desportos para a galeria».

NEM TUDO O QUE LUZ É OIRO OU NEM TODOS OS LEÕES MORDEM

Ultimamente surgiu a moda dos leões nas janelas traseiras dos automóveis. Teriam fugido do Jardim Zoológico? Não se sabe. Dizem os psicólogos contemporâneos que a moda resulta da necessidade que alguns homens sentem de «roncar» mais do que podem. Como podem pouco, transferem os seus desejos para os leõezinhos. Um exemplo: quem tiver um *Taunus* e preferir um *Ferrari*, compra um leão que coloca na janela do *Taunus* e... pronto. Quem tem

uma esposa, daquelas que dão ordens, ouve-a e olha para o leão... sempre se consola...

Existe ainda uma outra classe de condutores: os automobilistas do cromo e do acessório.

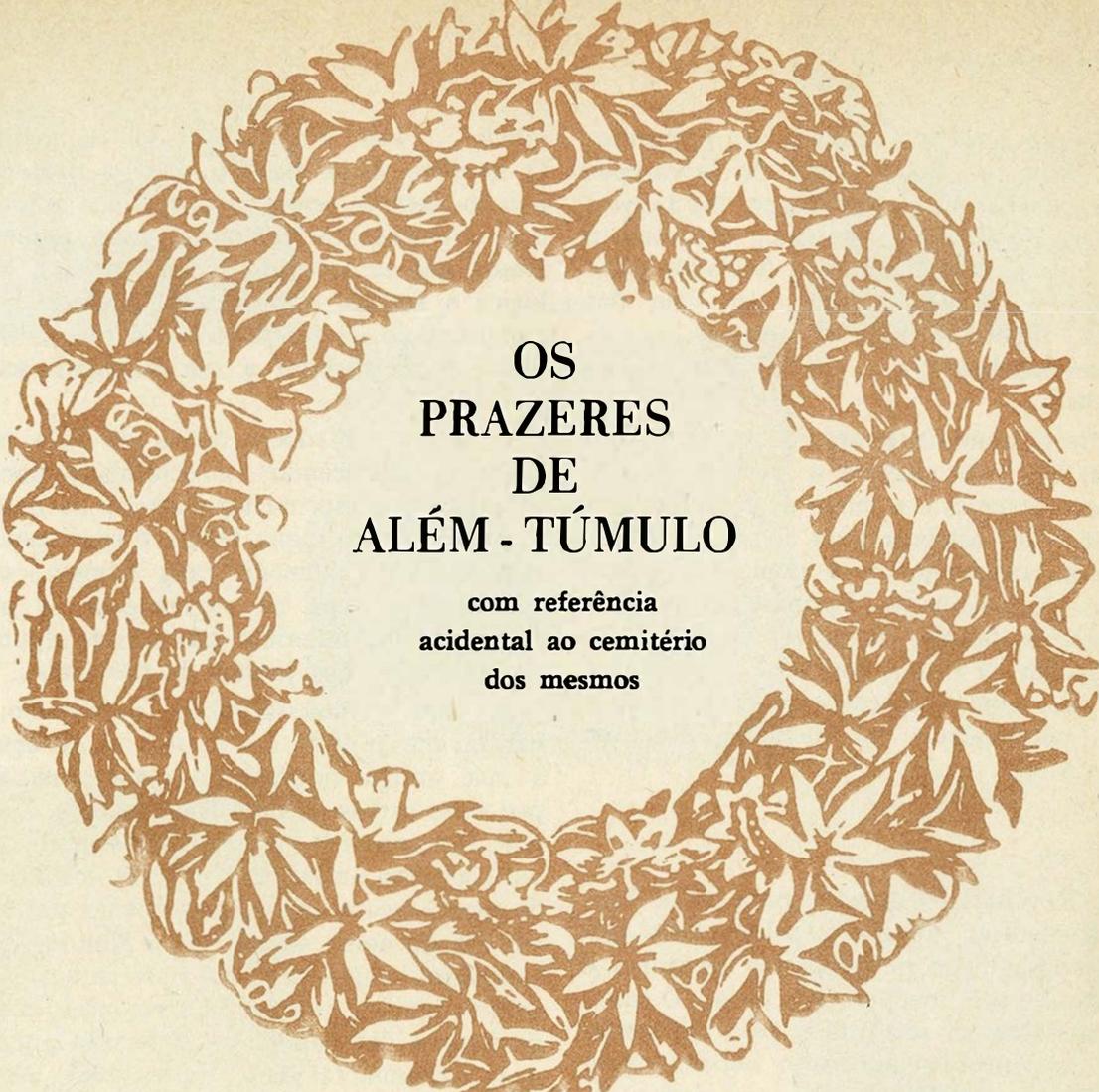
Destinam-se os acessórios a transformar carrinhos em carrões, carros decentes em carros americanizados, automóveis em capelistas.

É claro que os automóveis carregados de acessórios têm uma utilidade prática: permitem que se distingam os construtores civis dos restantes mortais.

Nota final

Não é com artigos de ALMANAQUE que se reformam costumes nem o autor destas linhas tem pretensões a vir aqui modificar o *modus vivendi* rodoviário dos seus contemporâneos patricios. Condói-se apenas perante o espectáculo diário que se lhe oferece e medita sobre as razões profundas que lhe dão origem e os aspectos que dentro do seu código de honra particular vai assumindo. O automóvel, objecto de ostentação, fazendo esquecer, pelo aparato, as prestações em atraso e sobre cujo acelerador a agressividade recalcada de várias gerações se liberta, faz-lhe esquecer, por vezes, o automóvel máquina engenhosa para conforto dos homens...





OS PRAZERES DE ALÉM - TÚMULO

com referência
acidental ao cemitério
dos mesmos

I

Será a morte um prazer? Questão profunda esta e antiga a que só os mortos poderiam dar resposta. Por isso e na ignorância e dúvida que, na nossa época, lavram a respeito do além, nada garantindo que o que nos espera depois da morte não seja pior do que o que arrastamos em vida, a grande maioria da humanidade prefere para si própria sagazmente manter-se viva — e contentar-se com a morte dos outros.

E os prazeres de além-túmulo — com a possível excepção do comércio sobrenatural mantido pelos espiritistas, são particularmente apreciados por quem ronda cabisbaixo o túmulo pelo lado de fora e não por quem, lá dentro, hirta e de cerimónia, se vai transformando em fosfatos.

A primitiva arte funerária tinha por finalidade preparar para uma vida seguinte a

esta aqueles que na sua architectura se albergavam. Assim, nas mastabas e nas pirâmides egípcias, nos túmulos cavados na rocha, foram encontrados objectos de uso comum, alimentos, armas, destinados certamente a ser utilizados pelo morto. E incorporados num grande espírito religioso, os monumentos tinham inteireza e coerência — entre as 7 maravilhas do Mundo contam-se o túmulo de Maosolo e as pirâmides do Egipto.

Já então, para celebração das virtudes dos ilustres da terra, se gastavam fortunas, se empregava trabalho escravo, se consumia a energia e a imaginação dos povos e dos artistas. Para que o Mundo não esquecesse que houve um faraó chamado Cheops, um faraó chamado Toutankamon, um rei poderoso em Halicarnasso.

Mais próximo de nós, Napoleão, jaz nos Inválidos, Alexandre Herculano dorme o

seu último sono nos Jerónimos, peregrinos deslocam-se de todo o Mundo às campas simples de Brecht ou de Balzac. No *maquis* de Vercors, a rocha gravada perpetua o nome dos patriotas franceses fuzilados pelos alemães e no Guadarrama, no Vale dos Caídos, repousam lado a lado, os mortos que se bateram por e contra a República espanhola.

Entre o monumento erguido por um povo ou um clã, para celebrar a memória de um dos seus próceres e a missa de *Requiem* que Carlos V fez celebrar para si próprio ainda em vida, cabem todos os graus de egocentrismo e megalomania. Formas, de qualquer maneira de prazer, do prazer estranho que acompanha os rituais fúnebres — do prazer com que, com antecedência, se prepara a nossa permanência na memória dos que sobrevivem.

II

Da Revolução Francesa para cá a burguesia medrou, auxiliada pelos meios técnicos conseguidos no progresso científico e industrial e pela evolução das ideias. O cavaleiro andante foi substituído pelo *self-made-man*, as cruzadas ao Santo Sepulcro pela corrida ao petróleo árabe, os feitos de guerra e da corte pelas artimanhas do comércio. Krupp ficou mais importante no seu tempo, fabricando armas sem se servir delas, do que qualquer guerreiro dos milhares de anos da história do Homem que o antecederam. O aval de um fidalgo pesa menos para a reputação seja de quem for que os carimbos de dois merceeiros. Os Comuns passaram a dominar os Lords. Durante uns tempos ainda, a nova classe procurou cobrir-se com a dourada casca da antiga: enobrecer-se. Em Portugal tivemos os títulos liberais e tantos foram eles que Ramalho lembra que quando se esgotaram os nomes de povoações por ser o número de titulares superior ao número de freguesias, a nobreza se lançou, com louvável avidez, sobre as árvores de fruto.

Hoje já nem isso. É mais frequente ver um aristocrata pobre tentar fazer-se passar por rico do que ver um milionário plebeu procurar esconder a sua origem. Vivemos — dizem os periodistas dos jornais de pro-

víncia — sob o primado do económico. O homem, cada homem, está a transformar-se (sempre segundo os mesmos autores) num elemento de produção, num número. Desde que se assegure à sua máquina biológica a energia e o conforto necessário ao cumprimento da função social a que se destinam supõe-se estar a sua felicidade assegurada.

E muitas das doces coisas da vida irão assim desaparecendo: a ociosidade imerecida, o não cumprimento matreiro do dever, o atraso, a má língua tépida e sem responsabilidades. O homem, cada homem, será apenas uma peça na engrenagem de produção de bens materiais. Isto sempre segundo os periodistas dos jornais de província.

E, com a materialização, o laicismo, é natural que o culto dos mortos vá perdendo a sua antiga importância, que, um dia, pequenas caixas de uma liga metálica, ainda hoje desconhecida, alberguem aos milhares, num sombrio armazém, as cinzas dos mortos da terra — com um número apenas por fora em vez do nome. Assim vai o Mundo. E os cemitérios, a que tanto nos habituámos, que, com as igrejas, marcam as povoações, talvez venham a dar sumiço. Mas ficarão aqueles que, monumentalmente, já existem. Assim como depois dos cultos egípcios e da mumificação ter desaparecido, as pirâmides ficaram ainda a marcar a presença hierática das dinastias faraónicas, o cemitério dos Prazeres ficará lembrando a ideia que fazia da morte (e da vida) a burguesia de Lisboa do último século.

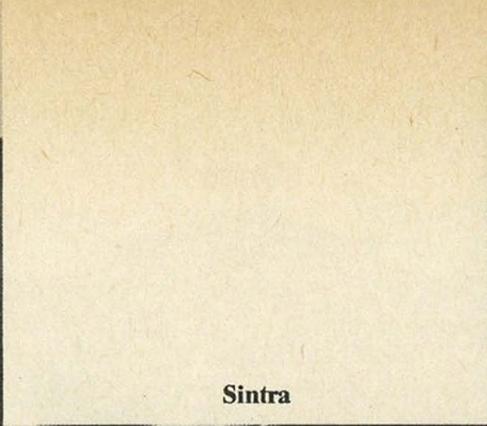
Um cemitério é um bairro de mortos. Estes para lá arrastam as suas peculiaridades de enquanto vivos. E para conhecer o gosto, as aspirações, a maneira de sofrer e de gozar de muita gente, talvez seja mais instrutivo ir visitar a sua última morada — construída ou planeada quando as vaidades humanas, uma a uma, se vão soltando e despreendendo e o homem fica só diante do seu destino.

O prazer de vir a ficar perpetuado no coração dos amigos e no ambiente dos vindouros, tem amparado os maus momentos de muita gente.

Por isso, com recato e respeito, lembremos as suas memórias — tenham eles sido faraós egípcios ou esforçados desembargadores.



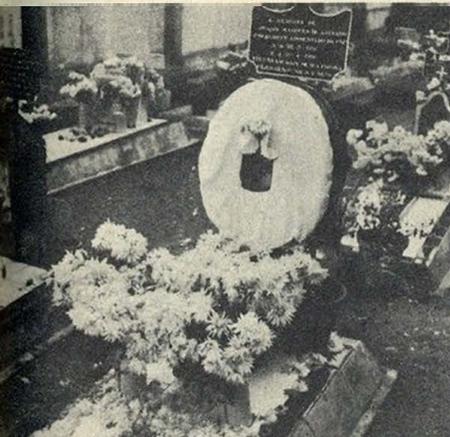
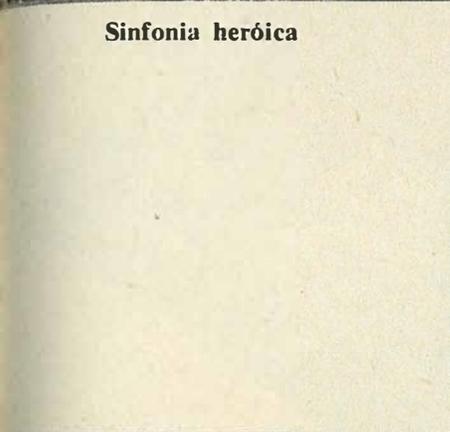
Sinfonia heróica



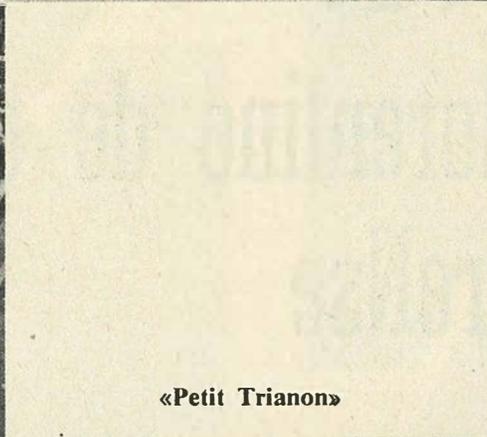
Sintra



Simplicidade clássica



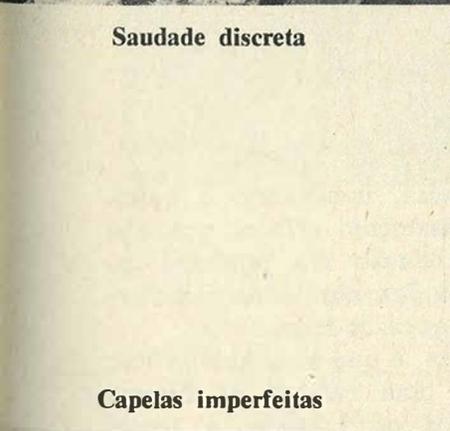
Saudade discreta



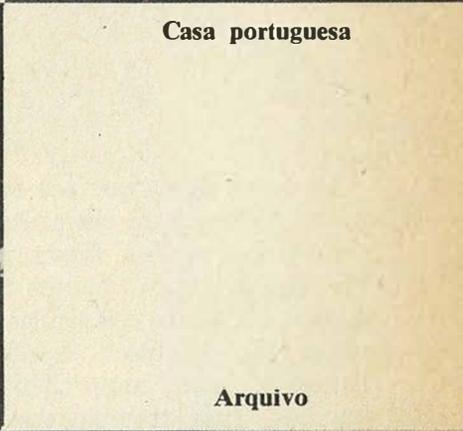
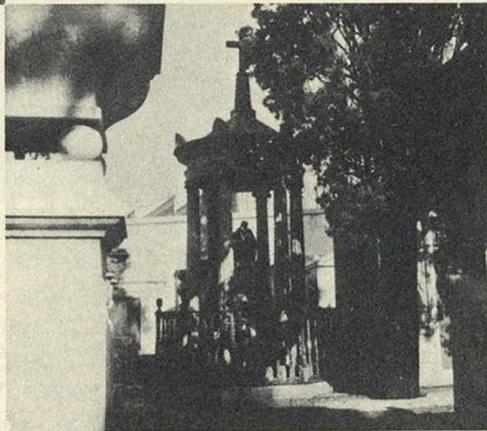
«Petit Trianon»



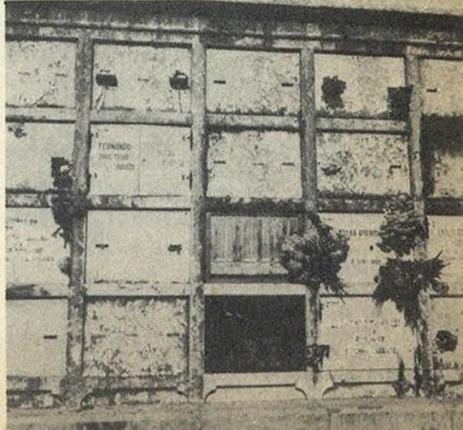
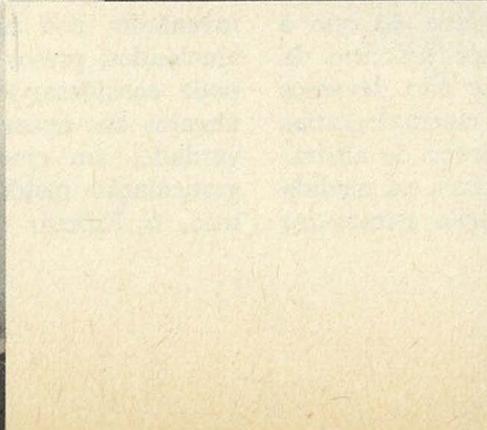
Casa portuguesa

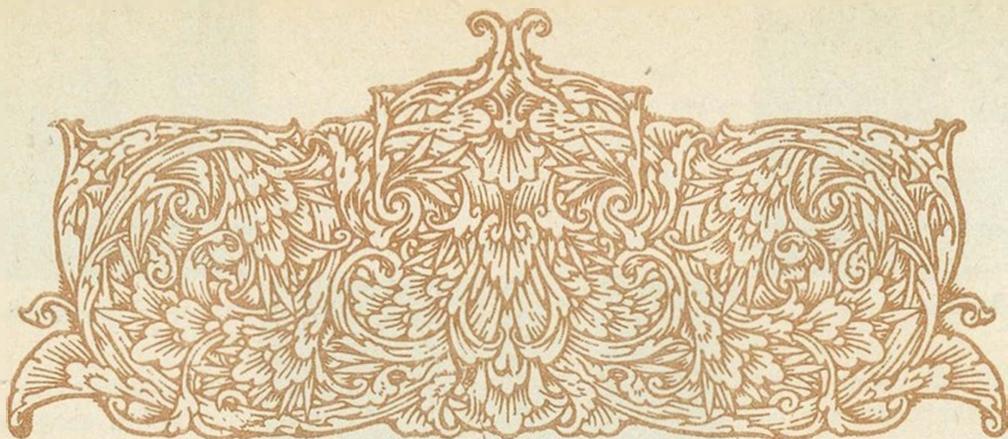


Capelas imperfeitas



Arquivo





DUARTE:

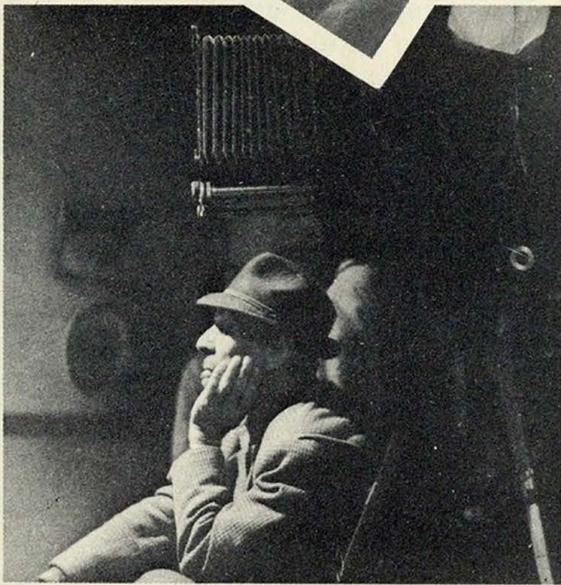
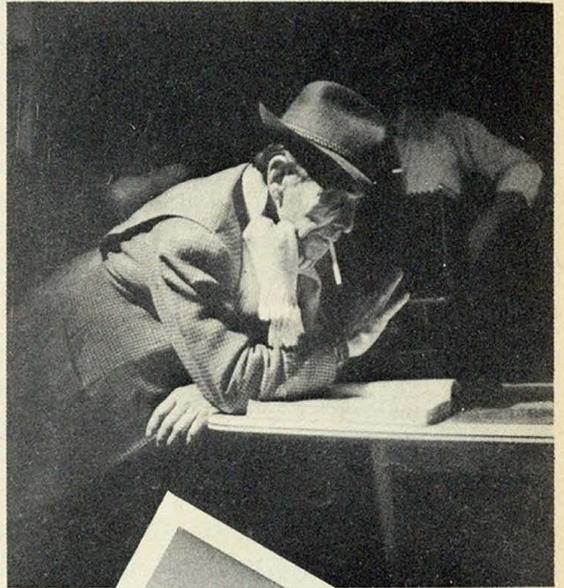
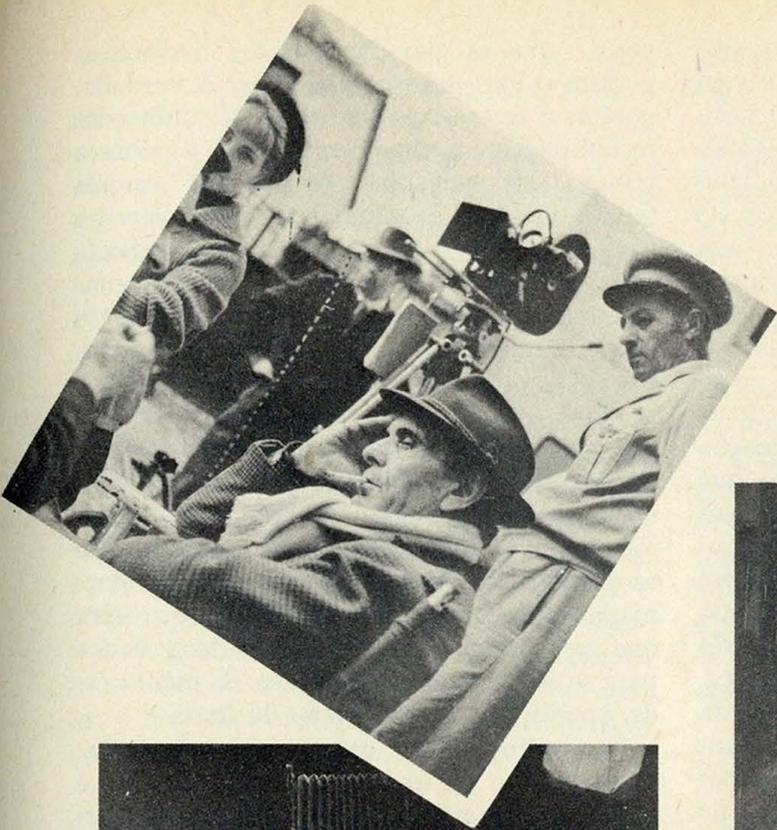
príncipe florentino de tra- ça alcantareNse

Quais os dados que nos fornece «Encontro com a Vida», para entrarmos no «poker» do cinema português? Nesta parada baixa do «és tu que jogas», muitos têm esquecido as regras essenciais, ou endossados para uma sanha tão equívoca como pernicioso, ou remetidos para um chauvinismo caseiro, familiar, cuja trave-mestra se radica num analfabetismo muito mais grave do que o pressuposto pelo conhecimento primário da Cartilha Maternal. Claro que não devemos estabelecer confrontos com cinematografias mais dianteiras, mas esse esforço de abstração é, também, quase impossível, na medida em que, diariamente, a inflação estrangeira

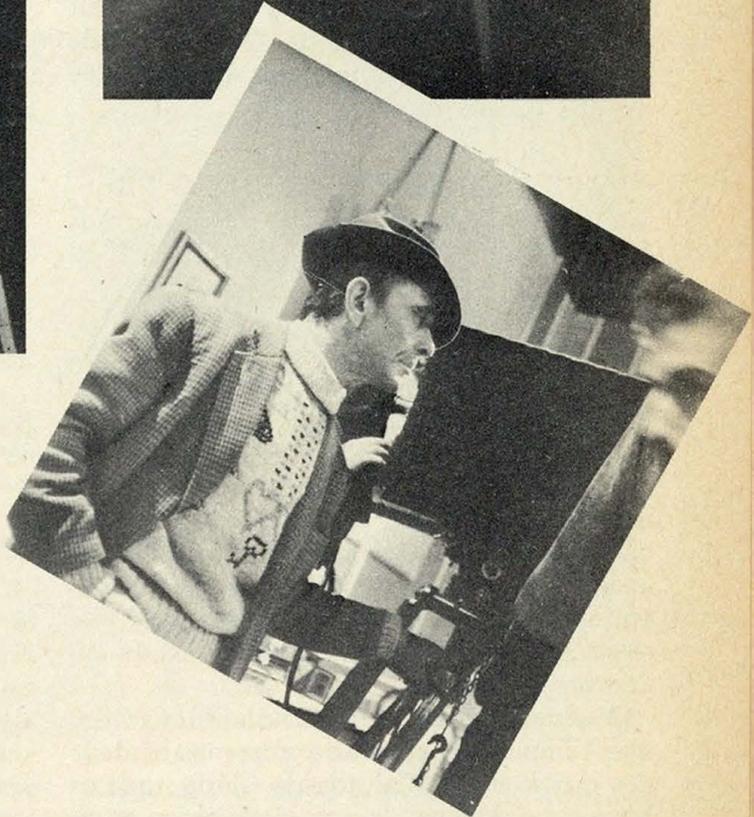
invade telas e ideias, implicando o nascimento de um pensamento crítico, que não pode alar-se em relação aos produtos incubados e dados à luz nos leitos e maternidades dos lumiares-cá-da-terra.

A verdade, porém, é que se o Aurélio Paz dos Reis possuiu uma câmara de filmar, escassos anos após os Lumière a terem inventado, isso não nos permite devaneios alucinados, presos a um passado cativo, que pode considerar-se como a época de Quinhentos das nossas descobertas fílmicas. Na verdade, em cinema também temos uma gesticulação histórica: o Leitão foi espantoso, o Ribeiro deu cartas, o Manuel de

«Esperem, esperem. Isto não vai assim como eu pensei..» («Vai pior...» — opinião do *Espectador Esclarecido*).



Sequência de abertura ou «as congeminções duartinas»: o cineasta português tem sempre muito em que pensar.



Oliveira está no «who's who». E depois? Depois, o inquieto Campos faz «A Luz vem do Alto»; o sereno Miranda realiza «O Cantor e a Bailarina»; e Fraga, sempre original, ondulante e nervoso, dá à luz «Sangue Toureiro» e, não contente com isso, expele «O Tarzan do Quinto Esquerdo», para, nos lazeres de produtivas incursões africanas, avançar, abertamente, para a «Raça». Este ataque maciço à incredulidade e aos dinheiros nacionais tem sido observado, com indiferença, pela Imprensa da terra, mais acotovelada em seguir estilos de paginação e de redacção caligráfica diferentes do que em vistoriar, de perto, os cavilosos processos da cultura cinematográfica portuguesa. Entrou-se, alegremente, nos campos sempre movediços da cavação pessoal: o filme, apoiado pelo Fundo e por dois ou três homens da cortiça e do carcanhol, converteu-se na auto-estrada directa para a meta dos automóveis, das passeatas ao estrangeiro, dos chapéus esquisitos, dos casacões a três quartos, com os complementos de alamares e cordas. O crédito escoo-se no estrangeiro: ninguém quer entrar na fita de exhibir as nossas fitas. Mesmo o Brasil, predisposto à aceitação dos rebentos maternos, começou, há muito tempo, a franzir o cenho e a fazer o gesto que o Bordalo popularizou no Zé Povinho: «Comigo, não!» ou «És tu que jogas!»

CHAVES E ALIBIS, TRUQUES E PRESTIDIGITAÇÕES E MEIA DÚZIA DE PENSAMENTOS ALTAMENTE FILOSÓFICOS

As regras do jogo são latitudinárias para a incompetência luso-fílmica. Há quem professe o sacerdócio da coragem, e vá de berrar que é disto ou daquilo; o mamífero em causa ou deixa crescer as barbas e circula com um ar sibilino, depois de escrever um ou dois livros execráveis e de provar, à exaustão, que não percebe nada de cinema; ou, então, cativa projectos indecifráveis, que só ficam em projectos. «Comigo não!» ou «És tu que jogas!»

A censura também entra no alibi. Cicia-se que é impossível superar a impermeabilidade dos escritórios da Calçada da Glória; que os burocratas lá com banca são rígidos e se-

veros; que as classificações de idades emperram o livre trânsito das fitas. A verdade, porém, é que, apesar de todas as limitações reconhecidas e aceitas com reбуço, a pobreza jobiana de engenho profissional cerceia toda e qualquer eventualidade de um cinema nacional, filiado na realidade portuguesa mais autêntica e decente. A prova encontramo-la na literatura, através da qual os escritores mais advertidos logram uma identificação próxima com o homem contemporâneo. Ainda não há muito tempo, o cine-clube de Coimbra fazia um apelo à contemporaneidade, somando razões no testemunho do romance português de hoje, que nunca interessou os realizadores com cotação entre os financeiros. As tentativas até agora efectuadas quedam-se numa mediania grosseira que constituem, igualmente, outros dados para se aferir da incompetência, da incultura, da apercepção dos cineastas lusitanos.

Por outro lado, a crítica não representa, neste país, o papel esclarecedor para que é feita. As coordenadas publicitárias determinam, nos jornais, a feitura de notícias, ao invés de críticas; e quando algum jornalista sai das regras do jogo, logo a empresa exhibidora se apressa a informar à administração da gazeta de que retirou os anúncios das suas colunas. O exemplo mais recente é o de o «Diário de Lisboa»: após uma crítica ao filme «Encontro com a Vida», que desagradou à empresa do Império, aquela comunicou ao jornal que decidira retirar a publicidade...

DUARTE É UMA CONSEQUÊNCIA E NÃO UM PRINCÍPIO

«Encontro com a Vida», de Artur Duarte, é o resultado inevitável de toda uma série de compromissos e equívocos. Duarte é um homem de outro tempo: ex-galã da U.F.A., transporta, orgulhoso, um *palmarès* de realizador cifrado nos seguintes títulos: «O Costa do Castelo», «O Grande Elias», «O Leão da Estrela», «O Noivo das Caldas», «A Garça e a Serpente», etc. Homem de pequenas angústias quotidianas, traduzidas na necessidade de dormir, de comer e de vestir com um gosto já superado em 1930, Artur Duarte tinha de reflectir, nos seus filmes, essa falência de outra época, essa sensi-

bilidade de boletim meteorológico, que nunca acerta no calor, na chuva ou no frio. A estratificação das ideias duartinas têm qualquer coisa de aberrante, na medida em que descobrimos, nas fitas de sua lavra, descobertas que já o são de há trinta anos. E este «Encontro com a Vida» afigura-se-nos ser o somatório de tudo aquilo que ele fez em filmes anteriores e que, já nessa altura, não devia ser feito. Não se trata de contar o que *pode acontecer*, a necessidade é de narrar o que *deve acontecer*, ou o que *acontece*:

Duarte é uma consequência (seja dito em seu abono) e não um princípio. Ainda aparece no estúdio com fatos esquisitos, com óculos escuros, com chapéus de diversas cores, com lenços salpicados de branco e «écharpes» gloriosas na era de Mack Sennett. É gesticulante como um príncipe florentino, fala como um homem do Levante, possui a dialéctica mecanicista de um licenciado pela Sorbonne, cumprimenta com a marcia-

lidade germânica; tem um queixo árabe, mãos nodosas como um vikingue, olhos arrebatados como um espanhol, testa de flamengo, cara rapada de efebo, da Praça da Constituição, em Atenas — e, depois desta arremetida cosmopolita, continua a ser irremediavelmente português de extração alcantarense.

«Encontro com a Vida» é uma desilusão para quem o viu pela primeira vez e uma certeza do que se diz para quem o conhece há longo tempo.

A história (não estamos a fazer crítica, estamos a fazer crónica) é inconsequente, ridícula, bocejante, cretina. Mais próxima de Rádio Clube Português, às 14 e 30 prefixas, logo após os comentários do ilustre ensaísta Apio Garcia, do que da majestade impélica do espectacular cinema da Alameda. É que cada roca tem seu fuso: se o eng.º Gil exhibe o que de melhor se realiza no mundo, não tem o direito, ou não deve, patrocinar o que



«LES BONS ESPRITS SE RENCONTRENT»: Duarte não se limita a conhecer os estúdios na intimidade. Privou com os maiores. E confundiu-os. Da esquerda para a direita: Douglas Fairbanks Jr., etc., etc. e Duarte, o próprio.



O «star-system» também invadiu a fotografia cinéfila dos anos 30. Comparativamente, a fotogenia das damas do cinema português de hoje está atrasada trinta anos. Igualzinho...

de pior se incubia cá no sitio; assim como não devia, pelo menos apoiado em diálogos de que o autor destas linhas tem sido o segundo interlocutor, chancelar estas palavras, insertas no programa da fitaça: «Encontro com a Vida», estamos certos, deixará no público a consoladora satisfação de ter visto um filme português agradável. Ficariamos contentes, se tivéssemos contribuído para reerguer o cinema nacional, por forma a que, em cada época, fossem apresentados, pelo menos, seis filmes tão equilibrados como «Encontro com a Vida», ganhando experiência para mais altos cometimentos. Só com uma produção regular, portuguesa em toda a acepção da palavra, poderá dar-se origem ao aparecimento de novos valores, que tragam para a experiência industrial o saber teórico, a originalidade, a filosofia da geração actual. Como não seria próprio que essa geração criticasse o trabalho alheio com

o impudor dos que não têm obras criticáveis, também é injusto não lhe proporcionar oportunidades bem alicerçadas onde ela possa, devotada e objectivamente, realizar os seus ideais cinematográficos».

Pode, pois, fazer-se alguma coisa no cinema português? O barro da casa é tosco e ordinário, o acesso dos jovens às câmaras é boicotado (o texto suculento de erros gramaticais que reproduzimos acima é elucidativo), a crítica é ameaçada, há argumentos tabus e desmaios de inteligência que impedem o rodeio dos obstáculos. Há, também, a desconfiança dos mercados estrangeiros e meia dúzia de capitalistas que foram vigarizados. Há... não há, não!

Apenas um «és tu que jogas». E alguns dados para se entrar no «poker».

BAPTISTA-BASTOS

F I M





AS IMITAÇÕES LIGEÍRAS

A equipa de Enzo Gagliano, que tem tido responsabilidades na organização dos célebres «festivais de San Remo», publicou no passado ano um relatório sobre a indústria da cançoneta ligeira, no qual certos aspectos considerados secretos até então foram retirados dos «dossiers» e apresentados à luz fria das realidades. O triunfo clamoroso de Modugno, a máquina assombrosa que sustenta as vedetas do disco e do microfone e a costumada acusação de que «Nápoles governa San Remo no que respeita à música ligeira italiana», isso e o preço do êxito universal dos campeões italianos da microespira, aparecem no relatório de Gagliano explicados com cifras e comentários que deixaram inquietos os «patrões» da Colúmbia, que são também grandes «patrões» dos festivais da canção italiana.

O «relatório Gagliano», em menos de 10 meses de publicação, provou ser profético nos avisos que fazia. Um mercado tão importante como o do disco ligeiro é uma máquina devoradora que precisa de ser alimentada em grandes doses.

«Não podemos esquecer», diz o relatório, «os compromissos que o ritmo industrial impõe à qualidade individual de cada disco. Não existe hoje um chefe de vendas de estabelecimento musical que não compreenda a tragédia deste problema. Um disco não vive sem uma organização complexa que o sustente; a organização é uma indústria (e cara) que reclama um ritmo de produção economicamente rendoso, isto é, que reclama ideias novas a toda a hora. Ideias novas, melodias diferentes, poetas, compositores e vozes que se distingam umas das outras e conservem o prestígio de uma marca ou de uma série.»

Os homens de firmas como a Colúmbia, como a Fontana Phillips ou a Polydor, esta última a ganhar recentemente terreno na base do «marco-Adenauer» — seguem a política realista que lhes é ditada pelos mapas dos seus agentes e pelos gráficos de produção. Essas empresas vivem de muitos apoios subsidiários (entre os quais a comercialização de *copyrights*) e se é certo que



todas elas estão associadas a grandes «trusts» administrativamente são autónomas e necessitam de bastar-se a si próprias. Isso impõe-lhes produção em qualidade num nível quantitativo verdadeiramente assombroso. E o nó do problema é então o de aguentar com êxitos novos («êxitos, sempre êxitos») uma progressão crescente de fabrico. Nessa necessidade de alimentar a máquina devoradora, as empresas financiam, por detrás da cortina, os festivais, aliam-se aos estúdios cinematográficos e à imprensa em todas as iniciativas destinadas a renovar as discotecas.

O FALSO E O VERDADEIRO

Mas as ideias originais são, por definição, as ideias que não são comuns. Esta verdade do conselheiro Acácio mataria as grandes empresas se não existisse uma contradição salvadora: a de que são as adaptações, e não as criações originais em texto e voz, que lhes aguentam a produção. É facto. Se uma editora internacional de música gravada investe as suas maiores verbas das relações públicas na descoberta de composições originais, é, por outro lado, com as adaptações ou com novas interpretações de êxitos já divulgados que ela vai sustentando a sua produção industrial.

Esta fatalidade de subsistência teve resultados terríveis e permitiu a oficialização de bandos de falsificadores ou de histriões que ganharam fama e proveito com as suas «interpretações pessoais» das criações consagradas. A fúria de copiar alastrou com descaramentos de toda a ordem; contaminou e lançou uma «estrela» com as capacidades de Catarina Valente e um menor da estatura de Frankie Lane; arrastou Amália Rodrigues para as suas provas mediócras em espanhol e em francês; impôs Line Renaud como especialista de apropriações dos *hits* americanos... ou não.

Os «êxitos clamorosos» do último festival espanhol provam a decadência de originalidade que se processa no mundo da cançoneta a um ritmo uniformemente acelerado. Desta vez decalcaram-se Algueró, Modugno (está visto!), os irmãos Segura ou Aurélio Fiero e, ao fim e ao cabo, os aplausos fingiram não dar por isso. Quanto aos intérpretes, o sistema repetiu-se. A Monna Bell, que foi o sucesso do 1.º Festival da Canção Espanhola, aparecia agora passada a papel químico por umas tantas vedetas de muito suspiro e de expressão fatalista.

Em Portugal, a imitação e o plágio confundem-se. Tudo serve para imitar (a fotocópia talvez não registasse com tanta fidelidade pequenos pormenores) e algumas das

Line Renaud. tudo passou por ela — imitou todos, arrastou plágios nos palcos de todo o mundo — luta agora contra a velhice.





Os Conchas Daniel Bacelar e os seus admiradores. «Ricky Nelson e Cliff Richard foram os mestres. Campo de Ourique fez o resto».



vedetas mais enaltecidas e de maiores «best sellers» no disco não criaram uma personalidade individualizada. Não criaram nem poderão criar: nasceram com esse pecado original.

Influência é uma coisa, imitação outra. Reflectir as lições dos grandes intérpretes é uma condição apreciável que nada tem a ver com as digestões apressadas da «papa cozinhada» pelos talentos de além-fronteiras... E acontece que esta é a regra geral dos nossos artistas chamados «bossa nova» e começa a ser também a dos «bossa velha», excepção feita a grande parte das actuações de Maria de Lourdes Resende e Maria Clara.

É salutar fixarmos estes exemplos. Perante a ofensiva do popularuncho (de resultados garantidos junto dos ouvintes «revisiteiros») Maria Clara é uma força quase quixotesca e que tem pago caro a sua independência. As cançonetas de inspiração folclórica serviram para tudo; trouxeram glórias de mau gosto (e pouco duradouras, felizmente) as vozes destituídas de talento, como as de Max ou de Mirita Casimiro. Mas cantavam à moda da Madeira ou da Beira. Falavam *axim* e o público pífió esquecia o resto.

Maria Clara e Lourdes Resende recusaram esse *handicap* fácil, mas o seu exemplo foi cuidadosamente ignorado.

Quando parecia que a cançoneta ligeira caminhava em Portugal para uma independência salvadora, depois dos resultados bem logrados de Ferrão, Ferrer Trindade, Belo Marques, Nóbrega e Sousa, e outros, surge o cansaço repentino e temos os autores, já não a imitar-se a si mesmo, mas muitas vezes a sublinharem, com notas suas, os textos musicais já construídos por Rascel, por António Carlos Jobim, Marini, e etc. Caminha-se ao invés — da originalidade para a subserviência aos «outros», como aconteceu com Amália, com o trio Odemira e vários elementos de personalidade indiscutível.

O mais comum, porém, é a despersonalização gerada *ab initio*, a imitação que vem do berço e circula para sempre nas veias de um artista ligeiro desde a hora do primeiro vagido até ao momento da extrema-unção.

Na opinião dos discófilos, o sentido interpretativo da brasileira Ângela Maria e o da portuguesa Simone de Oliveira andam de

braço dado. Saudada pela crítica como uma das revelações mais definidas, a jovem Simone de Oliveira traz o tom rouco e o reportório dramático que embora não seja exclusivo de Ângela Maria (Maysa e Dolores Duran também acusam estas características, cada qual a seu jeito), foi, no entanto, extraído excessivamente à letra do padrão da crioula brasileira e não de outra. No caso de Madalena Iglésias a influência faz-se por terceiras vias, da associação de Maria de Fátima Bravo e Simone de Oliveira, e os cruzamentos sucessivos, as misturas de grupos sanguíneos não trazem, no exemplo de Madalena Iglésias, enriquecimento de maior... (ouça-se, por exemplo, a cançoneta «*Amanhã*» e veja-se a que ponto chega o decalque da música e da intérprete. O *Com'e Prima* aparece aqui com todos os condimentos basilares, traduzido à letra em ritmo e intenção melódica).

«*Não pretendo assemelhar-me a nenhuma artista estrangeira, nem no cantar, nem nos gestos, nem tão-pouco no vestir*», protesta muito naturalmente Simone de Oliveira «*Todos me dizem que tenho muito mau gosto no vestir e Ângela Maria é considerada uma das cançonetistas que melhor se veste...*».

A argumentação é cómica. Simone de Oliveira tem as defesas e as justificações que lhe são próprias. Bisneta de cabo-verdianos, o pecado da voz rouca explica-o ela por uma circunstância hereditária, mas a sua confissão de independência em face de Ângela Maria é débil e compromete a sua obediência à «Ordem Mota Pereira», director do Centro de Preparação de Artistas da Rádio. Na realidade, pelo menos um comentador da especialidade, o jornalista Abílio Abrantes, salientou a influência predeterminada que aquele maestro exerceu logo de início no sentido de obter de Simone de Oliveira uma réplica nacional de Ângela Maria. Na conferência da Imprensa, promovida para o lançamento do I Festival da Canção, Mota Pereira não teria ocultado o paralelismo Ângela-Simone, ao revelar a sua apresentação ao público. O Centro de Preparação de Artistas da Rádio tinha o seu plano definido: impor uma vedeta, com as facilidades de um parentesco consagrado. Vítima: Simone de Oliveira.

BOSSA NOVA E OUTRAS APROPRIAÇÕES INDIGNAS

«Bossa nova» é um brasileirismo fácil. Quer dizer, no vocabulário do magazine carioca *Manchette*, aquilo que no vocabulário de *L'Express* foi apresentado como «*nouvelle vague*» — geração nova, de «estilo» de vida fora dos padrões tradicionais. Os nossos locutores insistiram na expressão, e como fazem lei na sociedade fanática dos discófilos ligeiros, o termo aí anda. Serve para tudo. Para Juca Chaves ou para Carlos Lyra, que são realmente «bossa nova», e para as nossas vedetas que cantam com voz uterina e muito pouca bossa.

E nesse furor maciço que agora nos persegue, a publicidade e o sentido oportuno do comércio das casas de disco, não repousam. Colaboram nisso os produtores radiofónicos, necessitados sempre de variar os seus programas, a braços com toda a espécie de entraves e destituídos de imaginação. Ao mesmo tempo o público, de passivo que era há ainda poucas décadas, tornou-se mais exigente. O fado já não o satisfaz por inteiro. A rádio, os discos, a TV, despejaram-lhe em casa o *Chá-chá-chá* e o *Rock'n roll*. O que se faz, o que se ouve, aquilo de que se gosta lá fora, impressionam-no. O clima é propício ao aparecimento dos pequenos prodígios, dos Elvis Presley e dos Pat Boone nacionais. Gerações maciçamente mal educadas, obrigatoriamente instruídas, mas a que a colectivação e a produção em massa alhearam de um gosto requintado ou de uma *élite* de cultura, definem o seu sétimo céu musical nas guitarras eléctricas, nos ritmos importados, nas letras de inspiração pífia.

E a verdadeira música ligeira, desde o genuíno folclore da terra portuguesa a Georges Brassens ou Mouloudji, essa está reservada à curiosidade de meia dúzia de telhudos, apodados de *snoobs* e geralmente considerados excêntricos.

Encontramos um exemplo recente, e categórico sob este aspecto, nos Conchas e em Daniel Bacelar vedetas súbitas, impostas com eficiência assinalável através da iniciativa «Caloiros da Canção». A Posal Domingues cabe a responsabilidade deste triunfo comercial e desta falsificação enaltecida.

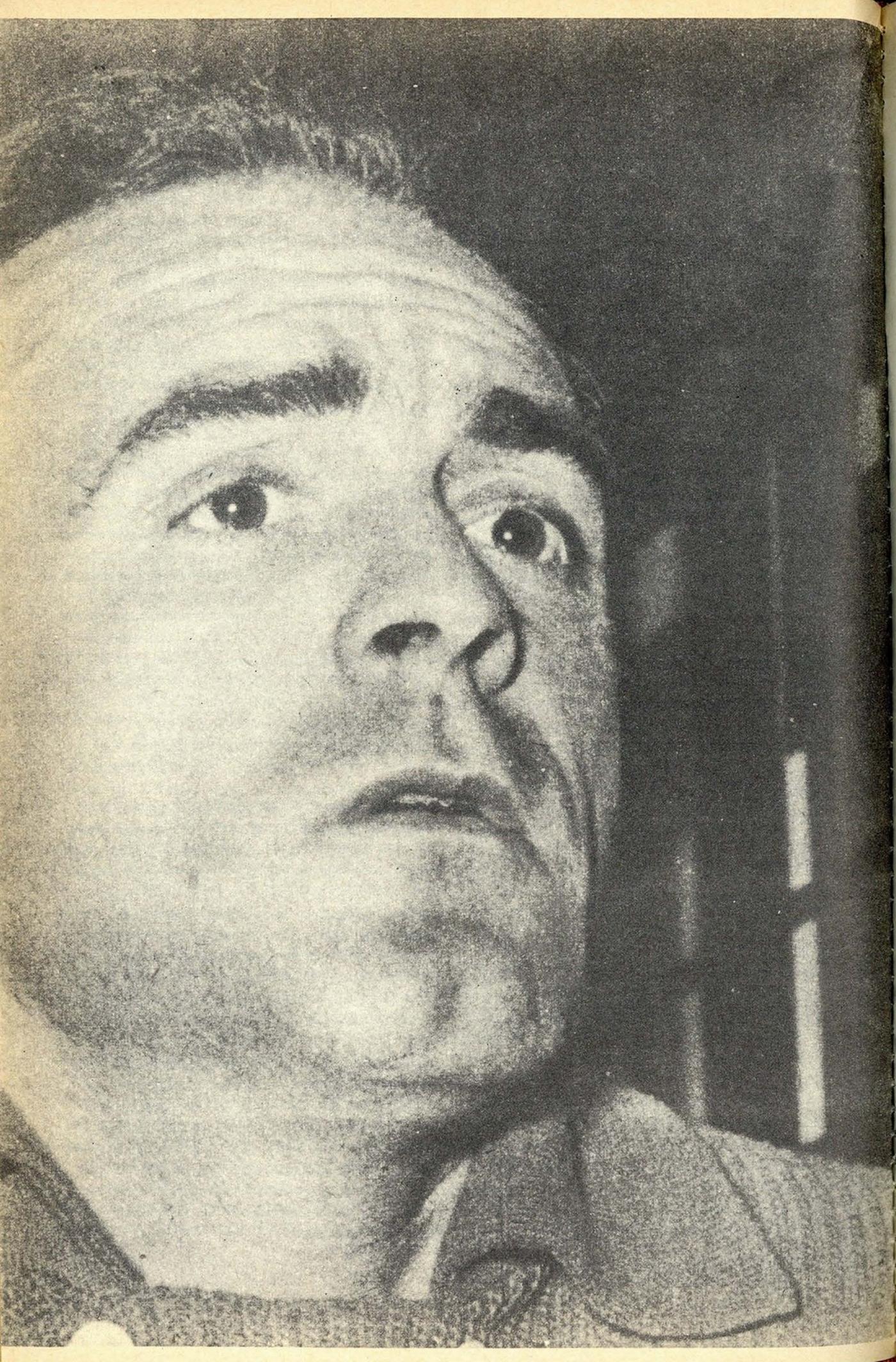
Falsificação consciente? Da parte do organizador, com certeza. Posal Domingues é, sem dúvida alguma, um profissional cujo dinamismo patente não serve (como em muitos casos) para disfarçar incapacidades ou falhas de cultura especializada. Hábil e eficiente, planeou, dirigiu e controlou uma campanha-relâmpago, destinada a obter rendimento comercial no menor espaço de tempo. Conseguiu-o. Em poucas semanas, apareciam na constelação das nossas vedetas mais três figuras de brilho aparente e triste e aumentavam-se apreciavelmente os saldos da caixa das discotecas comerciais.

Os Conchas e Daniel Bacelar entravam em movimento aparente: contratos para *boîtes*, excursão à Madeira, autógrafos em casas de discos aos seus fãs, conforme os jornais noticiaram. E ainda que no firmamento dos «astros» do *music hall* a maioria das «estrelas» durem o tempo da queda, nem deixando no céu um risco, é natural que a fama esteja inebriando um pouco os rapazes. Bacelar é estudante do liceu, vem de uma burguesia razoavelmente instalada, e uma vez exibidas as suas prendas, retirará provavelmente dos *shows* e seguirá a carreira a que se destinou. Os Conchas, de origem mais modesta, terão talvez aqui, depois de terem tentado o futebol (foram juniores do Oriental e do Sporting), a oportunidade das suas vidas.

E sinceramente lhes desejamos que triunfem. Não são melhores nem piores que muitos dos seus colegas estrangeiros, que ganham fortunas e viram do avesso os corações femininos de quatro continentes.

Uma máquina industrial, atenta às menores oscilações do mau gosto colectivo, serve-se deles e dá-lhes, por efémeros anos, a ilusão da glória. Conquistam as coisas boas da vida — as mulheres, os lazeres, os automóveis, o prestígio — aquilo que costuma ser apenas privilégio dos ricos.

Tudo isto é possível sobre uma incultura musical que chega ao ultraje, sobre a exploração dos mais baixos intuídos, destinada ao entretém das passividades cúmplices. E os Conchas, coitados, lá vão, à procura do seu lugar ao sol. Daquele que lhes deixam e que, honestamente, merecem. Que sejam felizes. A hora é dos gladiadores — e dos empresários dos circos.



SE DI STEFANO É O «SENHOR FUTEBOL» QUEM É FERENC PUSKAS?

O primado das vedetas é um problema de ordem social ou económica, ou um caso determinado pelo outro? Dois «napoleões» do futebol europeu — Di Stefano e Puskás —, o primeiro com oscilações de classe, o segundo no apogeu da forma, degladiam-se, neste começo de época, transformando-se num assunto que já começa a suscitar o interesse de economistas e de sociólogos. Nas últimas semanas os dois futebolistas alçaram-se, de novo, mas de maneira mais pertinente, à ribalta da curiosidade mundial.

Qualquer pessoa em qualquer parte do Mundo onde o futebol seja um desporto com aceitação local, conhece ou ouviu falar, pelo menos, no «Real Madrid Balompié», a agremiação desportiva de maior destaque em Espanha e mesmo em qualquer dos países da Europa. Esta tremenda projecção, praticamente impossível de igualar nos tempos mais próximos, não existia há seis anos e como precedente, há apenas a citar o ultra-famoso Honved que, no período que medeia entre 1950 e a revolução húngara, deteve o ceptro do futebol europeu, fornecendo a quase totalidade dos elementos que militavam na formação nacional húngara, que teria a honra e o proveito de desferir um golpe de morte no orgulho que qualquer inglês possuía pelo seu futebol, derrotando-o em Londres e em Budapeste por margens positivamente catastróficas que conferiam ao futebol magiar uma transcendência jamais igualada desde aí.

Depois desse celebérrimo Honved, cuja equipa se desmembraria depois dos dias sangrentos de Budapeste, o Real Madrid conseguiria aquilo que, à primeira vista, poderia supor-se longe do alcance de qualquer conjunto do Velho Continente: a conquista consecutiva de cinco «Taças dos Campeões Europeus» — o mais importante torneio que se disputa em todo o Mundo, rematada brilhantemente pela conquista do troféu Intercontinental, disputado entre os campeões da Europa e da América do Sul e correspondente a uma «Taça do Mundo» inter-clubes.

Que foi que conseguiu dar a este clube espanhol — cujo futebol está bem longe de deter uma primazia, sequer em metade do nosso continente — uma tamanha potência não lograda até pelas maiores equipas inglesas, francesas, austríacas ou alemãs?

Em primeiro lugar, os milhões de um senhor chamado Santiago de Barnabéu, que deu o seu nome ao gigantesco estádio de 150.000 lugares, onde se acolhe o famoso clube. Barnabéu, homem que possuía em elevado grau o sentido comercial desse desporto de multidões possibilitou ao Real

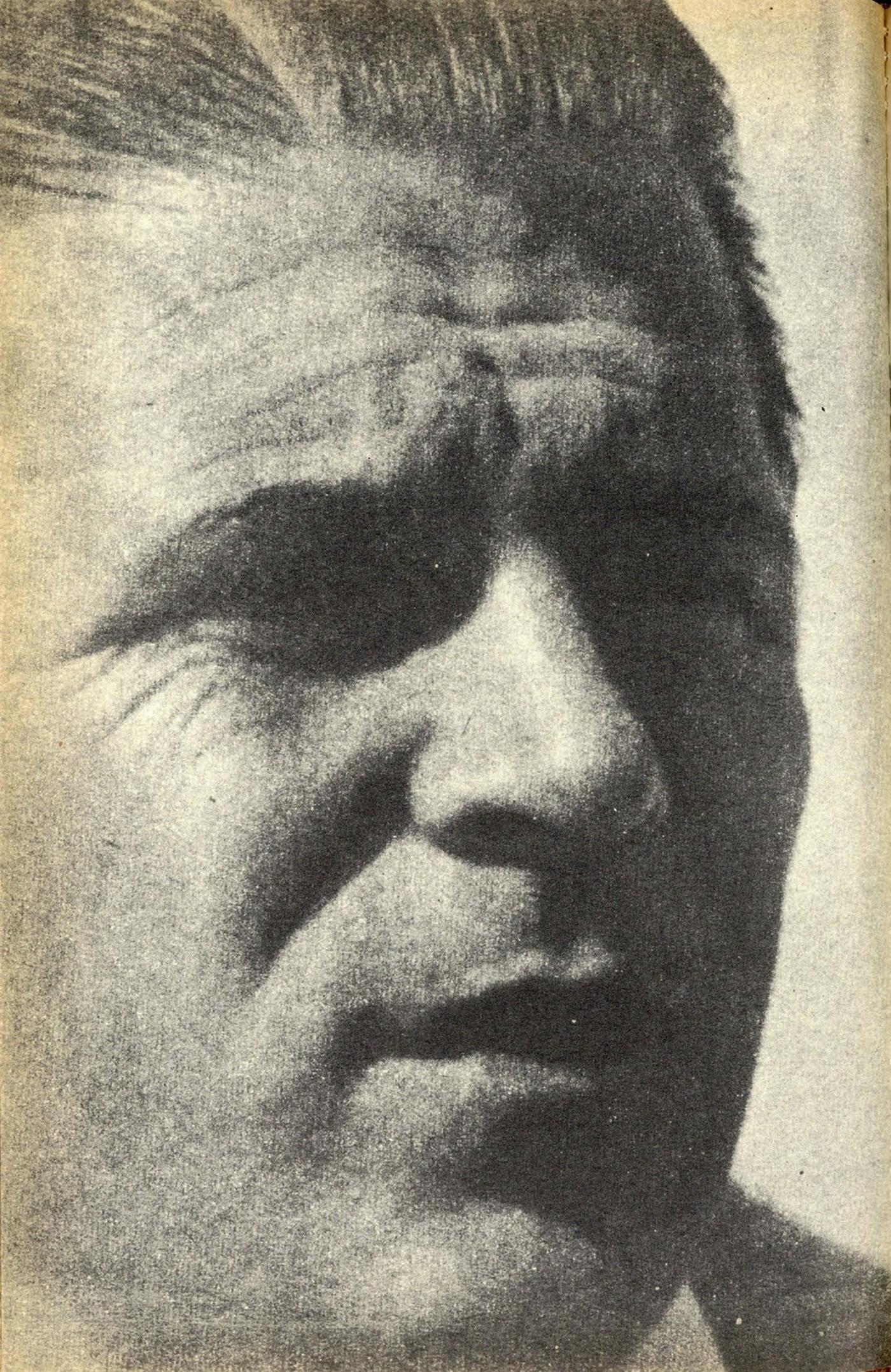
Madrid a compra para as suas fileiras dos maiores nomes do futebol mundial dos últimos cinco anos. E parece querer continuar com a sua política...

O facto é que os lucros da agremiação mais forte da capital espanhola, atingem anualmente cifras impressionantes e transformam o clube de Santiago de Barnabéu num verdadeiro potentado económico.

Numa equipa que custa anualmente uma considerável fortuna era chefe de fila o celebérrimo «saeta rubia», Alfredo Di Stefano, um argentino com vinte anos de futebol nas pernas e verdadeiro mago do «association». Conduzindo uma linha avançada recheada de super-vedetas como Raymond Kopa (francês), Cenário e Didi (brasileiros), Ferenc Puskas (húngaro) e, mais recentemente, Simonson (sueco), Di Stefano foi — desde o seu ingresso no Real Madrid, o cérebro privilegiado que levou o clube a vitórias estrondosas e como tal, eleito o ídolo intocável da massa associativa do clube que delirava — e delira ainda — com as suas fabulosas simulações, o seu elevado sentido de estratégia e o seu remate certo e de efeitos dramáticos na baliza do adversário. Mundialmente, este jogador de génio, que viria a naturalizar-se espanhol, passava a ser conhecido pelo «Senhor Futebol», aliando ao seu fantasioso orgulho o amontoar impaciente e frenético de uma fortuna considerável.

«D. Alfredo» mandou construir um monumento ao futebol no jardim da sua opulenta vivenda nos arredores de Madrid: um pedestal sustentando uma bola e uma legenda: «Obrigado, minha velha»... Bem lhe pode agradecer, dado que conseguiu com ela (que mundo o nosso!) aquilo que não têm logrado alguns vultos que fizeram largo jus à gratidão da Humanidade.

Mas a idade não perdoa e Di Stefano está com trinta e seis anos. O seu cérebro mantém a sua lucidez (tão necessária para o futebol de estirpe) e os seus pés, a magia de um trabalho espantosamente hábil. Mas as pernas cedem já ao homem



cujo nome se confunde por vezes com o do próprio clube que serve. Alfredo não tem já a velocidade que fez com que lhe chamassem «Seta Loira» e o seu arco-boço de atleta, atinge logicamente o seu fim.

Puskas, que, cerca de dois anos depois do desmembramento do Honved, aceitou o convite do Real Madrid, disposto a conseguir que o seu nome se não eclipsasse de um dia para o outro, ele cujo sonho de sempre fora o de ser um dos maiores jogadores de todos os tempos. Em Espanha, tinha que sacrificar-se à primazia de Di Stefano, então na sua máxima glória. Tinha de esperar a sua hora, ainda que, para isso, fosse necessário bater o record de longevidade de Stanley Matthews, o inglês que aos quarenta e dois anos ainda era internacional. Ele que, aos 16, fazia parte da equipa húngara mais famosa desse tempo (o Kipest), e que, dois anos depois, envergava, na posição de interior, a camisola rubra da selecção da sua pátria, o que fora certamente a maior sensação do futebol dos últimos tempos, tinha de apagar-se diante de um outro ainda que genial.

A sua hora chega finalmente, a do triunfo absoluto no clube mais prestigioso depois do seu Honved. Rei morto, rei posto, e a boa verdade manda que se diga que o rei do futebol madrileno é agora Puskas, como já fora por toda a Europa durante anos e anos. Mas quem é na verdade Ferenc, e como conseguiu ele chegar uma vez mais a um ponto de extremo virtuosismo, esse que classifica o desporto-rei como uma prática mais para o cérebro que para os pés?

1925. Budapeste. No bairro de Kipest, um aglomerado operário, nove rapazes de pouco mais de oito anos, quebram a tranquilidade clássica as ruas do bairro com animadas disputas futebolísticas. Instrumento: uma bola de papéis enrolados numa meia velha. São nove, todos com a mesma idade e um sonho comum: igualar o prestígio das grandes figuras dessa época: o húngaro Zsengeller, o inglês Lawton o italiano Piola, Meazza e Matthews. Estes nomes, arvezados para os seus cérebros juvenis, são uma verdadeira miragem e quando rematam uma jogada dizem entusiasticamente: «à Lawton» ou então, «é assim que joga Piola».

Dez anos depois, a maior parte deles são grandes figuras do futebol da Europa Central e começam a ser notados mundialmente. O seu capitão, é Ferenc Puskas, o mais baixo de todos, o chefe de fila em tudo.

As teimas frequentes que mantêm no domínio vasto da sua bola de trapos, leva-os a proezas inconcebíveis com ela nos pés, proezas que farão com que um dia, utilizando uma verdadeira bola de competição, provoquem a admiração nos estádios com o seu incomparável domínio do esférico, com a maneira como o conduzem em jogadas de um rigor inesperado.

Ferenc, será internacional junior aos 16 anos e um tanto inesperadamente fará parte desde aí do principal «team» do Kipest, jogando ao lado de um dos seus heróis: Zsengeller.

Dois anos depois é internacional «senior» diante do grande adversário da Hungria: a Austria, que

no seu magnífico estádio Pratter, em Viena, recheado dos seus cem mil espectadores aguarda que os jogadores nacionais austriacos «massacrem» o seu adversário. Puskas, o estreado, marca a distância de trinta metros um golo histórico que esfria o adversário e a sua equipa sairá de Viena com uma vitória por cinco bolas a duas. É a primeira grande data de Ferenc Puskas: 21 de Agosto de 1945.

Tenta constantemente superar-se. Na algibeira, tem sempre uma bola de ténis que passa de um pé para o outro, destes para a cabeça, da cabeça para o peito a amortecer a queda até ao pé esquerdo que a receberá com o calcanhar e a passará de novo para a cabeça, numa caprichosa viagem sobre si mesmo.

O exercício é repetido dezenas e centenas de vezes até ao dia em que Puskas poderá afirmar: «Tenho maior sensibilidade nos pés que nas mãos».

A sua entrega ao futebol tem qualquer coisa de fanatismo, de sacrifício. Procura, entre o riso complacente dos seus colegas, fazer as coisas da maneira mais difícil. De olhos vendados, entretém-se a atirar à baliza, conseguindo bater o guarda-redes nove vezes em cada dez atirando a bola para os sítios mais diversos.

Estes «excessos» farão com que o seu jogo se transforme num verdadeiro recital, numa exibição de alto nível que espantará toda a Imprensa desportiva dos países onde jogar.

Entretanto o seu clube mudou de nome; de Kipest, passa a Honved, e sob esse nome e com jogadores de craveira semelhante à do seu capitão Puskas, (seis deles saíram do tal grupo de miúdos...) tornar-se-á em breve uma força terrível, ganhando jus a que seja considerada uma das maiores senão a maior equipa de todos os tempos.

As próprias vitórias da Hungria, são vitórias do Honved e quando esse grupo de atletas for bater a orgulhosa Inglaterra no seu próprio terreno e voltar a derrotá-la, oito dias depois, em Budapeste, por uma margem total de 13-5, será consagração final.

Durante uma digressão pela Europa e pela América, estala a revolução húngara. Puskas decide ficar em Espanha onde o milionário Real o deseja nas suas fileiras, para dar digno companheiro ao «diamante Di Stefano». Quando Puskas alinhou pela primeira vez, o público (cento e vinte e cinco mil espectadores) aguarda em religioso silêncio a queda de Di Stefano. Puro engano. A derrota, é para Puskas, com um estilo diametralmente oposto ao da equipa espanhola. Para ele, a bola conduz-se com inteligência e subtilidade. Para os outros, com habilidade e fúria. E até que os associados do Real entendem a diferença, Puskas só receberá apupos e... milhões de pesetas. O mesmo problema se passa com outro milionário do futebol, o francês Kopa, que acabará por abdicar.

Mas Puskas fica. Ele será um dia o senhor do jogo dos penta-campeões europeus. Tal como o sonhava nas ruas tristes de Kipest, ele Puskas, voltará um dia a ser tão grande como... Puskas, o que na Hungria foi oitenta e oito vezes internacional pela selecção mais famosa de sempre...

JAZZ

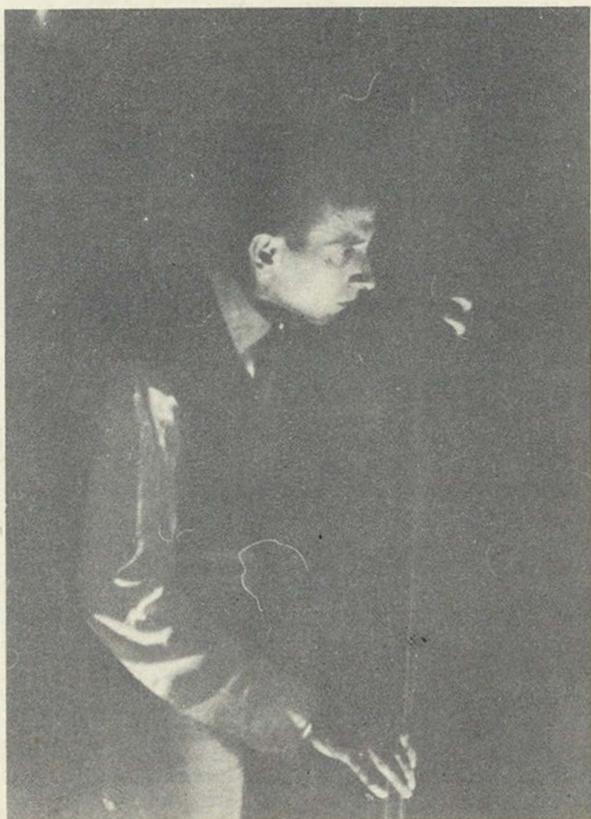
MARLON Brando, vestido à paisana, apareceu, de súbito, ao meu lado. Com uma cabeça do Marco António de Manckiewicz e a farpela proletária do Terry Malloy de Elia Kazan. «Júlio César» e «Há Lodo no Cais». Não pensei, absolutamente, noutra coisa, porque era um observador em trânsito e, nestes casos, não há nada como buscar velhas reminiscências.

— Pois é, murmurou uma dama, à minha direita, Julien Gracq é um chato...

— Prefiro o Julien Sorel, do Sthenal; é uma personagem mais concreta, de um universo mais concentracionário, redarguiu um jovem lívido, de longas patilhas e com uma voz esquisita, a denunciar amigdalite. Não estava a perceber o que a sua companheira dizia, e esta, para não lhe ficar atrás, devolveu-lhe a mesma moeda.

Marlon Brando espiou o casal, despreocupado e lânguido, e, depois, tentou perceber a geometria dos meus olhos, defendidos da invasão alheia por algumas dioptrias irreduzíveis.

Eu estava encostado ao balcão do bar, onde uma empregada semi-sonolenta atendia discreta clientela. Pedi uma bebida, ela entendeu que eu não era um respeitável componente do clã — e exigiu pagamento adiantado. À direita, num desvão que indiciava o trân-



IN LISBON

os prazeres de importação

Reportagem de Baptista-Bastos — Fotos de Armando Rosário



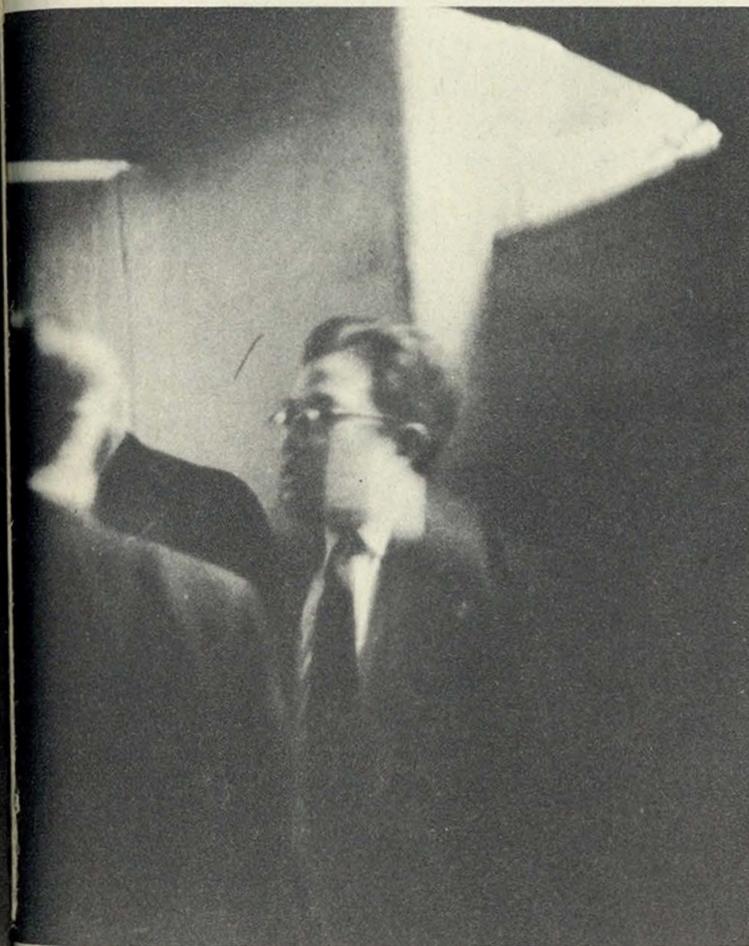
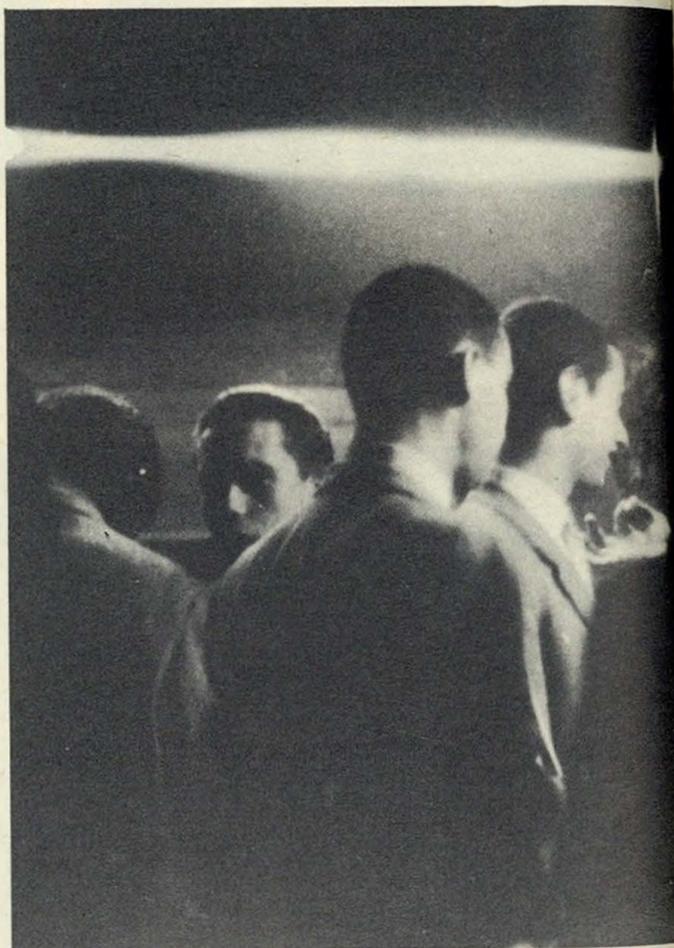
JAZZ

sito para o bengaleiro, a sala da direcção e o mictório, dois pares dançavam, lentamente, arítmicamente, indiferentes à música que Binal, Canelhas, Veloso e Paulo Gil procuravam, com melancolia e resignação, apresentar ao todo da assistência. E a verdade é que o quarteto tocava mesmo bem.

A rapariga estava morta mas ressuscitou momentâneamente. No ciciar inquieto de dois pintores recém-acostados de Paris (João Vieira e João Rodrigues) ela permanecera estática e indiferente. A princípio fora, apenas, uma mulher de rosto sem contornos nem traços, definida, sòmente, pelos cabelos longos, que apertava na nuca. Depois, transformara-se num pontinho vermelho-incandescente. Mas sempre parada. Ouvia a música. Em silêncio. Não batia com o pé, nem esgaravatava o vidro do copo com as unhas longas. Quando ressuscitou e se integrou na conversa avulsa dos seus companheiros de mesa, o quarteto dava repouso às mãos, aos braços e aos beijos. Aplausos cautelosos. Marlon Brando decidiu fazer a sua rábula e lançou olhares vorazes à rapariga que ressuscitará.

— Não há «ventaxes»?

A pergunta veio escorrida, num português de trazer pela trela. Era um chinês, um japonês, um indochinês, um coreano, ou o diabo. Desidratava por



todos os poros, passava o indicador direito pelo colarinho apertado e engravado e, decididamente, parecia não estar a sentir-se muito bem. Os outros estavam. Não se respirava, pelo menos normalmente, mas os outros estavam muito bem, sim, senhores, obrigado.

— Pra quê? A gente não quer respirar, a gente quer é ouvir «jazz»! Aqui, no «Hot», há ambiente...

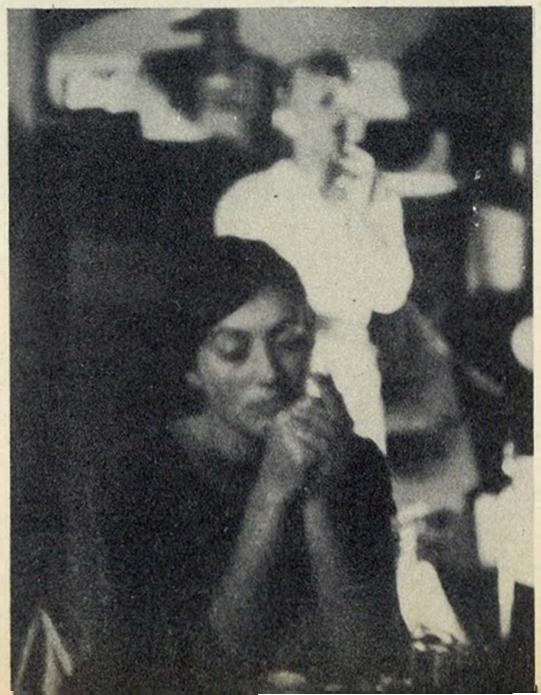
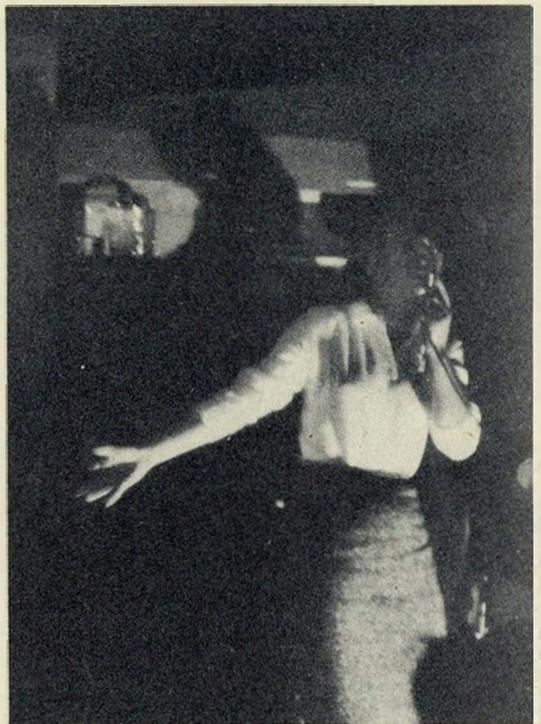
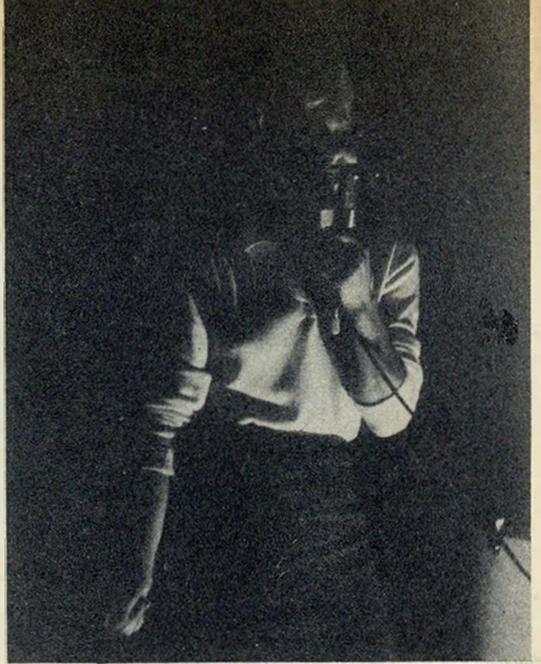
E sorriu, lampeiro, nervoso, o rapaz da resposta. Era membro da direcção do clube, fazia um esforço desesperado para que o seu metro e sessenta e cinco desse nas vistas, e, irremediavelmente vencido, resolvera usar um casaco apertadinho, sem ombros, com cinco botões e com dois centímetros e meio de lapela. Era pálido, olheirento, e estava a desaparecer de magreza. Sorriu para mim, a procurar um gesto ou um esgar de cumplicidade. Mas eu também não era do clã e os pulmões protestavam, garganta acima, a terminarem em sons guturais. Quis ver para além de dois metros. Impossível. Pensei que, se cortasse um quadrado de fumo, poderia abrir uma janelinha na parede coriácea, instalar-me, e mais os cotovelos, e ficar assim, a olhar para o lado de lá.

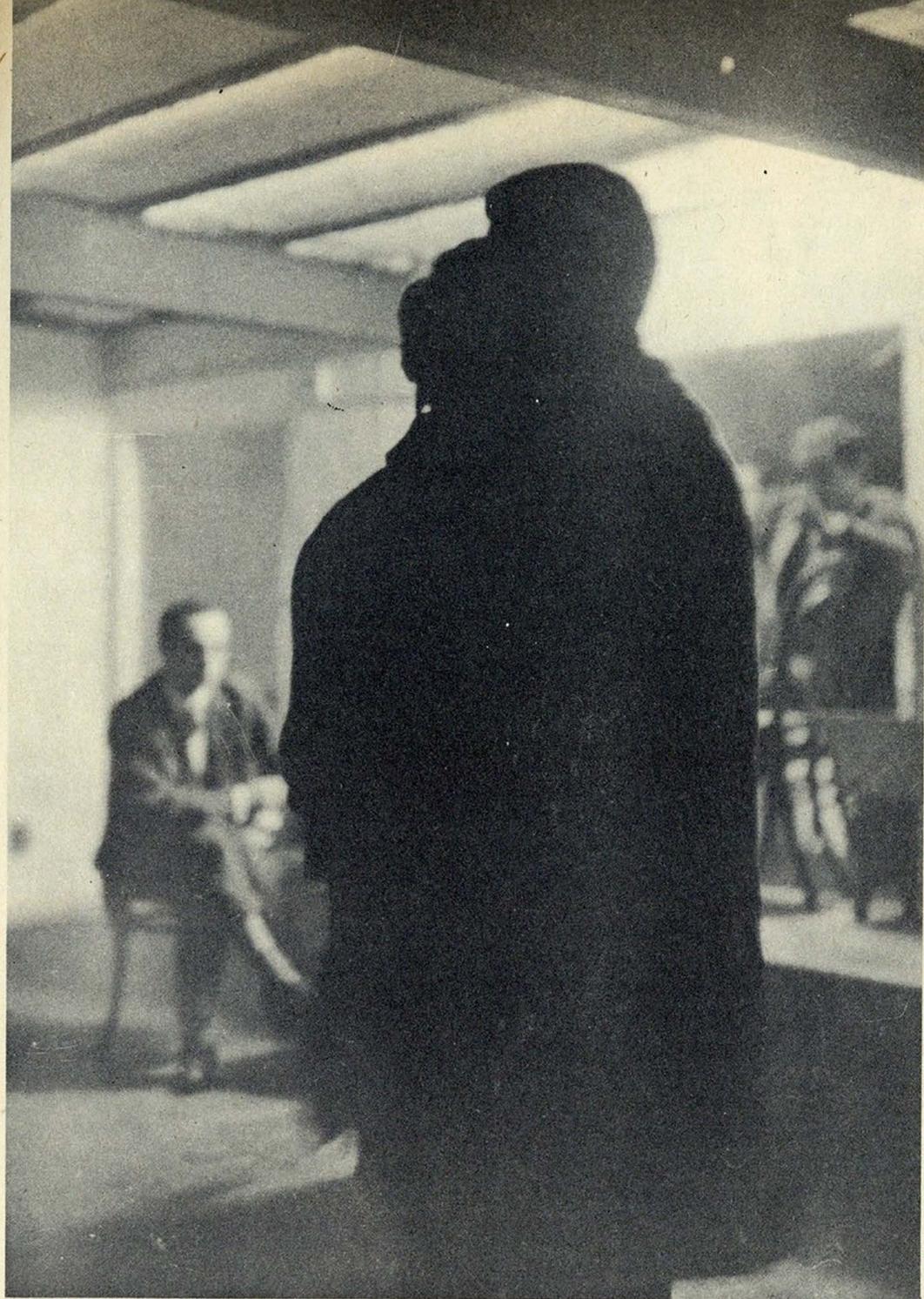
— Dê-me uma faca, pedi à empregada do bar.

— Para quê?, inquiriu ela, azul e lílãs e inquieta.

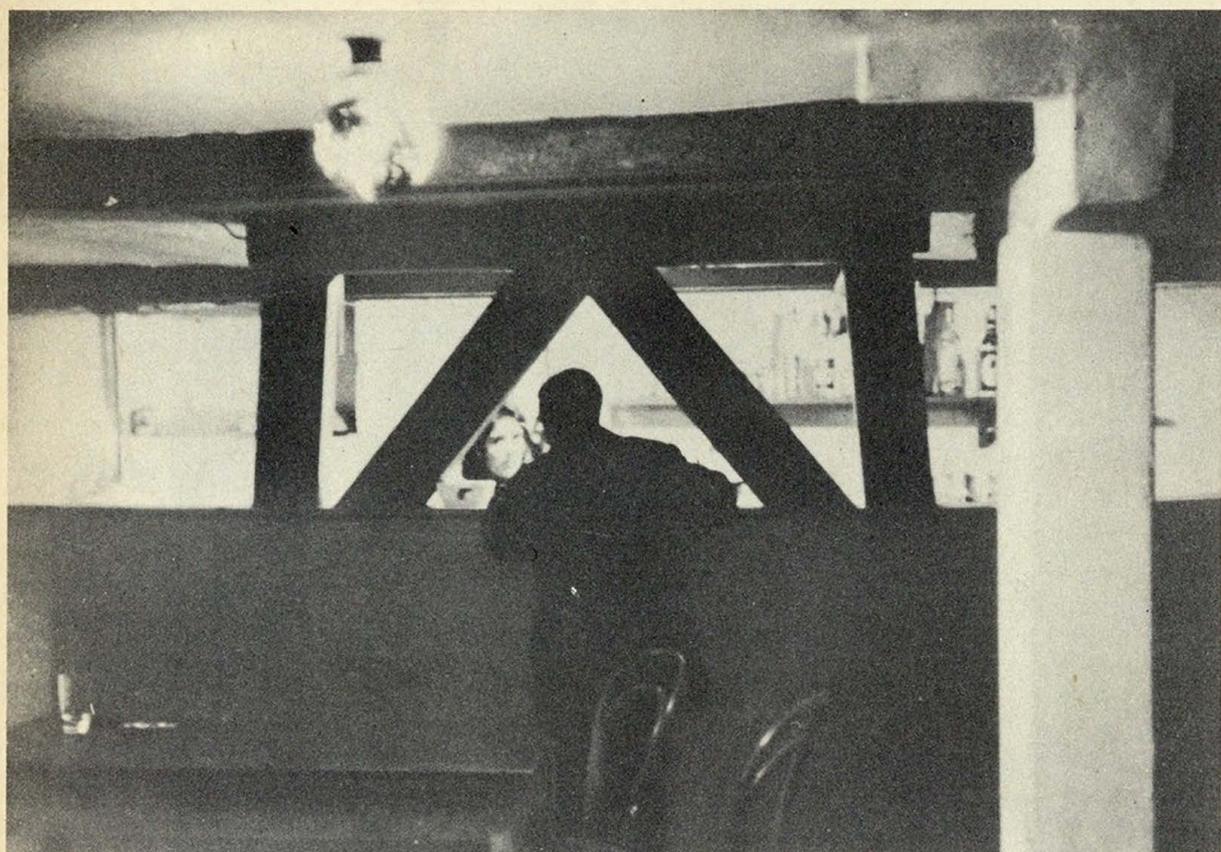
— Ora... para... para... (vim a mim): para comer, talvez, um naco de queijo e pão. E uma cerveja; também quero uma cerveja.

POIS é. O fumo começa em cima. Abrem-nos a porta, perscrutam, atentamente, a nossa identidade morfológica, e, depois, mesmo antes de nos dizerem





JAZZ



JAZZ

qualquer coisa, o fumo dá-nos as boas-vindas, num abraço de odores indiscortináveis. É uma cave — um «caveau», irmão! — exígua, avermelhada, azulada e fumarenta. O pretexto é ouvir «jazz». Parece que há quem o toque e quem o oiça. A maioria não o entende, mas finje. Ziguezagueiam nomes pelo ar. Thelonious Monk. Milles Davis. Oscar Pettiford. Max Roach. Roy Eldridge. Stan Getz. Gerry Mulligan.

Em baixo, através dos interstícios do fumo, vêem-se pequenos murais (com predominância do azul-Prússia, do vermelho e da terra-sena) mais ou menos alusivos. As pessoas fazem jogos de equilíbrio para se movimentarem e se verem. Não há luz. Apenas no bar um clarão alvo, fluorescente, que é afastado pelos tons difusos saídos de nichos rectangulares. As pessoas só principiam a ter cara quando os olhos estão de sobrevivo, ou, então, quando algum fóforo inoportuno é riscado.

A seriedade e o conhecimento são mais fingidos do que honestos. Derricha-se. Fala-se de cineclubismo e da inexistência do cinema português. Às vezes, ouve-se, toca-se e discute-se «jazz»:

— Há duas semanas, quando estive

em Paris, ouvi Pettiford. Que espantoso contrabaixo! Nunca...

— Há duas semanas?

— Sim. Há duas semanas. Nunca...

— Mas como é isso possível se o Pettiford morreu há dois meses, em Copenhaga?

O Hot Club, informam-me, tem 150 sócios. No quadrado assimétrico que serve de base à cultura que irradia e de sede fixa e própria — não cabem mais de cinquenta.

Um rapaz de barbas renascentistas e travessão num colarinho sem pontas tenta arremedar uns passos de dança com uma jovem alta e, de súbito, passada ao crivo da luz do bar, extremamente bela. Dançam vagarosamente e, de certo, ele não lhe recomenda Sthendal. Talvez fale das «Ligações Perigosas».

— Mas isto não é «jazz» — comenta um sujeito forte, de sobretudo cor-de-canela, que parece impermeável ao calor e ao fumo sufocante.

— Não, obtempera o director de cinco botões no casaco com dois centímetros e meio de lapela. Claro que não. É samba «bossa nova».

E sorri, de novo, profundamente al-



JAZZ

vorozado de satisfação por ter dito uma coisa acertada.

Um zunzunar esquisito. Uma confusão dos diabos. A minha miopia parece curada, de repente, quando uma rapariga me mostra um bom naco acima do joelho.

— Pretty good, is n't it?, quer saber alguém, ao lado do meu ouvido.

— Yes!, clamo.

Mas o outro é portuguêsíssimo. Sinto-me confundido e sem saber a que «pretty good» ele se refere. A rapariga mostra mais duas polegadas além do naco já à vista. E sorri. Creio que é para mim e mostro-lhe os dentes. Não é. O fumo enganou-me. É, para um parceiro macrocéfalo, imperturbável e com patilhas.

LLICENÇA. Com licença.

É um empregado da pastelaria que vem reforçar o frigorífico. Não é uma personagem desta realidade fantomática. Veio do mundo situado cinco metros acima do local onde estou a estoirar com os brônquios.

— Uma cerveja. Outra cerveja... Irremediavelmente. Tristemente.

ATENÇÃO, senhores! Atenção. Suspense à Hitchcock.

Os senhores interpelados prestam atenção. As damas, que não foram para ali chamadas nem achadas, permanecem indiferentes ao apelo do rapaz das barbas renascentistas. O bar estava completamente invadido e Binal, Canelhas, Veloso e Paulo Gil tinham deixado de tocar, expectantes.

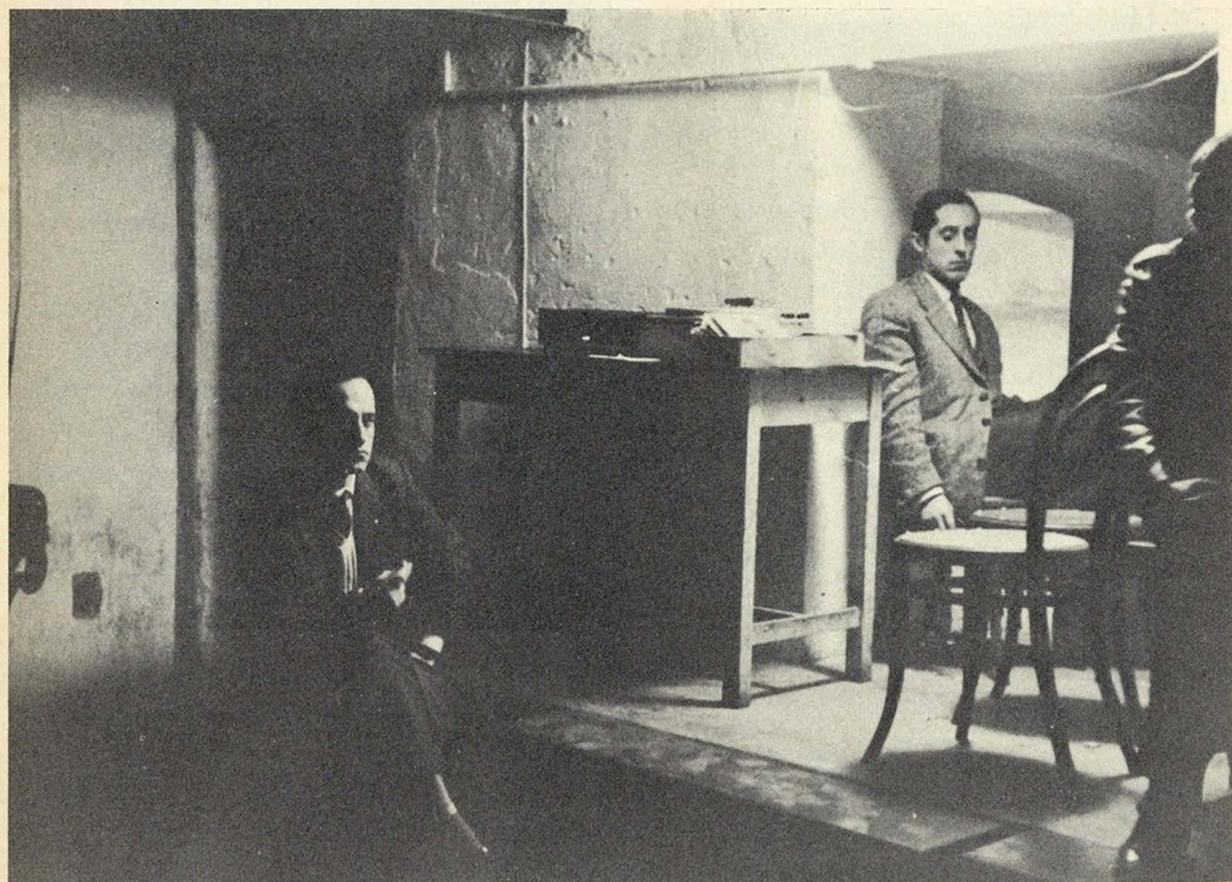
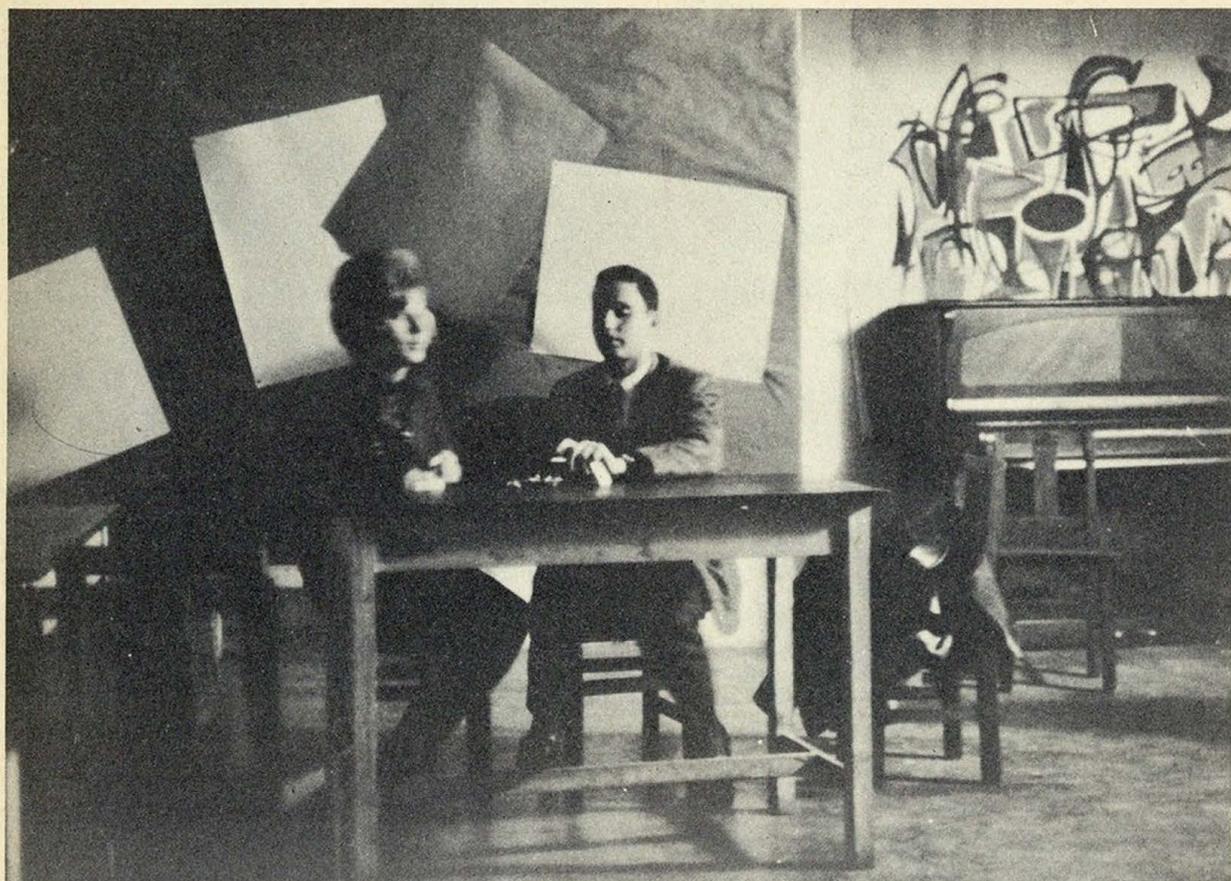
— Turid vai cantar...

Disse o outro. Desapareceu no fumo e apareceu do fumo uma loirinha esguia e nervosa, de feições correctas e muito bem distribuída de hormonas femininas. Era Turid, a nórdica.

— Começo a perceber melhor o erotismo de Ingmar Bergman, murmurou a despropósito, um adolescente vindo do bar.

E o mesmo adolescente, ~~em~~ blusão de veludina negra e ~~camisa~~ aos quadradinhos, enveredou pelo fumo e pelo pessoal, fez tombar um cinzeiro, e incidiu, sobre Turid, a luz ventríloqua de um dos nichos. As outras raparigas sentem-se em desvantagem. E desatam a falar apressadamente.

— Quem é?, pergunto ao «renascentista».



— É Turid, informa-me, convicto.

— Turid?

— Pois. Quer ser, apenas, duas coisas na vida: uma bela mulher e uma boa cantora de «jazz». É só a primeira coisa, por enquanto.

Está quente, ali...

E frio no Club Universitário de «Jazz». Quando saí do Hot percebi que Marlon Brando se rendera a uma evidência por si criada e fomentada. Enveredou para a Márcia Condessa, que fica ao lado. Budd Schulberg e «Há Lodo no Cais». Finalmente.

Mas frio, lá, dentro. Vai a gente por um pátio de odores insólitos e entra numa antiga garagem. É 1 e 30. E fim de festa. Uma bizantina conversa com um tártaro, a uma mesa — e são eles as únicas pessoas, além de um grupinho que escuta discos, num silêncio litúrgico.

Alguns panos pintados, meia dúzia de carantonhas feiíssimas estampadas em cartazes de discos — a decoração. Respira-se bem. Pelo menos. E as pessoas querem, mesmo, ouvir música de «jazz». Um par decide dançar, mas logo duas dúzias de olhos o fulmina. Desiste. O par desiste.

Melancòlicamente, os empregados do bar, enquadrados numa perspectiva sacada à arquitectura do caligarismo, estão sem clientes mas sentem-se profundamente felizes. Até sorriem. Um deles vai juntar-se ao grupinho que ouve discos. Aparece mais gente. Pouca. Mas boa. Não se discute literatura, nem a validade do neo-realismo como expressão moral, nem cineclubismo, nem teatro, nem mística.

— Bem, acabou.

— Pois, acabou.

As salas são de cimento e velhas. Foi uma garagem de milionário que faliu ou cocheira de aristocrata atingido pela inflacção. Não expelem cultura, as salas de cimento, velhas e relhas. Nem querem. São um convite à música americana, mas ao jeito português. Até os odores acres do pátio de entrada têm um ar de marialvice tesa. Um astigmático mira-me, com um ar simples e imperturbável:

— Gostou?

— Gostei.

— Fim-de-festa, sabe? As pessoas, aqui, têm que fazer.

— Pois.

— Divertem-se. Pouco, mas divertem-se. Depois, saem.

E eu também...

JAZZ

VOCÊ É DE TRATO AGRADÁVEL?

Teste Psicológico

Afinal, você julga-se um indivíduo agradável, de trato enquadrado nas mais ortodoxas regras de educação? Saiba que há pessoas que se evitam e outras que se procuram. Saiba, também, que a simpatia e a antipatia, o fascínio e a repulsa estão sempre a meio passo.

Pois você vai saber se é, ou não, de trato agradável — ao responder às perguntas que se seguem. Marque três pontos quando responder SIM. Mais adiante, somando a pontuação, aperceber-se-á do seu significado.



1

Quando se coloca em frente de um espelho o seu rosto tem uma expressão aborrecida?

2

Não atribui muita importância à sua aparência?

3

Tem por hábito mostrar-se frio e distante, no contacto com pessoas que encontra?

4

Quando trava um novo conhecimento, costuma usar palavras lisonjeiras?

5

Nunca repara na maneira como se senta?

6

Na presença de outra pessoa sente a necessidade de fumar ou de fazer qualquer coisa (ou gestos) com as mãos?

7

A sua impaciência termina, rapidamente, ao notar algo de que não gosta?

8

Tem tendência para copiar as maneiras de vestir, de falar ou de gesticular de qualquer pessoa que admire?

9

Sente a necessidade de brilhar, quando está num grupo?

10

Lastima-se, com frequência?

EIS O SEU RETRATO

De 0 a 6 pontos pode considerar-se um indivíduo de trato agradável, o que verifica, facilmente, pelo número dos seus amigos.

Para além de 6 pontos e até 18, você não é decisivamente desagradável; no entanto, manifesta uma forte tendência para se comportar de forma a irritar aqueles que o cercam.

Enfim, para lá dos 18 pontos é uma pessoa de maus hábitos, quase intratável. Trate de se libertar desses defeitos fundamentais, corrigindo-os aos poucos, eliminando-os um a um — até se tornar no indivíduo agradável que deseja.





Nazare = Saint Tropez
(Algés) turista

Devotados descobridores de paisagem,
Excelentíssimos desportistas dos im-
previstos estrangeiros,
Activos angariadores de rótulos de
hoteis e ementas de avião,
Cavalheiros coleccionadores do mundo,
Muito ilustres viajantes:

Como sabeis de sobejo, uma coisa é o turismo em comissão e outra o turismo individual. O primeiro designa os excursionistas em grupo, comandados por um papagaio humano, alimentado de grande número de factos históricos e artísticos; neste grupo podem incluir-se os congressistas «de qualquer coisa» (que dispensam o papagaio humano porque eles mesmos são cicerones em movimento) e as visitas cíclicas dos porta-aviões americanos, ingleses, franceses, etc., os quais só usam cicerone para fins que a discreção e o pudor não nos permitem referir aqui.

O segundo tipo de viajantes — o dos turistas individuais — é o que habitualmente se considera clássico e não será exagerado afirmar que todo o português manifesta uma natural tendência para esse prazer da vida que tantos benefícios traz à cultura geral, às diversões da alma mais do corpo, e à autoridade de impor consideração nas conversas de café.

Nós, que outrora fomos descobridores sem passaporte, somos agora viajantes de «tríp-tico» em ordem e de licença militar por noventa dias. Com esses apetrechos de bordo, uma garrafinha de Porto, os competentes *traveller's checks* e o assaz reputado engenho lusitano na arte de navegar por outras terras e por outras gentes, nós, ilustres viajados de Pacheco, temos uma vocação específica

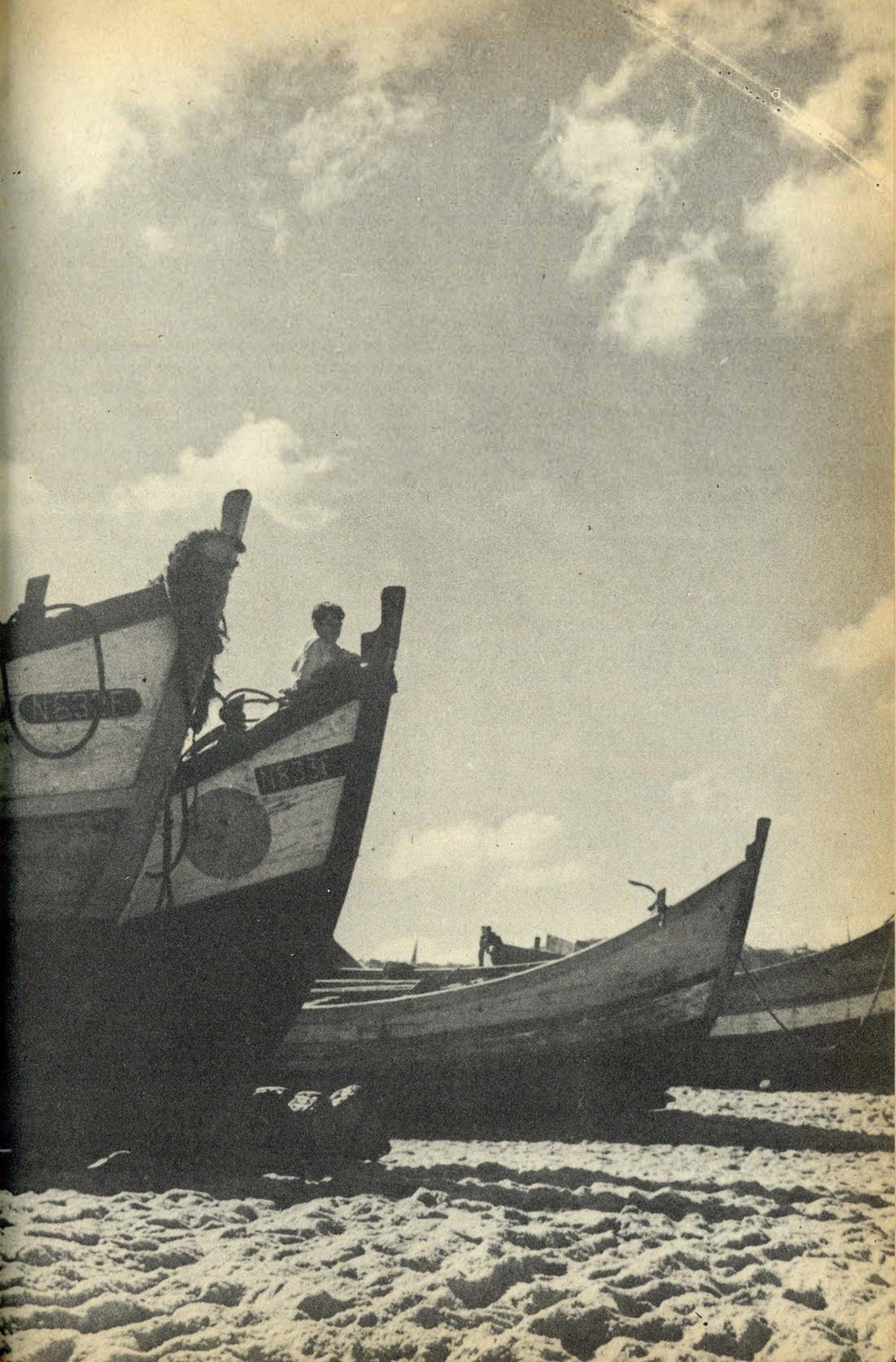
e uma experiência de pioneiros no Turismo em pátrias civilizadas e nos reinos infiéis.

Nunca é demais recordar que somos um agregado que se situa no ponto «onde a terra acaba e o mar começa» e não esqueçamos igualmente de que um europeu para deixar o continente, rumo às Américas, por via aérea, é obrigado a considerar, através da leitura dos mapas menos suspeitos, que é também aqui que «a terra acaba e os ares começam».

Se a primeira verificação podia ter sido comunicada por Pedro Álvares Cabral — e não foi — a segunda podia atribuir-se a Gago Coutinho — e também o não foi. Problemas históricos que transcendem o âmbito destas páginas...

AS SETE REGRAS DO PORTUGUÊS EM PARIS

Por certo não desconheceis a iniciativa daquele editor novaiorquino que tentou polvilhar a França com milhares de exemplares de uma brochura intitulada *Como compreender o turista americano sem o explorar excessivamente*. O livrinho foi um *flop*, porque partia de um erro indesculpável: pressupunha que os infortúnios turísticos em França incidiam particularmente sobre os valorosos filhos-sobrinhos do tio Sam.



Terrível quiproquo! A hospitalidade francesa (a do turismo, bem entendido) não olha a caras nem a corações. É moderna e universal. Obedece à Carta das Nações Unidas naquele capítulo em que se recomenda a não distinção de credos, raças ou religiões no tratamento dos cidadãos. Distingue, sim, e com notável argúcia, a cotação da moeda — o que é muito louvável e natural.

Os vassallos do Reino de Pacheco que se deslocam, para clarificação do espírito, à Cidade da Luz sabem que assim é, e ultimamente vêm tomando algumas precauções no sentido de serem recebidos de maneira turística conveniente. Se escolhermos Paris para exemplificação do presente estudo, fizemo-lo, ilustríssimos viajantes, em obediência a uma situação de facto que se nos impõe — a de que actualmente Paris é a Sevilha do português médio. O roteiro Lisboa-Badajoz-Sevilha, tão querido dos comerciantes de carnes verdes na época das Lolas de 1945-1950 está, com efeito, ultrapassado. Hoje, os construtores civis e os lisboetas cromados (de carro americano) inauguraram a *saison* da «flausinice» parisiense. O itinerário cresceu um pouco: Lisboa-São Sebastião-Bordéus-Paris...

Nesta conformidade explica-se que nos debrucemos sobre «o caso Paris» e não outro. E que apresentemos, a propósito, «Sete Regras para Governo do Turista em Todas as Emergências». Ei-las:

1.^a — Sempre que não se disponha de marcação de hotel, é conveniente ir-se psicologicamente preparado para encontrar o famigerado letreiro de «*Complet*» em todas as portas a que se bata. Manda a mais elementar prática parisiense que o turista se não impressione com isso. Ignore-o! Deixe as malas na rua, entre «ingênuamente» na recepção, faça conversa fiada e meta disfarçadamente uma nota nas mãos do porteiro.

2.^a — Nenhum turista deve exigir banho diário num hotel que não tenha pelo menos cinco estrelas.

A um português que se entregava ao debochado vício do banho quotidiano, foi-lhe respondido pela gerência que era ridícula a pretensão de tanta limpeza, visto que «uma pessoa não se suja tanto como isso...».

3.^a — Não respeitar as *bichas*. O parisiense, à *cause de son individualisme fa-*

rouche, está-se positivamente nas tintas para a ordem dos factores que compõem as *bichas*. Consta que dos cinco portugueses, que certa vez desembarcaram na gare de Austerlitz, dois morreram de frio e de fome, em várias semanas de espera na *bicha* de taxis...

(Nota: eram ambos cidadãos oficiais de Pacheco, respeitadores da ordem e dos direitos alheios).

4.^a — Falar francês em Paris é um erro. O parisiense parte do princípio de que Deus, quando criou o mundo, criou o ensino universal e obrigatório da língua de Descartes. Por seu lado, o turista de Pacheco, com a tradicional mania da gentileza do «em Roma sê Romano», misturada ao vício do exibicionismo e à esperteza de aproveitar a oportunidade para praticar o *seu (dele) francês*, o turista ainda carrega mais essa nota. Resultado: sempre que lhes convém, os criados respondem-lhe em francês cerrado, o que é uma forma especial de intimidação, enquanto que para compreender um turista de poucas palavras, são obrigados a deter-se uns momentos e a dedicar-lhe outra atenção.

5.^a — Dizer palavrões é um perigo. Na Opéra, no Boul'Mich' ou no Boulevard Sebastopol é frequente encontrarem-se dois portugueses inexperientes de viagens falando num à-vontade excessivamente vicentino. Tudo para despejarem o saco dos portugueses recalçados e tudo porque estão convencidos de serem pessoas de eleição — os *únicos* lusitanos que naquele momento viajam por tão distantes paragens...

6.^a — Verifique as suas contas diante dos criados. Em Paris isso não fica mal, mas não pode dizer-se que dê grande resultado. Enfim, é um princípio... E se puder enganar-se, não hesite. Os criados pensam da mesma forma.

7.^a — Se pretende passar por pessoa culta aos olhos dos franceses, não se mostre chocado com algumas afirmações de uso corrente. Se lhe disserem que o verdadeiro *jazz* é francês, aceite. Idem, se lhe garantirem o mesmo em relação aos hotéis, aos escuteiros, aos corredores de automóveis, ao neveiro ou às queijadas de Sintra. E sempre que não tiver nada a dizer, comente: «*C'est ça! Vous, messieurs, vous avez de la tradition...*».

AS CONVERSÕES FOLCLÓRICAS

Há três anos, dois portugueses de terceira, em visita a Paris foram abordados em Montmartre por um desconhecido que lhes vendeu bilhetes para uma sessão de «cinéma à cochons».

Permitimo-nos deixar em branco qualquer explicação destes espectáculos clandestinos, atentórios do pudor das almas bem formadas. Mas também está longe de nós insinuar que os nossos viajantes pertencessem à classe dos sem-princípios. De maneira nenhuma. Na capital das tentações, essas curiosidades compreendem-se...

A hora marcada os portugueses de terceira apresentaram-se no local indicado — uma garage improvisada em sala de cinema — onde se encontravam já alguns americanos e dois ou três casais desavindos que se passeiam pelo mundo em «lua de fel».

O filme principiou e, quando tudo indicava que começariam as partes verdadeiramente escandalosas, acendeu-se a luz repentinamente e eis que o empresário (que tinha sido simultaneamente vendedor dos bilhetes, o arrumador e o operador) desata aos berros de «Police! La police!»

Americanos e casais desavindos sumiram-se num abrir e fechar de olhos. Na sala vazia, só o empresário e os portugueses de terceira. «La police!» — gritava-lhes o francês, tentando empurrá-los para a rua. Mas os nossos compatriotas não se comoviam. Sair, sim, mas devagar. E queriam a devolução do dinheiro do espectáculo.

Está-se mesmo a ver que o empresário clandestino, sentindo-se desmascarado, não teve outro remédio senão restituir a importância em causa e que no dia seguinte, à mesma hora, se repetia igual cena e no mesmo lugar com outros americanos em Paris e com outros casais desavindos... mas sem a participação dos turistas lusitanos.

Riscos deste género corre-os quem viaja em qualquer latitude. Se o cidadão de Pacheco sofre algumas traquinices no território sagrado dos *chansonniers* e de M.^{me} Arthur, descansemo-nos que o cidadão de Monsieur Houlot também suporta uma boa dose de fantasias na pátria do «vira» e berço de Amália. Em gíria popular poderíamos

dizer que enfia o barrete do folclórico com um à-vontade muito apreciável.

Ora, se considerarmos que a Nazaré é o nosso ponto turístico de folclore mais internacionalizado, graças à *Elle*, ao *Match* e ao cinema (*Rapsódia Portuguesa*, *Amantes do Tejo*, *Nazaré*, *Lavadeiras de Portugal*, etc.) e se considerarmos que o turista, estatisticamente mais representativo em Portugal é o francês; se finalmente observarmos que o barrete do pescador é um símbolo tão típico como as patilhas dos filhos de famílias transviadas — se aceitarmos isto tudo, então temos que reconhecer que Monsieur Houlot quando vem à Nazaré para se enfrascar de bizarras regionais começa por enfiar um barrete, que já se não usa senão para ele ver, e por contar sete saias, que tradicionalmente eram três e passaram a ser sete por uma questão de simpatia numérica. É que na verdade a tradição do barrete perdeu-se na Nazaré e ganhou-se a das sete saias, que ontem não existia. Está ainda vivo um dos irmãos Bonés que introduziram nestas paragens a tradição nova da boina de pala que todo o pescador usa. Do mesmo modo estão igualmente vivos alguns compositores de revista que inventaram as músicas a que o cidadão de Pacheco e o cidadão de Houlot se habituaram chamar «populares da Nazaré». Tudo tradição nova, História de agora.

Em entendimento, prezadíssimos turistas, que nada disto acontece por acaso. À força de ser mirado e remirado, o pescador nazareno transformou-se num mestre da arte de receber com folclore. Quando as camionetas de franceses, as *roulottes* e os «DS» desembocam na Praça Manuel Arriaga, há sempre várias moças garridas que «passam ali por acaso» e velhos de barrete e cara tisonada, que são uma tentação para as objectivas *Rolleiflex*. O velho Resina (que o mundo já tem obrigação de conhecer de vista por figurar numa infinidade de prospectos de propaganda) aparece pontualmente nestas ocasiões, armado de foquim e de outros apetrechos característicos como se fosse para o mar. E não vai tal. Espera, com ar distraído e desinteressado, que reparem nele e lhe paguem para se deixar fotografar.

Ah, bons cidadãos de Pacheco, que ignorais esta arte do à-vontade! Num país onde



a indústria dos *cover models* não existe de todo em todo, o tio Resina é um pioneiro a considerar. Monsieur Houlot passa por ele e *descobre-o*. Segue-o ao longo do Paredão, regista em formato de 6×9 película pancromática uma parada de barcos varados na areia, descobre na proa de um candil o perfil heróico de um homem do mar cem por cento fotogénico e dispara. Exulta. Dispara. Recompensa com alguns escudos e não imagina sequer que teve diante de si um produto amador da escola do velho Resina.

Mais adiante encontra uma garotinha encantadora que a mãe, Marcolina Zarro, acabou de arranjar à pressa para a atravessar no roteiro de Monsieur Houlot. E Monsieur Houlot, zás: dispara. Não lhe passa pela cabeça que está diante de uma menina-prodígio, no ramo das *cover girls*.

É então que M.^{me} Houlot principia a mostrar um certo interesse pelas rendas e pelos bordados das saias das moçoilas da Nazaré. Explicam-lhe que são sete e às vezes mais. A verdadeira tradição impunha três mas isso foi num tempo em que o folclore tinha proporções modestas e em que se ignorava o número bíblico dos sete pecados ou dos sete véus. Na actualidade, a mania dos grandes números contagiou as raparigas da beira-mar e algumas delas, como a Maria Sofia Correia, dobraram a parada: 14 saias! Chama-se a isto folclore em cinemascópio.

Monsieur Houlot e Madame Houlot andam entontecidos neste Krugger Park de bizarras tradições. Depois do folclore em cinemascópio descubrem o folclore em tecnicolor, nos tons «fiéis» das *Lavadeiras de Portugal*, cuja acção decorre, como se sabe, em toda a parte onde há água mesmo que não haja lavadeiras.

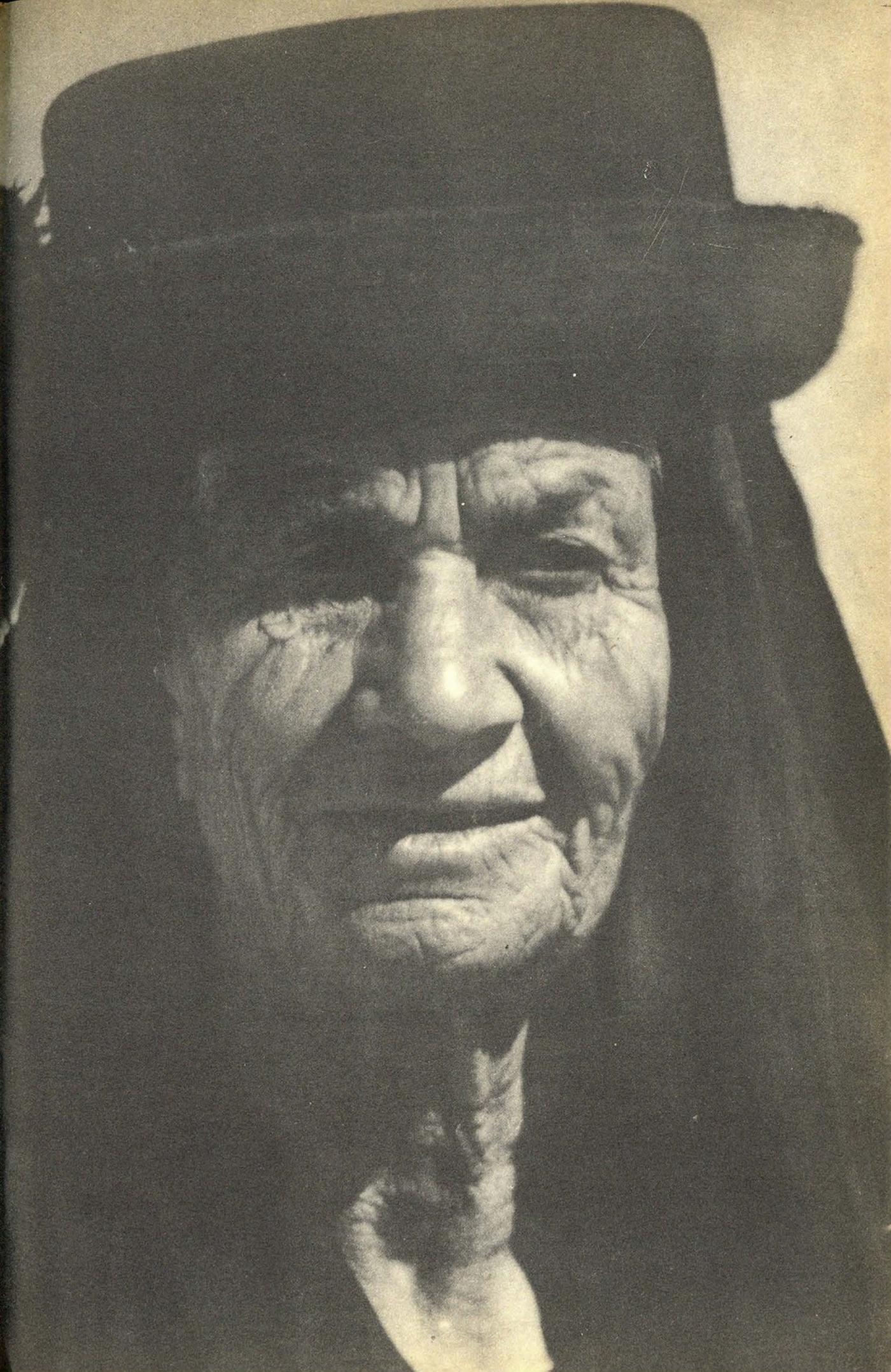
Monsieur Houlot interessa-se, portanto, pela cor local; procura até adquirir uma dessas camisas de xadrez da Nazaré — outra tradição inventada. Antigamente o traje do nazareno acompanhava o gosto geral dos padrões de toda a costa. Em camisas, a castorina. Mas um dia, um comerciante local, ao ver um turista escocês, teve uma ideia cem por cento comercial: mandar fabricar tecidos de padrão semelhante. A camisa da Nazaré saiu assim destes acasos do destino. As tradições têm, às vezes, destes artifícios.

O cavalheiro Houlot, à segunda semana de férias, está, com toda a certeza, familiarizado com o ambiente. É quase garantido que já comprou a sua camisa típica e que conhece de cor a lenda da Sr.^a da Nazaré. Subiu um dia ao Sítio para tocar, *in loco*, a rocha do milagre e quando se voltou para o terreiro saltaram-lhe meia dúzia de garotinhas que se puseram a dançar o «vira». Outro motivo regional, novo espanto de Monsieur Houlot. «*Oui*», comenta ele no seu saber enciclopédico, «*les portugais sont toujours gais*»...

Duvidais, ilustres cidadãos de Pacheco? Monsieur Houlot pode provar que somos *toujours gais*. Aqui à volta da praia não faltam grupos e corais típicos, sem contarmos com o celeberrimo rancho *Tá-Mar*, que geralmente é composto por gente de todas as profissões, desde proprietários a empregados de escritório, a ferreiros, farmacêuticos e camponeses — e que só por uma questão de acaso inclui dois ou três pescadores no elenco. O conhecido «Vira» da Nazaré também tem a sua história secreta. Como a quase totalidade das criações populares, foi composto «para a tradição» por Venceslau Pinto. Excluíam-se duas ou três canções genuínas (como *Não Vás ao Mar, Tonho e Toma Lá, Dá Cá*) e teremos um reportório organizado por compositores de revista com letras de Graciete Branco e outros.

Monsieur Houlot, habituado ao estilo *Avril au Portugal*, aprende com facilidade estas típicas melodias. Faz as malas no dia previsto e com os francos bem contadinhos, como todo o bom gaulês. Leva um barrete como recordação, um disco do *Tá-Mar* e meia dúzia de rolos de película encharcadinhos de exotismo. Lá fica, como um padrão a atestar a passagem por terras estranhas, o retrato de Madame, descalça e de capote como as peixarinheiras da Beira-Mar.

Pronto. A visita ao Reino dos Esquimós Quentes terminou. Senhores habitantes de Pacheco, deixemo-lo partir na terna ilusão de terem descoberto a alma portuguesa. Façamos a nossa conspiraçãozinha do silêncio como paga das pequenas traquinices que suportamos em turismo. E escondamos aquele célebre verso de Fernando Pessoa que diz «Viajar, perder Países...».



Minha boa Amiga senhora Maria
Laranjo, da praia da Nazaré,
em quem tanto admiro essa fidalguia
de um povo que na Europa o mais fino é,
muito agradecido pelo almoço Real
que aí me deu junto às ondas do mar;
tivera Camões comido um igual,
fazia-lhe versos, mas não a zombar.

Minha boa amiga senhora Maria
Laranjo, da praia da Nazaré,
por minha mulher a receberia
(se a minha Amiga quisesse já se vê)
se acaso a conheço quando era solteiro
para ser agora, —ventura tamanha—
em vez de pobre doutor, marinheiro,
mendigo do mar, arrais de companhia.

Estando da banda dos pobres do mar
já eu não teria, como tenho às vezes,
remorsos tamanhos e tão graves fezes
de ver tantas dores em roda a penar;
assim penaria e acreditaria
como eles, por lindo milagre de fé,
que depois no mar do Paraíso seria
o pescador mais feliz da Nazaré!...

Mas já que eu errei, por destino fatal,
o que era a minha pura, certa vocação,
saiba que em si louvo e admiro Portugal
no que tem de belo—alma e coração.
E saibam as altas senhoras princesas
que há uma fidalga aí na Nazaré
com quem elas podem aprender finezas
e a dar um almoço que tão fino é.

Afonso Lopes Vieira



o caso da SAFIRA VOADORA

Quando numa quinta-feira, às cinco horas da tarde, D. Mafalda encontrou por acaso, num dos passeios do Chiado, os Cristelos que regressavam de uma viagem a Inglaterra, não podia imaginar que se iniciava um dos seus mais curiosos casos. De momento, só pôde lamentar que a exiguidade de tempo — assim como a de espaço — lhe não permitisse falar à vontade com os seus amigos e saber por miudos como fora *aquilo* da viagem ao estrangeiro. Os Cristelos, porém, ao despedir-se, convidaram-na para tomar chá em sua casa no dia seguinte, o que fez desaparecer do horizonte aquela pequena nuvem aborrecida.

— E a propósito, sr.^a D. Mafalda — disse Rodolfo Cristelos —, não sei se já sabe que nos mudámos.

Com os ohs! e ahs! de espanto que a ignorância do facto exigia, D. Mafalda afirmou que não sabia e Rodolfo começou a remexer nas algibeiras.

— Moramos agora num palacete perto da Alexandre Herculano — anunciou Cristina, com vivacidade, quase gritando para se impôr ao barulho ensurdecador do trânsito. — É uma casa maravilhosa. A sr.^a D. Mafalda vai gostar imenso. Numa rua muito sossegada... Rua... rua... Como se chama a rua, Rodolfo? Esqueço-me do nome — acrescentou à laia de explicação. — Ainda não estou acostumada.

Rodolfo, que continuava a revistar as algibeiras, agora com expressão de desânimo, murmurou qualquer coisa de vago, que se perdeu de encontro a uma loura que passou entre eles, e tirou do bolso interior uma lapiseira e um livro de apontamentos. Garatujou uns rabiscos numa das folhas e arrancando-a estendeu-a a D. Mafalda.

— Desculpe-me — disse ele, guardando a lapiseira. — Mas esquecer-me dos cartões de visita é um dos meus defeitos incorrigíveis. E além disso, agora me lembro, mesmo que os tivesse, não estão actualizados.

Aceitando a folha de papel, D. Mafalda assegurou-lhe que entre amigos velhos aquilo não tinha importância (embora mais tarde fosse levada a reconhecer que talvez a tivesse tido) e os Cristelos, despedindo-se novamente com efusão, desapareceram da vista da velha senhora e também desta história.

Não surpreenderá, portanto, o leitor que, no dia seguinte, à hora do chá, D. Mafalda se encontrasse à entrada da rua cujo nome Cristelos escrevera no pedaço de papel. O que se segue é que talvez o surpreenda, muito embora nunca o venha surpreender tanto como a D. Mafalda.

A velha senhora tirou da mala o papelinho que até ali a guiara e, sem óculos, leu com dificuldade os algarismos rabiscados.

— 18 — murmurou, levantando a cabeça.
— Esta porta é o número dois. Fica, portanto, deste lado.

No seu passo miudinho, começou a percorrer o passeio, observando os números das portas à medida que avançava. Por fim, parou com satisfação em frente de um grande palacete onde o número 18, por cima da entrada, não deixava lugar a dúvidas.

Subiu os dois pequenos degraus que levavam à porta, tocou à campainha e esperou pacientemente.

Uma criada, de rosto simpático e fardada, apareceu.

— Faça favor de entrar — disse ela, sorridente. — A senhora está à sua espera.

Passando por um átrio luxuosamente mobilado, D. Mafalda seguiu a criada até uma sala de estar de paredes forradas a papel azul, onde uma senhora baixa e ainda nova se encontrava lendo uma revista. Até aqui nada de estranho acontecera. (A rica mobília do átrio fizera apenas D. Mafalda comentar interiormente que ignorava estarem os Cristelos tão bem instalados na vida). Mas quando D. Mafalda viu a senhora, para ela completamente desconhecida, levantar-se e estender-lhe a mão cheia de anéis, compreendeu que havia qualquer coisa que não estava certa.

— Oh, ainda bem que veio — disse a senhora, aproximando-se de D. Mafalda e examinando-a, de alto a baixo, com os seus olhos investigadores, de um verde fora do vulgar. — Julguei que já não vinha. Ia até telefonar à Madalena. — De novo, os olhos verdes percorreram D. Mafalda. — Nunca julguei...

— Parece-me... — começou D. Mafalda, mas devia ser mais fácil deter o voo de um avião a jacto do que pôr um dique à torrente impetuosa de palavras que saía dos lábios da dona do palacete que por cima da porta tinha o número 18.

— ...que a senhora fosse assim. Imaginava-a alta, de olhos chamejantes e magnetizadores, vestida de seda negra. — Riu agudamente. — Só digo asneiras! Coisas que imaginamos e saem absolutamente ao contrário. Nunca pensei de facto que a senhora tivesse tão pouca aparência de... — Fez uma ligeira pausa e D. Mafalda começou a abrir a boca — ...*bruxa!* Julgo que não se ofende

por lhe chamar bruxa. Já não estamos n Idade Média. Não há que ter medo. — Os olhos de D. Mafalda que desde o princípio do diálogo (seria mais apropriado dizer monólogo) se abriam gradualmente, quase lhe saltaram das órbitas. Mas a outra continuou sem a nada prestar atenção. — Algumas senhoras da sua profissão preferem que lhes chamemos videntes, mas eu acho isso uma simples esquisitice. Não há mal nenhum em chamar bruxa a uma bruxa, não é verdade? — voltou a rir-se. — A não ser que tenhamos intenção de a ofender. Bem, nada disto interessa. Com ou sem aparência de bruxa o que eu sei é que a Madalena me contou maravilhas de si. Como encontrou o colar que o marido lhe oferecera e que ela tinha perdido, como disse à Mariana Pedrosa que havia de morrer num desastre de automóvel... e ela morreu mesmo... e muitas coisas mais... E agora aconteceu cá em casa e a polícia andou por aí durante mais de uma semana sem conseguir apurar coisa alguma, claro, é o costume já de outra vez num hotel também me roubaram um anel e a polícia nunca descobriu nada... apesar de eu ter a certeza de que fora uma das criadas... os modos dela bem o indicavam... — Perdida no emaranhado das frases, a dona do palacete pareceu indecisa durante um breve segundo, mas, com um agitar de dedos desprendido voltou à carga: — Ora, como a polícia não descobriu nada, a Madalena aconselhou-me a consultá-la, contando todas aquelas coisas. Fiquei logo maravilhada... Oh! que cabeça a minha, nem mesmo lhe disse para se sentar. A sr.^a D. Esmeralda deve estar cansada, com certeza. É melhor vir para aqui para o pé da janela. — D. Mafalda, como que fascinada, seguiu-a e sentou-se no sofá que ela lhe indicou, sem deixar de falar. — É como ia dizendo, fiquei maravilhada com o que a Madalena me contou. «Mando-te cá a D. Esmeralda. Podes ter a certeza que descobre logo quem te roubou a safira, Julieta.» Ao princípio hesitei porque o meu marido não gosta destas coisas às quais está sempre a chamar vigarice, mas depois decidi-me e disse à Madalena que a mandasse cá hoje. Está manhã contei ao Gustavo e ele ficou muito zangado. «Era o que faltava. Perder uma safira que vale mais de 300 contos e ainda por cima trazer

bruxas cá para casa.» Eu, contudo, tinha pensado já no caso e disse-lhe logo: «Então, explica-me lá como desapareceu a safira. Estou absolutamente convencida de que foi por meio de bruxaria... Não vejo outra explicação, mas tu, como sabes tudo, certamente encontrarás uma mais plausível.» Está claro que não soube responder a isto e eu continuei: «Bem vês, se foi por bruxaria só, uma bruxa pode voltar a encontrar a safira e esta D. Esmeralda é uma bruxa maravilhosa.» E contei-lhe o que a Madalena me tinha dito. Ele resmungou, resmungou, e por fim acabou por murmurar que procedesse à minha vontade pois a única coisa a perder seria o dinheiro da consulta e sempre se divertiria um bocado. Calcule!

D. Julieta fez uma pausa para tomar fôlego. A velha senhora disistira já de desfazer o engano. A outra prosseguiu:

— É melhor contar como tudo se passou. É tão intrigante, a polícia não foi capaz de achar-lhe nem pés, nem cabeça. O meu marido dedica-se à construção civil. É muito rico. Talvez já tenha ouvido falar dele. Chama-se Gustavo Campana. Ora, na minha opinião, o dinheiro é para gastar enquanto vivemos, tanto mais que não temos filhos. Não sou como algumas pessoas que só pensam em amontoá-lo. Não! O dinheiro é para circular, mas não se deve gastar só em divertimentos e coisas que tais. Deve gastar-se também nalgumas obras de beneficência. Parece bem e sempre serve para auxiliar alguns desgraçados. Sendo esta a minha opinião, fundei há uns três anos a Obra para a Educação das Raparigas Mentalmente Atrasadas, o que me tem grangeado muitos elogios, mesmo muitos. A obra tem tido grande êxito pois as minhas amigas têm-se-lhe dedicado de alma e coração. Algumas por interesse e vaidade, claro, outras por simples generosidade para com as pobres raparigas... Sim, também há disso... Alugámos umas salas para servir de aula e refeitório e a Obra tem progredido. Não temos, contudo, uma sala própria para a exposição anual dos trabalhos das alunas e assim todos os anos tenho de ceder aqui, no jardim do meu palacete, um pavilhão que tem porta para a rua. É uma coisa que faço com muita satisfação pois posso organizar e vigiar a exposição com mais facilidade. Além disso, todas as mi-

nhas amigas a vêm visitar e os artigos expostos vendem-se sem dificuldade... Isto não interessa! Interessa é que sou eu todos os anos quem dispõe os artigos na sala do pavilhão, com a ajuda de uma ou outra amiga. E na semana passada, quando o fazia, desapareceu-me a safira!

— Certamente, a Madalena já lhe contou pouco mais ou menos como as coisas se passaram. Mas ela não estava cá e é possível que tenha omitido alguma coisa. Por isso, vou descrever-lhe os acontecimentos com todos os pormenores. O meu Gustavo comprou-me uma safira há quinze dias, mandou-a engastar num anel de platina e ofereceu-mo. Fiquei contentíssima. Calcule a inveja das minhas amigas por eu trazer no dedo uma safira avaliada em 300 contos, nem mais, nem menos... Talvez a maior existente em Portugal. Havia uma semana que o meu marido ma tinha dado, quando chegou o dia de preparar as coisas para a exposição da Obra. É uma tarefa que não deixo a ninguém. Modéstia à parte, mas a verdade é que tenho muito bom gosto. Todos os visitantes das exposições dos anos anteriores me têm felicitado pela arte com que disponho os objectos... Ora, ontem foi quarta-feira. Faz, portanto, oito dias que, de manhã, comecei a arranjar a sala. Havia lá algumas coisas velhas arrumadas e mandei-as retirar pelos criados. Limpou-se depois o pó e comecei então a preparar tudo... É melhor dizer-lhe quem estava presente... Eu, o meu marido, uma sobrinha minha chamada Laura, que, coitada, teve um ataque de paralisia infantil e anda numa cadeira de rodas... o médico diz que é possível que volte a andar, mas eu não sei nada... — D. Julieta respirou. — A Maria Benedita, filha duma das minhas amigas que muito me tem ajudado na Obra e um rapaz engenheiro, o Rafael, que trabalha com o meu marido... É formado há pouco tempo, está no princípio da vida e parece que tem muito valor... O meu marido deu-lhe a mão porque sempre gostou de auxiliar quem tem talento... Ora, deixe-me ver... Quem estava mais? É verdade, a Lídia, uma das raparigas da Obra que é das menos idiotas e tinha vindo trazer uns embrulhos com trabalhos... bordados, lencinhos e coisas do género... Seis pessoas. — A fundadora da Obra para a Educação das Raparigas Men-

talmente Atrasadas deu uma gargalhada repentina. — Seis suspeitos. Muito bem, como dizia, comecei a preparar tudo. Tinha comprado uma cobertura de oleado, muito bonita por sinal, para a mesa grande da sala e acabara de pô-la, quando, ao cortar com o canivete que meu marido me tinha emprestado o cordel de um dos embrulhos trazidos pela Lídia, dei um golpe fundo no dedo onde trazia a safira. Como começasse a deitar muito sangue, tirei o anel e pu-lo sobre a mesa. Saí do pavilhão para vir tratar da ferida e a Benedita e a Lídia vieram comigo. Na sala ficaram o meu marido, o engenheiro e a minha sobrinha... A história é breve... Quando voltei e procurei o anel, tinha desaparecido misteriosamente. Ao princípio, pensei que fosse brincadeira... O meu marido começou a dizer que era a safira voadora e outras palermices... Revistámos a sala e por fim, quando o caso tomou aspecto mais grave, revistámo-nos a nós próprios. Mas o anel não apareceu! A sr.^a D. Esmeralda dirá que o caso nada tem de estranho: foi uma das pessoas presentes que roubou a safira. É a explicação apresentada pela polícia, mas para ser aceitável é preciso que me digam *como* foi roubado o anel visto nenhum dos presentes ter tido *oportunidade* para o fazer! E isso não sabe a polícia explicar!

A suposta D. Esmeralda pestanejou um pouco aturdida e continuou silenciosa, aguardando que o caso se fosse esclarecendo gradualmente.

— Efectivamente, — continuou D. Julieta, — está aí a dificuldade. Que uma das pessoas tenha roubado o anel, admito. Não o encontramos na busca que passámos uns aos outros, mas isso não quer dizer nada. Foi uma busca necessariamente pouco meticolosa. Eu pergunto apenas: *como* roubaram o anel? E a isso ninguém sabe responder! Agora o melhor é a sr.^a D. Esmeralda acompanhar-me ao pavilhão. Encontraremos lá todas as pessoas que estavam presentes quando a safira desapareceu. Pedi-lhes que comparecessem aqui para lhas apresentar. Julgo que se alguma delas foi o ladrão e fez o roubo por meio de bruxaria, a senhora descobri-lo-á logo que esteja na sua presença. Sentir-lhe-á a «influência» mágica, ou como chamam a isso... Não é verdade?

Sem dizer que era verdade, D. Mafalda

levantou-se e seguiu-a através de uma porta envidraçada que dava para o jardim. D. Julieta tomou por uma alameda ensaibrada ao fundo da qual se avistava um edifício baixo e D. Mafalda, no seu passo miudo, acompanhou-a. Súbitamente, ouviu-se um chiar de rodas e de uma rua lateral, um pouco à frente delas, saiu uma cadeira impelida por uma rapariga. Ao ouvir passos, a rapariga virou-se para trás ao mesmo tempo que a ocupante da cadeira se voltava também.

— Oh, a minha sobrinha Laura e a Maria Benedita, — disse D. Julieta quando ela e D. Mafalda as alcançaram. — Esta é a sr.^a D. Esmeralda. Lembrem-se, com certeza, de eu lhes ter falado nela.

Durante uns instantes as duas raparigas miraram D. Mafalda. Maria Benedita — alta, morena, de travessos olhos negros — teve um sorriso de mofa e lançou para trás a cabeça, num gesto decidido.

— Bem me lembro. É a... pessoa especializada... que vem descobrir a safira, não é verdade?

— Vocês... vocês... Podem não acreditar nestas coisas, mas não zombem das pessoas. Desculpe-as, sr.^a D. Esmeralda, não passam de umas crianças, — acrescentou D. Julieta, voltando-se para a velha senhora. Com espanto, notou que a bruxa não parecia ofendida. Pelo contrário, sorria complacente.

— Como vai a sr.^a D. Esmeralda descobrir a safira? — insistiu Benedita, começando de novo a empurrar a cadeira para o edifício ao fundo da alameda. — Vai deitar cartas? Ou é por espiritismo?

— Ainda não sei, — contou, com toda a lealdade, D. Mafalda. Chegaram junto do pavilhão. — Agora usamos umas técnicas novas mais eficientes.

— Seria emocionante se nos desse uma sessão de espiritismo, — disse D. Julieta, empurrando a porta do pavilhão e afastando-se para deixar passar D. Mafalda e a cadeira de rodas. — A Madalena assistiu a uma e diz que é verdadeiramente *horripilante!* Ai! Credo, filha! — gritou, quando a cadeira de rodas deu um guincho ensurdecidor. — Esqueço-me sempre de mandar pôr um pouco de óleo nessas rodas.

A sala do pavilhão era vasta, com duas janelas para o jardim. O chão era de mosaicos brancos e vermelhos. Havia algumas mesas

pequenas em volta, encostadas às paredes, e no meio da sala, uma, muito comprida, coberta por um belo oleado de flores verdes pintadas sobre fundo branco.

— Desculpe estar tudo cheio de pó, — observou D. Julieta, aproximando-se da mesa central, — mas por causa das investigações da polícia não pudemos fazer a exposição e o pavilhão tem estado fechado. — Aborrecida, acrescentou: — O Gustavo e o engenheiro já cá deviam estar. E a Lídia também!

— O tio estava à espera do Rafael, — disse Laura, falando pela primeira vez desde que D. Mafalda a vira. A sua voz era macia, de ressonâncias quase infantis. — Devem estar a chegar.

D. Mafalda observou a rapariga atentamente. Tinha os cabelos alourados, uns olhos cor de turquesa, suaves, e pele branca e lisa. Os lábios descorados punham-lhe no rosto de menina mimada uma nota de insatisfação. As mãos, pálidas e longas, brincavam com a franja duma manta leve de delicado desenho que lhe cobria as pernas inúteis.

— Aí vêm eles! — anunciou Benedita.

Campana era de estatura mediana, incrivelmente magro, quase calvo e de rosto macilento. Ao entrar, os seus olhitos castanho-amarelados cravaram-se em D. Mafalda e, enquanto avançava, não a desfitavam. Rafael, o engenheiro, muito novo ainda, alto e elegante, tinha cabelos negros ondulados e uns olhos pretos curiosos. Os seus passos soavam no chão de mosaicos com um tinido metálico. «É estranho», pensou D. Mafalda. «Pensava que os protectores nas biqueiras dos sapatos tinham há muito passado de moda».

É então esta a sr.^a D. Esmeralda, a celeberrima feiticeira? — perguntou Gustavo Campana. — Muito prazer em conhecê-la. — Fez-lhe uma reverência solene, enquanto os olhitos zombeteiros a perscrutavam. — Felicito-a por ter uma aparência tão inofensiva. Direi mesmo apagada, se a comparar com outras celeberrimas feiticeiras que a minha mulher tem consultado. Já encontrou a safira, não é verdade?

— Não sejas malcriado, — protestou a mulher zangada. — Não troces daquilo que não percebes. A sr.^a D. Esmeralda não achou já a safira porque ainda não começou a «ope-

rar». Primeiro tenho de lhe contar o que se passou tim-tim por tim-tim para ver que não se trata de um roubo, mas sim de bruxaria. — Virou-se para D. Mafalda. — Desculpe o meu marido, sim? Não sabe o que diz e, além disso, desconfia de todas as videntes.

Nesse momento, pela porta que ficara aberta, entrou correndo uma rapariguita. Parou, hesitante, ao ver tantas pessoas na sala do pavilhão e, depois, avançou tímidamente. Beijou D. Julieta, que a afagou, distraidamente, e colocou-se, envergonhada, junto da cadeira de Laura, que também lhe fez uma festa. Uma certa expressão vaga no rosto pálido identificava-a como Lídia, a aluna da Obra.

— Estamos todos, — disse D. Julieta. — Como já lhe disse, sr.^a D. Esmeralda, cortei-me ao abrir um dos embrulhos e pus o anel aqui na mesa em cima desta flor verde. — D. Julieta pousou o dedo numa flor quase no centro da mesa e proseguiu:

— Quando voltei, a safira tinha desaparecido. Não havia nada, absolutamente nada, em cima da mesa senão o anel. Nada que o pudesse esconder. Julguei a princípio que fosse brincadeira de alguém, mas todos negaram ter-lhe mexido. Além disso, tal como fomos descobrindo pouco a pouco, *nenhum de nós teve oportunidade para tirar o anel*. Vejamos. Pousei-o em cima da mesa e saí com a Benedita e a Lídia. Ambas estavam longe da mesa e posso jurar que nesse momento nenhuma delas o surriprou. Quanto a deixar o anel em cima dessa mesa, Benedita confirma que *o deixei mesmo* e não fingi deixá-lo, como chegou a insinuar um estúpido agente! Não é verdade, Benedita?

— Absoluta. Ao sair, vi a safira a brilhar em cima do oleado.

— Muito bem. Saímos as três. Benedita e eu à frente, a Lídia um pouco atrás. Mas a pequena não mexeu no anel porque nunca se abeirou da mesa. Laura é disso testemunha.

— É verdade, — confirmou Laura. — Lídia nunca chegou junto da mesa, nem antes, nem depois quando veio chamar o tio para ir ao telefone.

— Já lá vamos. Aqui na sala, apenas ficaram a Laura, o meu marido e o sr. engenheiro. A minha sobrinha estava na sua ca-

deira, mesmo junto àquela cabeceira. — D. Julieta indicou uma das extremidades da mesa. — Como vê, uns bons quatro metros de distância até ao lugar onde ficou o anel. O meu marido estava à janela e o sr. engenheiro perto da porta. Atravessou a sala, torneando a mesa, até chegar junto de meu marido e tanto o Gustavo como a Laura afirmam que não se aproximou do anel. O meu marido e o sr. engenheiro ficaram à janela a conversar. Durante cerca de um minuto, a Laura... desculpa, querida, ter de dizer isto... se fosse uma pessoa como as outras — (D. Mafalda viu a rapariga franzir a testa) — poder-se-ia ter apoderado do anel. Mas infelizmente não é. Não pode andar e a cadeira de rodas tem de ser empurrada por outra pessoa. Portanto, não pode tê-lo tirado.

— Além disso — observou Rafael, com um sorriso, encostando-se à mesa, junto a Benedita, — mesmo que o Homem Invisível fosse cúmplice da Laura, o chiar horrível das rodas da cadeira tê-la-ia denunciado.

— É verdade. Esquecia-me desse ponto. — D. Julieta continuou: — Quando acabei de tratar do dedo, telefonaram à procura do meu marido e mandei a Lídia chamá-lo.

— E ela veio, — interpôs Gustavo. — Fui imediatamente e tanto eu como a Laura, o Rafael e a Lídia estamos prontos a jurar que dei uma volta à mesa e não me aproximei do lugar onde estava a safira. Na verdade, nem para lá olhei.

— E assim, durante um minuto, se tanto, fiquei sôzinho com a Laura, — disse o engenheiro. — Reconheço agora que perdi uma bela oportunidade de rapinar a joia... Mas a Laura é teimosa e afirma a pés juntos que nunca me cheguei à mesa.

— Certo, — confirmou Laura com um sorriso. — O Rafael não se aproximou da mesa. Claro, não olhei sempre para ele... estava distraída... mas não me importo de jurar que não se moveu do lugar junto à janela pois, ainda que fosse o Homem Invisível em pessoa, as chapinhas horríveis e antiquadas que usa nos sapatos tê-lo-iam denunciado.

Rafael sorriu.

— Bem dito. Quanto às chapinhas, os engenheiros principiantes precisam de poupar as solas tanto como as outras pessoas sem dinheiro... Por acaso, estive a olhar para si durante todo esse tempo. — A sobrinha de

D. Julieta corou. — E posso declarar que nesse curto instante não lhe nasceram asas e, portanto, a Laura não «bifou» a safira dos 300 contos.

— Além disso, — lembrou D. Julieta, — a Lídia saíu com o Gustavo, mas ficou entre a porta e não ouviu o barulho dos sapatos do sr. engenheiro. Não é verdade, Lídia? Não ouviste o barulho dos sapatos do sr. engenheiro quando estavas à porta, pois não?

— Não, senhora... não... ouvi, — balbuciou a garota. — Não ouvi nada.

— Muito bem... ou melhor, muito mal! Voltei com a Benedita e cruzei-me com o Gustavo no jardim. Entrei e dirigi-me para a mesa. O anel tinha desaparecido!

— E logo desde a porta vi que a safira não estava ali, — acrescentou Benedita. — É, portanto, inútil pensar que a sr.^a D. Julieta se apossou do anel no momento em que se curvou sobre a mesa, como sugeriu o tal agente das ideias estúpidas.

— E a razão porque eu andava por casa com um anel tão valioso, — disse D. Julieta — é fácil de explicar. Deu-me para ali! Era uma coisa nova e sentia-me bem com a pedra no dedo! Digo isto porque foi uma das perguntas que o tal agente me fez mais de vinte vezes... «Era estranho andar com um anel daqueles!» «Porque andava eu com o anel?» — D. Julieta, encolheu os ombros. — Enfim! Coisas da polícia!

Houve um pequeno silêncio.

— Como vê, sr.^a D. Esmeralda, o caso da safira voadora só pode ser explicado por bruxaria, — disse Gustavo, imitando a voz esganiçada da mulher, que lhe lançou um olhar enfurecido. — E assim, tem V. Ex.^a a palavra, D. Bruxa.

— Não sejas tolo! — ralhou D. Julieta. — Deixa a senhora concentrar-se.

— E qual a última vez que a safira foi vista em cima da mesa? — perguntou D. Mafalda. — Isso pode ser importante.

— Foi quando reparei nela ao sair com a sr.^a D. Julieta, — esclareceu Benedita. — Depois disso, ninguém mais pode jurar que a viu.

— De facto, nunca olhei para o anel, — murmurou Laura. — Estive distraída... a pensar em coisas vagas...

D. Julieta lançou-lhe um olhar vivo e acariciou-lhe o ombro.



— Eu, — declarou o engenheiro, — também não me lembro de ter olhado para cima da mesa.

— Nem eu, — disse Gustavo. — E se soubesse que a safira dos 300 contos ia desaparecer, podem ter a certeza de que não a largava de vista.

Na pausa que se seguiu, D. Mafalda pareceu meditar. Todos os olhos a fitavam, os de D. Julieta cheios de confiança e os dos outros, trocistas.

— Há um novo aspecto do caso que nos tem escapado, — disse súbitamente Campana. E perante a interrogação muda dos outros, elucidou: — Ser uma Esmeralda à procura da safira.

D. Mafalda riu-se e observou:

— Bom prenuncio.

— *Similia similibus curantur*, — murmurou o engenheiro, com ar erudito, para impressionar as raparigas. — Vejamos se neste caso a máxima da medicina homeopática prova ser verdadeira. — Já sabe o que se passou? — perguntou D. Julieta à pseudo bruxa, com ar ansioso.

Houve uns segundos de silêncio. Para espanto de todos, D. Mafalda fez com a cabeça um pequeno sinal afirmativo.

— Sei, — disse ela.

— Nem podia deixar de ser, — gargalhou Gustavo. — As bruxas sabem sempre tudo!

— Cala-te, Gustavo! — gritou a mulher. — Se a sr.^a D. Esmeralda diz que sabe é porque sabe!

— E sei, — confirmou a velha senhora. — Sei tudo. Lamento ter de dizer que a safira foi roubada por uma das pessoas presentes, mas é a verdade. O motivo?... É melhor não falar nisso...

Quando D. Mafalda se calou, nenhum deles proferiu uma única palavra. Olhavam-na agora súbitamente sérios.

— Vamos solucionar o caso — anunciou D. Mafalda. — Uma bruxaria desfaz-se com outra bruxaria. Estou vendo ali ao canto umas cadeiras. Dispunhamo-las em redor da mesa. Aqui, ao centro, em volta do sítio donde desapareceu a joia... Três de cada lado... Isso mesmo, isso mesmo — confirmou, enquanto Campana e Rafael procediam conforme ela indicava. — Agora façam o favor de me arranjar um copo, lápis e papel.

— Lápis e papel tenho eu — disse Rafael estendendo a D. Mafalda um livro de apontamentos e uma lapiseira.

— Lídia — ordenou D. Julieta. — Vai buscar um copo!

A garota pariu a correr.

— Sentemo-nos — disse D. Mafalda. Todos obedeceram. Benedita antes de sentar-se trouxe a cadeira de rodas de Lídia para o seu lado. — Muito bem. — A «bruxa» instalou-se numa cadeira entre Gustavo Campana e a mulher. — Logo que a Lídia chegou, começamos a sessão.

A pequena regressou com um copo de vidro que pousou em cima da mesa. A um sinal de D. Julieta, sentou-se na cadeira vaga e ficou quieta, olhando para a falsa D. Esmeralda com os olhos muito abertos.

D. Mafalda abriu a sua mala de mão e, depois de remexer no interior durante uns momentos, tirou para fora um dado. Cortou seis tirinhas de papel iguais, pegou no lápis e escreveu qualquer coisa em cada uma delas.

— Escrevi em cada um destes papelinhos um número de 1 a 6 — explicou ela. — Vou agora entregar um a cada pessoa. — Executou o que dissera e recomendou: — Por favor, não revelem o número que coube a cada um.

Todos guardaram as tirinhas de papel, um pouco impressionados. Gustavo Campana começou a abrir a boca, com um brilho trocista no olhar, mas franzindo as sobrancelhas, hesitou e não disse nada.

— Vou agora lançar o dado — continuou D. Mafalda. — O número que sair é o número que o ladrão tem escrito no papel que lhe entreguei.

D. Mafalda deitou o dado para dentro do copo de vidro e começou a agitá-lo, fazendo um barulho considerável. Depois, com um gesto rápido, lançou-o sobre a mesa. O pequeno cubo bailou sobre as flores verdes, debaixo do olhar interessado de todos.

— Seis — anunciou D. Mafalda. — Isto é um aviso para o ladrão. — A velha senhora continuou apressadamente: — Usei deste processo para não o denunciar na frente de todos. Se até amanhã, o anel não aparecer, não terei mais escrúpulos... Vou lançar novamente o dado para lhe provar que não foi só por sorte que o descobri.

De novo, D. Mafalda chocalhou o dado ruidosamente no copo de vidro e de novo o deitou sobre a mesa.

— Seis... E como não há duas sem três...

Repetiu o lançamento e mais uma vez a face com os seis buraquinhos ficou voltada para cima.

— A pessoa que roubou a safira deve estar agora convencida... Se até amanhã não devolver o anel...

Campana interrompeu-a com uma risada estrepitosa.

— Claro, amanhã! Com as bruxas é sempre assim. Hoje, hoje é que eu gosto...

Fez uma pausa abrupta, quando se ouviu um tinido estranho — o ruído metálico de qualquer coisa que caía sobre os mosaicos. Curvou-se, espreitando para debaixo da mesa. A mulher e o engenheiro imitaram-no.

Com uma exclamação abafada, Campana apanhou um objecto do chão e ergueu-se, olhando para a «bruxa» com respeitoso espanto.

— A safira! — gaguejou ele, mostrando o anel seguro entre os dedos.

— Tenho de ir-me embora — disse D. Mafalda. — Não me posso demorar mais tempo. E mais uma vez lhe digo que não me deve dinheiro nenhum.

— Oh, mas tem de voltar cá, sr.^a D. Esmeralda — insistiu D. Julieta. — Para me ler o futuro... A senhora é maravilhosa... Descobriu tudo!

— Tudo? — D. Mafalda sorriu. — Não descobri tudo. Desde há minutos que uma coisa me intriga. Mas isso julgo que nunca o descobrirei.

— O que é? — perguntou D. Julieta, ansiosa.

— Não posso dizer.

Nesse momento, a criada apareceu à porta da sala onde se encontravam sòzinhas as duas senhoras. O olhar espantado que lançou a D. Mafalda, fê-la pressentir que ia ser desmascarada.

— Minha senhora — disse a criada com voz sumida. — A sr.^a D. Madalena acaba de telefonar a avisar que a sr.^a D. Esmeralda não pode vir porque foi ontem atropelada por um automóvel.

— Sim? — murmurou D. Julieta, distraída. Mas compreendendo de súbito o que

ouvira, virou-se para a criada bruscamente, de olhos muito abertos. — Han?

A criada repetiu o recado.

— Quem é a senhora então? — perguntou D. Julieta, de boca muito aberta, investigando o semblante pálido de D. Mafalda.

A velha senhora suspirou.

— Desfaz-se o último mistério. Porque não apareceu a verdadeira D. Esmeralda?

— Mas... mas... — D. Julieta, com um gesto imperioso, mandou sair a criada.

— Bem sei, bem sei — disse D. Mafalda, sentando-se no sofá, junto da outra. — Não sou bruxa e fiz aparecer a safira. É talvez melhor explicar-lhe tudo. Ficaré convencida de que não houve bruxaria alguma... Bruxaria! — D. Mafalda riu-se e continuou: — Foi o acaso, só o acaso que me trouxe cá. Uns amigos meus rabiscaram-me uma direcção num bocado de papel. Quando cheguei aqui à sua rua, li-o sem óculos, para confirmar o número, e devo tê-lo posto de pernas para o ar: onde estava 81, apareceu-me 18! Depois, a criada abriu a porta, disse que a senhora estava à minha espera... e assim nasceu o equívoco... Quanto ao roubo do anel, é melhor que saiba tudo. No pavilhão, não quis acusar a ladra no meio de todos. Aqui é diferente. Espero que guarde segredo.

— A ladra? — D. Julieta estava completamente aturdida.

— Sim. Foi Laura quem roubou a safira.

— A Laura? — D. Julieta mostrava-se cada vez mais espantada. — Porquê?

— Um súbito impulso... Julgo que compreenderá. A Laura é jovem... e parálitica... e não está resignada! Possivelmente sente uma ponta de inveja por todos quantos têm saúde... Não duvide, é mais vulgar do que julga e acontece com quase todas as pessoas que se sabem doentes, irremediavelmente doentes. — D. Mafalda, pensativa, fez uma pausa. — Laura inveja a senhora que tem um marido que lhe oferece safiras de 300 contos... inveja a Benedita e o Rafael que são jovens, têm saúde e podem amar... inveja, quem sabe, o seu marido que é rico, que tem êxito na vida, que não é parálítico... Laura tem inveja de todos que por uma razão ou outra, atraem as atenções e sente-se abandonada, talvez desprezada... exactamente por ser muito mimada... Vê a safira sobre a mesa. Se a roubar, haverá preocupa-

ções, escândalo, buscas, interrogatórios, suspeitas, pensamentos que os cérebros querem repudiar e não conseguem... Durante algum tempo, cada um conhecerá um bocadinho de infelicidade e desconforto, sem saber quem roubou a safira e sentindo-se suspeito... E ela terá nas mãos o segredo cuja revelação daria a todos a tranquilidade! E não hesita, rouba o anel!

— Sim, posso compreender. — murmurou D. Julieta, com ar idiota. — Compreendo... Mas como roubou ela a safira, santo Deus? Como?

— O mais fácil de tudo... Quando me contaram o que se tinha passado, compreendi que só ela podia ter roubado a joia — só ela tinha estado, por assim dizer, sòzinha com o anel durante cerca de um minuto. Has como executara o roubo? Sem ajuda, não podia fazer andar a cadeira. Além disso, as rodas chiavam e tinham sido ouvidas... «Se ela não foi ao encontro do anel», pensei, «então, veio o anel ao encontro dela!» E isto explicou logo o mistério... que nem mistério chega a ser. Ora veja bem! A Laura estava junto a uma das cabeceiras da mesa. Esta encontrava-se coberta com um oleado novo. Não havia nada em cima dele além do anel. A Laura puxou o oleado e, suavemente, a safira veio ter com ela. Guardou-a e tornou a fazer deslisar o oleado no sentido contrário, sem pressas, até ele alcançar a posição primitiva. Repare bem, era um *oleado novo!* Se fosse uma toalha ou outro pano, seria impossível cometer o roubo desta maneira porque o tecido enrugava-se-ia ao ser recolocado na primeira posição. Isto tudo passou-se, claro está, enquanto o seu marido e o engenheiro conversavam à janela.

— Tão simples! — balbuciou D. Julieta. — Tão simples! e eu a julgar que era bruxaria! Que parva, que idiota devo parecer!

— A Laura — prosseguiu D. Mafalda —

escondeu depois a safira nalgum esconderijo de acaso da sua cadeira de rodas e desde então andou sempre com o anel como prova o facto de o ter deixado cair no chão, sem ninguém ver, quando fiz a minha «bruxaria» e lhe participei hàbilmente que tudo descobrira.

— Mas os papelinhos? O dado? Porquê tudo isso?

D. Mafalda sorriu.

— Todos me julgaram bruxa e, portanto, tive de agir em estilo próprio de bruxa. Além disso, a pequena comédia permitia-me avisar a Laura de que sabia ser ela a ladra, sem a denunciar a todos. De facto, pressenti que ela estava arrependida. O roubo fora um impulso de momento. Só depois de se apoderar da joia, viu bem as consequências do que fizera... E com receio de que um inocente fosse acusado, defendeu a Lídia, o Rafael e o tio dizendo a verdade, isto é que nenhum deles se aproximara da mesa, quando facilmente podia ter declarado que não reparara neles. Por outro lado, isso tornou o caso mais difícil e aparentemente inexplicável... Quanto ao dado, é viciado... Uso-o como mascote... Foi-me oferecido por um afilhado meu... — D. Mafalda sorriu novamente. — Pobre Laura! Como deve estar assustada, julgando-me bruxa a sério! Daqui a uns tempos — acrescentou, olhando D. Julieta bem nos olhos — conte-lhe tudo. Fale-lhe-á bem. E passe a prestar-lhe mais atenção, sim? Mas sem lhe lembrar constantemente que é inválida...

Uma luzinha irónica cintilou nos olhos da velha senhora.

— «Uma Esmeralda à procura da safira» — murmurou. — Quando o seu marido disse isto, não sabia o melhor. — E satisfez a interrogação silenciosa que bailou nas pupilas verdes de D. Julieta: — Que eu era uma Esmeralda falsa!

fim

ALIANÇA MADEIRENSE

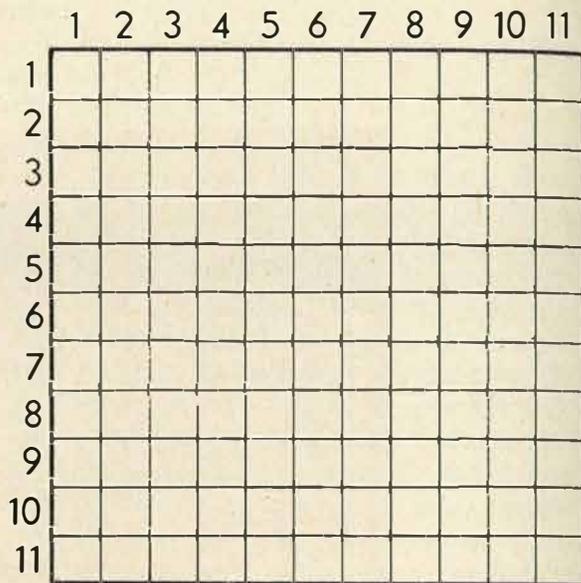
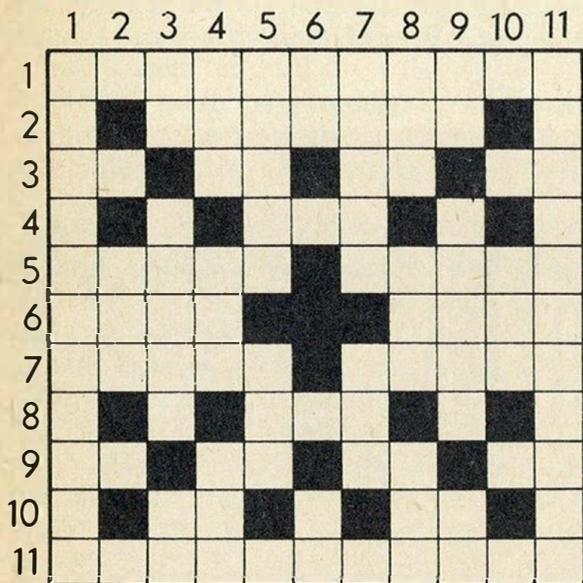


seguros contra todos os riscos

PALAVRAS CRUZADAS

PALAVRAS CRUZADAS

(Nova Modalidade)



HORIZONTAIS: 1 — Opostos. 2 — Afiação. 3 — Pref. desig. desvio; garbo; interj. desig. consentimento; abreviatura usada em química para designar «precipitado». 4 — Nome de letra. 5 — Falhas; fadário. 6 — Liguem; pipilam. 7 — Obter; transpõe. 8 — Nome de várias plantas do Brasil. 9 — Prep. e art.; atitude; nota mus.; troça. 10 — Símb. quím. da prata; alto aí. 11 — Semelhantes.

VERTICAIS: 1 — Preparados. 2 — Braço de rio. 3 — Pára; curto; ante-meridiano. 4 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco; estime; actuei. 5 — Embarcadouros; gracejar. 6 — Suf. de profissão; pron. pess. 7 — Navios; motivos. 8 — Fiada; capa de irmandade; pau-ferro. 9 — Símb. quím. do cobalto; aragem; pref. desig. proximidade. 10 — Pequena bigorna sem hastes. 11 — Hegemonias.

HORIZONTAIS: 1 — Nome prop. masc.: novo (pref.). 2 — Bebedeira; símb. quím. do cloro. 3 — Nome vulgarmente dado a um jardim zoológico; distavas; interj. 4 — Reflectir. 5 — Calque; de bronze. 6 — Frequentar; desfrutasse. 7 — Indiano; prep. e art. 8 — Símb. quím. do gálio; certo; nota mus. ant. 9 — Operar; troçar. 10 — Confirmei; defraudar. 11 — Sulca; abcesso.

VERTICAIS: 1 — Pref. desig. superioridade; desfruta. 2 — Executei; nome próp. fem.; também. 3 — Animal feroz (pl.); labareda. 4 — Pequeno cabo para alar; magistrado superior das antigas repúblicas de Itália. 5 — Siga; letra grega; três (romanos). 6 — Pref. de negação; letra grega. 7 — Hereje; símb. quím. da platina. 8 — Praticariam; interj. desig. desmoronamento. 9 — Discurso; víscera dupla. 10 — Repetição; art. def: ulo. 11 — Ocelo; compartilhar.

SALTO DE CAVALO

1

na	nd	com	ta e	++ mais	+ Com	ou	do:
fr	es b	da	gra	ro,	bra	se as	ais!
es g	-e	a por	de d	erd	Abn	Eu	as d'
ato	agor...	olp	idão	so	ort	us	em-
e es	tas	or,	ado...	eio	es	ont	Vag
Mas	Ab	cur	o D	Si	u o	ch	me
d' c	cio	por	nt	an	ro	ab	enc
ri- vos	de	uro	lên	unda,	ro	te	só,

Começando na casa marcada + e terminando na marcada ++ encontraremos dois tercetos de um soneto de Antero do Quental.

2

e in	hum	to	pro	Ma	nos	a.	e de
tan	fun	ge	de	a	Je	lheu	Que
nen	va	é tão	am	sa al	ri	mã	Pra
do	Sem	Mas	pun	sus	ser	do	co
me	pin	Ma +	de ++	or.	ma	Que	pin
ce,	Co	tão	Ha	ri	ho	es	Mun
ho da	no	o es	tan	da	De	to es	luz.
mo	dô	sau	a é	mui	ta	no	us

Partindo da casa marcada + e terminando na marcada ++ encontraremos duas quadras soltas do livro «Cravos de S. João» de António Cândido Ferreira.

soluções dos passatempos

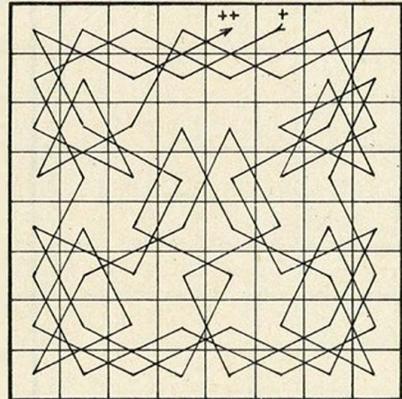
PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	A	N	T	A	G	O	N	I	C	O	S
2	P		A	P	A	R	A	D	O		U
3	A	B		A	R		V	A		P	P
4	R		B		E	L	E		B		R
5	E	R	R	A	S		S	O	R	T	E
6	L	I	E	M				P	I	A	M
7	H	A	V	E	R		P	A	S	S	A
8	A		E		I	P	E		A		C
9	D	A		A	R		S	I		R	I
10	O		A	G		M		T	A		A
11	S	I	M	I	L	I	T	U	D	E	S

PALAVRAS CRUZADAS (Nova Modalidade)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1		F	L	A	V	I	O		N	E	O
2	P	I	E	L	A			U		C	L
3		Z	O	O		I	A	S		O	H
4	E		A	T	E	N	T	A	R		O
5	P	I	S	E			E	R	E	O	
6	I	R			F	R	U	I	S	S	E
7		I	N	D	I	O		A	O		N
8	G	A		O			U	M		U	T
9	O		A	G	I	R				R	I
10	S	E	L	E	I		P	R	I	V	A
11	A	R	A		I		T	U	M	O	R

SALTO DE CAVALO

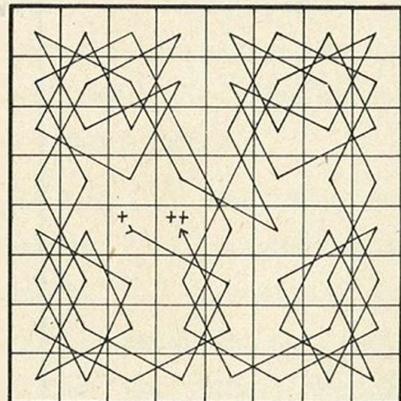


1

*Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro ante meus ais!*

*Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!*

ANTERO DO QUENTAL



2

*Maria é nome tão doce,
Tem tanto amor, tanta luz,
Que Deus escolheu Maria
P'ra ser a mãe de Jesus.*

*Há muito espinho no Mundo
Que nossa alma punge e invade,
Mas nenhum é tão profundo
Como o espinho da saudade.*

discos discos



Como não pode deixar de ser, já que as árias famosas de Verdi são — apesar de tudo — em um número limitado, às casas de discos não resta outro recurso do que baralharem sempre as mesmas árias e tornarem a dar. Ontem juntou-se um trecho do *Rigoletto*, com outros de *Nabucco* e da *Aida*. Hoje, um trecho da *Aida* com trechos do *Rigoletto* e do *Nabucco*. Amanhã trechos do *Rigoletto*, da *Aida* e do *Nabucco*. O resultado é quase sempre o mesmo: uma interpretação de nível elevado e a delícia de ouvir três árias notabilíssimas. Não é verdade que Verdi é um grande músico? E é verdade também que a *Decca* pôs todos os seus recursos técnicos ao serviço das belas interpretações do Coro da Academia de Santa Cecília que a mão segura de Alberto Erede conduziu.



Elza Soares é realmente «bossa nova». Estamos tão causticados com esta etiqueta aplicada no lado de cá a toda a vedeta que nos chega do lado de lá do Atlântico que nos vemos forçados a começar por esta verificação. Sim, senhor, «bossa nova». Elza Soares pertence ao período post Dolores Duran e propõe com Juca Chaves, entre outros, uma evolução marginal do samba e da cançoneta brasileira para fora dos padrões clássicos estabelecidos a partir de Noel Rosa.

Esta gravação Odeon BWB 1119 é um exemplo disso. Elza Soares «trabalha» duas composições brasileiras de grande celebridade — o samba e *Era Bom* o popularíssimo *Se Acaso Vosê Chegasse*, de Lupicínio Rodrigues, porventura umas das mais antigas melodias que se mantém permanentemente no cartaz através de sucessivas interpretações. Elza Soares, com a sua voz admirável e o seu *hot vocal*, faz prova do seu virtuosismo com estes dois trechos. A lição norte-americana é nela patente e vê-se que não tenta ocultar. Pelo contrário, a herança ou o paralelismo com certa alegria de Armstrong estão patentes nas duas pistas em que interpreta o *In the Mood* e o *Mack the Knife*, este último já de si um dos grandes êxitos do mesmo Louis Armstrong.

A nosso ver, Elza Soares é incomparavelmente superior nas criações brasileiras do que no conhecidíssimo tema da *Ópera de Vintem* de Bert Brecht (*Mack the Knife*) e menos ainda no *In the Mood* que há anos foi lançado por Glenn Miller.



Na avalanche de êxitos circunstanciais que se têm sucedido, uns após outros, e se quedam, depois, no efêmero por si próprios determinados, o nome de Lucília do Carmo mantém-se inalterável. É uma voz de «fado puro», um tudo-nada velada, mas persuasiva e doce e muito bela. Esta gravação de 45 rotações, agora lançada no mercado pela «Decca», inclui «Ele há-de ter o castigo», «Lisboa Antiga», «Incerteza» e «Loucura», o último fado uma das mais excepcionais interpretações que temos ouvido. Afigura-se-nos, no entanto, que, em duas pistas, pelo menos, a voz da cantadeira não entra em cambiantes, devido, talvez, a uma deficiência de técnica sonora. Lucília do Carmo, nesta peregrinação em cera por um dos mais típicos retirados de fado de Lisboa, é acompanhada por Jaime Santos, à guitarra, e Martinho d'Assunção, à viola.

A CAMINHO DE BELÉM



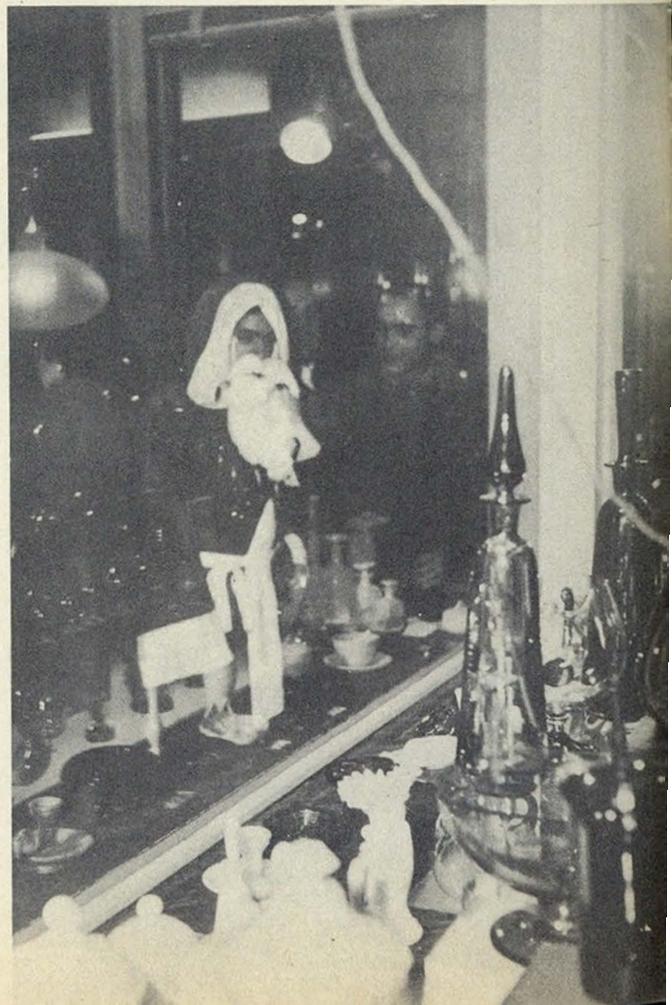
Quando São José partiu
e mais a Virgem Maria,
andavam tanto de noite
como p'la força do dia.
Quando chegaram a Belém,
já toda a gente dormia:
viram uma lapa aberta,
entrou a Virgem Maria.
São José foi buscar lume,
porque lume não havia;
quando São José voltou,
já o Menino nascia.
Uma mula o destapava
com a sua ferradura,
mas o boi logo o tapava
com a sua cornadura.
Maldita sejas, ó mulá,
e mais essa ferradura,
serás malina p'ra sempre,
não parirás criatura.
Bendito sejas, ó boi,
as terras farás dar pão:
cada trigo dê um cento
e cada cento um milhão.

O PAI NATAL



A História é velha. As tradições dos diferentes países não se limitam a esses países e tendem, muitas vezes, a viajar. É assim o Pai Natal, originário do Norte da Europa atravessou o Atlântico, instalou-se na América, ganhou aí uma extraordinária popularidade. A origem dele era pagã — mas isso não o impediu de se integrar numa comunidade cristã.

Estranha sorte de quem viaja! O Pai Natal depois de chegar à América regressou à Europa, instalou-se também no mundo Latino. Porquê? Porque o mundo latino, fascinado pela civilização americana, começou a copiá-la, esquecendo mesmo — quantas vezes! — os seus próprios costumes. E a pouco e pouco (o caso passou-se também em Portugal) esse simpático velho de barbas brancas e vestes vermelhas apareceu nas nossas ruas, postou-se às portas das casas de





brinquedos. De repente, o Pai Natal caía nas mãos da publicidade!

Aqui, ali, os protestos começaram. Em Dijon e com o apoio das autoridades eclesiásticas o Pai Natal foi queimado numa praça pública. Vestígio pagão que através da sensibilidade cristã procurava insinuar-se publicitariamente no espírito das crianças, o Pai Natal começou a encontrar dificuldades nos países latinos. Rei por alguns anos ele entrou em declínio.

Mas, num mundo em que os mais diversos acontecimentos se interpenetram e reagem uns sobre os outros, a decadência do Pai Natal foi afectar algumas vidas. A verdade é que o Pai Natal que atravessou durante vinte ou trinta anos as nossas ruas, que se deixou fotografar nas casas de brinquedos ao lado das crianças, não era apenas um ser mítico.





O PAI NATAL

Por debaixo daquela roupagem, por debaixo daquelas barbas, estavam homens. O Pai Natal dava origem a uma nova profissão, uma profissão de fim de ano apenas, uma profissão sem sindicato (ainda não atingira um mínimo de cem pessoas), mas que funcionava para muitos como um necessário reforço de orçamentos debilitados. Porque afinal o Pai Natal não dava brinquedos às crianças, o Pai Natal — prosaicamente falando — ajudava aos adultos... Dava-lhes no mês de Dezembro uma nota de quinhentos escudos...

— Que dava para alguns luxos: castanhas, por exemplo. Mas não só castanhas: quando ele na montra duma loja de objectos decorativos fica longos momentos a observar, em que pensa? Não certamente em comprar um cristal da Boémia para oferecer às crianças. Pen-

sará na sua própria casa, na modéstia duma casa que o obriga a disfarçar-se de Pai Natal? Mas quando o encontrámos instantes depois, na noite que se adensava, ele debruçava-se sobre uma criancinha tímida, indecisa, que erguia os olhos para ele. Sabedora de que estava perante uma fantasia, sabedora de que era um homem como qualquer outro, um homem que até gostava de comer castanhas (como ela) e que, momentos depois, numa taberna, iria pausadamente comer o seu jantar?

Chiado abaixo. Chiado acima. Chiado abaixo. Ninguém sabe o que o Pai Natal leva no seu saco. Os adultos não interrompem as suas conversas e só os jovens o observam. Mas quando as crianças faltam, é a própria solidão que invade as estações de caminho de ferro. Como tantos lisboetas, o Pai Natal mora fora de



Lisboa. Mas para chegar a casa não basta um comboio, precisa de uma camioneta. E ao contrário do que sucede em Lisboa onde os adultos se sentem na obrigação de não olhar para nada (nem para os aviões de jacto, nem para o Pai Natal) nos arredores o Pai Natal ganha importância.

A casa reencontrada é uma oportunidade para pensar que o Pai Natal tende a desaparecer.

No fundo, a história do Pai Natal que descobrimos, longe de todos os símbolos aceites pela convenção fofa e agradável de uns e de outros, é a história de um homem que teve o seu Pai Natal quando se pôs sob as suas vestes; um homem que janta, para quem os adultos não olham e que é bem capaz de comer castanhas e de gostar (com os limites impostos pelas montras) de cristais coloridos e estranhos e belos da Boémia...



JESUS, MARIA E JOSÉ



Estando a Virgem
à borda do rio,
lavando os paninhos
do seu bento filho,
a Virgem lavava,
São José estendia,
Menino chorava
com o frio que tinha.
Cale-se o Menino,
cale-se o amor,
isto são navalhas
que cortam sem dor.
A Virgem ao peito
o foi conchegar,
logo o Deus Menino
deixou de chorar.

Romance de Cardigos (Mação)

OS ACTORES
DO SÉCULO
PASSADO

por Lourenço Rodrigues



o actor Epifânio

O talento nada tem a ver com a boémia. O espírito boémio que hoje pode considerar-se perdido, era excitado pelo ambiente actualmente desaparecido. As patuscadas nas hortas, o Entrudo turbulento e as estúrdias nocturnas, agora pouco mais dão do que saudosas quadras do fado.

Os grandes boémios que se divertiam mais com a inventiva que com o dinheiro, pululavam no teatro. O bondoso D. João da Câmara que ao teatro nacional deu páginas admiráveis, era um boémio nato.

Vivia de noite, ao acaso, nos bastidores dos teatros, encantado com uma ceiazinha numa taberna que descobriu no Arco da Bandeira. Embora o nosso artigo de hoje trate dos artistas boémios, não resistimos a reproduzir uma opinião lamentosa que o festejado autor da «Triste Viuvinha», teve na noite em que lhe caiu umas das suas peças: «O Pântano»:

«Nessa mesma noite toda a gente dizia mal de mim. Nos bastidores a intriga fervia. Saí do teatro a pensar no que havia de empenhar no dia seguinte. Fui para casa muito tarde. Não haveria nada que pôr no prego? Por fim, descobri uma casaca e, ainda muito cedo saí com o embrulho debaixo do braço, num papel de jornal.

O papel amolecia, a casaca rompia para fora e eu batia de prego em prego. Sete horas da manhã... Estavam todos fechados. Num, disseram-me com secura: — Não emprestamos sobre casacos! Fui a outro e esperei no portal que abrisse. Lembro-me como se fosse hoje. Chovia a potes!

Defronte estava uma carroça com um cavalo branco. E eu no portal, com o embrulho já todo roto debaixo do braço, invejei aquele cavalo!»

Este brado angustioso de D. João da Câmara, companheiro dos artistas, define o homem.

Epifânio, esse notável artista e homem de teatro que a febre amarela vitimou há cem anos, há-de ser eternamente lembrado, não só pelas suas invulgares qualidades histriónicas como pela sua impecável elegância.

Foi ele quem substituiu a velha declamação no teatro pela escola francesa de 1830. O seu apurado gosto de ensaiador deu ao teatro português, actores ilustres. Apreciando-o escreveu Júlio César Machado espirituosamente: «Epifânio quando não estava no

palco estava no camarim; quando não estava no camarim nem no palco, estava no salão e quando não estava no salão nem no palco nem no camarim... passeava no Rossio a olhar para o Teatro! Aos 44 anos, Deus quis levá-lo. Foi uma autêntica perda para a Arte de Talma».

Em 1836, vinte e três anos depois do nascimento de Epifânio, outro grande actor nascia, alfacinha da gema, criado em Alfama e filho de um modesto penteiro, esse homem que mais tarde havia de dar raro brilho ao nosso teatro. António Pedro.

Aos 17 anos, depois de como curioso ter debutado num teatrinho de amadores, passou para o teatro da Graça que era então o melhor palco dos teatros particulares.

Aos 30 anos, já ganhava trinta e seis mil réis, ordenado fabuloso para a época.

Amigo de fazer partidas aos colegas, num folhetim do «Diário Ilustrado», conta-se um episódio curioso passado no Teatro Príncipe Real entre ele e o notável actor Carlos Santos.

Num ensaio, António Pedro convenceu o seu colega que estava surdo. Mexia apenas os lábios e gesticulava. Carlos Santos claro que não ouvia nada porque António Pedro apenas simulava.

Mas a verdade é que ficou nervoso e nem acabou o ensaio. Pensou que assim surdo, nunca mais poderia representar e isso era a ruína do consagrado artista. Por fim, certificando-se que não ensurdecera, achou graça ao endiabrado colega.

Doutra vez num modesto teatro de Aldegaleta, António Pedro sofreu torturas.

Ele e Joaquim de Almeida iam pela primeira vez àquela vila do sul do Tejo representar um diálogo dramático intitulado «Camões e Jau».

António Pedro fazia o épico. O entusiasmo era enorme. A direcção do teatro tinha armado um camarim de honra para os dois artistas. À porta, uma coroa de papelão dourado com as iniciais dos dois actores: A. P. e J. A.

Os cumprimentos choviam e o grande artista repetia constantemente uma frase muito sua:

— Muito obrigado. É esta uma das noites mais felizes da minha carreira artística! E daqui não saía, mas quase na altura de começar o espectáculo, deu-se pela falta da

cabeleira do poeta. Um Camões com o cabelo de António Pedro era inconcebível! Ele vociferava contra o cabeleireiro de Lisboa que se esquecera, e um cenógrafo que o acompanhara na digressão, lembrou-se de uma bexiga de porco para salvar a situação...

Apareceu a bexiga salvadora. Colocadas algumas farripas de cabelo grisalho, seguras à força de verniz, António Pedro viu-se ao espelho e não desgostou. Só lhe faltava tapar um olho. Não tinha a certeza se era o direito ou o esquerdo. Tapou ao acaso.

E o espectáculo teve início. A plateia delirava com os versos recitados, mas a bexiga de porco, com o calor, começava a apertar demasiadamente a cabeça do pobre artista. Joaquim de Almeida reparava que o colega fazia umas caretas que não estavam no papel, mas lá ia recitando o seu Jau. O pior é que a bexiga cada vez apertava mais. António Pedro já tinha os dois olhos abertos...

Joaquim de Almeida dizia-lhe baixinho:

— «Ó António, fecha o olho!».

De repente ouviu-se um estalo. A bexiga rebentara e a farta cabeleira autêntica de António Pedro aparecia!

Este incidente que hoje faria rir perdidamente o público dessa vez, valeu uma ovação aos dois grandes artistas. A plateia era ingénua e os actores tiveram de vir onze vezes ao palco!

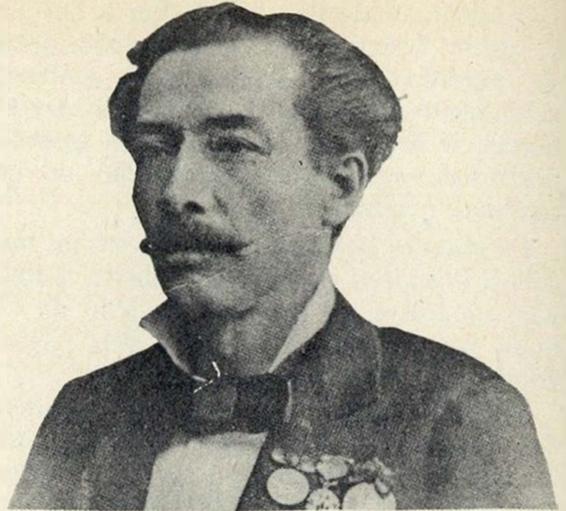
António Pedro quis fazer um discurso de agradecimento em que disse apenas a frase do costume: «Muito obrigado! É esta uma das noites mais felizes da minha carreira artística!».

Em fins do século passado, o grande actor embarcou para a viagem donde não se volta.

Hoje, o seu nome ainda vive no respeito de todos os que amam o teatro, e consagrado na esquina duma rua desta Lisboa que o viu nascer.

Entre os actores do século passado, merece menção um artista original, chamado João Montedónio que também nasceu na simpática rainha do Tejo em 1841.

Sousa Bastos que na sua «Carteira do Artista» tinha o mérito de ser sincero, censurava o pobre Montedónio que morreu no Brasil aos 46 anos, sem nunca ter fixado a sua actividade em qualquer profissão. E não lhe faltavam qualidades para ser um bom actor. Apenas lhe faltava persistência que tão precisa é na vida.



António Pedro de Sousa

Este leviano rapaz começou novo à procura de um emprego. Aos nove anos era aprendiz de carpinteiro!

Aos 16 anos resolveu abordar a carreira teatral no teatro da Rua dos Condes e alguma habilidade mostrou nuns pequenos papéis que lhe distribuíram.

Nesta altura da sua vida, o pai aconselhou-o a abandonar o teatro e ei-lo numa oficina de entalhador.

Claro que com o seu feitio irrequieto e dodivanas, não parou no emprego. Regressou ao teatro e fez uma boa época no teatro do Ginásio.

Mas a razão porque citamos aqui este actor que não deixou fama no teatro, é um caso da sua vida pessoal que certamente vai divertir os nossos leitores. Certa ocasião, cheio de dívidas, architectou casar com uma senhora rica.

Lábia não lhe faltava. Defronte da casa onde morava, habitava uma rapariga de razoável beleza que vivia com uma tia. A tia era rica e Montedónio aventurou-se ao coração da pequena.

O namoro começou e o actor pediu licença para ir pedir a mão da sobrinha à tia abastada.

A tia, ainda frescalhota mas de um físico pouco apetecível, recebeu o artista com toda a deferência, e ao pedido de casamento, respondeu mais ao menos o seguinte. O desfecho é teatral.

«Muito lhe agradeço, meu caro vizinho, a honra que nos quer conceder, unindo-se à

nossa família. Pela nossa parte, além da honra temos também conveniência.

Uma casa sem homem é um corpo sem alma. Mas antes de aceder ao seu pedido, cumpre-me aclarar a situação. Minha sobrinha é uma rapariga bastante virtuosa, bonita, prendada e honesta mas não tem mais nada. Nem mesmo por minha morte tem qualquer direito à herança. Se os senhores se amam, casem, leve-a para sua casa e sustente-a sem contar comigo para coisa alguma.

Agora se o senhor pensa fazer um casamento de conveniência, está às suas ordens a minha mão com tudo quanto possuo!».

O ratão que não queria outra coisa senão o dinheiro, não aceitou logo o convite por decência. Pediu para pensar mas daí a quinze dias casava mesmo com grande decepção da sobrinha que já se julgava noiva.

A tia fora que oferecera a sua mão ao sedutor e tinha bens avaliados em trinta contos, quantia avultada para a época. Claro que, depois de pagar as dívidas, o dinheiro volatilizou-se e a velha e a sobrinha passaram a andar às costas do irrequieto e desastreado Montedónio.

A galeria dos actores curiosos que deram brilho à Arte ou à boémia do século passado, é quase interminável.

Alfredo de Carvalho, um lisboeta de 1854 que fez rir Lisboa inteira; o grande actor Isidoro, outro lisboeta de 1828, classificado actor de primeira classe pelo conselho dramático, condecorado com a Ordem de São Tiago e recebendo no Teatro D. Maria, o maior ordenado que lá se pagava; Taborde que entrou na vida como humilde tipógrafo e acabou vedeta da popularidade e tantos outros.

Para terminar esta despreziosa evocação, falaremos do eminente actor João Rosa (pai), outro cavaleiro da Ordem de São Tiago, artista de primeiro plano e pai do grande actor Augusto Rosa que esta geração ainda conheceu e aplaudiu.

Este artista que tanto ilustrou os anais do teatro nacional, foi na sua mocidade um grande amigo de pregar peças aos amigos. Ao acaso, contaremos duas ou três:

Vivia perto da Rua da Alegria na companhia de um estudante de Medicina que namorava uma vizinha.

O rapaz, embora muito jovem, era já bastante calvo. O pai Rosa sorria com o namo-

rico sentimental do seu amigo e numa tarde de Verão, quando o estudante estava à janela entretido a olhar para a rapariga, foi a um açucareiro e escondeu um pouco de açúcar numa das mãos.

Foi à janela onde estava o conquistador e abraçou com efusão o namorado, passando-lhe repetidas vezes a mão pela careca, até lá deixar todo o açúcar.

O estudante ficou lisonjeado com a ternura do amigo que se escondeu atrás da porta, para ver o resultado da diabrura.

As moscas daquele dia de estio, começaram a poisar na calva do rapaz, atraídas pelo doce.

O estudante sacudia-as mas sem resultado. Elas, insistentemente, voltavam. E o rapaz, aflito, tais movimentos fazia de desespero que a rapariga, pensando que ele estava a trocar dela, deu-lhe com a janela na cara, acabando o namoro!

Diabruras destas, repetiam-se a miúdo. Outra do mesmo actor:

Com o mesmo estudante foi morar na Rua da Glória em frente de duas velhotas embirrentas que passavam a vida à janela, ansiosas de bisbilhotarem tudo. Rosa, mais de uma vez lhe dirigiu remoques mas elas, fingindo-se desentendidas, continuavam na varanda, alheias a tudo que não fosse analisarem o que se passava.

Um dia, o actor prometeu uma partida mestra. E com um uniforme que ainda guardara dos seus tempos da tropa, pôs a barretina na cabeça, a espingarda ao ombro e o correame assente no corpo, completamente despido.

Então, como se estivesse debaixo da forma, gritou:

— «Alerta!».

As velhas olharam para a janela. Ao verem aquele espectáculo, fugiram horrorizadas para dentro de casa e nunca mais lhes deu para espreitar a vizinhança.

Muito havia ainda para contar, desse inextinguível século passado onde todos se divertiam doutra maneira.

O ritmo actual das coisas, um progresso trepidante, uma total transformação de costumes modificou o nosso século de hoje, com os telefones e os aviões a encurtarem distâncias. Os actores em geral, saíram da tradição boémia de outros tempos para se entregarem à vida burguesa das outras profissões.

**PEGADAS
PELO
MATO**

conto por Somerset Maugham



Não há na Malásia lugar mais fascinante do que Tanah Merah. Estende-se junto ao mar e as casuarinas franjam-lhe as margens arenosas.

As repartições do Estado conservam-se ainda na velha Raad Huis, construída pelos holandeses quando o território lhes pertencia, e no alto do monte elevam-se as ruínas pardas do forte com o auxílio do qual os portugueses mantinham o poder sobre o nativo rebelde. Tanah Merah tem história, e no vasto labirinto das casas dos negociantes chineses voltadas ao mar para pelo fresco da tarde poderem sentar-se nas varandas e gozar a brisa salina moram famílias estabelecidas na terra há três gerações. Muitos esqueceram a língua natal e falam entre si o malaio e um inglês corrupto. A imaginação prende-se aqui deleitada, pois que nos Estados Federados da Malásia o que perdura do seu passado existe pela maior parte na memória dos pais dos actuais habitantes.

Tanah Merah foi durante muito tempo o centro mais activo do Médio Oriente e o seu porto apinhava-se de barcos quando o veleiro e o junco vogavam ainda sobre os mares da China.

Agora é uma terra morta. Tem o ar triste e romântico de todos os lugares que foram importantes e vivem da passada grandeza. É uma cidadezinha sonolenta e os forasteiros que para lá vão, perdendo a energia natural, caem insensivelmente nos seus costumes indolentes e letárgicos. As sucessivas altas da borracha não lhe trazem prosperidade e as baixas que se lhes seguem concorrem para a sua decadência.

O bairro europeu é muito sossegado. É simples, bem cuidado e limpo. As moradias dos brancos — empregados do Estado e agentes das companhias — situam-se em volta de um imenso *padang* — *bungalows* atraentes e espaçosos à sombra de acácias enormes; o *padang* é largo, verde e bem tratado como o relvado na cerca de uma catedral, e na verdade há no aspecto deste recanto de Tanah Merah o que quer que seja de tranquilidade e reclusão que nos lembra os precintos da Canterbury.

O clube é virado ao mar; é um edificio espaçoso mas mal tratado, tem aspecto abandonado, e ao entrarmos dir-se-ia que o devassamos. Dá-nos a impressão de estar encerrado para modificações e obras e que, aproveitando a vantagem de uma porta aberta, entrarmos onde não somos desejados. Pelas manhãs podemos encontrar ali a tomar um gim antes do regresso plantadores vindos das suas propriedades para tratar de negócios, e às tardes vê-se possivelmente uma ou outra senhora a folhear de modo furtivo velhos números do *Illustrated London News*. Ao anoitecer aparecem alguns homens que, sentando-se na sala do bilhar, observam o jogo e bebem *sukus*. As quartas-feiras a animação é maior. Nesse dia põem o gramofone a tocar na sala grande do andar superior e vem gente dos arredores para dançar. Há por vezes naça menos do que doze pares e é até possível formarem-se duas mesas de brídege.

Foi numa destas ocasiões que conheci os Cartwrights. Eu estava hospedado em casa de Gaze, chefe da polícia, que, entrando na sala do bilhar, onde me encontrava sentado, me pediu para ser o quarto parceiro. Os Cartwrights eram plantadores e vinham a Tanah Merah às quartas-feiras porque proporcionavam assim à filha ocasião de se divertir um pouco. Eram muito simpáticos — disse Gaze — sossegados e discretos, e as partidas de brídege com eles agradáveis. Segui Gaze até à sala de jogo e fui-lhes apresentado. Já estavam todos à mesa e a Sr.^a Cartwright baralhava as cartas. A maneira competente como o fazia inspirou-me confiança. Segurava em cada uma das mãos metade do baralho, e as mãos eram grandes e fortes; intercalava hábilmente os cantos de uma das metades por baixo dos cantos da outra metade e, com um estalinho e um manejo rápido e seguro, deixava-as cair em cascata umas sobre as outras. Dava todo o efeito de um truque de prestidigitação. O bom jogador sabe que isto só pode conseguir-se com perfeição depois de prática persistente. Pode ter a certeza de que quem assim baralha cartas aprecia-as pelo seu próprio valor.

— Importa-se que meu marido e eu sejamos parceiros? — perguntou a Sr.^a Cartwright. — Não achamos graça a ganhar o dinheiro um ao outro.

— Evidentemente que não.

Tiraram-se cartas para se escolherem parceiros e Gaze e eu sentámo-nos.

A Sr.^a Cartwright coube um às; enquanto distribuía as cartas com rapidez e segurança, tagarelava com Gaze sobre assuntos locais. Mas percebi que me ia observando. Parecia ser perspicaz, mas bonacheirona.

Era mulher dos seus cinquenta anos (embora no Oriente as pessoas envelheçam depressa e seja difícil adivinhar-lhes a idade), de cabelos brancos muito negligentemente arranjados; com um movimento constante da mão fazia um gesto impaciente para afastar uma comprida madeixa que lhe caía sobre a testa. Ficava-se a pensar porque não se pouparia ela a tão grande maçada usando um ou dois ganchos. Os seus olhos azuis eram grandes, mas desmaiados e um pouco cansados, a cara sulcada de rugas e pálida; era a boca que lhe dava uma expressão característica que atribuí a ironia cáustica, se bem que tolerante. Via-se que estava ali a mulher sabendo o que queria e sem receio de o dizer. Como jogadora era tagarela (o que a muitos aborrece, mas a mim não incomoda, pois não sei por que razão nos havemos de portar à mesa de jogo como se estivéssemos numa cerimónia fúnebre) e tornou-se logo evidente ter queda especial para a *badinage*. Era saborosamente ácida, mas possuía interesse suficiente para só se tornar ofensiva a algum pateta.

Se uma vez por outra proferia observações de tal maneira sarcásticas que exigiam todo o nosso sentido do humor para encontrar-lhes graça, não se podia deixar logo de verificar que estava pronta a receber tanto quanto infligia aos outros. A sua boca, grande e delgada, abria-se num sorriso duro e os olhos luziam-lhe quando por um feliz acaso desfechávamos com argúcia uma resposta que voltava o gracejo contra ela.

Eu achava-a muito agradável. Apreciava a sua franqueza. Gostava da sua vivacidade de espírito. Agradava-me a sua cara feia. Nunca encontrei mulher que fizesse tanto às claras tão pouco caso da maneira como se apresentava. Não era só o desalinho do cabelo, tudo nela era desmazelo; usava blusa de gola alta, mas, para se tornar mais fresca, desabotoava os botões de cima pondo à mostra o pescoço escanzelado e enrugado; trazia a blusa amarrotada e nada limpa, pois fumava cigarros sem-número, que a cobriam de cinza. Quando se ergueu por momentos para cumprimentar alguém reparei que a saia azul estava desfiada na bainha e bastante precisada de escova, e que usava botas grossas de salto raso. Mas nada disto parecia ter importância. Tudo o que trazia estava perfeitamente a carácter.

E que prazer jogar o brídege com ela. Jogava com rapidez, sem hesitações, e era não só boa conhecedora mas tinha faro. Conhecia, é claro, o jogo de Gaze, mas a mim, que era um estranho, tomou-me o pulso em pouco tempo. O jogo entre ela e o marido era admirável; ele, seguro e cauteloso, ela, conhecendo o jogo dele, ousada, mas firme, e brilhante, mas segura. Gaze como jogador baseava-se num optimismo tolo, esperando que os adversários não tivessem bom senso suficiente para tirar vantagem das suas asneiras, e conseqüentemente não fazíamos um par à altura dos Cartwrights. Perdemos róber sobre róber e nada havia a fazer senão sorrir e dar-nos por satisfeitos.

— Não sei o que sucedeu às cartas — disse Gaze por fim, queixando-se. — Mesmo quando temos todas as cartas do baralho, vamos abaixo.

— Não deve ser da sua maneira de jogar — respondeu a Sr.^a Cartwright, fitando-o de frente com aqueles seus olhos desbotados —; deve ser pouca sorte pura e simplesmente. Ora se não tivesse misturado as suas copas com os ouros na última roda teria salvo o seu jogo.

Gaze começou então a explicar como se dera o erro que nos custara tão caro, mas a Sr.^a Cartwright, num rápido mover de mãos, espalhou as cartas num grande círculo para se escolher quem daria.

Cartwright viu as horas.

— Este tem de ser o último, querida — disse.

— Ah, tem? — Consultou o relógio, chamando depois um rapaz que no momento atravessava a sala. — Sr. Bullen! se vai lá acima diga à Olive que nos vamos embora

daqui a alguns minutos. — E voltando-se para mim. — Levamos mais de uma hora para regressar à plantação e o pobre Theo tem de se levantar ao romper do dia.

— Bem; só vimos aqui uma vez por semana — disse Cartwright — e é a única oportunidade que Olive tem para se distrair e expandir-se.

Cartwright pareceu-me velho e alquebrado. Era um homem de estatura mediana, com uma careca luzidia, bigode curto grisalho e óculos de aros de ouro. Trazia fato branco e gravata preta e branca. Apresentava-se bastante janota e notava-se que tinha muito mais cuidado com o que vestia do que a desleixada mulher. Falava pouco, mas via-se que apreciava o humorismo cáustico da mulher e por vezes dava até respostas bem acertadas. Eram evidentemente muito amigos. Dava prazer verificar afeição tão sólida e condescendente entre duas pessoas já quase idosas e que deviam ter vivido juntos muitos anos.

Fizemos só mais duas rodas para terminar o rôber, e acabávamos de mandar vir um último gim e *bitters* quando Olive apareceu.

— Já te queres realmente ir embora, mãezinha? — perguntou.

A Sr.^a Cartwright olhou para a filha com olhos cheios de ternura.

— Sim, querida. São quase oito e meia. Já só jantaremos às dez.

— Bolas para o jantar — disse Olive alegremente.

— Deixa-a dançar só mais uma vez antes de nos irmos embora — sugeriu Cartwright.

— Nem mais uma. Tu precisas de uma boa noite de descanso.

Cartwright olhou para Olive com um sorriso.

— Se a tua mãe já resolveu, minha filha, é melhor cedermos já ser. mais discussão.

— É uma senhora resoluta — disse Olive, acariciando com meiguice o pescoço engelhado da mãe.

A Sr.^a Cartwright deu uma palmadinha na mão da filha e beijou-a.

Olive não era muito bonita, mas era extremamente simpática. Devia andar pelos dezanove ou vinte anos, pareceu-me, e conservava ainda contornos roliços próprios da sua idade. Viria a ser mais atraente quando emagrecesse um pouco. Nada possuía da firmeza que dava à fisionomia da mãe tanto carácter; parecia-se mais com o pai: tinha os seus olhos escuros, o nariz ligeiramente aquilino e o mesmo ar de bondade pusilânime. Aparentava ser forte e saudável. Tinha faces coradas e olhos límpidos. Possuía uma vitalidade que ela perdera há muito. Era o tipo da rapariga inglesa absolutamente normal de espírito, entusiasta, com um desejo enorme de se divertir e excelente bom humor.

Quando nos separámos, Gaze e eu dirigimo-nos a pé para casa dele.

— Que lhe pareceram os Cartwrights? — perguntou-me.

— Gostei deles. Vocês devem-nos considerar como um maná numa terra destas.

— Quem me dera que aparecessem mais vezes. Levam uma vida muito pacata.

— Deve ser aborrecido para a pequena. O pai e a mãe parecem contentar-se com a companhia um do outro.

— Sim, foi um êxito completo.

— A Olive é o retrato do pai, não é?

Gaze olhou-me de soslaio.

— O Cartwright não é pai dela. A Sr.^a Cartwright era viúva quando casou com ele. A Olive nasceu quatro meses depois da morte do pai.

— Ah!

Emiti este som para transmitir através dele tudo quanto podia de surpresa, interesse e curiosidade. Mas Gaze não disse mais nada e fizemos o resto do caminho em silêncio.

O criado esperava-nos à porta quando entrámos em casa e, após um último gim como aperitivo, sentámo-nos à mesa.

A princípio Gaze mostrou-se falador. As restrições impostas para a colocação da borracha ocasionavam uma actividade intensa entre os contrabandistas e fazia parte do seu trabalho vigiar a patifaria. Tinham-se apesado nesse dia dois barcos e ele esfregava as mãos de satisfação pelo êxito. Os armazéns estavam cheios de borracha apreendida, que seria em breve solenemente queimada. Mas pouco depois calou-se e terminámos o jantar em silêncio. Os criados trouxeram café e brande e acendemos charutos. Gaze recostou-se na cadeira. Observou-me pensativo e olhou depois para o brande. Os criados retiraram-se e ficámos sòzinhos.

— Conheço a Sr.^a Cartwright há uns vinte anos — disse pausadamente. — Não era feia nesse tempo. Sempre desleixada, mas como era nova isto não tinha grande importância. Dava-lhe um certo atractivo. Estava casada com um homem chamado Bronson. Reggie Bronson. Era plantador; gerente numa plantação lá para Selantan; eu estava colocado em Alor Lipis. Foi terra muito mais pequena do que é hoje; não creio que houvesse mais de vinte pessoas em toda a região, mas possuía um clubezinho alegre onde passávamos dias divertidos. Recordo-me da primeira vez que vi Bronson como se fosse hoje. Nesse tempo não havia automóveis e ela e Bronson tinham vindo de bicicleta. É claro que ela não tinha aquele ar decidido que tem agora. Era muito mais magra, possuía boas cores e olhos bonitos — azuis, sabe? — cabeleira farta, escura. Se cuidasse de si um pouco seria estupenda. Mesmo assim era a mulher mais bonita dali.

Eu tentei compor em imaginação a figura da Sr.^a Cartwright — Bronson na altura — como devia ter sido então pelo que via agora e pela descrição pouco gráfica de Gaze. Tentei ver na mulher de ossos bem cobertos de gordura sentada um tanto pesadamente à mesa de jogo a jovem esbelta de movimentos exuberantes, gestos graciosos e harmoniosos. O queixo, agora quadrado, o nariz agudo estariam disfarçados sob contornos juvenis; devia ter sido deliciosa, com a sua pele branca e rosada, o cabelo bem penteado, castanho, abundante. Nesse tempo usava saia comprida, corpo justo e chapéu à moda. Ou usariam ainda as mulheres na Malaia os *topis* que vemos nos velhos números dos jornais ilustrados?

— Eu já não a via há — oh, há quase vinte anos — continuou Gaze — sabia que ela estava algures nos Estados Federados da Malásia; foi uma surpresa para mim, quando arranjei este emprego e vim para aqui, dar com ela no clube exactamente como em Selantan tantos anos antes. Não há dúvida de que agora está velha e quase irreconhecível. Tive um choque ao encontrá-la já com uma filha mulher, fez-me compreender como o tempo passara; eu era ainda rapazola a última vez que a vi e agora, c'os diabos, vou a caminho da reforma por limite de idade dentro de dois ou três anos. É um bocado duro, não acha?

Gaze, com uma careta de desconsolo na cara feia, olhava para mim um pouco indignado como se eu fosse responsável pela marcha acelerada dos anos precipitando-se uns atrás dos outros.

— Também já não sou nenhum franganote — respondi.

— Você não tem vivido toda a vida no Oriente. Envelhece-nos antes de tempo. É-se velho aos cinquenta, e aos cinquenta e cinco já não prestamos senão para o caixote do lixo.

Mas eu não desejava que Gaze se embrenhasse numa dissertação sobre a velhice.

— Reconheceu logo a Sr.^a Cartwright quando a tornou a ver? — perguntei.

— Bem, sim e não. No primeiro momento pareceu-me reconhecê-la, mas não sabia de onde. Pensei que fosse talvez alguém que tivesse encontrado a bordo quando fui a férias e que só conhecesse de vista. Mas assim que falou lembrei-me logo. Recordei-me do piscar maroto e frio dos seus olhos e do som claro da voz. Havia o que quer que fosse na voz dela que parecia significar: és um bom parvo, meu caro, mas não és mau tipo e não desgosto de ti.

— Isso parece-me muita coisa para se ler no som de uma voz — gracieji.

— Ela veio direita a mim no clube e apertou-me a mão.

— Como está major Gaze? Lembra-se de mim? — disse.

— Pois claro.

— Já passou muita água sob as pontes desde que nos vimos pela última vez. Nem um nem outro somos já tão novos como éramos. Viu o Theo?

— De momento não me ocorreu a quem se referia. Suponho que devo ter-lhe parecido um tanto estúpido, porque sorriu, aquele sorriso que eu conhecia tão bem, e explicou.

— Casei com o Theo, sabe? Pareceu-me ser o melhor que tinha a fazer. Senti-me muito só e ele também o desejava.

— Já me disseram que casou com ele. Espero que tenha sido feliz.

— Oh, muito. Theo é uma verdadeira jóia. Está a chegar. Vai ficar contente de o ver.

— Duvidei. Pareceu-me que eu seria a última pessoa a quem Theo desejasse ver. E não creio que ela também o desejasse muito. Mas as mulheres são estranhas.

— Porque não havia de desejar vê-lo? — perguntei.

— Lá chegaremos daqui a bocado — disse Gaze.

— Entretanto chegava Theo. Não sei por que razão lhe chamam Theo; nunca o tratei senão por Cartwright e não me recordo dele senão como Cartwright. Theo deu-me um choque. Você vê-o como ele é agora. Eu lembro-me dele ainda rapaz, de cabelos encaracolados, fresco, de aspecto muito asseado, sempre apuradíssimo e elegante; tinha boa figura e mantinha-se apumado, como um homem habituado a muita actividade. Pensando melhor, não era nada feio, não de forma avantajada, maciça, mas ágil, compreende, e elegante. Quando dei de cara com este velho estafermo curvado e cadavérico nem queria acreditar nos meus olhos. Não o distinguiria de qualquer outro Adão. Pareceu-me contente por me ver, pelo menos interessado; não foi efusivo, mas fora sempre retraído e eu não esperava outra coisa.

— Está admirado de nos encontrar aqui? — perguntou-me.

— Bom, não fazia a menor ideia que cá estivessem.

— Temos acompanhado sempre mais ou menos os seus movimentos. Vimos o seu retrato de vez em quando nos jornais. Um dia destes há-de ir ver a nossa plantação. Estamos lá instalados há muitos anos e creio que lá ficaremos até regressarmos de vez à nossa terra. Tornou a voltar a Alor Lipis?

— Não, não voltei — disse eu.

— Era uma terrinha simpática. Dizem-me que está muito maior. Nunca mais lá voltei.

— Nós não conservamos dela muito boas recordações — disse a Sr.^a Cartwright.

— Perguntei-lhes se tomavam qualquer coisa e chamámos o criado. Calculo que você tenha reparado em como a Sr.^a Cartwright gosta de beber; não quero insinuar que se engrosse ou coisa parecida, mas bebe na verdade o seu *stengah* como um homem. Eu não podia deixar de os observar com certa curiosidade. Pareciam completamente felizes; percebi que se governavam menos mal e soube mais tarde que possuíam bastante de seu. Tinham um belo carro e quando iam a férias não se privavam de coisa alguma. Entendiam-se o melhor possível. Você sabe como é agradável ver duas pessoas casadas há muito apreciarem mais a companhia uma da outra do que a de terceiros. O casamento deles parecia ser de facto um grande êxito. E eram os dois dedicadíssimos à Olive, tinham orgulho nela, sobretudo o Theo.

— Apesar de ser só enteada — disse eu.

— Apesar de só ser enteada — respondeu Gaze.

— Parecia natural que ela adoptasse o nome dele. Mas não. Tratava-o por papá, está visto, fora o único pai que conhecera, mas assinava Olive Bronson nas cartas.

— E como era o Bronson, afinal?

— Bronson? Um homenzarrão, bondoso, de voz forte e gargalhadas sonoras; gordalhufo, sabe? e belo atleta. Não muito esperto, mas um homem às direitas. Tinha

uma cara avermelhada e o cabelo também. Agora, que penso nele, acho que nunca vi alguém transpirar tanto. Escorria água por todos os poros e quando jogava ténis costumava levar uma toalha para o *court*.

— Não parece muito atraente.

— Era bonito. E sempre com boa disposição. Fazia nisso ponto de honra. Não tinha muito em que falar a não ser sobre a borracha, os jogos, o ténis, percebe; o golfe, a caça; e não creio que lesse um único livro do princípio ao fim do ano. Era o protótipo de aluno da escola normal. Teria os seus trinta e cinco anos quando primeiro o conheci, mas conservava ainda a mentalidade de um rapaz de dezoito. Você sabe como muitos destes tipos deixam de crescer quando vêm para o Oriente.

Bem o sabia eu. Uma das coisas mais desconcertantes para um viajante é encontrar senhores gordos de meia idade e carecas a falar e proceder como meninos de escola. Dir-se-ia que nunca mais lhes entrou na cabeça ideia alguma desde que atravessaram o canal do Suez. Não obstante serem casados, pais de família, continuam a ver a vida do ponto de vista em que o faziam no 6.º ano da escola.

— Mas não era nenhum tolo — continuou Gaze —; conhecia o seu ofício de A a Z. A sua propriedade tornara-se numa das mais bem dirigidas do país. E sabia orientar bem o trabalho. Era direito a valer e embora nos bulisse um pouco com os nervos não se podia deixar de gostar dele. Generoso com o dinheiro, estava sempre pronto a prestar qualquer auxilio. Foi mesmo isso que fez aparecer o Cartwright em cena.

— Os Bronsons davam-se bem?

— Ah, davam; estou convencido; tenho a certeza. Ele tinha bom feitio e ela era divertida e alegre. Muito atrevida, sabe? Ainda hoje quando quer consegue ter piada, mas mete sempre uma ferroada nas gracinhas; em nova e quando estava casada com o Bronson passava tudo por simples brincadeira. Gostava de se divertir e era espirituosa. Não se ralava com o que dizia, mas isto quadrava-se bem com o tipo dela; percebe o que quero dizer? Havia nela tanta despreocupação e franqueza que ninguém se importava com o que dissesse. Pareciam muito felizes.

— A plantação deles ficava a umas cinco milhas de Alor Lipis. Possuíam uma *charrette* e costumavam aparecer à tarde, pelas cinco horas. A colónia era muito restrita, claro, e predominavam os homens. Mulheres só havia seis. Os Bronsons representavam um dom dos Céus. Davam logo animação assim que chegavam. Passámos bem bons bocados naquele clubezinho. Tenho-me lembrado bastante desse tempo, e feitas as contas não me parece que jamais me tivesse divertido tanto como quando ali tive o meu posto. Há vinte anos, entre as seis e as oito e meia, o clube em Alor Lipis era talvez o lugar mais divertido que se podia encontrar entre Adem e Iocoama.

— Um dia a Sr.ª Bronson disse-nos que esperava um amigo e que este se hospedaria em casa deles. Alguns dias depois apareceram acompanhados de Cartwright. Parece que fora velho amigo de Bronson; tinham frequentado juntos a mesma escola em Malborough, ou coisa assim, e tinham vindo no mesmo navio para o Oriente na primeira viagem que fizeram. A borracha sofrera uma grande quebra e muitos perderam os empregos. Cartwright foi um deles. Estava desempregado havia perto de um ano e não tinha nada a que deitar mãos. Nesse tempo os plantadores eram ainda mais mal pagos do que hoje e era preciso andar com muita sorte para se conseguir pôr alguma coisa de parte para um dia de azar. Cartwright fora para Singapura. Vão para lá todos quando há crise, sabe? É medonho; eu já presenciei: vi plantadores a dormirem pelas ruas por não terem com que pagar uma dormida; vi-os deter desconhecidos à porta do Europa e pedir um dólar para um almoço, e estou convencido que Cartwright passou o seu mau bocado.

Por fim escreveu a Bronson perguntando-lhe se não fazia qualquer coisa por ele. Bronson convidou-o a ir viver com ele até as coisas melhorarem; pelo menos teria cama e mesa de graça. Cartwright agarrou com ambas as mãos a oportunidade e ainda foi o Bronson quem lhe mandou o dinheiro para a passagem. Quando Cartwright chegou

a Alor Lipis não levava nem dez cêntimos no bolso. Bronson possuía algum dinheiro, duzentas ou trezentas libras por ano, creio, e, embora lhe tivessem baixado o ordenado, continuava no emprego, de sorte que se encontrava em melhor situação do que a maioria dos plantadores. A chegada de Cartwright, a Sr.^a Bronson disse-lhe que considerasse a casa como sua e ficasse ali o tempo que quisesse.

— Foi simpático da parte dela, não foi? — observei.

— Muito.

Gaze acendeu outro charuto e encheu o copo. Pairava um grande sossego, e a não ser o grasnar ocasional de algum chique-chaque, o silêncio era profundo. Parecia estarmos sòzinhos na noite tropical e isolados só Deus sabia a que distância de qualquer outra habitação humana. Gaze permaneceu tanto tempo calado que fui obrigado a dizer alguma coisa.

— Que espécie de homem era Cartwright nessa altura? — perguntei. — Mais novo, já se sabe, e disse-me que bem parecido; mas como pessoa?

— Bem, para lhe falar com franqueza, nunca reparei muito nele. Era amável e desprezioso. Agora é muito sossegado, não sei se reparou; bom, nesse tempo também não era o que se pode chamar animado. Mas absolutamente inofensivo. Gostava de ler e tocava piano razoavelmente. A sua presença não incomodava ninguém, não se tornava importuno, mas não se lhe dava grande atenção. Dançava bem, o que agradava às mulheres, mas também jogava decentemente o bilhar e não jogava mal de todo o ténis. Adaptou-se muito naturalmente ao nosso meio. Não direi que chegasse a ter popularidade, mas todos o estimavam. É claro que tínhamos pena dele, como acontece sempre que alguém está nas últimas, mas não podíamos fazer nada, e, bem, acolhemo-lo, e era como se tivesse estado sempre entre nós. Aparecia todas as tardes com os Bronsons; pagava as suas bebidas como toda a gente; suponho que Bronson lhe emprestava dinheiro para as despesas do dia a dia, e era sempre de uma grande delicadeza. A recordação que tenho dele é vaga, porque realmente não causou em mim impressão especial; no Oriente encontramos tanta gente, e ele era igual a qualquer outro. Fez todo o possível para encontrar emprego, e às vezes mostrava-se bastante aborrecido por não o arranjar. Ficou mais de um ano em casa dos Bronsons. Lembro-me de ele me ter dito certa vez:

«No fim de contas não posso continuar a viver com eles eternamente. Têm sido muito bons para mim, mas as coisas têm limites».

— Parece-me que os Bronsons até deviam gostar de o ter lá — disse-lhe eu. — Uma plantação de borracha não é coisa muito divertida, e quanto à comida e à bebida pouca diferença lhes pode fazer você estar lá ou não estar.

Gaze fez nova pausa e olhou para mim com certa hesitação.

— O que é? — perguntei.

— Receio bem estar a contar-lhe muito mal esta história — disse. — Parece-me que estou só a divagar. Não sou escritor, sou polícia e conto-lhe os factos como os presenciei na altura, e do meu ponto de vista todas as circunstâncias são importantes; tem importância, por exemplo, ter presente o género de pessoas que eles eram.

— Está visto. Diga lá.

— Recordo-me de que alguém, foi uma mulher, creio, a mulher do médico, perguntou à Sr.^a Bronson se não se aborrecia às vezes de ter um estranho em casa. Em terras como Alor Lipis, sabe você, não há muito em que falar e se não falássemos sobre os vizinhos, então não havia mesmo nada em que conversar.

«Oh, não» — disse ela. — «Theo não incomoda nada — e voltando-se para o marido, que, sentado a seu lado, enxugava a cara — «gostamos de o ter lá, não gostamos?»

«É bom rapaz» — disse Bronson.

«Mas em que se ocupa ele todo o dia?»

«Ai, não sei» — disse a Sr.^a Bronson. — «Às vezes dá uma volta pela plantação com o Reggie, caça um bocado. Conversa comigo».

«Está sempre pronto a tornar-se prestável» — disse Bronson. — «No outro dia, quando tive um ataque de febre, tomou à sua conta o meu trabalho e eu fiquei por ali na cama repimpado».

— Os Bronsons não tinham filhos? — perguntei.

— Não — respondeu Gaze. — Também não sei porquê. Possuíam meios suficientes para isso.

Gaze recostou-se na cadeira. Tirou os óculos e limpou-os. Tinham lentes muito fortes e deformavam-lhe horrivelmente os olhos. Sem eles não parecia tão feio. O chique-chaque no tecto soltou o seu grito estranhamente humano. Era como o palrar de uma criança maluquinha.

— Bronson foi morto — disse Gaze de repente.

— Morto?

— Sim, assassinado. Nunca me esquecerei dessa noite. Tínhamos jogado ténis, a Sr.^a Bronson, a mulher do médico, Theo Cartwright e eu; depois jogámos o brídege. Cartwright estivera desatento ao jogo, e quando nos sentámos à mesa do brídege a Sr.^a Bronson observou-lhe: «— Olhe, Theo, se jogar tão mal o brídege como jogou o ténis, deixamos cá até as nossas próprias camisas.»

— Acabáramos de tomar uma bebida, mas ela chamou o criado e mandou vir outra roda.

«Meta lá isso pela garganta abaixo — disse-lhe ela —, e não fale a não ser que tenha honras ou em caso de *trick*»

— Bronson não aparecera; fora de bicicleta a Kabulong buscar dinheiro para pagar o salário aos *coolies* e iria ter ao clube no regresso. A plantação dos Bronsons ficava mais perto de Alor Lipis do que de Kabulong, mas Kabulong era comercialmente mais importante e Bronson tinha lá o seu depósito.

«Reggie pode entrar no jogo quando chegar» — disse a Sr.^a Bronson.

«Vem muito tarde, não vem?» — disse a mulher do médico.

«Muito. Disse que não voltava a tempo de jogar o ténis, mas que estaria cá para fazer um róber. Estou desconfiada de que foi ao clube em Kabulong em vez de vir directamente para aqui, e ficou por lá a bebericar uns copitos, o malvado.»

— Ora, ele aguenta bem uma porção deles sem lhe fazerem grande efeito — disse eu rindo.

— «Está a engordar muito, compreende. Precisa de ter cuidado».

Sentámo-nos na sala de jogo e podíamos ouvir os que riam e falavam no bilhar. Estavam todos muito divertidos. Faltava pouco para o Natal e andávamos mais ou menos excitados. Ia haver baile na véspera do Natal.

Lembrei-me mais tarde que quando nos sentámos a mulher do médico perguntou à Sr.^a Bronson se não se sentia cansada.

«Mesmo nada» — disse ela. — «Porque havia de estar?» — E não compreendi a razão por que corou.

«Tive receio de que o ténis fosse demais para si» — respondeu a mulher do médico.

«Qual! De modo nenhum» — disse a Sr.^a Bronson um pouco sacudida — pareceu-me, como se não lhe agradasse o assunto.

Não compreendi a que se referiam, e foi mesmo só mais tarde que recordei o incidente.

Jogámos uns três ou quatro róberes e Bronson não apareceu.

«Que lhe teria acontecido?» — disse a mulher. — «Não percebo por que vem tão tarde.»

Cartwright em geral conservava-se calado, mas nessa ocasião quase não abriu a boca. Tinha um ar cansado; eu perguntara-lhe o que fizera.

«Nada de especial» — disse. — «Depois do almoço fui à caça às rolas.»

— Teve sorte? — perguntei.

«Ora, apanhei umas seis. Andavam muito desconfiadas».

Mas nesse momento disse: «Se Reggie regressou tarde, provavelmente achou que não valia a pena vir por aqui. Naturalmente tomou o seu banho e quando voltarmos vamos encontrá-lo a dormir na cadeira.»

«É uma boa caminhada de Kabulong até aqui» — disse a mulher do médico.

«Não vai pela estrada, sabe?» — explicou a Sr.^a Bronson. — «Corta pelo atalho que atravessa o mato.»

— E consegue fazer isso de bicicleta? — perguntei.

«Pois claro, é bom caminho. Evita umas boas duas milhas.»

Apenas começávamos um novo rôber quando o criado do bar entrou dizendo que estava lá fora um agente da polícia que me queria falar.

— Que quer ele? — perguntei.

O criado disse que não sabia, mas que vinha acompanhado de dois *coolies*.

Diabos o levem. Se descobro que me incomodou para nada leva uma desanda.

Disse ao rapaz que iria a seguir, e ainda acabei o meu jogo. Depois levantei-me.

— Não me demoro — disse. — Dê por mim, sim? — acrescentei, dirigindo-me à Cartwright.

Sai e fui encontrar o agente e dois malaios na escada, à espera. Perguntei-lhe que diabo me queria ele. Pode calcular como fiquei transtornado quando me disse que estava um homem branco morto no caminho que seguia pelo mato até Kabulong. Pensei imediatamente em Bronson.

— Morto? — gritei.

«Sim, senhor, com um tiro na cabeça. Um homem branco de cabelo ruivo.»

Tive então a certeza de se tratar de Bronson, e realmente, mencionando um dos homens o nome da plantação dele, disse tê-lo reconhecido. Foi um choque medonho. E lá estava a Sr.^a Bronson na sala à espera que eu distribuísse as cartas para começar o jogo. Por momentos não soube o que devia fazer. Ficara transtornado. Era horrível ter de dar-lhe tão trágico e inesperado golpe de chofre; senti-me completamente incapaz de arranjar forma de o suavizar. Disse ao agente e aos *coolies* que esperassem por mim e voltei a entrar no clube. Tentei recompor-me. Ao entrar na sala, a Sr.^a Bronson comentou: «Muito se demorou.»

Reparou então na minha cara. — «Aconteceu alguma coisa?» — Vi-a cerrar os punhos e fazer-se lívida. Dir-se-ia ter tido um mau preságio.

— Aconteceu uma grande desgraça — disse eu — e a garganta contraiu-se de tal maneira que a voz me soou rouca e estridente até a mim próprio.

Houve um desastre. O seu marido ficou ferido. — Ela teve um soluço fundo, não propriamente um grito; assemelhava-se singularmente mais ao rasgar de um bocado de seda.

«Ferido?»

Pôs-se de pé de um salto e com os olhos fora das órbitas fitou Cartwright. O efeito sobre ele foi medonho: caiu para trás na cadeira e fez-se branco de morte.

— Muito, muito gravemente, receio bem — acrescentei.

Eu sabia que seria melhor contar-lhe a verdade sem demora, mas não tinha ânimo para lho dizer assim de repente.

«Ele está» — e os lábios dela tremiam-lhe tanto que mal conseguira formular as palavras — «ele está... consciente?»

Fitei-a por um momento sem responder. Teria dado mil libras para não ser obrigado a fazê-lo.

Não, infelizmente não está.

A Sr.^a Bronson olhava esgazeada para mim como se tentasse ver o que me ia no cérebro.

«Está morto?»

Achei que o melhor era dizer a verdade e acabar com aquilo.

— Sim, já estava morto quando o encontraram.

A Sr.^a Bronson abateu-se sobre a cadeira e desfez-se em lágrimas.

«Oh, meu Deus!» — murmurava. — «Oh, meu Deus!»

A mulher do médico foi juntar-se a ela e abraçou-a. A Sr.^a Bronson, com a cara entre as mãos, agitava-se para trás e para diante chorando histéricamente. Cartwright, lívido, conservava-se imóvel, de boca aberta, fitando-a esgazeadamente. Parecia transformado em pedra.

«Oh, minha querida, oh, minha querida» — dizia a mulher do médico. — «É preciso fazer o possível por serenar.» — E voltando-se para mim. «Vá-lhe buscar um copo-d'água e traga o Harry».

Harry era o marido, que nesse momento jogava o bilhar. Fui ter com ele e contei-lhe o sucedido.

«Bolas para o copo-d'água» — disse ele. — «O que ela precisa é de um bom trago de brande.»

Levamos-lho, forçando-a a tomá-lo e gradualmente a violência da sua comoção diminuiu. Alguns minutos depois foi possível à mulher do médico levá-la ao *toilette* das senhoras para que lavasse a cara. Eu já resolvera então tudo o que era preciso fazer. Verifiquei que Cartwright não me servia para nada. Estava completamente transformado. Compreendi que aquilo fora um choque tremendo para ele, pois no fim de contas Bronson era o seu melhor amigo e fizera tudo por ele.

— Você é que tem também todo o aspecto de precisar de um pouco de brande, meu caro — disse-lhe.

Ele fez um esforço.

«Abalou-me, sabe» — disse. — «Eu... eu não...»

Parou como que vagueando; estava ainda terrivelmente pálido; tirou do bolso um maço de cigarros e acendeu um fósforo, mas a mão tremia-lhe de tal maneira que mal o conseguia.

«Bom, tomarei um brande.»

— Criado — gritei; e depois para Cartwright: — E agora, sente-se suficientemente bem para levar o Sr.^a Bronson a casa?

«Sinto, sim» — respondeu.

— Muito bem. O doutor e eu vamos com os *coolies* e a policia até onde está o corpo.

«Vai trazê-lo para o *bungalow*?»

Parece-me que o melhor seria levá-lo directamente para a morgue» — disse o médico antes que eu respondesse. — «Terei de fazer a autópsia.»

Quando a Sr.^a Bronson voltou, já tão calma que me causou espanto, disse-lhe o que resolvera. A mulher do médico, criatura compreensiva, ofereceu-se para passar a noite no *bungalow* com ela, mas a Sr.^a Bronson nem quis ouvir falar em tal. Disse que estaria muito bem, e como a outra insistisse — você sabe como há pessoas que teimam em impingir carinhos aos infelizes — voltou-se para ela quase irritada:

«Não, não; quero estar sòzinha» — disse. — «Preciso realmente. E depois sempre terei lá o Theo.»

Meteram-se na *charrette*. Theo pegou nas rédeas e abalaram. Seguimos logo depois, o médico e eu; o agente e os *coolies* seguiam depois de nós. Eu mandara o meu ajudante à esquadra da policia com instruções para que mandassem dois homens ao lugar onde ficara o corpo. Pouco depois passámos à frente da Sr.^a Bronson e de Cartwright.

— Vão bem? — perguntei.

«Vamos» — respondeu ele.

O médico e eu seguimos durante algum tempo sem dizer palavra; estávamos ambos muito abalados. E eu, além disso, preocupado. Tinha de descobrir os assassinos fosse como fosse e previa que não seria coisa fácil.

«Supõe ter sido obra de *gangsters*? — perguntou-me ele por fim.

Parecia ler-me os pensamentos.

— Não parece haver dúvidas — respondi. — Sabiam que ele tinha ido a Kabulong buscar fundos para pagar os salários e esperaram por ele no regresso. Está visto que nunca devia ter vindo sozinho pelo mato quando todos sabiam que trazia tanto dinheiro consigo.

«Há anos que o fazia» — disse o médico. — «E não é o único.»

— Bem sei. A questão agora é, como vamos nós apanhar os tipos que o fizeram?

«Você acha que os dois *coolies* que o encontraram teriam alguma coisa a ver com aquilo?»

— Não, não teriam coragem. Os chineses talvez fossem capazes de uma coisa destas, mas os malaios não creio. Tinham medo. É claro que ficam debaixo de vigilância. Em breve se saberá quem anda a espalhar dinheiro.

«É horrível para a Sr.^a Bronson» — disse o médico. — «Seria bastante mau noutra ocasião, mas agora, que está para ter um bebé...»

— Não sabia — disse eu interrompendo.

«Não, ela desejava manter segredo por qualquer motivo. Acho até que se portava quanto a isso de uma maneira esquisita.»

Recordei então o pequeno incidente decorrido entre a Sr.^a Bronson e a mulher do médico e percebi a razão pela qual a boa senhora se preocupava tanto em que a Sr.^a Bronson se não cansasse.

— É estranho ter um bebé depois de estar casada tantos anos.

«Acontece, sabe? Foi uma surpresa para ela. A primeira vez que me veio consultar, quando lhe disse, desmaiou e depois começou a chorar. A mim parecia-me que devia sentir-se feliz como nunca. Disse-me que Bronson não gostava de crianças, ficaria aborrecido com o facto, e fez-me prometer que não diria nada até ela lho revelar a pouco e pouco.»

Reflecti um momento.

Mas ele era do género galhofeiro, brincalhão, que julgaríamos ficar radiante por ter filhos.

«Nunca se sabe. Há pessoas egoístas que não estão para maçadas.»

Bem, e como reagiu quando ela finalmente lhe disse? Ficou todo alvoroçado, não?

«Não sei se ela alguma vez lhe chegou a dizer, apesar de que já não lhe podia faltar muito; se não estou em erro deve ter a criança daqui a uns cinco meses.»

— Pobre diabo — disse eu. — Sabe? Tenho a impressão de que ele ficaria contentíssimo se soubesse.

Fizemos o resto do caminho em silêncio e chegámos finalmente ao sítio onde, da estrada, o atalho seguia para Kabulong. Parámos, e um minuto ou dois depois apareceu a minha *charrette* com o agente e os dois malaios. Servimo-nos das lanternas para alumiar o caminho. Deixei o criado do médico a tomar conta dos *ponies* e disse-lhe que quando os polícias chegassem deviam seguir pelo atalho até nos encontrarem. Os dois *coolies* que levavam as lanternas tomaram a dianteira e nós seguimos atrás. Há um atalho bastante largo, o suficiente para deixar passar um carro pequeno, e que antes de terem construído a estrada, constituía o caminho principal entre Kabulong e Alor Lipis. Estava bem batido e dava bom andar. Por vezes aqui e ali tornava-se arenoso e em alguns sítios via-se nitidamente a marca da roda da bicicleta. Era o rasto que Bronson deixara à ida para Kabulong.

Caminhámos durante vinte minutos, parece-me, em fila indiana e de repente, com um grito, os *coolies* estacaram. O espectáculo surgira tão abruptamente que, embora o aguardassem, ficaram aterrados. Lá estava Bronson prostrado no meio do caminho fracamente alumiado pelas lanternas dos *coolies*; caíra atravessado sobre a bicicleta como uma trouxa. Fiquei perturbado demais para poder falar e creio que o mesmo aconteceu ao médico. Através deste nosso silêncio o estrondo da selva era ensurdecedor; as malvadas cicadelas e os sapos faziam barulho que chegava para acordar os mortos. Mesmo em circunstâncias normais o ruído do mato, de noite, é de arrepiar; porque

achamos que a essa hora o silêncio deve ser absoluto, produz em nós um efeito estranho aquele incessante e oculto clamor que nos martela os nervos. Rodeia-nos e encerra-nos. Sobretudo nessa ocasião, acredite-me, era aterrador. Aquela pobre criatura jazia ali morta e à sua roda a vida indiferente e feroz da floresta seguia o seu curso.

Estava de bruços. O agente e os *coolies* olharam-me como se esperassem uma ordem. Eu era então ainda rapaz novo e receio bem ter-me sentido apavorado. Conquanto não pudesse ver-lhe a cara, não tive dúvidas de que fosse Bronson, mas achei que devia voltar o corpo para me certificar. Creio que todos nós temos as nossas esquisitices; eu tive sempre grande repugnância em tocar em cadáveres. Bastantes vezes tenho sido obrigado a isso, mas enoja-me sempre da mesma maneira.

— É o Bronson, não há dúvida — disse eu.

O médico — caramba foi uma sorte ele estar ali — o médico curvou-se e voltou-lhe a cabeça. O agente dirigiu a lanterna para a cara do morto.

— Santo Deus, estouraram-lhe metade da cabeça! — gritei.

«É verdade».

O médico ergueu-se e limpou as mãos às folhas de uma árvore que crescia à beira do caminho.

— Está morto, realmente? — indaguei.

«Está, pois. A morte deve ter sido instantânea. Quem o matou deve ter disparado de muito perto.»

— Há quanto tempo calcula que esteja morto?

«Ah, não sei; há algumas horas.»

— Deve ter passado por aqui pelas cinco, suponho, se fazia tenção de chegar ao clube às seis para um rôber.

— «Não há sinal de luta» — comentou o médico.

— Não, não podia haver. Apanhou o tiro quando seguia de caminho.

Olhei para o corpo por algum tempo. Não me saía da cabeça como Bronson, barulhento, falador, ainda há tão pouco tempo se encontrava cheio de vida.

«Não se esqueça que ele levava consigo os salários dos *coolies* — disse o médico.

— Não. Será melhor revistá-lo.

«Quer que o volte?»

— Espere um pouco. Examinemos primeiro o terreno em volta.

Peguei na lanterna e com toda a cautela possível pus-me a observar em redor. No sítio exacto onde caíra, o caminho arenoso estava espezinhado e confuso; viam-se as nossas pegadas e as dos *coolies* que o encontraram. Afastei-me dois ou três passos e vi, nítidas, as marcas das rodas da bicicleta; ele seguia a direito, e firme. Segui estas até ao ponto onde ele caíra, mas um pouco aquém, e ali vi distintamente, ao lado das rodas, as pegadas das suas botas pesadas. Era evidente que parara ali, pondo os pés no chão, depois seguindo logo, a roda dera uma grande ginada, e ele caíra.

— Agora vamos revistá-lo — disse eu.

O médico e o agente voltaram o corpo e um dos *coolies* retirou a bicicleta. Deitaram-no de costas. Calculei que tivesse o dinheiro, parte em notas, parte em moedas. As moedas deviam estar num saco atado à bicicleta, mas bastou-me um relance para saber que lá não estava. As notas deviam encontrar-se na carteira. Devia ser um bom maço delas. Apalpei o morto por todos os lados, mas não encontrei nada; depois virei os bolsos; estavam vazios, excepto o da direita, que continha uns trocos.

«Ele não costumava andar sempre com relógio?» — perguntou o médico.

— Claro que sim.

Lembrei-me de que usava a corrente passada pela casa da lapela do casaco, e o relógio, uns sinetes e outros berloques metidos na algibeira do lenço. Mas tanto o relógio como a corrente haviam desaparecido.

— Bom, não resta agora muitas dúvidas, pois não? — disse eu.

Tornava-se evidente que tinha sido atacado por um bando de ladrões sabedores de que levava dinheiro consigo. Depois de o matarem despojaram-no de tudo. Lembrei-me de súbito das pegadas que revelavam ter parado por momentos. Vi claramente como o caso se passara. Um deles, sob qualquer pretexto, fizera-o parar, e então, quando retomou o caminho, um outro, saindo do mato por trás dele, descarregou-lhe a espingarda na cabeça.

— Bom — disse eu ao médico —, hei-de fazer tudo por apanhá-los; e olhe, terei um grande prazer em enforcá-los.

Como era de prever, houve inquérito. A Sr.^a Bronson deu esclarecimentos, mas não disse nada que já não soubéssemos. Bronson deixara o *bungalow* pelas onze horas; almoçava em Kabulong e devia estar de volta entre as cinco e as seis. Recomendara-lhe que não esperasse por ele e dissera que depois de meter o dinheiro no cofre seguiria direito para o clube. Cartwright confirmou isto. Almoçara com a Sr.^a Bronson e depois de fumar um cigarro saíra com a espingarda à caça às rolas. Voltara mais ou menos às cinco, talvez um pouco antes, tomara banho e vestira outro fato para o ténis. Caçara não muito longe de onde Bronson fora morto, mas não ouvira tiro algum. Isto, é claro, não significava nada; no meio do barulho das cicadelas, dos sapos e de outros ruídos do mato teria de estar bastante perto para ouvir alguma coisa; além disso Cartwright já devia ter regressado ao *Bungalow* antes de terem morto Bronson. Inquirimos dos passos de Bronson. Almoçara no clube, levantara o dinheiro do banco antes de este fechar, voltara ao clube e tomara ainda outra bebida, após o que se pusera a caminho na bicicleta. Atravessara o rio no *ferry-boat* e o barqueiro lembrava-se muito bem de o ter visto; mas tinha a certeza de que não atravessara mais ninguém com bicicleta. Assim não parecia que os assassinos tivessem ido atrás dele, mas que teriam ficado emboscados à sua espera. Pedalou pela estrada umas duas milhas, tomando depois o atalho que lhe encurtava caminho para o *bungalow*.

Parecia ter sido morto por quem lhe conhecia os hábitos e as suspeitas recaíram logo, como era de prever, sobre os *coolies* da sua plantação. Interrogámos todos — com bastante cuidado —, mas não havia a mínima evidência que relacionasse qualquer deles com o crime. De facto a maior parte pôde dar conta satisfatória dos seus actos e os que não o puderam fazer pareceram-me por uma razão ou por outra fora de suspeita. Havia maus elementos entre os chineses em Alor Lipis e ordenei que se informassem acerca deles. Mas não sei porquê, aquilo não me parecia obra de chineses; tinha a impressão de que se tivessem sido eles teriam usado revólver em vez de espingarda. Fosse como fosse não apurei nada dali; oferecemos então um prémio de mil dólares a quem nos pusesse no encalço dos assassinos. Pensei que havia muitas pessoas a quem agradaria prestar um serviço público e ganhar ao mesmo tempo uma somazinha bonita. Mas também sabia que o acusador não incorreria em riscos e não informaria do que sabia antes de o poder fazer com segurança; portanto, armei-me de paciência. O prémio reavivava o interesse dos meus polícias e calculei que usariam de todos os meios ao seu alcance para levar os criminosos a julgamento. Num caso como este, conseguiriam fazer mais do que eu.

Mas, coisa estranha, nada aconteceu; o prémio parecia não tentar ninguém. Entendi a minha rede mais longe. Existiam dois ou três *kampang*s ao longo da estrada e, pensando que os assassinos talvez ali estivessem, falei com os chefes, mas estes não ajudaram nada. Pelo que me disseram tive a certeza de que nada sabiam. Falei com os deportados, mas não havia absolutamente nada que os relacionasse com o crime. Não havia sombra de rasto.

Muito bem, meus meninos — disse para comigo ao regressar a Alor Lipis —, não há pressa, a corda não apodrecerá com a demora.

Os malandros tinham-se safado com uma soma considerável, mas o dinheiro para nada serve se não se gastar. Achei que conhecia bastante o temperamento dos nativos para ter a certeza de que a sua posse seria uma permanente tentação. Os malaios

pertencem a uma raça de perdulários, raça de jogadores; os chineses são também jogadores; mais tarde ou mais cedo alguém começaria a esbanjar dinheiro e chegaria então a altura de eu querer que me dissessem de onde provinha. Com umas tantas perguntas bem dirigidas, pensei amedrontá-los com a ira de Deus, e, bom conhecedor do meu ofício, não me seria difícil apanhar a confissão.

Agora o que havia a fazer era sentar-me e esperar até se desvanecerem os boatos e os comentários e os assassinos se convencerem de que o caso fora esquecido. As cócegas para gastar os mal adquiridos dólares aumentariam mais e mais intoleravelmente até que por fim não lhe resistiriam. Voltaria aos meus afazeres, mas tencionava não afrouxar a vigilância, e um dia, tarde ou cedo, chegaria a minha oportunidade.

Cartwright levou a Sr.^a Bronson para Singapura. A companhia para a qual Bronson trabalhava ofereceu-lhe o lugar de Bronson, mas ele, como é natural, declarou não lhe agradar a ideia; por isso deram-no a outro e informaram Cartwright de que podia ocupar o lugar que o sucessor de Bronson deixara vago. Era a gerência da plantação onde Cartwright vive agora. Mudou-se logo. Quatro meses depois Olive nascia em Singapura, e alguns meses mais tarde, passado mais de um ano sobre a morte de Bronson, Cartwright e a Sr.^a Bronson casaram. Fiquei surpreso, mas reflectindo melhor não pude deixar de confessar que era natural. Depois do desastre, a Sr.^a Bronson valera-se muito de Cartwright; ele tratara de tudo. Devia ter-se sentido muito só e abandonada, e compreende-se que ficasse agradecida pela sua dedicação; realmente ele portou-se à altura. Pelo que lhe dizia respeito pensei que devia ter sido por compaixão; era uma situação horrível para uma mulher, sem ter para onde ir, e tudo o que tinham passado juntos devia constituir um elo entre eles. Havia todas as razões para casarem e seria provavelmente o melhor que podia acontecer a ambos.

Parecia que os assassinos de Bronson nunca seriam apanhados, pois o meu plano não dera resultado; ninguém no distrito gastava mais do que aquilo de que podia dar contas e se alguém guardava o bolo enterrado debaixo do soalho mostrava-se de um auto-domínio sobre-humano. Passara um ano e para todos os efeitos a coisa esquecera. Conseguiria alguém ser prudente a ponto de depois de tanto tempo não deixar escorrer dinheiro? Era inacreditável. Principiei a convencer-me de que Bronson fora morto por quaisquer chineses que fossem de passagem e se tivessem safado talvez para Singapura, onde havia poucas probabilidades de serem apanhados. Por fim desisti. Pensando melhor, em geral é justamente nestes crimes de roubo que há menos probabilidades de se encontrar o criminoso porque não há nele nada que levante suspeita e se é apanhado é devido ao seu desleixo. Em crimes por vingança ou passionais o caso é muito diferente: nesses pode descobrir-se quem tinha motivos para querer desfazer-se da vítima.

Não vale a pena amorrinharmo-nos por causa de um fracasso e, apelando para o meu bom senso, fiz o possível para afastar o assunto do pensamento. Ninguém gosta de ser vencido, mas não havia dúvida de que eu fora derrotado e só me restava mostrar sobre o caso a melhor cara possível. Foi então que apanharam um chinês que tentava empenhar o relógio do pobre do Bronson.

Eu já lhe contei que a corrente e o relógio de Bronson tinham-lhe sido tirados, e claro que a Sr.^a Bronson pôde fornecer-nos uma descrição deles bastante exacta. Era um relógio da marca *Benson*; havia a corrente de ouro, três ou quatro sinetes e uma bolsinha para libras. O agiota era tipo esperto, e quando o chinês lhe levou o relógio reconheceu-o logo. Sob qualquer pretexto deixou o homem à espera e mandou chamar a polícia. O chinês foi preso e levaram-no imeditamente à minha presença. Recebi-o como a um irmão querido há muito perdido. Nunca na minha vida fiquei tão contente por ver alguém. Eu não sinto compaixão pelos criminosos, sabe? Tenho certa pena deles, porque se metem num jogo em que os seus adversários possuem todos os ases e os reis; mas quando apanho algum, sinto um choquezinho de satisfação como quando apresento uma engenhosa *finesse* ao bridadege. Até que enfim ia esclarecer-se o misté-

rio, porque, mesmo que o chinês não tivesse feito a coisa, podíamos ter a certeza de descobrir os assassinos através dele. Abri-me para ele num sorriso.

Pedi-lhe que me explicasse como tinha chegado à posse do relógio. Disse-me que o comprara a um desconhecido. Era vago. Expliquei-lhe em poucas palavras as circunstâncias e adverti-o de que seria acusado de homicídio. Tentava meter-lhe medo e consegui-o. Disse então que encontrara a relógio.

Encontrou-o? — disse eu. — Imagine! Onde?

A resposta espantou-me; disse que o encontrara no mato; trocei dele; perguntei-lhe se imaginava andarem relógios assim a tirados pelo mato, e ele contou então que ao seguir pelo atalho que ia de Kabulong a Alor Lipis metera pelo mato, vira brilhar uma coisa e dera com o relógio. Era estranho. Porque havia de encontrar o relógio exactamente naquele sítio? Ou era verdade ou refinadamente astuto. Perguntei-lhe onde estavam a corrente e os sinetes e ele entregou-mos logo. Eu enchera-o de medo, estava pálido e trémulo; era um pobre homenzinho de pernas cambadas e eu seria muito estúpido se não visse não ter ali o assassino. Mas o seu terror sugeria que sabia qualquer coisa.

Perguntei-lhe quando encontrara o relógio.

«Ontem» — respondeu.

Inquiri o que fazia no atalho entre Kabulong e Alor Lipis. Respondeu-me que trabalhava em Singapura, que fora a Kabulong porque o pai adoecera e se achava em Alor Lipis para trabalhar. Um amigo do pai, carpinteiro de profissão, dera-lhe que fazer. Forneceu-me o nome do homem com quem trabalhara em Singapura e o do homem que o contratara em Alor Lipis. Tudo o que disse parecia plausível e podia provar-se tão facilmente que era pouco provável ser mentira. Está visto que me ocorreu que se achara o relógio, como dizia, este devia ter permanecido no mato por mais de um ano. Não podia estar em muito bom estado; tentei abri-lo, mas não consegui. O peñhorista viera à esquadra e esperava no compartimento ao lado. Por sorte era também relojoeiro. Mandeí-o chamar e pedi-lhe que examinasse o relógio; ao abri-lo este deu um estalido; a máquina estava carregada de ferrugem.

«Relógio não presta» — disse, abanando a cabeça. — «Ele não andar mais agora.»

Perguntei-lhe o que o teria posto em tal estado e sem qualquer sugestão minha explicou que estivera demasiado tempo exposto à humidade. Para efeitos de finalidade moral meti o preso numa cela e mandei chamar o patrão. Enviei um telegrama para Kabulong e outro para Singapura. Enquanto esperava fiz o possível por reunir os dados. Inclina-me a aceitar a história do homem como verdadeira; o medo podia ser atribuído não a culpabilidade mas ao facto de ter encontrado um objecto e tentado vendê-lo. Até mesmo pessoas absolutamente inocentes ficam sujeitas a nervosismo quando caem nas mãos da polícia; não sei o que têm os polícias: as pessoas nunca se sentem inteiramente à vontade junto deles. Mas no caso de ter achado o relógio onde dissera, alguém o tinha atirado para ali. Ora isto era muito esquisito. Ainda que os assassinos considerassem o relógio coisa perigosa de guardar, era de esperar que derretessem a caixa de ouro, coisa simples de fazer para os nativos, e a corrente era de padrão tão vulgar que não cuidariam em ser por ela descobertos. Havia correntes iguais àquela em todas as ourivesarias do país. Restava, é claro, a hipótese de terem fugido para o mato e deixado cair na precipitação o relógio, tendo tido receio de voltar atrás para o procurar. Isto não me parecia provável. Os malaios estão muito habituados a guardar coisas disfarçadas nos *sarongs*, e os chineses usam bolsos nos casacos. Além disso, do momento em que se embrenharam no mato sabiam não haver pressa; provavelmente esperaram e dividiram o roubo ali mesmo.

Em poucos minutos apareceu na esquadra o homem que eu mandara chamar; este confirmou o que o primeiro contara e uma hora depois recebi a resposta de Kabulong. A polícia ouvira o pai, que lhes declarara ter o filho ido a Alor Lipis por um carpinteiro que lhe arranjava trabalho. Até aqui tudo o que dissera parecia ser verdade.

Mandei-o vir outra vez e disse-lhe que ia levá-lo ao sítio onde dizia ter encontrado o relógio e ali teria de me indicar o ponto exacto. Algemei-o a um polícia, embora não fosse realmente preciso, pois o pobre diabo tremia de susto, e levei comigo mais dois homens. Fomos de carro até onde o atalho ligava com a estrada e dali a pé; a umas cinco jardas do sítio onde Bronson fora morto o chinês parou.

«Aqui» — disse.

Apontou para o mato e seguimo-lo. Andámos mais dez jardas até que ele apontou para uma fenda entre dois penedos dizendo que fora ali que encontrara o relógio. Só podia ter sido por mero acaso que reparara nele e se realmente o achara ali parecia ter sido lá posto por alguém para o esconder.

Gaze parou e dirigiu-me um olhar pensativo.

— Que teria você pensado disto? — perguntou-me.

— Não sei — respondi.

— Bem, dir-lhe-ei o que pensei. Pensei que se o relógio ali tinha estado, também o dinheiro podia estar. Valia a pena dar uma busca. Está bem de ver que procurar qualquer coisa no mato torna a procura de uma agulha num palheiro um passatempo de salão. Mas não podia evitar isto. Soltei o chinês; precisava de toda a ajuda que fosse possível e tratei de o pôr a trabalhar. Meti os meus três homens à tarefa e eu próprio me lancei a ela. Formámos linha — éramos cinco — e começámos pela estrada; nas cinquenta jardas de cada lado do lugar onde Bronson fora assassinado e nas cem jardas em frente esmiuçámos o terreno passo a passo. Revolvemos as folhas mortas, sondámos por entre os arbustos, espreitámos por baixo de pedregulhos e nos recôncavos das árvores. Bem sei que era tolice porque as probabilidades em nosso desfavor eram de mil contra uma; a minha única esperança baseava-se em que, tendo alguém acabado de cometer um crime, estivesse atarantado e que, querendo esconder o dinheiro, o tivesse posto à pressa no esconderijo mais óbvio que primeiro se lhe deparasse. Fora o que fizera ao esconder o relógio. O único motivo que me levava a procurar numa área tão restrita era que, tendo-se encontrado o relógio tão perto da estrada, a pessoa que tentara ver-se livre das coisas procurara fazê-lo o mais depressa possível.

Continuámos. Já me sentia cansado e desanimado. Suávamos como porcos. Eu estava com uma sede danada e não havia nada para beber. Por fim cheguei à conclusão de que era trabalho perdido e seria melhor desistir, por aquele dia pelo menos, quando de repente o chinês — devia ter olho agudo o rapaz — deu um grito rouco. Baixou-se e de entre as raízes tortuosas de uma árvore puxou por uma coisa suja, bolorenta e mal cheirosa. Era uma carteira, que permanecera ali durante um ano, que fora roída pelas formigas e carochas e sabe Deus o que mais, que estava encortiçada e fedorenta, mas que era uma carteira, sem qualquer dúvida a de Bronson, e dentro dela lá estava amachucado, informe, o que restava das notas de Singapura que ele levava do banco de Kabulong. Faltavam as moedas de prata, que me convenci estarem por ali escondidas, mas não estive para me maçar por causa delas. Descobriria coisa muito importante: quem matara Bronson não fizera dinheiro com isso.

Lembra-se de eu lhe ter dito que notei as pegadas dos pés de Bronson aos lados do rasto das rodas pneumáticas onde presumivelmente ele parara para falar com alguém? Ele era um homem pesado e as pegadas estavam bem marcadas. Não pousara apenas os pés na areia fofa tirando-os a seguir; deve ter parado um ou dois minutos. A explicação que eu dava era a de ter-se demorado a tagarelar com algum malaio ou chinês, mas quanto mais reflectia nisto menos me agradava. Porque diabo o faria? Bronson apressava-se a voltar para casa e, embora tivesse um feitio jovial, não era de maneira alguma tu cá tu lá com os nativos. As suas relações com eles eram as de patrão para criado. Aquelas pegadas tinham-me sempre intrigado. E agora a verdade impunha-se-me. Quem matara Bronson não matara para roubar e se ele parara para falar com alguém só podia ter sido com um amigo. Sabia finalmente quem fora o assassino.

«Considerarei sempre as histórias de *detectives* uma variedade de ficção engenhosa e empolgante e lamento nunca ter tido jeito para escrever alguma, mas tenho lido muitas e gabo-me de que raramente deixo de solucionar o mistério antes de me ser revelado; nesta ocasião já previra há muito o que Gaze estava para me dizer, mas quando por fim mo disse, confesso que apesar disso me deu um certo choque».

Quem ele encontrou foi Cartwright. Cartwright fora à caça das rolas. Ele parou para lhe perguntar se tinha tido sorte, e quando retomou o caminho Cartwright apon-tou-lhe a espingarda e descarregou-lhe os dois tiros na cabeça. Cartwright tirou o dinheiro e o relógio para fazer crer ter sido obra de *gangsters* e escondeu-os apressada-mente no mato; seguiu depois pela beira do caminho até à estrada, regressou ao *bungalow*, substituiu o fato pelo de ténis levou a Sr.^a Bronson de carro para o clube.

Recordei-me como jogara tão mal o ténis e como ficara sucumbido quando, para dar mais suavemente a notícia à Sr.^a Bronson, eu dissera que Bronson estava fe-rido e não morto. Se estivesse apenas ferido poderia falar. Caramba, deve ter sido um mau bocado. A criança era de Cartwright. Olhe bem para a Olive: você mesmo reparou na parecença. O médico tinha dito que a Sr.^a Bronson ficara transtornada ao saber que ia ter um bebé e fizera-lhe prometer que nada diria a Bronson. Porquê? Porque sabia que não podia ser o pai da criança.

— Acha que a Sr.^a Bronson sabia o que Cartwright tinha feito?

— Estou certo disso. Quando relembro o seu comportamento no clube nesse dia fico convencido. Estava transtornada, mas não por Bronson ter sido morto; ficou aflitíssima por eu ter dito que ele fora ferido; logo que eu declarei já estar morto quando o encontraram, desatou a chorar, mas de alívio. Conheço bem aquela mulher. Olhe-me para aquele queixo anguloso e diga-me se ela não tem a coragem de um diabo. Tem uma vontade de ferro. Obrigou Cartwright a fazer aquilo. Planeou todos os por-menores e todos os passos. Ele estava completamente sob a sua influência, e ainda hoje está.

— Mas quer-me dizer que nem você nem ninguém mais suspeitou que houvesse qualquer coisa entre eles?

— Nunca, nunca.

— Se estavam apaixonados um pelo outro e sabiam que ela ia ter um bebé, por-que não fugiram?

— Como? Bronson é que tinha o dinheiro; ela não possuía um único cêntimo, nem tão pouco o Cartwright. E este estava sem emprego. Imagina que ele arranjava colo-cação com aquela história às costas? Bronson acolhera-o quando estava na miséria e ele roubara-lhe a mulher. Não teriam a mais pequena saída. Não se aventuravam a descobrir a verdade: a única *chance* deles era afastar o Bronson do caminho; e real-mente afastaram-no do caminho.

— Podiam ter apelado para a compaixão dele.

— Podiam; mas creio que tiveram vergonha. Ele fora tão bom para eles, era um rapaz tão decente, não creio que tivessem coragem para lhe dizer a verdade. Preferiram matá-lo.

Houve uns momentos de silêncio enquanto eu reflectia sobre o que Gaze me contara.

— E então, o que fez você? — perguntei.

— Nada. O que havia de fazer? Onde estava a evidência? Que o relógio e as notas tinham sido encontradas? Podiam muito bem ter sido escondidos por alguém que de-pois receasse ir buscá-los. O criminoso podia muito bem ter-se contentado com a prata. As pegadas? Bronson podia ter parado para acender um cigarro ou ter havido um tronco atravessado no caminho e ele tivesse esperado enquanto os *coolies* que encon-trara por acaso o retirassem. Quem poderia provar que a criança que uma mulher decente, respeitável, tivera quatro meses depois da morte do marido não era filha dele?

Nenhum júri condenaria Cartwright. Calei-me, e o assassinio de Bronson ficou esquecido.

— Não me parece que os Cartwright o tenham esquecido — sugeri.

— Não me admirava nada. A retentiva humana é espantosamente limitada e, se quer a minha opinião profissional, não me importo de confessar-lhe não acreditar que o remorso pese muito a alguém quando tem a certeza de não ser apanhado.

«Recordei outra vez o par que conhecera essa tarde, o homem magro, velho, careca, com óculos de aros de ouro, e a mulher desleixada, de cabelos brancos, com a sua maneira franca de falar e o sorriso condescendente e cáustico. Era quase impossível imaginá-los arrebatados por uma violenta paixão num passado distante; porque só isto podia tornar desculpável a sua acção: que, tendo-se deixado arrastar até àquela situação, não viram por fim outra solução a não ser a de um assassinio cruel e deliberado».

— Não se sente um pouco constrangido quando está com eles? — perguntei a Gaze. — Porque, sem querer armar em juiz, devo confessar que não me parece ser lá muito boa gente.

— Aí é que você se engana. São pessoas muito simpáticas, são talvez as pessoas mais agradáveis que cá estão. A Sr.^a Cartwright é realmente boa pessoa e uma mulher interessante. O meu dever é evitar crimes e apanhar o criminoso quando se comete algum crime, mas tenho conhecido criminosos demais para os considerar piores que quaisquer outras pessoas. Um homem fundamentalmente bom pode ser levado pelas circunstâncias a cometer um crime, e se for descoberto será punido; no entanto pode permanecer fundamentalmente bom. É claro que a sociedade castiga-o se quebrar as suas leis, o que está certo, mas nem sempre são os seus actos que indicam o seu verdadeiro carácter. Se estivesse há tanto tempo na polícia como eu saberia que não é realmente o que as pessoas fazem o que importa, mas o que elas são. Felizmente que o polícia nada tem a ver com os pensamentos deles, mas só com os seus actos; se tivesse, seria um problema muito diferente, muito mais difícil.

Gaze sacudiu a cinza do charuto e dirigiu-me o seu sorriso seco, sardónico, mas simpático.

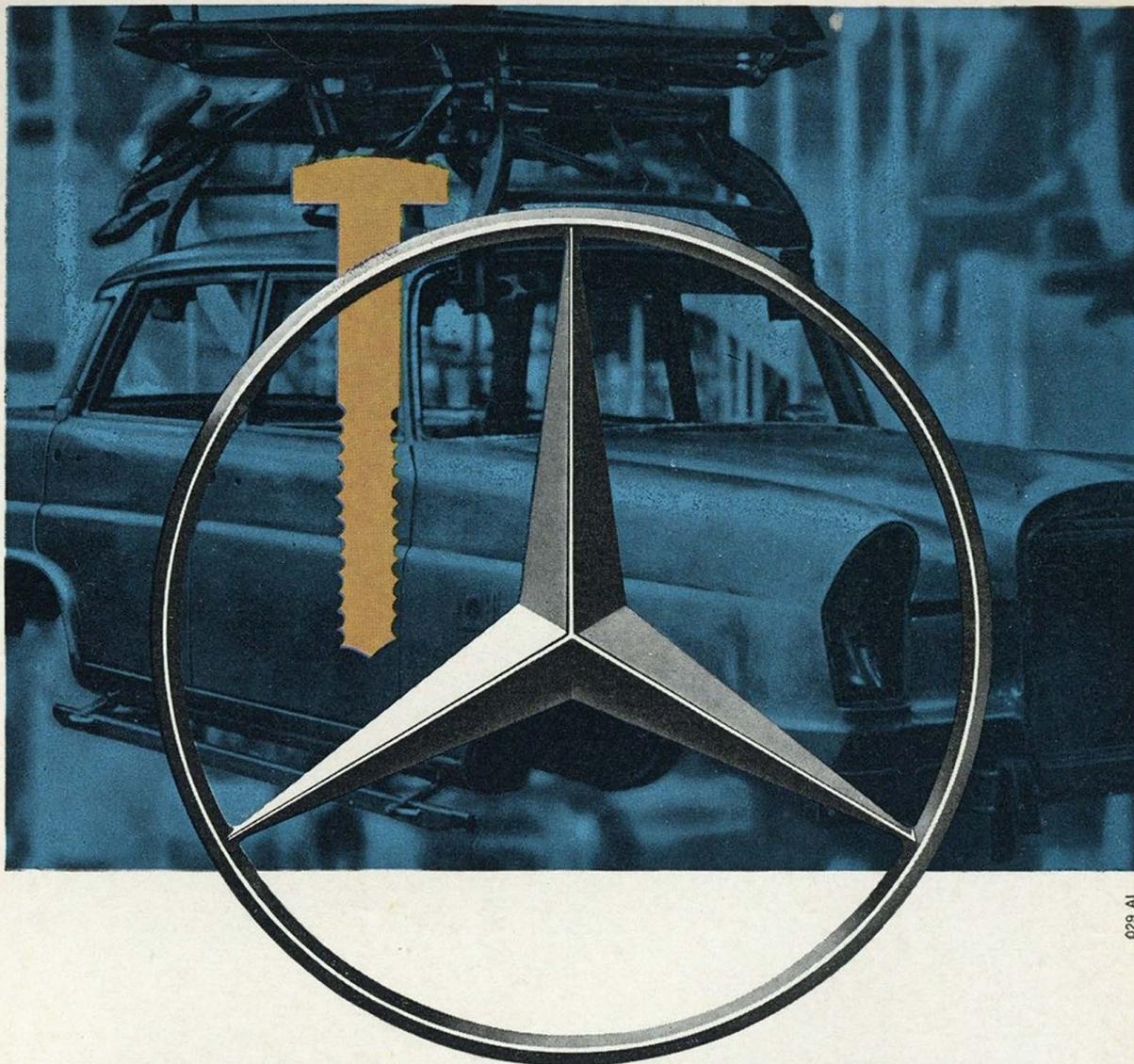
— Sabe que mais? Há um officio que não me agradaria *mesmo* nada — disse ele.

— Qual é? — perguntei.

— O de Deus, no dia do Julgamento — disse Gaze. — Nada mesmo, meu caro senhor.

fim

Qualidade - e os factores que a determinam



028 AI

**Material de
qualidade superior**

Hoje em dia uma grande diversidade de materiais está à disposição da indústria automobilística e somente os melhores são empregados num Mercedes-Benz, uma vez que da combinação de materiais comprovados escrupulosamente e de uma esmerada fabricação resultam as grandes vantagens que oferece um Mercedes-Benz: a sua boa qualidade, o seu conforto e a sua segurança.



M E R C E D E S - B E N Z

